Problemas Atuais

Autor: Pietro Ubaldi

Tradução: Carlos Torres Pastorino

I

OS GUIAS DO MUNDO

Tudo é luta na vida. Esta parece querer exprimir-se sobretudo em forma de luta, e exercitar desta maneira a sua maior atividade. É a vida uma contínua tensão para vencer em qualquer plano. Nas sua fases mais primitivas, vencer a fera inimiga, na atual fase de vida em sociedade, vencer o próximo a fim de suplantá-lo; no biótipo do super-homem vencer para subjugar e superar as leis inferiores da animalidade e dar ao mundo novas diretrizes. Luta para vencer, ou seja, para elevar-se, ascender, evolver. A lei suprema da evolução toma a forma de luta desesperada, para remir-se da dor e do mal e conquistar a felicidade. Esta encontra-se escrita e arde perenemente no fundo da alma humana, como um instinto, um anseio inextinguível, um sonho, uma fé, como uma utopia que sabemos fugir longínqua e inatingível, mas na qual o homem é obrigado a crer, contra todas as aparências e dificuldades, até ao desespero. Isto porque, sem tal fé num futuro melhor, mesmo que pareça loucura, não teria o homem mais conforto na fadiga de ascender, nem mais finalidade na sua caminhada, nem luz alguma de esperança no amanhã.

São por isso importantes elementos a utopia e a fé e fazem parte integrante da mecânica da vida. Por mais que desprezem tudo isso os céticos e os práticos positivos, só existe isso na vida, alguma função deve ter, e é justamente a de antecipar o futuro. A série das mesquinhas, ilusórias e instáveis aquisições, que estão ao nosso alcance na existência terrena, não é suficiente para dar finalidade e justificação a todo o trabalho imenso que realiza a nossa existência, como indivíduos e como sociedade. E não podemos dizer que vivemos para perder tempo, inutilmente, e para sofrer. Se cada fenômeno, se cada ato nosso é um caminho para uma finalidade, o fenômeno e o ato máximo, que são a nossa vida e o funcionamento do universo, como poderiam deixar de ter uma finalidade? Por mais escuro que seja o futuro, a utopia e a fé são uma ponte lançada sobre essa escuridão, para sondá-la, nela apoiar o pé e aí construir, à proporção que ela se torna presente pelo nosso aproximar-se.

Respondem, pois, a utopia e a fé a necessidades criadoras e representam verdadeiras funções biológicas de sondagem no desconhecido e de preparação para o porvir. A luta pelo ideal, isto é, pela superação das velhas formas de vida, a fim de progredir realizando outras mais evolvidas e aperfeiçoadas, é uma das formas, e a mais elevada, da luta pela vida. Se nos primeiros degraus da evolução biológica consistia tal luta apenas em salvar, por qualquer meio, rude e feroz, a própria existência contra os elementos hostis e o assalto das feras; se hoje a mesma luta assumiu formas de

Acervo Virtual Espírita

competição política e econômica, próprias da vida social; para alguns biótipos mais adiantados, pode assumir essa luta outra forma: a que dirige ao lado humano mais involuído, específico do primitivo feroz, lado que ainda sobrevive em nossos instintos, ou seja, luta para superar o plano biológico do animal, de que faz parte ainda o nosso corpo físico. Significa isto libertar-se das formas de existência inferior, para ter acesso a outras superiores, não só na forma de progresso individual de quem realiza essa luta, mas também na forma de progresso coletivo para povos assim guiados a formas mais evolvidas de convivência.

Tratando-se então de verdadeiras funções biológicas, a vida as confia a algumas células do organismo-humanidade, a alguns elementos especializados e selecionados, como acontece para as células nervosas do corpo humano. Produz assim a vida, em quantidade e qualidade proporcionadas ao tempo e ao trabalho a executar, alguns tipos de super-homens, particularmente aptos a essas funções. Podem eles tomarem a forma de heróis, de gênios, de santos. Sua função pode manifestar-se em várias formas, de acordo com o lugar, a época e as realizações a executar. São os maiores lutadores, porque se propõem a subjugar não as feras inimigas ou seus semelhantes, mas a superar leis e formas de vida de um plano biológico, para pôr em prática leis e formas de vida de um plano mais adiantado de evolução. Despertam eles em si e na humanidade, qualidades latentes ainda adormecidas, dão uma direção à contínua transformação dos instintos, indicando ou impondo novos hábitos, que depois, pela longa repetição através da técnica dos automatismos, se fixam como qualidades novas. Desse modo, impulsionam eles a humanidade para sempre mais longe da ferocidade, da ignorância, do egoísmo, da materialidade, e sempre mais próxima da bondade, da inteligência, do altruísmo do homem coletivo, da espiritualidade. Podem assumir a forma de condutores de povos, de grandes pensadores, cientistas, artistas, mártires do ideal e do dever, místicos, santos. Mas, de qualquer modo emergem ensangüentados das mais duras experiências e lançam o novo grito do porvir. São eles a flor, o produto destilado da raça, e anunciam, percorrem e fazem percorrer novo caminho para novos horizontes. São verdadeiros pastores do rebanho humano, que doutra forma permaneceria sempre atento a pastar com a cabeça inclinada para a terra, seu único anseio.

Esses homens de exceção personificam, no vértice, o dramas das deslocações evolutivas ou revoluções biológicas. Passam no ciclo da vida como um raio que ilumina dum extremo a outro a terra escura, dinamizando a massa inerte da carne do vulgo humano. São eles a centelha do espírito que vivifica as formas da matéria. São os maiores vencedores, porque realizam e vencem a luta mais alta, a que impulsiona a humanidade a progredir. São os grandes da vida, que os fez mais fortes e lhes confia trabalhos de gigante. O seu trabalho é resultado de atitudes superiores, de vontade de ferro, de fadiga ardentemente desejada, tenaz e convergente, de irresistível paixão do bem. O homem normal, imerso nas batalhas do contigente cotidiano, ignoras essas lutas apocalípticas realizadas no terreno da evolução para subir a Deus. Tremenda coragem é necessária para aventurar-se contra as forcas biológicas, para arrancar o ser de um plano inferior e arrastá-lo a um superior. Mas só assim podem superar-se as barreiras que atrasam a ascensão e arrombar as portas de um mundo mais elevado, para entrar por elas.

Acervo Virtual Espírita

Esses homens superiores são sempre guias do mundo, ainda que não pertençam à classe dos condutores políticos dos povos. Não é só no terreno político que deve adiantar-se o mundo, mas em todos os campos do seu multiforme progresso. Tornam-se esses homens instrumentos da vida, por meio do qual ela realiza seus fins. Fazem-se intérpretes de seus desígnios e executores de seus planos. Têm sempre, por isso, nova mensagem a comunicar à humanidade e a sua função é sempre de modeladores, qualquer que seja o seu tipo particular e a missão a executar. É sempre aos mais adiantados que compete, por força da lei da vida, guiar o mundo em todas as duas formas; a vida assim quer e assim de fato acontece, mesmo que eles não tenham o poder político, ou bélico, ou econômico, ainda que seus semelhantes os reneguem e matem. É realidade biológica indiscutível o fato de que eles são mais evoluídos em relação à média, e isto é muito importante para a vida e suas finalidades. As massas nada sabem, antes são levadas a desobedecê-los, porque eles são diferentes e porque delas se distanciaram pela evolução. As massas acham-nos diferentes, porque eles participam pouco em seus vícios e defeitos, que tanto irmanam os inferiores. Por isso, procuram rejeitá-los, e às vezes os perseguem até matá-los.

Esta é a luta trágica dos mais evoluídos contra os menos evoluídos, a fim de fazê-los progredir. Mesmos estes últimos desejariam dominar e se julgam modelo de vida, biótipo exemplar. O tipo normal, ainda hoje, de valor tão duvidoso, não é considerado como o que todos deveriam ser? E quem não é assim, é anormal. E todos apressam a entrar nas filas da normalidade, pouco importando quanto valha ela, contanto que não fiquem isolados, e, portanto fora da lei e condenados. O peso tremendo da ignorância da grande massa humana, é o lastro enorme que pende dos ombros do mais evoluído que tenta novos caminhos, com riscos e perigos seus apenas, ao passo que os outros ficam a olhar, prontos para condená-lo logo que caia, prontos para agredi-lo por inveja, logo que ele triunfe. Com esse peso às costas, que representa o misoneísmo, inércia do passado, deve ele subir os íngremes degraus da evolução sozinho. A seu lado estão apenas as forças da vida, o pensamento da história, a vontade de Deus que impõe o progresso.

Deve esse homem enfrentar e conseguir superar todas as resistências que lhe opõem os seus semelhantes, nem mesmos eles sabem porquê, mas que a vida usa como meio de verificação do valor do escolhido, que deve dar prova de saber vencer, dado que o alto monte da evolução tem que ser escalado mediante esforço nosso. Quando, vencendo tudo com suas forças, tiver o homem superior dado prova de o ser verdadeiramente, então as multidões ignaras, também dessa vez sem saber porquê, o aprovam e exaltam, por um instinto profundo comandado pela vida. Então, aquela mesma distancia que antes as afastava do tipo mais eleito, essa mesma é que agora as atrai, pois neste caso distância significa justamente posição mais avançada, que a vida, em seu instinto, aceita, respeita e exalta. As multidões, então, aceitam, respeitam e exaltam. Tudo na vida é utilitário. Elas fazem isso, porque precisam do super-homem e o buscam porque ele é a única antena da vida e o pioneiro do porvir, é o pastor único que as pode guiar. As multidões estão sempre à espera de chefes, de modeladores, de condutores em qualquer campo, para saberem o que devem fazer. Necessitam e procuram um modelo para imitar, um legislador que estabeleça a norma que devem seguir na vida, pois bem poucos sabem agir sozinhos. Por isso, sempre estão à espera, observam e, se o acham, ouvem, recebem, bebem e assimilam. E se o homem escolhido é adequado, e se com a sua

Acervo Virtual Espírita

vitória deu prova de valor, então as multidões o constituem seu modelo ideal, sua bandeira e ídolo sobre o qual projetam e concentram as suas aspirações, que a vida faz nascer em seu instinto naquela hora, com o seu fim de obter progresso. Forma-se então desse homem, a lenda, o mito, a divinização, em que permanece o essencial dele, o valor biológico, o impulso vital. Morre o homem, mas fica sua imagem, até que tenha cumprido a sua função biológica. E desse homem permanece um símbolo, uma bandeira, a idéia, ativos até sua completa atuação na vida dos povos.

Explica-se assim o fascínio de tantos seres superiores, diante de um mundo que, de início, os julgou loucos, que julgaria louco qualquer um que tornasse a imitá-los. Mas resta o fato de que é necessidade absoluta da vida o renovar-se para evolver. Só a evolução podem explicar-nos como podem esses seres de exceção ser aceitos pela multidões absolutamente incapazes de compreendê-los. A admiração delas não pode explicar-se apenas como concordância passiva para imitar os mais cotados, que primeiramente entoaram o hino da exaltação. A concordância das multidões é própria delas e nasce por um instinto que lhes está no âmago e que faz falar dessa maneira. Além disso, ninguém saberia explicar claramente o porquê dessa admiração. Mas de fato ela existe. E no entanto parece estranho ver como um São Francisco possa exercer um fascínio sobre o tipo normal, que está muito longe de pensar que um santo desses possa jamais ser verdadeiramente imitado por ele. Como é que podem as virtudes de renúncia desse santo, tão antivitais no plano comum biológico, tão nos antípodas dos instintos normais de conquista, egoísmo e agressividade, como podem fascinar tantas criaturas, num mundo em que perder é morrer e diante de princípios da vida tão ferreamente utilitários? Só pode explicar-se tudo isso, pensando na função biológica que a santidade tem em relação ao progresso religioso, moral e espiritual, que é sem dúvida, um aspecto importantíssimo do progresso social, sobre o qual ele tem grande influência. Mesmo na santidade há uma função biológica, e onde é função, é também fascínio, isto é, atração, um apelo ao instinto, ou seja, um convite a aderir, para que se cumpra a evolução. A veneração pelo santo é uma atitude que existe enquanto corresponde aos fins da vida, tanto quanto é admirado o homem pelo ser muito mais fraco que ele, a mulher.

O ideal é loucura, e o mundo o sabe. Entretanto, tendo que evolver, o mundo tem fome do que é novo, e para conquistá-lo tem necessidade de tentar também o absurdo. As grandes conquistas da civilização foram vitórias conseguidas constrangendo o absurdo a tornar-se lógico e atual, pelas condições de vida que se mudaram. Se não houvera razão biológica, jamais o subconsciente das massas tributaria homenagens ao gênio, ao herói, ao santo, homenagem que continua mesmo quando tenha morrido o homem, e dele se não possa tirar mais vantagem alguma. Não basta o interesse de um grupos de sequazes, para explicar sua sobrevivência ideal, que é uma corrente coletiva e não um produto de grupo. E não deixe de se pensar que aquele ideal que as multidões venerem, se representa um guia, significa também uma censura contínua e uma condenação à sua conduta. E no entanto a veneração permanece. Então, o instinto das massas sente por intuição a superioridade do super-homem, mesmo se não sabe compreender pela análise, sente que ali está assinalada uma meta, para seu porvir. Sabe que ela está longe, tanto que não sabe realizá-la hoje e lhe parece utopia. Mas ali está o farol luminoso, e aquela luz o atrai, porque, ainda que hoje pareça irrealizável utopia, representa todavia a única esperança do futuro.

Acervo Virtual Espírita

Sabem todos muito bem que na vida prática não se consegue imitar um São Francisco, e bem poucos pensam em fazê-lo. E no entanto sua figura nos enche a alma de saudade por algo de belo, de grande e de longínquo, enche-nos a mente com a imagem de um paraíso de alegrias espirituais, e nesse sonho se aquieta nossa alma cansada. É tão dura a realidade cotidiana, é tão amarga a luta pela vida, tão triste é o mundo cheio de maldades e dor, que se torna alegria evadir-se em sonho e, ao menos nele, ver realizada uma beleza irreal. Por mais que tudo isso nos pareça absurdo e entre no terreno do irracional – e o homem, que conhece o real, o saiba – no entanto ele não sabe resistir à alegria de poder repousar da vista sufocante das baixezas humanas, refugiando-se mais alto, num mundo melhor. Vistas da profundeza da miséria cotidiana de uma vida monótona e plana, por gente que se arrasta na estrada de destinos cinzentos e insignificantes, essas figura, superiores em qualquer campo, aparecem como luzes ofuscantes que reanimam, provando que o progresso não é vão utopia e que o ideal é uma força que verdadeiramente impulsiona e sustém a vida. Se tão grande parte de nós, é representada pelo subconsciente, em que persistem e de que ressurgem os atávicos instintos animais, outra parte de nós é sem dúvida representada pelo superconsciente, em que desponta, por intuição, o pressentimento da ascensão e dos melhoramentos num plano mais elevado.

Tudo isso parece sonho e fantasia. E no entanto são estas evasões do mundo positivo da realidade concreta os momentos mais criadores da vida. Quando a alma parece perder-se no irreal e no irracional, afastando do que parece única verdade segura, então afigura-se-nos que algo do melhor de nós desperte de um longo sono e se lança a obra de romper os limites do passado e transpor os velhos horizontes. Realmente são esses estranhos impulsos do desejo ainda inexpresso, que lançam o mundo nas novas estradas da evolução e que permitem realizar-se o milagre que sempre se repete, pelo qual, da utopia de hoje se extrai a realidade de amanhã. Se é verdade que estamos imersos nas necessidades férreas do contigente, é também verdade que, no fundo da alma humana, há um irrefreável e insaciável anseio de subida. Daí nasce a contínua náusea do passado e um constante e desesperado esforço para subir. Há uma luta na qual a luz quer vencer as trevas. Ainda que vagamente, as multidões sentem a beleza do homem superior, mas sabem que há muito cansaço e dificuldade em seguí-lo. Apegam-se então à sua memória, veneram suas relíquias, esfregam-se às pedras do seu túmulo, cantam-lhe hinos, para assim desafogar como podem essa vaga saudade de superação que existe em cada ser humano, este anseio de infinito que nos arrasta a todos.

Tudo isto é um sonho, sabemo-lo. Mas sonhar é pensar e desejar. E o pensamento e o desejo têm poder criador. Quando fortemente e durante muito tempo pensamos em alguma coisa e cremos nela, no fim ela passa a existir. Assim aqueles modelos ideais, que a humanidade forma com seus elementos mais evoluídos, servem-lhe para criar correntes psicológicas, que depois pela longa repetição, cada vez mais são assimiladas e fixadas nas qualidades da estirpe. O que plasma a vida é a idéia, a qual precede e antecipa suas formas futuras. Lança-se assim o pensamento no ignoto futuro e nele se agarra como utopia, que é sem dúvida também esperança; assim o espera, o saboreia, o antecipa e finalmente nele se fixa como realização concreta. Mediante esse processo gradual de conquista, lentamente os ideais tornam-se realidade.

Morto o super-homem, permanece o seu modelo. Iniciada depois a corrente de psicologia coletiva, pelo consenso público das pessoas mais destacadas,

Acervo Virtual Espírita

reforçada pela adesão dos grupos dos sequazes e pela concordância instintiva de muitos, ela cresce por si, porque a imitação, meio pelo qual funcionam as multidões, se incumbe de fazer o resto. As coletividades pensam e agem por sintonia, por correntes. Vemos que cada indivíduo olha mais ou menos em redor de si, para ver como os outros fazem, porque acha que a verdade é decidida pelo que a maioria pensa e faz e que erra aquele que não age como a maioria. Cada indivíduo, mais ou menos, tem em grande monta a opinião pública, torna-se escravo do julgamento do próximo, tende sempre a mimetizar-se com a cor dominante e a seguir a correnteza, pois apenas nela se sente aprovado e seguro. Bem poucos tem autonomia de julgamento. As massas funcionam com a psicologia do rebanho.

Fizemos, assim, nestas páginas, a análise racional do ideal, da sua formação, desenvolvimento e função biológica, até à sua realização, conquanto esta pareça utopia. Quem tiver compreendido como esse jogo de forças opera na evolução da vida, não achará mais utópico falar do advento de um novo tipo de civilização no III milênio, ou seja, a realização na Terra do reino de Deus. Se aquele Reino corresponde a um anseio da alma humana, a um instinto da vida que aspira ao melhoramento, se este é o sonho de quem mais pensa e de quem mais sofre, como poderá tudo isso resolver-se no nada. Desde de quantos milênios vem o homem dilacerado invocando que a justiça triunfe? O homem faz a guerra, mas anseia a paz, faz o mal, mas anseia o bem, odeia, mas está sedento de amor. Se existe esse desejo no fundo da alma humana, e daí faz pressão com tenacidade para realizar-se, e se ele também representa uma força da vida e um poder criador, como poderá tudo isso ficar sem efeito? O exame crítico que até aqui vimos fazendo, diz-nos que, mesmo falando apenas racionalmente, o fato de esperarmos uma nova civilização no III milênio não é sonho nem utopia.

Vimos a técnica usada pela vida para atingir essas formações. É toda ela o desenvolvimento de uma semente, isto é, de um estado de latência, da qual, parece, podem revelar-se todas as possibilidades. A existência não é só vontade de viver. É também e sobretudo vontade de evoluir. Na vida há uma Lei, que não é só o pensamento que dirige, mas é também vontade que impõe a sua atuação. Vontade fundamental desta Lei é o evoluir, porque o universo caído “deve” voltar à perfeição de Deus. Por isso se vive, por isso a insaciabilidade no subir representa o instinto fundamental da vida. Indivíduo mais adiantados neste caminho seguem à frente, no caminho ascensional de todos. Inspira-os o pensamento da vida, a sua vontade impele-os e os ajuda. Com a técnica acima examinada, as multidões seguem, assimilam avançam, e assim se cumpre a evolução.

Neste sentido, todos os tipos de super-homem são condutores de povos. No capítulo seguinte, ocupar-nos-emos sobretudo dos condutores políticos, fazendo a crítica do modelo que, em seu “Príncipe”, nos propõe Maquiavel como exemplo. Desenvolveremos assim o lado sombrio e negativo do capítulo “O Chefe” da “Grande Síntese”, capítulo que representa o lado da luz ou positivo-afirmativo do problema. Só pode ser verdadeiramente Chefe quem pertence ao biótipo do super-homem, que acima traçamos, ainda que não apresente os graus mais elevados. Não é necessário que seja um santo, um gênio ou um herói. Mas é sempre um pastor, com funções administrativas em parte, e sobretudo de ação. Mas é sempre a locomotiva de um trem, que arrasta atras de si todo o comboio de um povo.

Acervo Virtual Espírita

O Chefe é um condutor de massas, dentro dos limites de seu tempo, nação e função, atento especialmente a realizações práticas e imediatas. Mas, se bem que em dimensões mais reduzidas que o santo, gênio ou herói, deverá ser sempre um intérprete da história de seu tempo e um executor da vontade dela. É sempre um chefe, cujo pensamento chegará a atuação através da técnica acima examinada. Deve portanto saber como funciona a psicologia coletiva. É o conhecimento dessa técnica que lhe dará a chave do domínio sobre as multidões, indicando-lhe a que impulsos elas reagem. De modo que um homem de coragem, que, com a voz elevada afirme, de maneira a ser por todos ouvido, ideologias sãs – que sejam não apenas o produto de um só, mas produto do pensamento da vida, isto é, que estejam na linha do progresso e de acordo com as suas leis – esse homem deve forçosamente encontrar, no profundo do instinto da coletividade em que fala a vida, consenso geral e aceitação. Se o condutor tiver sabido compreender bem e aceitar o pensamento da história em relação a seu tempo, ele não pode deixar de encontrar-se com o mesmo pensamento que aprova e sanciona sua obra, falando-lhe não a ele diretamente, mas do mais fundo instinto das massas. O segredo para obter sua adesão está com efeito em procurar o que reclama o instinto vital delas. E esse instinto coletivo, se não é nem racional nem consciente, é intuição que não é de maneira nenhuma cega. O segredo do grande condutor de povos é tornar-se fiel instrumento da vontade da vida, no caso particular que ele dirige, para traduzir, com a ação, na realidade concreta, os imperativos da história, sabendo achá-los e lê-los nos lugares que estão impressos, isto é, no pensamento dela, na linguagem dos acontecimentos, no subconsciente das massas. Elas sentem, mas não sabem exprimir o seu pensamento com palavras, e procuram um homem que o exprima e personifique para depois ajudá-las a traduzí-lo em ato. Enquanto o condutor que age só por diretivas de seu egoísmo pessoal, tentado forçar com elas a história e impô-las aos povos, tem pouca probabilidades de êxito, o condutor que enquadrando-se no movimento das forças que querem o progresso, faz de sua obra uma função biológica e de sua vida uma missão. Então, é também lógico que este homem, avançando pelos grandes caminhos da vida, tenha muito maior probabilidade de triunfar.

Examinamos assim a função biológica do ideal e do super-homem, no caminho da história e na economia da vida, isto é, o lado luminoso, positivo e construtivo do problema. É assim o mundo, visto dos planos mais altos. Mas já observamos que cruel e feroz realidade biológica se aninha nos planos inferiores da animalidade humana, mentindo e torcendo a cada passo essas afirmações, pondo empecilhos à sua realização. No próximo capítulo enfrentaremos em cheio outro tipo de condutor de homens, qual nos mostra Maquiavel em seu “Príncipe”, que é o super-homem no negativo, isto é, o herói do egoísmo, da violência e da bestialidade, o super-homem das virtudes às avessas, seguindo o princípio satânico, como no-lo mostrou Nietzche. Para que o nosso estudo seja positivo, resistente aos ataques da crítica, devemos nós mesmos prever todas objeções que, partindo de indiscutíveis verificações de fato, tiradas da realidade da vida, estão bem armadas para demonstrar que o ideal é um absurdo inaplicável no mundo de hoje, nós mesmos temos que demonstrar que conhecemos bem essas verdades do mundo inferior, tomando-as como nosso ponto de partida, e elevando as nossas construções ideais justamente sobre aquele estado de fato, cuja verdade é uma realidade que só os ingênuos sonhadores podem desconhecer ou esquecer.

Acervo Virtual Espírita

O defeito que é apontado a tantos idealistas, e que queremos evitar, é justamente o fato de não terem levado em conta essa realidade. As nossas afirmações, que parecem utopias a quem fica parado na superfície das coisas, podem e devem achar, numa lógica diversa, pertencente a planos mais elevados, baseada em pontos de referencia diferentes, a sua demonstração positiva e as suas bases seguras. Ao homem atual, que ignora o tremendo peso do imponderável, devemos mostrar a solidez desses novos pontos de apoio, que é tão grande como aquela em que ele tem tanta confiança, só porque está perto dela, e portanto ele a conhece bem, ao passo que os outros pontos lhe escapam quase por completo. A nossa é fé, mas quer ser uma crença férrea; é hoje antecipação utópica, mas quer ser antecipação positiva, controlada e calculada; o nosso é sonho, mas feito de olhos abertos, dando-se conta de todas as dificuldades que se opõem à sua realização.

Acredita o leitor que não conhecemos nós a ilimitada velhacaria humana?

E sabemos também que muitos sonhadores pouco positivos, prejudicaram mais que ajudaram o progresso humano, por serem irrealizáveis os seus sonhos, mostrando com isto como o ideal é muitas vezes irrealizável.

Serviu assim a sua boa fé pouca controlada para dar razão aos céticos. Sabemos bem que os nobres apelos à virtude, à religião, ao dever, ao sacrifício, à fraternidade, ao progresso, foram explorados com freqüência por gente astuta, para satisfazer os seus próprios interesses e conseguir melhor lugar na vida. Conhecemos muito bem os truques de tantos pseudo-super-homens que se arvoram em condutores apenas para chegar às honras e ao bem-estar, que abraçam os próprios companheiros, amam os próprios prosélitos, apenas para fazer deles um pedestal ao seu poder, e depois os abandonam, após havê-los explorado apenas em sua exclusiva vantagem. Conhecemos tudo isso e não nos iludimos, julgando que na vida acharemos homens diferentes. Esquecer os fatos e pedir o impossível é o que faz naufragar os ideais. Não queremos, pois, construir sobre o sonho, mas no terreno sólido da dura, ainda que hostil, realidade da vida.

Pretendemos uma coisa mais simples e mais positiva. Não contar de jeito nenhum com a bondade dos homens, coisa muito rara para poder contar-se com ela, mas apenas com um pouco da sua inteligência, dado que, ao praticar o mal, eles demonstram possuí-la em grau elevado. Fazendo apelo apenas a essa inteligência, desejamos demonstrar-lhes a vantagem enorme, mesmo no sentido utilitário e egoístico, de fazer o bem aos outros, porque esse bem é também deles: demonstrar que há uma Lei que eles ignoram, pela qual, ajudar o próximo é ajudar a todos, e portanto também a si mesmos; ensinar-lhes esse egoísmo mais vasto que, em seu próprio eu, compreende também o seu semelhante, pelo que, na vantagem dele, entra também a nossa vantagem. É um problema de lógica, é uma mecânica de forças, fatos que, claramente explicados não podem ser repelidos por uma inteligência normal. Se esta se rebelou até hoje a tantas exortações à virtude, foi porque se fez dessa virtude uma agressão à vida, algo que tenta sufocá-la e mutilá-la com renúncias que, por serem biologicamente contraproducentes, a própria vida procura repeli-las através do instinto. É mister reconhecer que a vida é utilitária e respeitar esse seu utilitarismo defensivo e protetor, infelizmente os pregadores de virtude muitas vezes a sustentam só em vantagem do próprio grupo e em dano dos demais. É natural então que o homem se rebele. A virtude deve engrandecer a vida, desenvolvê-la e não sufocá-la. Deve transportá-la a planos mais altos para alimentá-la e

Acervo Virtual Espírita

dar-lhe potência, fazendo-a expandir-se e desenvolver. Então, encorajar, e não reprimir essa conquista, porque a vida só se pode mover pela conquista. Ai de quem se mantém exclusivamente no lado negativo e renunciador da virtude. É indispensável mostrar o lado expansionista da vida, porque é justo que só este atraia, dado que o homem é feito para crescer, subir, melhorar, e não para regredir. A marcha da vida é para frente, não para trás. Aceite-se a virtude da renúncia e do sofrimento no sentido utilitário que a sabedoria da vida colocou em nosso instinto, isto é, em vista de uma mercê, que consiste na conquista, em ternos de felicidade, de uma vida mais ampla, num plano mais alto.

Foram escritos muitos livros como este, que pregam belas coisas. Mas aqui oferecemos uma coisa nova e é a demonstração racional da vantagem de fazer o bem, assim como o grave dano pessoal de fazer o mal. Oferecemos, pois, ao leitor sábio, de um lado, a perspectiva real de uma vantagem e do outro de um dano para si. Conhecemos o homem e sabemos que estas são as únicas molas que o movem, os únicos impulsos a que obedece. Sabemos que esses livros, que falam de belos ideais, são depois explorados por homens camuflados de idealistas, para seus interesses. Muitas vezes aconteceu isto, e poderá ocorrê-lo também com este volume e com os demais da nossa obra. Mas podemos advertir a esses, que nossos princípios se baseiam na presença demonstrada de uma Lei, de cujas reações não há distancia de tempo nem de espaço, nem força ou astúcia que os possa salvar, se a violarem. Nós só possuímos as armas do amor e da inteligência, próprias aos planos superiores. Avisamos, porém, que, contra os transgressores da Lei, há uma polícia do imponderável, armada de reações fatais das quais não se escapa. Nós, que não temos poder algum e nem direito de julgar quem o mereça ou não, queremos apenas mostrar aos cegos como funciona a Lei, e com que terríveis conseqüências pode ela golpear-nos se o merecemos, pouco importando se nela não cremos e se dizemos que nada disso é verdadeiro.

Os ideais fazem parte dos equilíbrios da vida e quem os renega ou os trai ou os explora, vai de encontro à vida e a vida irá contra ele. Não dizemos que a triste realidade biológica da bestialidade humana não seja verdadeira. Mas sabemos que, ao lado dessa verdade, há também a verdade mais alta dos ideais, e que esta faz pressão para realizar-se a luta, para vencer e sobrepujar a outra triste realidade biológica. Ao lado do estado involuído do homem, em que se baseiam os negadores do ideal, há uma realidade igualmente positiva, que é a lei do progresso. Se o homem ainda está atrasado, permanece sempre a evolução como justificação do seu existir, de seu lutar, de seu sofrer; permanece ela sempre a meta de sua vida. O pensador equilibrado não deve ser apenas um idealista que perde o contato com a realidade, nem um positivista negador de qualquer idealismo. A realidade e a idéia são os dois extremos de nosso caminho evolutivo, são o hoje e o amanhã de nossa vida, são dois pólos do nosso mundo, entre os quais oscilam e se realizam todos os nossos movimentos. Isolar-nos em qualquer dos dois, é afastar-nos da verdade e ficar mutilados numa visão unilateral.. só quem se colocou no meio dos dois extremos, pode vê-los e avaliá-los ambos ao mesmo tempo, isto é, observar o céu em função da terra e a terra em função do céu. Só ele pode dizer aos sonhadores do ideal: cuidado que a terra é bem diferente, e é difícil fazer descer a ela tanta beleza. Só ele pode dizer aos homens práticos do mundo; cuidado que acima da terra há o céu, sem o qual não pode a terra viver; cuidado que além do presente, há o amanhã, em cuja direção forçosamente tudo há de caminhar-se, e sem o qual o presente não teria significação.

Acervo Virtual Espírita

Sabemos bem que a realização do ideal é árdua. Mas isso não quer dizer que ele não é coisa verdadeira. Os maiores homens da humanidade lutaram e muitas vezes morreram só por isso. Não o conseguiram, dir-se-á, mas a humanidade, mesmo não os imitando, admira-os e venera-os. O homem é animal, mas no entanto tem fome de subir. O animal tem vergonha de o ser, e aspira a tornar-se anjo. Subir é a lei, a primeira paixão, o máximo impulso da vida. Dir-se-á: mas os dois milênios de cristianismo também poderiam chamar-se dois milênios de exploração de Cristo, com outras finalidades, ao passo que o homem permaneceu mais ou menos o mesmo. Dir-se-á que os ideais parece que servem na terra para não serem postos em prática, mas só para serem pregados e explorados, em vantagem de alguns homens ladinos, que os utilizam como uma bandeira, com a qual possam cobrir melhor o próprio jogo, que é conseguir um lugar melhor na vida. Parece que na terra as verdades superiores só podem aparecer sob a forma de mentira. E se houver algum idealista, os seus escritos e trabalhos servem apenas para melhor enganar o próximo, cuja boa fé é mais facilmente conquistada, quando se fala no nome de um ideal que dê maior garantia de honestidade.

Estes livros, também, especialmente depois de morto e colocado definitivamente sob silêncio o seu autor terreno, correm esse perigo, podendo ser utilizados quem sabe por quem e quem sabe para que fins. Mas justamente por isso, procuramos colocar-nos em contato com a dura realidade da vida, denunciando todas as suas traições, demonstrando conhecê-las e trabalhando em seu próprio terreno. Quisemos dar-nos bem conta da grande distância entre a vida real e os princípios ideais. Não quisemos iludir-nos com o otimismo dos homens levianos. Quisemos dar-nos conta objetivamente de que estamos construindo sobre a lama, para concluir que, no entanto, é fatal avançar e o mundo avançará. Quisemos nós mesmos, em primeiro lugar, procurar demolir a nossa fé, para que dela permanecesse apenas o que tem a solidez do ferro. Quisemos reconhecer todos os vícios e defeitos do homem, fazendo-nos céticos até ao fundo, para sairmos mais aguerridos de um tal banho de ceticismo. E então, o que resta do ideal, não é mais uma fantasia fácil de mente leviana, mas no terreno do imponderável, adquire a evidência da luz e a solidez da pedra. É assim, só assim se poderá chegar a conjugar a verdade bestial de Maquiavel com os mais altos ideais do espírito, como dois momentos bem compreensíveis, dado que logicamente conexos, de uma mesma verdade em evolução.

Reconhece-se assim que o poder devia ser missão mas que no entanto, dado que a vida de hoje exige uma compensação, é natural que o homem, que se esforçou para chegar, sinta o direito de gozar, na posição conquistada, o fruto de seu esforço. Ele não pode então ocupar-se do bem do povo, mas só de seu bem, dado que o povo faz o mesmo com ele, e a lei de exploração é universal. Mas também se reconhece que, á força de abusar e errar, e portanto de pagar, o homem tem por fim que aprender, ainda que à sua custa e, aprendendo, tem que evolver, isto é, caminhar para a realização do ideal. Já é mais do que sabido agora, o velho sistema de que os ideais são pregados com o fito de exploração. Mas, se um interesse não houvera, quem faria alguma coisa no mundo? Não se pode pretender que a vida não seja utilitária. Preciso é reconhecer-lhe esse direito, que está na sua lógica e em seus equilíbrios. O que é preciso é apenas passar a um utilitarismo mais inteligente e mais universal, que não constitua dano para ninguém e seja vantagem para cada vez maior número de pessoas.

Acervo Virtual Espírita

Não se pode demolir o velho com agressão, para destruí-lo, pois tudo que existe quer viver e, se for agredido reage. O que é preciso é transformar o velho fazendo-o evoluir. Não se pode pretender sufocar a vida, nem se devem utilizar os princípios ideais para esmagar o próximo, para vencê-lo na luta pela vida,, e para substituir-se a ele em posições vantajosas. Ao pedir-se duros sacrifícios à natureza humana, em favor da evolução, é preciso ter em conta que ela deve também viver, e não pode ficar sufocada. E, infelizmente, muitas vezes se estabelece a tábua de valores só em função da própria utilidade, e com freqüência a pregação dos ideais se faz apenas em favor próprio, para a vitória dos interesses da própria casta. É indispensável recordar que a luta pela vida invade e penetra tudo no mundo, e portanto, se quisermos obter e construir com justiça – e então em forma durável, porque equilibrada, isto é, sem as inevitáveis reações – teremos que levar em conta o direito à vida que existe também do lado oposto, essa vida que às vezes queremos esmagar em nome de virtudes, que naturalmente supomos dever existir antes nos outros que em nós. Se tantos ótimos princípios são infelizmente sustentados no mundo, por vezes calorosamente, isto acontece, porque o homem conseguiu transformá-los em armas de ataque contra o próximo, na luta pela vida.

O nosso mundo assenta mais sobre sistemas do que sobre o indivíduo. Talvez tenha decaído a tal ponto a fé no valor do homem, que ela se reduziu a ter que prescindir dele, confiando só na perfeição do sistema, que deveria sanar tudo. Talvez tenha chegado o orgulho humano ao ponto de crer que uma organização perfeita e um sistema de normas, podem suprir a má qualidade da matéria prima, que é o homem. É também verdade que o sistema pode ser uma escola para fazer o homem, como, por exemplo, o sistema representativo pode servir para ensinar a saber votar, formando, através de duras provas, uma consciência coletiva política. Mas é também verdade que, enquanto o homem não tiver aprendido, o sistema não poderá suprir os erros dele. Dizia Giuseppe Mazzini, nos "Deveres do homem": "*Os homens bons tornam boas as más organizações, e os maus tornam más as boas".*

Acredita-se hoje que se possa melhorar, alegando direitos. Não. Só se pode progredir através do esforço de cada um. E assim, através dos séculos, como é diferente da de Maquiavel a resposta de Mazzini: ". . . *nada conseguireis senão melhorando; não conquistareis o exercício de vosso direito, senão merecendo-o com o sacrifício, com a atividade, com o amor. Se procurardes, em nome de um dever cumprido ou a cumprir, obtereis; se procurardes em nome do egoísmo, em nome de não sei que direito ao bem-estar, que vos ensinam os homens do materialismo, só conseguireis triunfos de uma hora, seguidos por tremendas desilusões. Os que vos falam em nome do bem-estar, da felicidade material, vos trairão. Também eles procuram o seu bem-estar; se confraternizam convosco, como um elemento de força, enquanto têm obstáculos a superar, para conquistá-lo, logo que o consigam com vosso auxílio, vos abandonarão, para tranqüilamente gozar a sua conquista. Esta é a história do último meio século e se chama Materialismo".* Isso escrevia Mazzini em 1860, e é também hoje absolutamente verdadeiro. E conclui: *". . . o materialismo arrasta-vos inevitavelmente, com o culto dos interesses, ao egoísmo e à anarquia".* É assim que o materialismo ameaça levar o mundo à destruição, com o fim da civilização européia.

Nos capítulos do Apocalipse no volume "Profecias", vimos como o mundo vive debaixo de grandes ameaças, numa era de destrucionismo. Mas é uma destruição que consiste apenas numa condição de melhor reconstrução. Em sus sábia economia é

Acervo Virtual Espírita

só com essa condição que a vida destrói. Depois de termos ocupados alhures especialmente do fim do mundo velho, ocupar-nos-emos aqui dos princípios sobre os quais terá que ser reconstruído o novo. O contraste que o leitor encontra nesse volume, entre a realidade biológica e o ideal, em luta, entre o velho que rui e o novo que nasce, entre as trevas e a luz que deve vencê-las, é apenas o espelho do que está hoje acontecendo no mundo, nesta hora apocalíptica, em que atingimos a plenitude dos tempos.

II

O CHEFE – CRÍTICA DE MAQUIAVEL

> Para todos, do chefe até o último dos cidadãos do Estado, o que constitui seu direito particular próprio, é apenas a capacidade de cumprir o seu dever próprio particular. Assim qualquer poder só é admissível como função social, única que dá direitos e poderes, e isso de acordo com o seu grau e natureza.

O chefe condutor de povos, deveria ser um tipo biológico, mais evoluído que a média, emergindo, portanto, da massa do povo, mas apto ao mando sobre ele, a fim de dirigi-lo para metas superiores. Ele deveria ser como uma ponte entre a terra e o céu, pois que deveria estar em contato com o pensamento e a vontade da história, obrando como intérprete seu e instrumento de execução; e ao mesmo tempo deveria saber descer ao contato com a massa do povo para conhecer as suas necessidades e cuidar de sua vida e progresso.

Estes os conceitos do capítulo precedente. Então, se estas tinham que ser as características do tipo biológico do condutor de povos, vamos agora confrontá-las com as do tipo biológico que nos apresenta Maquiavel, em seu “Príncipe”, figura de condutor traçada com um realismo impiedoso. Confrontemos, para ver quanto de verdade pode haver em suas afirmações tão diversas, procurando entrar nós mesmos naquela psicologia e assumindo aquela forma mental. Só assim, partindo do biótipo do super-homem no negativo, tal como no-lo apresentam Maquiavel e Nietzche, poderemos construir, com inteiro conhecimento, o biótipo do super-homem no positivo, substituindo ao gênio maléfico da destruição, o gênio benéfico da reconstrução.

Apresenta-nos Maquiavel em seu Príncipe, uma figura que está nos antípodas da que acima traçamos, um tipo diabólico, de astuto e prepotente, de falso e traidor, aproveitador de tudo e desprovido de qualquer moral. Aproximemos as duas concepções situadas nos antípodas. Certamente não pode negar-se que se Maquiavel escandalizou o mundo, foi só porque mostrou desnudado o verdadeiro rosto de muitos chefes e a baixeza e verdadeira natureza dos meios que eles usam para guiar a vida social. Maquiavel não quis dar-nos um tipo ideal para ser imitado, porque nobre e belo, mas apenas quis verificar e mostrar-nos a dura realidade. Como homem positivo, limitou-se o que esta lhe oferecia nos fatos. Os governantes da terra, desde que existem governos, sabiam bem as doutrinas de Maquiavel e bem o demonstra o fato de que

Acervo Virtual Espírita

muitas vezes as aplicaram. Mas eles tinham uma moral, que consistia em ocultar os seus verdadeiros princípios, para dominar melhor os súditos, escondendo seu rosto verdadeiro de lobos sob a máscara de cordeiro. E eles só se insurgiram contra Maquiavel porque este lhes violara essa moral, expondo sinceramente a triste realidade qual ela é. Em última análise, em seu livro "O Príncipe", realiza Maquiavel um ato de grande, mas de incômoda franqueza, descobrindo os segredos que movem o homem que permaneceu lobo, que ainda funciona em cheio com as leis do plano animal, mesmo quando sobe aos mais elevados planos de comando e às honras da glória de vencedor e de chefe. Esse livro foi um ato de grande bom senso e um corajoso reconhecimento da dura realidade dos fatos. E foi também uma grande bofetada no gênero humano, descoberto em sua vergonha e ferocidade, tanto considerado na hipocrisia dos governantes, quanto na imbecilidade das massas.

Sem falar nas leis biológicas, sem dar-se conta das profundas razões pelas quais ainda hoje se comportam assim o homem, sem estudar o modo de sair do pântano. Maquiavel expõe claramente, sem o querer, a natureza bestial do homem, porque essa era a verdade que lhe caía sob os olhos. Nietzche estabelecia, no plano filosófico, os mesmos conceitos que Maquiavel estabelecera no plano político. Tiveram ambos o merecimento de pôr a nu o que se esconde atrás da hipocrisia e a coragem de fazer aparecer o homem como fera que é. O mundo gritou, porque se viu descoberto; protestaram os poderosos porque se lhes arrancava o nobre manto que lhes cobria as vergonhas, e assim se tentou também justificar a velhacaria humana, mas dessa forma fez-se luz sobre a verdadeira natureza do ser humano e sobre a importância preponderante da luta pela vida em todas as suas manifestações. Apareceu assim, no condutor, a sua verdadeira face de dominador, qualidade sem a qual nem sequer se podem fazer as grandes coisas. E o mundo é dirigido por condutores e avança por meio deles, sejam eles escolhidos pelas revoluções, que desembocam no absolutismos totalitários, sejam, ao invés, escolhido pelo sistema eletivo nas livres democracias. Qualquer que seja a estrada pela qual cheguem ao poder, os povos, para poderem progredir, deveriam ser sempre guiados por um tipo biológico mais adiantado que a média. Mas, infelizmente, os fatos até hoje, dão razão a Maquiavel e a Nietzche, porque o tipo biológico do condutor tem sido, com freqüência, o que eles descreveram. O mundo tem o instinto de ansiar como chefe um ser superior, que pertença a planos biológicos mais elevados do que o seu, que é animal, mas tudo permanece sonho vão, diante da dura realidade dos fatos, pelo que, para vencer e dominar, é indispensável a força, e para criar, mesmo no bem, é mister que esse bem seja imposto.

Não queremos com isso justificar nem Nietzche nem Maquiavel. Apenas queremos explicá-los. O seu erro consiste em ter aceito sem rebelião, e até confirmando, essa dura realidade. A sua culpa é não ter procurado opor-se e libertar-se desse mal, superando-o, em vez de havê-lo justificado como uma lei natural da vida. E isto é um consentimento tácito, uma aceitação. Pois o homem não deve, não pode, permanecer sempre no plano animal. Esse reconhecimento deles é quase uma confirmação ou autorização à baixeza. Nietzche chega até a idealizar o inferior tipo biológico apenas da força, e vai até fazê-lo tipo ideal, propondo-o como modelo. Tudo isto é exaltação do involuído, é reviravolta de valores, é monumento erguido ao animal. Eis em que reside o erro e a culpa desses escritores. Pararam na realidade de superfície, sem compreender que há outra realidade, mais profunda, a do espírito, da vontade da Lei, dos impulsos da

Acervo Virtual Espírita

evolução, da imanência de Deus. O pensamento humano representa uma força superior à matéria, deve dominá-la, plasmá-la, fazê-la evoluir, e não aceitá-la tal qual é a suportá-la como seu escravo. Sente-se que a esses escritores e a seus afins falta algo que eles não viram, falta o sentido para perceber o poder do imponderável, que todavia pesa muito mesmo na realidade histórica e social observada por eles. O seu erro é o mesmo do materialismo, que parou à superfície e que, agora que a ciência começa a penetrar mais profundamente tem que repudiar muitas de sua dogmáticas afirmações. Há um mundo superior que os mais evoluídos sentem por intuição, e que escapa completamente a esses homens práticos de ação, ainda quando chegam a ser homens de estado ou filósofos famosos. Diante dessas superiores realidades do espírito, que eles negam porque não vêem, tornam-se eles crianças, ineptos, incompetentes. Crêem, em seu ceticismo, que são mais astutos e que estão mais próximos da verdade em seu sentido prático e dirigindo-se à ação acreditam atingir a realidade. No entanto, são incompletos, e em certas zonas da vida, totalmente cegos. Por isso lhes escapam de todo, como ao materialismo, os sutis valores do espírito e não podem compreender nenhuma religião senão a da violência. Seu metro não pode medir as distancias astronômicas do sublime, que é então repudiado e liquidado como inexistente. Sem dúvida que a luz para os cegos, não existe,, mas assim não ocorre ao que vê. Para eles a tábua de valores é diferente, assim como a virtude e os meios, porque diferentes são as finalidades da vida. Savonarola, entendido friamente por Maquiavel, bem diversamente reagiu às mesmas condições de seu tempo.

Hoje é preciso então refazer totalmente o “Príncipe” de Maquiavel e embora reconhecendo a verdade desse tipo biológico, completá-lo nas partes superiores em que está falho. Aquele Príncipe é um ser meio fera. Mister se torna dar-lhe a forma humana, digna dos novos tempos. Movimentaram-se hoje outras forças, a humanidade prepara-se para enfrentar outras experiências. Estamos, é verdade, em período de destruição. Mas é justamente nessa fase que se prepara a reconstrução. Destruição e reconstrução ao mesmo tempo, o que significa que os velhos conceitos materialistas são demolidos e novo edifício se vai erguendo sobre suas ruínas. Não mais serve hoje o riso escarninho, o ateísmo cínico de um Voltaire, à mesa de Frederico, o Grande,, em Sans-Souci. Hoje é mister sustentar-se uma crença férrea, tornada necessária pelos acontecimentos apocalípticos dos tempos, tornada obrigatória por sua demonstração racional, levada até à solução dos problemas últimos.

Poderia parecer que, ao procurar introduzir seriamente o elemento moral na vida política, quiséramos acrescentar uma mentira inédita, de novo estilo, às antigas muito conhecidas. Não. É aqui introduzido o elemento moral de forma racional, positiva, logicamente demonstrada, não na forma de fé, mas de evidente realidade que corresponde a uma nova ordem de fenômenos objetivos, a que o mundo, em sua cegueira e posição involuída, deu muito pouco valor até hoje. Queremos aqui introduzir o elemento moral na política, porque esta faz parte da vida, que se baseia também nas leis morais, que não se relacionam apenas com a fé e o ideal, mas fazem parte integrante das leis biológicas. Queremos fazer compreender que, diante de tais leis dominantes no campo ético, não se pode permanecer agnósticos, como não se pode fazê-lo diante das outras leis da vida. Queremos fazer compreender que as normas da retidão moral não são o derivado de uma opinião pessoal, de que se possa prescindir, mas são uma realidade objetiva que penetra o nosso contigente e pode ferir-nos, se não observarmos

Acervo Virtual Espírita

os seus princípios, com tremendas reações. Esta hoje difundido o erro de crer que esses problemas podem agnosticamente ser postos de lado e resolvidos prescindindo deles, como se fossem apenas produtos humanos desta ou daquela religião ou escola. Temos que compreender, ao invés, que a humanidade está a milênios pagando com dores e sangue essa sua crassa ignorância de verdades elementares, e isto porque vai usando mal, para seu dano, em vez de sua vantagem, as tremendas forças que hoje ameaçam triturá-la. Por causa desse repetir e acumular de erros, chegamos hoje a uma era apocalíptica, em que mais ameaçadora se torna a reação da Lei, que se apressa para chegar a uma solução, mesmo se esta tenha que ser a catástrofe do mundo atual.

No entanto, não é difícil introduzir o elemento moral, pertencente a uma ordem de idéias de um plano superior, em nosso mundo, situado ainda de preferência num plano animal. O novo elemento será introduzido com ponderação e medida, ou seja, na dose suportável pela realidade biológica atual, porque, em dose excessiva, poderia fazer-nos perder contato com ela, e transformar-se num impulso para uma utopia irrealizável. Se o puro ideal pode ser no alto uma esplêndida verdade, em baixo pode representar grave erro biológico. Temos que dar-nos conta, na ação, do plano em que trabalhamos, para não cometer, em relação a ele, erros que teríamos que pagar. No terreno prático, o sublime pode ser um erro, contra a qual a vida reage depois em nossa perda. Não é verdade que se possam inverter, em nome do ideal, as leis de cada plano de vida, e ai de quem, acreditando-se homem de grande fé, subverte a ordem com leviandade. Quando estamos imersos em certo tipo de princípios e forças, porque esse é nosso grau de evolução, é orgulho e loucura pretender evoluir fácil e rapidamente. A nossa fé tem que ser ponderada, consciente das forças da vida, das dificuldades apresentadas pela evolução; deve evitar que se transforme em loucura que nos lance em cheio em aventuras perigosas, que vemos tantos inconscientes tentarem, às vezes, com resultados desastrosos. Nesses arrebatamento para o alto, temos primeiro de analisar que dose daquela revolução biológica, que para o homem atual é a verdadeira espiritualidade, podem suportar as nossas condições atuais; temos de estudar antes qual é o grau de rarefação atmosférica que podem suportar nossos pulmões ainda não habituados, sem que fiquemos sufocados, sem respiração. Sem dúvida, uma grande fé e um desejo ardente são os impulsos mais adequados a arrancar-nos do baixo para lançar-nos para o alto. Mas os casos de seres que verdadeiramente os possuem, são raros, ao passo que as leis biológicas são férreas para todos. Agredi-las, contra elas empenhar a maior batalha biológica, que é a dos santos, pode desencadear contra nós tremendas reações, pelas quais poderemos ser esmagados, se tivermos sido incautos e se nos empenharmos com leviandade na luta sobrestimando nossas forças. Por isso faliram tão miseravelmente tantas tentativas de superação, iniciadas sem levar em conta tudo isso

Falamos de política como de um momento do fenômeno social, que é um momento do fenômeno biológico, que por sua vez é um momento do fenômeno cósmico. A política, portanto, é toda colocada logicamente num quadro de filosofia do universo. Vemos pois como no atual plano humano da vida, é verdadeiro o Príncipe de Maquiavel, e que dificuldade existe em introduzir nesse plano o elemento moral e espiritual. Na vida social, o Cristianismo luta em vão há dois milênios neste sentido. Mas justamente, quem analisa racionalmente o fenômeno, dando-se conta de todas as dificuldades, é que está mais apto a orientá-lo no sentido positivo, com maior probabilidade de êxito. Em outros termos, queremos ver aqui, no atual grau de evolução humana, quanto possa a política

Acervo Virtual Espírita

conter de elemento moral e espiritual, sem cair na utopia. Só assim poderemos ficar no terreno prático, falando positivamente aos homens de ação, de coisas que eles julgam fora de seu âmbito, para demonstrar-lhes quanto, ao contrário, estas lhe dizem respeito e como é perigoso ignorá-las e pode custar caro descuidá-las. Só desse modo pode falar-se de forma positiva, no terreno político, de elementos morais e espirituais.

Biologicamente, os governantes são os pastores dum rebanho que deles espera e exige guia e proteção. Despojados de todas as formas exteriores, as relações entre governantes e governados, e ao contrário, são muito simples. São estabelecidas pelas exigências da luta pela vida. Reduzida a política a esta mais simples expressão, os sistemas de escolha (seja mediante revolução ou eleição) e os sistemas de governo (sejam totalitários ou representativos) embora diversos na forma se equivalem na substância. De qualquer modo, o condutor deve ter sempre as mesmas qualidades, isto é, a do mais hábil, do mais forte, do que melhor dê garantias de defesa, de prosperidade, de progresso. Isto é o que exigem os povos de seus governantes, ou seja, o cumprimento da função biológica de que se incumbem. Mas, no fundo, é a vida que, através do instinto dos povos, exige que cada um cumpra a tarefa que lhe cabe. Hoje o mundo discute muito os métodos pelos quais se pode chegar ao poder, quer por eleição ou revolução, pela chamada escolha livre nas democracias, ou pela imposição e por eliminação dos rivais. Mas são apenas dois métodos diversos, em substância fundamentados igualmente na força e na astúcia. No caso da democracia será a força do dinheiro, mas requintada que a força bruta, que elimina os pretendentes inimigos, e a astúcia será menos policial e feroz. De fato, porém, esses dois métodos, embora diferentemente evoluídos, reduzem-se no fundo à mesma luta pela vida, ainda que se manifestem em duas formas diversas.

A luta é a condição primordial da evolução, que é uma longa escada que temos de subir com esforço nosso. Daí o contínuo esforço para emergir das condições inferiores da vida, vencendo a despeito do ambiente e a despeito de todos. Em nosso plano, significa essa luta o esmagamento de qualquer rival de nossa vida. Se ao seu evoluir amanhã, tornará a seleção uma forma mais apurada, tendente à produção de um tipo mais consciente e espiritual, hoje serve a luta para a seleção do mais forte quase que somente em sentido animal, porque é este agora o tipo biológico dominante na terra. Em vista disso, a primeira coisa que os povos exigem de seus verdadeiros chefes é a força. Para realizar o grande esforço da evolução, o mundo procura sempre a força. Por isso, a mulher adora o homem, os pobres invejam os ricos, os inferiores na escala social obedecem a seus superiores. O chefe de um povo é, em última análise, o homem, pai de uma grande família. Mais que bondade e amor, qualidades femininas, pedem-se-lhe as qualidades viris do poder e da capacidade de domínio, únicos que o autorizam ao mando. A vida, exige no chefe que guia, o tipo melhor da raça, mas melhor em relação e em proporção a ela. É assim que cada povo, segundo seu grau de evolução, precisa como chefe, de um tipo biológico evoluído em proporção a ele, portanto, nem muito involuído, para que não seja desprezado por estar muito baixo, nem demais evoluído, que seja incompreendido porque muito alto. Por isso se diz que os povos têm o governo que merecem. Mas pode dizer-se também que os chefes têm o povo que merecem. Entre governantes e povos, se deve haver certa distância evolutiva para estabelecer a superioridade do condutor, também deve haver certa afinidade que permita a comunicação, embora isso implique defeito, mas é necessário para estabelecer a sintonização.

Acervo Virtual Espírita

O chefe, como homem, pai de sua grande família que é seu povo, como a locomotiva de um trem, abre o caminho para a frente, diante do comboio. É como o indivíduo escolhido, que guia as migrações das aves. Reis, imperadores, presidentes de república etc. todos existiram e existem porque a vida precisa deles para cumprimento de uma função biológica necessária, a da guia. Ao chefe, todas as honras, a riqueza, a obediência. Mas a vida não dá coisa alguma para o nada, e o instinto dos povos o sabe. Essa homenagem não é gratuita para o chefe, mas apenas uma parte de um contrato bilateral, e por isso o povo exige do lado oposto capacidade, justiça, defesa. O povo obedece, paga as taxas, dá seus filhos para que a pátria os sacrifique em defesa própria, mas quer ser pago de tudo o que dá para o bem de todos, com a ordem interna (defesa contra as minorias agressivas), com a garantia da propriedade e da família, com sua liberdade nos limites do que é lícito, com a defesa contra os inimigos externos. A propaganda pode criar uma psicologia artificial a seu modo, mas apenas dentro desses limites. Por mais que se alardeie que um povo navega na abundância, ele compreenderá sempre que ao invés o devora a miséria; por mais que se lhe queira convencer que ele vence, ele sempre perceberá quanto perde.

Quando, por exemplo, saindo do simples e normal terreno administrativo ou político, um chefe entra num jogo maior, o da vida ou da morte da nação, empenhando-se numa guerra, o povo então desperta e apura o olhar. Os jornais quase sempre cheios de crônicas escandalosas ou criminais, de personalismos e soníferos, de interesses maus ou nulos, e que portanto talvez melhor seria nem lê-los, tornam-se nessa ocasião ardentes e vitais, porque é forte a entrada para o jogo da vida, e eles registram os grandes acontecimentos que constituem a história. Instintivamente desperta a mente dos povos, porque sentem que ocorre algo grave. Diante dos interesses da vida, as normais vicissitudes políticas e parlamentares têm valor de crônica e boato de aldeia. E é este ao contrário o momento em que o chefe é mais controlado pela opinião pública, exigindo dele que desempenhe sua função. O povo obedece e faz sacrifícios. O chefe continua a mandar e pedir. Se o chefe vence, com ele vence a nação, com ele triunfa e tripudia, aproveitando todos juntos dos despojos à custa do inimigo. E triunfam todos na vitória da vida.

Se ao invés, o chefe perde, é a vida que nos instintos do povo, se sente derrotada. Ela então, através desse instinto, revolta-se contra o chefe que teve a pretensão de saber desempenhar uma função e a não desempenhou. Não se brinca com a vida. Esta é sua linguagem concreta. A vida reprova nos exames, matando seus alunos. Rebelam-se então os povos, e matam ou depõe seu chefe, chamando-o de traidor. Traidor de quem? Da vida, que realmente se sente traída por quem assumiu um empenho vital sem sabê-lo depois manter. Esse sistema de liquidação poderá desaparecer com a evolução, mas é normal e considerado legítimo em nosso plano involuído, ainda no nível animal. Esteja atento, pois, quem se entrega ao poder da força, porque lhe não será deixado outro poder. Quem ingressa nesse terreno, se acaso perder, não poderá esperar piedade, bondade, justiça, pois ele mesmo, ao penetrar no terreno bélico, por mais que queira e possa justificar-se, se colocou fora do campo dessas forças, que o não mais sustentarão. Mas, se vencer, demonstrando com isso ser verdadeiramente mais forte, então tudo está para ele: glória, poder e até a bênção de Deus. Ele escreverá a história a seu modo, estabelecerá sua verdade, e a fixará numa nova ordem, em que todos os vencidos estarão a ele sujeitos. Poderá até revestir-se de justiceiro, e assim camuflado,

Acervo Virtual Espírita

criar tribunais, encenar processos e emanar sentenças em nome da justiça contra seus inimigos, chamando-os de criminosos de guerra ou coisa semelhante. E ele não pensa que, se ao contrário tivesse perdido, ele teria sido julgado e condenado com o mesmo sistema de justiça. E não é novo que nas alternativas vicissitudes da vida, sejam vencidos os vencedores e depurados os depuradores.

Esta é a realidade mais verdadeira, que se acha escrita no fundo das leis biológicas. Diante desses, muitos problemas políticos são questões de forma, modalidades de superfície, luta para que vença um homem ao invés de outro. Por trás de tudo está a realidade biológica, que o sustenta, explica e justifica, sempre pronta à vir a tona d'água, saindo de sua profundidade. Diante dela, o sistema representativo que a alguns parece hoje a panacéia para todos os males políticos, é questão de forma. Ao contrário, biologicamente, substituir ao único chefe de família, pai de seus filhos, uma assembléia eletiva de pais-de-família, escolhidos pelos filhos, que deveriam ao invés obedecer ao pai, mais velho e mais sábio, parece um erro. A vida se apega de preferencia ao princípio absolutista e totalitário, que é o princípio teocrático da autoridade, do poder absoluto, concedido ao melhor, que o é pelo próprio plano de vida ao qual ele pertence. Mas a vida faz tudo isso apenas subordinadamente a uma função, de que, depois exige o desempenho. As leis biológicas concedem poderes absolutos, mas experimentam e examinam o indivíduo a cada momento, e os retiram logo que este não os utilize para os devidos fins e trai assim a função para a qual aqueles poderes lhe foram concedidos. O sistema representativo, despersonalizando o poder, procura evitar essas sanções ferozes. Os sistemas totalitários e de poder absoluto presumem um chefe relativamente perfeito. Sendo isto muito raro, eles se transformam muitas vezes em tirania ou, por inaptidão, em ruína. Diante dessas perspectivas, resultantes de experiências bem duras da história, é que nasceu a justa reação contra os governos absolutos e totalitários. Mas, um partido político, em pleno sistema parlamentar, se obtiver a maioria (que, com o sistema de propaganda eleitoral e a inconsciência das massas, nunca se sabe se realmente corresponde a uma vontade da nação) pode exercer a mesma tirania ou por inaptidão levar à mesma ruína.

Quem é, então, que verdadeiramente dirige uma nação? É o mesmo pensamento que dirige a História. Numa colméia de abelhas, num ninho de térmitas, não há nenhum chefe visível. A rainha põe os ovos, é defendida, mas é quem menos manda. Ninguém manda e todos, na coletividade, estão subordinados à função. Logo que não estejam mais em condições de desempenhá-la são liquidados. O que constitui o direito é apenas a capacidade de desempenhar seu dever próprio particular. Quem manda de fato é então o invisível pensamento da vida, que atribui os poderes em proporção à função e como meio de desempenhá-la. É um mando anônimo, impessoal, onipresente, preso na economia utilitária da vida, à função que é a única que dá direitos e poderes. Assim ocorre na vida social das nações. Aqui chefes e sistemas são relativos, mutáveis, fictícios. São pura forma ou instrumentos. Se além deles quisermos achar a substância, isto é, quem é que verdadeiramente manda e dirige, temos que recorrer, como nas sociedades animais, ao pensamento e à vontade da vida, que manobra todos partindo do íntimo deles, movendo-os sem que eles se dêem conta. As massas, com efeito, sentem e manifestam o pensamento coletivo por instinto, e acham o caminho que têm de seguir, por intuição. Elas não saberiam dizer por que o seguem. Quem é então que pensa por elas e lhes instila as idéias adequadas ao momento? É verdade que as multidões são

Acervo Virtual Espírita

instigadas e lançadas mas só até certo ponto, porque, uma vez lançadas, em geral não obedecem mais, tanto que as revoluções costumam matar seus primeiros promotores. Quem poderia confiar na política, se não soubesse que atrás dela e por trás dos erros, das loucuras e dos delitos dos homens que a fazem, existe o juízo e a sabedoria de um pensamento superior? Está por acaso a política fora da vida e do cosmo? E se este está no singular, portanto como tem que ficar no singular é dirigido pela imanência de Deus, como pode a política escapar a esse poder e lei universal? De fato acima de governantes e governados, há outro Chefe supremo que, dirigindo toda a vida, os dirige também para os fins mais altos, além deles, que estão imersos na luta pelo triunfo pessoal, não podem ver. Então, em última análise, quem salva as nações, apesar de todos os erros e egoísmos humanos, é o próprio pensamento e vontade que dirige a história, e tudo utiliza como meio para que se cumpra a evolução.

Observemos agora mais de perto o pensamento de Maquiavel no "Príncipe", para compreender melhor por que motivo e até que ponto, corresponde à verdade uma linguagem tão crua, se podem, e até que limite, ser aceitos tais conceitos, e de que modo podem ser completados no campo espiritual, que Maquiavel ignora. Procuremos traçar desse modo uma figura mais completa do Príncipe, em lugar daquela, mutilada na parte superior espiritual, - tão necessária à vida, no entanto – daquela que resulta da visão materialista desse escritor. Chame-se príncipe, rei, imperador, presidente, condutor, chefe, etc., ainda que se mude a forma de eleição e de governo, o homem que está no leme de um estado tem sempre a mesma função, deve fazer o mesmo trabalho e, diante das leis da vida, sobe ao poder e o exerce pelas mesmas razões. Diante de um problema tão importante, qual estabelecer os atributos e o comportamento do supremo chefe de Estado, do que tem em mãos as rédeas da nação e é dono da alavanca de comando, diante de um problema tão substancial para a vida dos povos, Maquiavel demonstra apenas uma psicologia prática, utilitária, com fins limitados e imediatos, como o de vencer materialmente, subjugar os povos e permanecer no poder. Numa visão tão realística, mas não restrita, escapam-lhe completamente as mais altas funções próprias ao condutor de povos que, se quiser ser completo, não pode prescindir dos imponderáveis valores do espírito. Ora, um chefe assim saberá submeter e dominar, saberá manter sua posição, saberá vencer os rivais, mas continuará totalmente ignorante da única razão que lhe justifica o exercício do mando, isto é, que o poder não é fim em si mesmo, mas apenas um meio para atingir os superiores fins da vida. Falta a Maquiavel uma vasta visão biológica, para relacionar todas as formas de vida coletiva, mesmo no mundo animal, e assim compreender que as leis que governam todos os seres só concedem poderes para desempenhar uma função, e em proporção a ela. Assim Maquiavel não percebeu que cometeu um erro biológico. Falta-lhe uma visão cósmica, em que é indispensável enquadrar qualquer verdade, mesmo a menor no contigente. Seu realismo deixa-o fechado numa realidade pequena, de resultados imediatos; sua análise, mesmo verdadeira, é tão exclusivamente presa apenas aos fatos concretos, de que não indaga as razões profundas, que dá a impressão da vista curta de um míope. Ele não olha o que está atrás desses fatos, e o motivo por que acontecem. É simplista, ingênuo, superficial.

Assim, mostra-nos Maquiavel uma realidade verdadeira, mas triste e chã, fechada em si mesma, sem esperança de evolução. Corresponde essa visão ao conceito que também até hoje, na prática, se tem do poder; ou seja, uma exploração da posição de

Acervo Virtual Espírita

mando para a exclusiva vantagem egoísta pessoal. Tudo isso, ainda que verdadeiramente objetivo, não só põe a nu toda a vergonhosa baixeza do homem e seu estado de involuído, como ainda demonstra crassa ignorância das leis da vida, na louca presunção de querer impor-se a elas. De fato, que resultados obtiveram os numerosos sequazes de Maquiavel, senão a instabilidade de tudo e de todos, lutas e ruínas contínuas? Isso porque não compreenderam a lei, pela a qual a vida tira o poder, quando esse não é usado para desempenho de uma função; porque não compreenderam que a exploração para fins egoísticos é um jogo de forças instáveis que se não sustentada, e por sua natureza tende a ruir. Assim, ainda que seja a sua, uma corajosa declaração de verdade, Maquiavel sanciona, no fundo, e aprova um triste estado de fato, o que representa não só uma autorização imoral para insistir nele, desde que vem aceito e justificado como legítimo, mas representa, ao lado de um erro biológico, também uma instigação a cair e recair nele, para os incautos que nele acreditam. E essa aquiescência e reconhecimento, mais do que sua ignorância que nos repugna em Maquiavel: isto é, sua total ausência de revolta, que tem de ser feita em nome de um fim mais alto, para qual tende a vida. O que é horrível, em Maquiavel, não é a verdade que ele diz, mas o fato que ele a aceita, ficando fechado dentro dela, convencido, sem sentir a necessidade de tentar qualquer caminho de saída. Assim, seu ceticismo congênito se reduz a uma asfixiante estreiteza de visão.

O único terreno prático em que Maquiavel podia encontrar-se com os fatores espirituais era o cristianismo. Mas a religião foi por ele relegada fora de seu tema, excluída dos negócios de estado. Em seu terreno, os valores espirituais tinham bem pouco peso, e dela ele só viu os homens que materialmente a representavam na terra, ligados por interesses numa coligação política. Além disso, ele era levado a exaltar, como Nietzche, a força, a coragem e a vitória dos homens de ação, e não podia certamente compreender o que pode haver de verdadeiro nas virtudes da humildade e espiritualidade, tão mal representada em seu mundo. Maquiavel nunca suspeitou que além dessas formas, houvesse uma realidade positiva, tanto quanto a descrita por ele, e houvesse valores espirituais com um peso ainda maior que os que ele observou, que houvesse outras leis e outros princípios, cuja ignorância e inobservância podia produzir desastres mesmo em seu mundo prático, que tem suas origens nessas leis e nesses princípios. Só podemos compreender Maquiavel vendo-o colocado no lado negativo, inferior, involuído do sistema. Mas já vimos nos volumes precedentes, que esta só é verdade nos planos inferiores e que, se subirmos, ela desaparece. Pois aí entramos nos planos mais altos, em que ficam cegos os pensadores desse tipo, e aparecem verdades superiores, que explicam e valorizam todas as coisas diversamente.

No terreno de Maquiavel as virtudes morais têm valor negativo, isto é, não são conquista atingida por superação, mas renúncia e perda. É natural que as coisas, vistas de baixo, mostrem um aspecto oposto ao que se vê olhando-as do alto. Por isso, normalmente, a bondade evangélica é confundida com fraqueza e ingenuidade. Cada julgamento está feito em proporção com o modelo proposto. É assim que a concepção de Maquiavel pode parecer, a quem veja as coisas do alto, um emborcamento de valores e uma subversão de ideais, tanto quanto estes podem parecer loucas utopias se olhados de baixo. Assim, evitando ele todo princípio superior, delineia-nos uma figura de príncipe bem proporcionada à sua função de domador, tal como o estado involuído dos povos exige dele; ao mesmo tempo Maquiavel compreendendo bem, em sua objetividade, que a

Acervo Virtual Espírita

união que estreita entre si governantes e governados, pelo fato de basear-se no interesse comum, se transforma em luta quando este falha e que, portanto, um santo cheio de bondade, não pode governar na terra.

Por isso, Maquiavel nem sequer conta com a bondade de sentimento do povo, e aconselha ao chefe basear-se mais no terror que possa inspirar, do que no amor. É mais seguro ser temido do que amado. "*O amor*" diz ele "*é um vínculo que é bem depressa quebrado, por utilidade própria, pelos homens que são malvados; mas o temor é mantido pelo medo do castigo, que jamais desaparece*". Na mesma ordem de idéias, desenvolvidas por Nietzche, moveu-se Hitler, seu discípulo, em seu livro "Mein Kampf und Leben", onde diz: "*O terror não é vencido pelo espírito, mas por outro terror igual*". Pois bem, hoje a completa derrota da Alemanha ensina a todos que crêem no terror, que este não basta para vencer. Mas haverá alguém que jamais tenha aprendido as lições da história? Falou-se tanto de imponderável, na última guerra, sem compreender que ele é tão ponderável que pode destruir as nações, quando estas violam os princípios da Lei. Por esses princípios, logo que nasce um terror, surge, por equilíbrio, um contra-terror, e ambos tendem a matar-se reciprocamente, para serem auto-eliminados. A Lei penetra também no mundo político, e a Lei consiste no seguinte: quem faz o mal, o faz a si mesmo, e quem faz o bem, o faz a si mesmo. A religião do ódio é um suicídio. A história é uma cadeia interminável de vinganças e contra-vinganças, que por isso jamais se resolvem e geram apenas um contínuo sofrimento. Torna-se indispensável, porém, uma humanidade mais inteligente e evoluída para compreender tudo isso. Pode haver, em sociedades mais civilizadas, outras relações, que não sejam as atuais de esmagamento mútuo, que predominam nos planos inferiores da vida. Nos planos mais elevados, entram em ação outras forças e outros elementos. Com a evolução as relações se tornam mais suaves, e se aperfeiçoam, a vida se apura e pode triunfar de outros modos. Só os primitivos acreditam que se pode vencer apenas com a ferocidade.

Nos governos dos povos é hoje necessário um duplo trabalho: o teórico, que vê ao longe, que descobre e indica a meta; depois o prático, analítico, que realiza a ação. São necessárias duas vistas, uma para os horizontes longínquos, outra para o contigente próximo. A primeira revela os princípios universais, dando as grandes linhas de orientação; a Segunda entra nos particulares, ocupando-se da atuação. A primeira é a bússola; a segunda o leme. Esta deve conhecer a verdade de Maquiavel, que está na realidade da vida, a outra deve conhecer os conceitos-base, que explicam tudo isso e da qual tudo deriva. Um é trabalho exterior de atuação, o outro um trabalho interior de compreensão. Para agir, é indispensável a mente que dirige e o braço que executa.

É certo que na prática, o êxito de um homem político será tanto mais fácil e rápido, quanto mais se ocupar ele de resolver os problemas pequenos e tangíveis que as massas melhor compreendem. Essas, satisfeitas, aclamam-no então. É por esse êxito contigente que são atraídos os chefes de menor alcance visual, porque vão pelo visível e imediato. Mas se esse triunfo pode nascer da satisfação dos desejos do povo, ignaro dos grandes fins da história, é ele de efeito transitório, proporcional ao valor do trabalho realizado. Mas há outro êxito, o de quem se dirige para as grandes metas longínquas da nação, mesmo se não puder satisfazer, de momento, as massas. Este outro êxito é bem mais duradouro e muito mais importante, porque, abarcando horizontes mais vastos e longínquos, e operando realizações maiores e mais profundas, é proporcional ao valor do trabalho executado. Mas o primeiro condutor será apreciado imediatamente, e o segundo

Acervo Virtual Espírita

muito ao fim da vida ou depois de morto, só quando essas coisas futuras tiveram podido realizar-se.

O homem político equilibrado deverá procurar manter-se entre esses dois extremos, porque, se é um dever para ele, pensar no futuro da nação, é também uma necessidade permanecer no poder satisfazendo os cérebros medíocres da maioria, dos quais justamente depende o poder, com o sistema eletivo. O chefe deve ser um teórico e um prático ao mesmo tempo; ou pelo menos, se não tiver em si essas duas qualidades opostas, deve cercar-se de conselheiros que, com seus cérebros, lhe forneçam os resultados. O teórico olha os resultados remotos, o prático observa os próximos. Só após muito tempo, é que muitos passos pequenos do segundo poderão cobrir um passo, muito maior, do primeiro, e coincidir com ele. Este trabalha para os vindouros, aquele para os presentes. As duas direções são complementares. O político necessita de uma bússola que o oriente e o guie, não só nos casos particulares imediatos, como também nas grandes linhas, sem o que caminhará às cegas, sem metas, e jamais poderá empreender grandes coisas. O teórico, por sua vez, precisa de um executor prático, sem o que sua visão permaneceria sem atuação. O certo é que, quanto maior for o político e mais longo alcance tiver, menos será compreendido no momento. Quanto mais for pioneiro, tanto mais tarde será exaltado. Torna-se então heróica sua vida, porque ele sacrifica-se a si mesmo e as suas satisfações e triunfos imediatos, e suas próprias defesas, pelo bem do futuro da nação. E se um povo sem compreensão lhe tirar o poder, é justo que venha a cair sob domínio de chefes de menor valor e que assim se retarde o seu progresso.

Para Maquiavel, o exercício do poder parece confiado apenas a uma cadeia de traições. Mas chegará hoje o mundo a ser tão inteligente, que compreenda que isto é uma fábrica de males para todos, com o qual se envenena o ar de todos? Para Maquiavel o chefe deve ser simulador e dissimulador porque a bondade é rara, mas não a estupidez, e o que engana achará sempre quem se deixe enganar. Sem dúvida, esta é a arte de fazer da terra um inferno, e essa arte só poderá ser executada por demônios. O chefe, pois, não deve ter certas virtudes, mas deve fazer crer que as tem. Isto, acrescenta Maquiavel, porque, tendo-as e pondo-as em prática, elas são prejudiciais: "*Algo existe, que parece virtude, mas seguindo-a, leva à ruína; e outra coisa há que parecerá vício, mas se o seguirmos trará segurança e bem*". Mas, acrescentamos nós, quais são os verdadeiros fins da vida, tanto para o chefe quanto para os povos? E podem ser sacrificados esses fins, tornando apenas o governar o fim supremo, o qual é somente um meio? Mas que utilitarismo míope é esse se os governantes violando a Lei e expondo-se às suas duras reações, não poderão nem sequer alcançar seu único fim, que é permanecer no poder? Isto, entretanto,, não é apenas ferocidade e mentira, é sobretudo ignorância, é não saber compreender o utilitarismo mais vasto, o qual, seguindo as leis morais, não se expõe às suas reações destrutivas. E ignorância, ferocidade e agressividade são as características do homem involuído. Quanto mais evolve o homem, mais lhe parece tudo isso como uma maldade demasiadamente primitiva e prejudicial a todos, para que possa continuar por muito tempo a ser aceita.

Continua Maquiavel: "*Todos vêem o que pareces, poucos sentem o que és. E esses não ousam opor-se à opinião dos muitos*". Esquece-se, no entanto, que esse sistema, se é um hino a imbecilidade humana, realiza, à força de ferir os mais ingênuos durante séculos, uma seleção que faz sobreviver apenas os mais astutos e se reduz a uma escola de velhacaria. Assim a imbecilidade diminui e vai desaparecendo e o sistema

Acervo Virtual Espírita

automaticamente, se torna cada vez mais difícil de pôr em prática e menos rendoso. É a lei do progresso. Acrescenta Maquiavel: "*Nas ações de todos os homens e máxime dos príncipes, olhe-se o fim: vencer e manter o Estado. Os meios serão sempre julgados honrados*". Eis que vem à tona, nua e crua, a realidade biológica. O mundo ético é ainda uma sobreposição instável ao mundo do animal. Existem os princípios afirmados com gritos, mas não existe sua aplicação. Não estão ainda eles incorporados, assimilados à realidade biológica, que está no fundo e espera, e de cujo fundo sobe a lama. Transições na evolução.

Os súditos sonham com um chefe bom, mas para explorá-lo, agredi-lo, tirar-lhe o poder; e só param quando o homem duro que Maquiavel nos descreve. Fala-se: o poder deve servir para o povo. Mas que faz o povo para que o chefe seja bom? Agride-o ao primeiro sinal de fraqueza. Diz-se que o poder é entendido como exploração egoísta do chefe, e não como função social. Mas como pode pretender-se o contrário, quando sua primeira necessidade é a auto-defesa? "Ir ao encontro do povo" deve ser, pois, apenas uma bela frase. Na realidade ocupação do que detém o poder deve ser defender-se dos rivais, que tendem a agredi-lo, para tirar-lho. Mas o povo gosta do lindo sonho de crer que os governantes só tem uma coisa a fazer: protegê-lo, pois está no poder por graça de Deus. Tão imensas ingenuidades coletivas, que também sabem fazer-se tão exigentes e ferozes, que chefes podem atrair para si? Como pretender que uma corrente tão universal, sejam eles diferentes do tipo dominante? É inútil inventar sistemas, quando o nível médio da raça humana é o que é.

Se os chefes são assim, em grande parte a culpa é também dos povos. Em uns e outros, há uma corrente psicológica involuída que arrasta todos. Bem quereriam as massas, em seu chefe aquelas perfeições morais de bondade, que lhes seria cômodo achar nele, para melhor aproveitá-lo, perfeições que é absurdo que ele tenha porque, se as tivesse, ele como chefe, seria logo liquidado. Todos desejam os bons, mas para aproveitar-se deles. Assim se explicam as verdades enunciadas por Maquiavel. O chefe deve parecer bom, mas ai dele se o for de verdade. Só um chefe forte, que não se deixa esmagar pelo assalto de outrem ao poder, é respeitado. Dado o atual grau de evolução humana, é inútil apelar para a compreensão, bondade e inteligência, mas, como diz Maquiavel, só se pode contar com o temor. Neste mundo, só o mais forte é respeitável.

E se o chefe deve ser assim feito, como pretender dele aquele comportamento ideal, que é a negação da realidade da vida, tal como ela é hoje no mundo humano? Deste modo, o homem chega ao poder emergindo das camadas sociais inferiores, com seu esforço e risco, contra todos. Com isto, quer ele satisfazer a seu instinto de subir, seu anseio de poder, de riqueza, de grandeza. Quando chega assim, vencendo após dura luta, como poderá transformar-se em outro homem e seguir outro sistema? Como poderá deixar de pensar, em primeiro lugar, em gozar o merecido prêmio de seus esforços e de sua habilidade? Mas, dado o que ele é, faz-se natural que utilize o poder antes de tudo em sua vantagem e satisfação, procure defender-se dos seus inimigos e submeter os seus semelhantes, porque são estas as necessidades que a vida impõe, e não há outro meio de reforçar aquilo que é pedestal do seu poder. Como pode a luta pela vida desaparecer logo no vértice da pirâmide social? E como, num mundo egoísta, poderia ser o poder algo diferente de uma afirmação do eu, que se impõe no ambiente social para dominar todos? Tudo isto é um derivado lógico da estrutura do sistema psicológico que dirige a humanidade. Sem dúvida, que deveria ser diferente, e

Acervo Virtual Espírita

caro se pagará o ser assim. Mas enquanto o homem pensar desse modo, as coisas não poderão ser diferentes. E a psicologia da força não pode ter como resultado senão traição, ilusões e dor.

A maioria dos homens tem um irrefreável instinto de domínio. O que vence sobre todos se torna chefe supremo. Os outros se coordenam hierarquicamente, segundo suas próprias forças. Forma-se assim uma classe dominante, que se organiza para sua defesa contra as classes que ficaram em baixo, e que não conseguiram subir e vencer na luta. Ocorre, então, no grupo dentro da classe dominante, uma repartição dos lucros da vitória.

Quem está de fora, fica a olhar de estômago vazio. Quem pertence a planos biológicos mais evoluídos se surpreende de ver que, diante de um poder exercido como exploração e esmagamento e não como missão, não se rebelam os povos. Mas se é isto injustiça feroz nos planos superiores da vida, é coisa normal nos inferiores. Nestes, é justo que os povos escravos, que não têm força, não se rebelem contra os dominadores. As massas dominadas sabem que os fracos não têm direitos contra os mais fortes, e que por isso têm de calar. Sabem que não merecem a vitória, porque não conseguem impor com a sua própria prepotência, e que por isso têm de suportar. Sabem que, segundo a lei de seu plano, os fracos serão justamente esmagados até aprenderem a ser mais fortes. Com efeito, só agora, quando as massas, por sua organização, aprenderam a fazer-se valer, é que os dirigentes as tomam em consideração. Assim os deserdados sofrem, não porque aceitem, mas porque esperam uma ocasião para fazer pior, pois a lei dos vencedores e dos vencidos é a mesma: a do mais forte. O problema é um só para todos: vencer esmagando.

Assim os vencidos ficam a olhar todas as velharias dos vencedores. Não sabem organizar-se, compreender melhor, para fazer melhor. São todos da mesma raça. Declaram com melancolia que é inútil mudar o chefe, porque os outros são piores. Quem quer que seja que suba ao poder, isto não mudaria a situação. Deploram-no, não porque pensem numa ordem superior, mas porque não podem fazer o mesmo. Deploram-no por inveja, convencidos de que é assim mesmo que se faz, e prontos a fazer o mesmo. Alimentam a esperança de poderem chegar também eles um dia a tomar parte no banquete, ou ao menos aproveitar as sobras. Vivem assim com a miragem de conseguir um dia apoderar-se de qualquer coisa, como só pode fazer quem tem em mãos o poder.

Entre os que ficam de fora, a olhar de estômago vazio, são escolhidos os subordinados, os satélites, a clientela dos dependentes que se oferecem contanto que ganhem algo do banquete. Assim podem entrar outros nas fileiras dos felizes. Nascem daí os representantes da autoridade, mediante cessões parciais, nascem a burocracia, os administradores, a classe dos escravos do Estado, que podem enfeitar-se com a sua libré. É a máquina social a serviço dos patrões. Estes mudam, por vicissitudes políticas, mas a máquina permanece, porque serve para todos.

Mas nos escravos, fica também o instinto de subir, o humano e universal instinto de dominar. E não há homem que, ao vestir-se com a libré do patrão, não se sinta por si mesmo investido com a autoridade dele, e também um pouco patrão, e não procure, como o fazem os chefes, utilizá-la para si. O homem é sempre o mesmo. Por isso, o funcionário acredita que ele mesmo é, um pouco, o Estado, como o sacerdote crê que é, um pouco, a igreja e, investindo-se da autoridade de Deus, de que ele se faz ministro, é levado a dogmatizar como tal, e isto tendo por base apenas suas idéias

Acervo Virtual Espírita

pessoais. Como ministro de Deus, ele se sente um pouco investido de Sua onipotência e infalibilidade. Assim o médico é levado a substituir-se às forças curadoras da natureza, tentando monopolizar em suas mãos os poderes dela, como os ministros das religiões são levados a monopolizar Deus e utilizá-lo como poder próprio. Por isso, o médico é levado a assenhorar-se do doente, na luta contra os micróbios, como o ministro de uma religião é levado a dominar as consciências, impondo-se aos mais fracos. Assim, o exército, consciente de sua força, pode tentar tomar conta do poder.

A Lei é sempre a mesma. Luta pelo domínio. Todos os grupos humanos, todas as formas de governo, em qualquer tempo, todas as classes sociais, todos os homens em qualquer nível, se assemelham. Não se pode culpar ninguém em particular. O homem é que é feito assim, vista ele qualquer libré ou manto real ou presidencial. Todos conhecem esses defeitos, mas só se vêem e denunciam no grupo oposto, contra o qual se luta, porque o próprio grupo é sempre dos homens perfeitos, e o outro é sempre defeituoso e corrompido. A verdadeira realidade que está em tantos discursos, exaltações e condenações, é a luta: luta em que todos se igualam, e bons e maus situam-se em todos os terrenos e se misturam em todos os grupos, sem que se possa dizer a priori que nenhum grupo seja melhor ou pior.

Essa visão objetiva da realidade biológica pode dar-nos um conceito de Estado, de forma mais positiva, do que o possam quaisquer construções artificiais filosóficas e ético-jurídicas. Como fundamento disso, está sempre o espírito gregário, com fim utilitário, para ataque e defesa na luta pela vida. Estas são as bases biológicas e as verdadeiras origens do Estado. Se quisermos compreender os fenômenos sociais, temos sempre que referir-nos aos princípios fundamentais da vida. É assim que instintivamente se formam os grupos, e o que vence os demais forma a classe dominante que constitui o Estado, que então se organiza para sua defesa e sobretudo para resistir em sua posição. Em redor desse grupo dominante rodam como satélites as forças menores da nação, em posição mais ou menos privilegiada e com domínio correspondente a seu valor e poderio. Neste trabalho e distribuição, todos obedecem ao mesmo imperativo e necessidade imprescindível, que é viver; e necessidade também de descobrir e usar todos os meios, desde a força até a paciência, do domínio à adaptação na obediência para sobreviver. Ao vencedor a glória e a própria submissão, só porque ele representa a capacidade de guiar, que os subordinados aceitam apenas como vantagem própria e defesa.

Como se vê, permanecemos em tudo isso no princípio do egoísmo, e o edifício todo é construído sobre um jogo de egoísmos. O homem de hoje é tal, que é inútil pretender que o Estado, ou qualquer agrupamento humano, possa ser algo diferente de uma organização de egoísmos, em bases estritamente utilitárias. Nesse nível evolutivo, o altruísmo é um absurdo biológico. Hoje só se pode começar dilatando lentamente esse egoísmo, fazendo com que a inteligência compreenda a utilidade egoística dessa dilatação. Só podemos realizar hoje o progresso, procurando aumentar essa organização, de modo a tornar partícipes de suas vantagens um número cada vez maior de cidadãos. Trata-se de conglutinar a maior parte possível do povo na classe dominante, e esta é, de fato, a conquista que as massas querem hoje impor aos dirigentes. Esta é a tendência do progresso, que faz pressão da parte de baixo, contra o grupo social vitorioso, que acima de tudo pensa em defender-se e estabilizar sua posição. Esta é a vontade da vida que quer evoluir; mas os governantes, em vista do estado de coisas, tem que pensar primeiro

Acervo Virtual Espírita

em sua defesa, mesmo porque, se eles valem, essa é a necessidade mais urgente, para que possam ficar no poder e desempenhar assim sua função de chefes.

Ao povo agrada o belo sonho utilitário do ser servido gratuitamente pelos dirigentes. Mas, em sua ingenuidade, não sabe que a vida nada oferece de graça. Ignora que seu mundo é o da força e que o povo não será servido enquanto não tiver aprendido a ser uma força e representar um valor. Quem nada vale, nada obtém da vida. Os governantes levarão em conta o povo, quando este souber fazer-se valer pela inteligência, consciência de si mesmo e vontade, quando representar algo no destino coletivo, quando souber até ser temível e impor-se aos chefes, se necessário. Mas, nos férreos equilíbrios que balanceiam os valores da vida, que pode pretender hoje uma massa amorfa, instintiva, inconsciente, se não for guiada e explorada por quem é mais forte biologicamente, mais astuto, mais dinâmico? Que pode pretender um rebanho de ovelhas, se não a erva dos campos e ser tosquiado? E que sabe fazer esse rebanho, quando se revolta, senão passar das mãos de um patrão para as de outro? Como pode acreditar-se que o consigam agüentar-se as posições da vida, se, atrás delas, não existem valores reais?

É inútil procurar responsáveis por tais estados de coisas e condená-los. A culpa não é de indivíduos, mas do grau de evolução dominante. É por isso um nível geral, uma corrente seguida por todos. Inútil condenar, porque todos sofrem mais ou menos as conseqüências de seu estado atual e assim por si mesmos se castigam. A tudo isso correspondem os resultados obtidos até hoje. O dano está em proporção com a ignorância da qual é conseqüência. Todos conhecem os belos resultados dessa psicologia dominante. Não parecem o resultado de um estado de barbárie, representando um destino de condenação? Por isso, é preciso dar razão a Maquiavel. Continuando por esse caminho, aonde iremos parar? Pois, se procuramos sair para salvar-nos, gritam que é utopia. Mas, se é verdade que apenas nela está a salvação, deverá a utopia amanhã, após duríssimas provas, mas necessárias para aprender, tornar-se realidade, se o mundo não quiser suicidar-se. Eis porque temos que crer na vida duma nova civilização.

Dir-se-á: Mas o mundo foi sempre assim. Não. O progresso é um fato real. O homem pré-histórico, podemos bem imaginá-lo, foi na época o modelo da raça humana. Se estabelecermos uma proporção, podemos imaginar o homem futuro. Então diremos: o homem pré-histórico está para o homem de hoje como o homem de hoje está para X. será fácil, dada a relação, achar o valor da incógnita. Não é afirmação gratuita dizer que a forma da seleção animal terá que mudar no porvir. Sem dúvida, até hoje esteve no sentido de produzir o tipo mais prepotente, porque isto era indispensável para conquistar o domínio do planeta, mormente sobre as outras espécies. Mas, conquistado esse domínio, surge na terra outro tipo de vida, a vida social do homem coletivo, pela qual as qualidades de força, ferocidade e agressividade, outrora preciosas, se tornam cada dia mais contraproducentes, pois desagregam a primeira qualidade de uma comunidade, que deverá ser a organicidade. É natural então que a vida, que é tão sábia, renove os seus métodos de construção do tipo biológico melhor, através da seleção, e lance então uma nova técnica. O melhor que a vida quererá então produzir será outro tipo biológico, em que predominará a inteligência, pois num mundo mais evoluído vencer-se-á mais com a inteligência do que com a força. Hoje já se guerreia mais com a ciência que com a ferocidade. Já começa a desenvolver-se mais essa inteligência, e quanto mais se desenvolver, mais se compreenderá a vantagem utilitária de todos e de cada um, de ser

Acervo Virtual Espírita

honestos fraternalmente, como o quer o Evangelho, pois numa humanidade orgânica, esta será a linha de maior rendimento. Por isso, Maquiavel ficará com suas doutrinas, atrasado no tempo, como o é hoje o homem das cavernas. Mas as gerações futuras compreenderão melhor estas coisas, pois para elas, principalmente, foram escritos estes livros.

Aos que gritam que é utopia, respondemos que muitas vezes os jovens têm feito o que os velhos julgavam impossível, inoportuno, desaconselhável; respondemos que o mundo, a despeito de todas as resistências, caminhou sempre, e que freqüentemente a utopia de hoje é a realidade de amanhã. A intuição dá-nos a sensação viva imediata da presença de uma inteligência e vontade na história, como momento da imanência de Deus no mundo. Aos historiadores presos apenas ao fato exterior, aos filósofos hiper-críticos e céticos, capazes de destruir até seu pensamento à força de discussões, controles e análises, opomos a nossa percepção da realidade do mundo interior do espírito, presente em toda a parte, em todo fenômeno, mesmo no histórico e social. Procuramos fazer com que o leitor sentisse essa realidade na única forma possível, ou seja, através da lógica e da demonstração racional.

Se tivéssemos que dar um subtítulo ao volume "O Príncipe", de Maquiavel, poderíamos dizer: "Estudo da natureza animal do homem". Seja este chefe ou súdito, revela-se sempre o mesmo nos conselhos desse autor. Sendo ainda dominante esse tipo biológico, é bom conhecê-lo e estudá-lo, tanto quanto é instrutivo observar as feras no jardins zoológicos, para conhecer-lhes instintos e hábitos. Continua Maquiavel: "*Devendo dominar os soldados, não importa ser chamado cruel, pois sem esse nome jamais se manteve unido um exército. Foi por sua extrema bondade que se rebelaram os exércitos de Cipião na Espanha. Nasceu isso de sua demasiada bondade. Por isso Fábio Máximo pôde chamá-lo, no Senado, corruptor da milícia romana*".

Inútil, pois, iludir-se. O homem emerge da animalidade. Os primeiros graus do poder são dados pela força, pela imposição, pela ferocidade. Os chefes de governo do tipo descrito por Maquiavel descendem de domadores de feras. A posição que tem hoje o homem, a de rei do planeta, foi desesperadamente conquistada pela luta por todos os meios e vencida contra todas as feras rivais. Foi através desse esforço bestial, horrendo para o homem civilizado, e no entanto feito de coragem desesperada, sob pena de extinção da raça em caso de derrota, esforço diabólico, e no entanto cheio de certa potência viril, do deserdado que sozinho desafia os elementos e as feras inimigas e as submete; foi através dessa tremenda fadiga que o decaído enfrentou o caos, para levantá-lo ao primeiro passo em direção ao primitivo estado de ordem. Os primeiros degraus da escala estão imersos em lama e sangue. Mas, ainda que esmagando, triturando e reduzindo os rebeldes à escravidão, conseguiu assim o homem, com mão de ferro, construir certa ordem, primeiro passo na reorganização do caos para uma gradual organização do universo, fruto do esforço imenso de todos os seres, por intermédio do qual, reconstruído o edifício que eles mesmos fizeram ruir, encontrarão Deus.

No plano de vida que Maquiavel descreve, o que ele indica é a lei, a regra, a justiça. Em seu orgulho, o homem se auto-declara ser superior, última finalidade da criação, a mais bela flor da vida no planeta. Mas devia tudo isso ao ter sabido triunfar a despeito de tudo e de todos, exterminando os inimigos sem bondade nem piedade. Os idílicos pensadores do ideal afirmaram que Deus criara todas as coisas apenas para prazer do homem. Na realidade, o homem só conseguiu possuir aquilo que pôde arrancar

Acervo Virtual Espírita

à vontade inimiga; usando todos os meios. A vida só se inclina e oferece regalias diante do homem forte, violento, vencedor. Nada é gratuito diante dela. Nenhum escrúpulo ou piedade a impediu de condenar à extinção raças mais fracas. E tê-lo-ia também feito com o homem, fora ele menos forte e violento.

A bondade e o amor vêm depois. O próprio Deus de Moisés teve que prescindir delas dada a imadureza dos tempos e a involução do povo que então O adorava. Tudo isso, todavia, mostra-nos as verdadeiras origens da ordem e do direito e explica-nos como, no plano por ele observado, Maquiavel tenha tido razão. Pode representar-se a evolução como um grande edifício que se vá elevando da terra para o céu. Seus primeiros pavimentos são grandes massas grosseiras de pedra, plantadas na rocha dura, por homens fortíssimos, mas ignorantes, açoitados até a dor da própria carne pelo terror de morrer e o anseio de viver. Em seguida, porém, através desse esforço, a inteligência se abre, e o edifício toma formas mais regulares, torna-se o trabalho mais racional, alcançando-se maiores resultados com esforço cada vez menor. Assim, o servir-se da inteligência e da ordem, torna-se cada vez mais vantajoso. Então começando o homem a constatar seu rendimento, é levado sempre a mais a aproveitá-lo, devido aos mesmos princípios que regem a vida, a qual é sempre utilitária. Assim o operário construtor torna-se cada vez menos animal e mais homem. Desenvolve-se nele a mente, que lhe permite compreender a utilidade da disciplina, de dilatar seu egoísmo, até abarcar toda a humanidade, e entender a utilidade de aprender a viver colaborando, em vez de lutar; enquadrando-se tudo isso num grande organismo coletivo, em que o "*o ama o próximo como a ti mesmo*" não significa mais sacrifício de mártir entre as feras, como acontece aos pioneiros do Evangelho num mundo de involuídos, mas torna-se uma posição natural de maior vantagem para todos.

Assim o edifício cresce, de pavimento em pavimento, tornando-se sempre mais belo. Sua construção é feita, de andar em andar, cada vez com menos esforço e maior alegria, pois satisfaz ao instinto de criar e ao anseio de subida, e isto com um trabalho cada vez menos pesado. Isto porque ele é confiado cada vez mais a inteligência, que se está tornando paulatinamente senhora das forças da vida. E elas obedecem ao ser consciente. E assim, transformando-se o mundo, por obra do homem, do caos à ordem, ele se lhe revela sempre menos inimigo e rebelde e sempre mais amigo e obediente. Noutros termos, pouco a pouco transforma-se a terra de inferno em paraíso, e Satã desaparece lentamente do mundo, isto é, a revolta, o ódio, o tormento, e cada vez mais aparece Deus, ou seja, a harmonia, o amor, a felicidade. Assim, eleva-se o edifício, e os gritos dos condenados, que tiveram de construí-lo nos primeiros andares, transformam-se no canto amargurado das almas que se purificam nos planos superiores, até se tornarem um hino de alegria e triunfo nos planos altíssimos que no céu infinito se aproximam de Deus.

Só assim é compreensível Maquiavel, quando enquadrado, com seus homens e os seus tempos, no devido plano da escala biológica. É lógico, pois, que naqueles planos, a bondade fosse considerada defeito, sobretudo para os detentores do poder. É lógico que, para manter unidos homens ferozes, num exército ou numa nação, indispensável, fosse a ferocidade; é lógico que tinha de ser esta a virtude do condutor, e que o homem bom, que a não possuísse, acabasse por ser um corruptor de milícias ou um destruidor de nações. Jamais um cordeiro poderá chefiar lobos. A política e o governo dos povos e exércitos será, pois o último dos setores sociais em que poderá penetrar a

Acervo Virtual Espírita

doutrina de Cristo, que hoje representa uma revolução biológica, porquanto significa a passagem a um plano de vida mais alto.

Deste exame, podemos compreender que dificuldade devem encontrar o tipo biológico do santo e os princípios de bondade do Evangelho, para que possam passar da fase de casos esporádicos e pregação teórica, à fase de realização prática, enxertando-se na vida humana como forma vivida. Tudo isso deveria aplicar-se ao tipo biológico normal. Mas quanto ainda está distante, mostra-nos Maquiavel, descrevendo-o, quando acrescenta: "*Abstenha-se o chefe dos bens alheios, pois os homens esquecem mais depressa a morte do pai que a perda de um patrimônio*". Até agora, em suas leis, sobretudo no campo econômico, o Estado parte do pressuposto da ma fé do cidadão, e para ser obedecido, só conta com sanções penais. Que triste espetáculo, este pobre ser humano, esteja ele na privilegiada posição de mando ou na de deserdado dependente, igualmente involuído e envolvido na mesma luta! Pobre ser, vindo ao mundo sem o saber, só para devorar ou ser devorado, para depois reduzir-se a pó e assim acabar, acreditando ficar aniquilado!

Continua Maquiavel: "*O chefe deve manter fidelidade enquanto lhe for útil, e deixar de observá-la quando terminadas as razões que o fizeram prometer. Não seria necessário isso se os homens fossem bons. Mas, sendo maus, da mesma forma que eles não manteriam fidelidade, assim não deve o chefe mantê-la com eles*". Assim Maquiavel aconselha a astúcia, "*pela qual saiba o chefe, com razões legítimas, colorir a não observância dos pactos*". Eis como se comporta o involuído. Sua miopia psíquica ou imbecilidade fá-lo acreditar que a traição, como a ferocidade sejam forças. Em outros termos, em sua ignorância das leis da vida, é levado a procurar o poder preferindo descer aos planos biológicos inferiores (isto é, ao inferno), em vez de subir aos planos superiores (ou seja, o paraíso). Quanto seja tola essa crença, deduzimos do fato de que, mesmo aplicando esses critérios a seu próprio comportamento, continuaram chover sempre derrotas e desastres sobre o gênero humano. Isso prova que esse sistema não resolve absolutamente nada. O poder está no alto e não em baixo, e aí apenas ilusão e dor. Por isso, encontra-se hoje a humanidade numa encruzilhada: ou ela compreende que o problema da convivência, na forma menos dolorosa possível, só pode ser resolvido aplicando o método do Evangelho, por mais que pareça utopia; ou então continua indefinidamente o atual estado infernal. Mas, não há dúvida, a solução é uma só: tanto durará e martelará esse tormento, que há de o homem um dia compreender e decidir-se a civilizar-se. Não há outra hipótese. A presença destes sofrimentos é justamente justificada por isso, e tem por fim levar o homem a achar o caminho para sair deles, evoluindo para um plano de vida mais elevado.

Em vista desse estado de coisas podemos compreender qual seja a origem do poder e da riqueza. Em si mesmo, o poder pode representar uma função grande, instrumento de imenso benefício, e a riqueza se for bem usada, maravilhoso processo de criação. Mas, o que são ambas, verificamo-lo ao ver que os santos e os melhores homens fogem delas como de uma peste. É o estado do involuído que, usando tudo mal, vai até infectar tudo e tudo tornando pestífero. Dados esses métodos, como pode um homem honesto acreditar na riqueza ou no poder? E, no entanto, que instrumentos de bem e da grandeza poderão tornar-se esses meios nas mãos de um homem consciente e evoluído! Continua Maquiavel: "*Muitas vezes para manter o Estado, é mister agir contra a fé, a caridade, a humanidade, a religião. Um príncipe deve parecer a*

Acervo Virtual Espírita

quem o vê e ouve, todo piedade, todo fidelidade, todo integridade, todo religião". Ora acrescentamos: isto, que aos primitivos pode parecer suprema argúcia, mostra-se suprema ingenuidade ao homem mais evoluído. Isto porque, esse método praticado há séculos, é uma escola, e talvez a única coisa em que a maioria dos governantes esteve de acordo, aplicando-a com aceitação de todos. Aconteceu assim que os povos aprenderam e bem sabem tudo isso, tanto que hoje é coisa óbvia e pressuposta, a má fé dos governantes como a dos governados, tendo-se todos tornado profundos conhecedores e hábeis entendidos nos defeitos e culpas uns dos outros. Então, que defesa representa o método de Maquiavel, se ele é o ponto de partida de todo o julgamento sobre o próximo? Não obstante o constante renascer dessa planta, que é o simplório, no entanto, pela seleção destrutiva que está operando intensamente desde séculos mediante uma desapiedada caça a tão saboreado petisco, o simplório se está tornando cada vez mais raro. E tudo isso é um progresso providencial, pois não se achando mais o mercado dos ingênuos, bons para serem logrados, - e justamente porque foram instruídos por essa escola, eles não se deixam mais enganar – os ludibriadores mesmo vêem cair as armas de suas mãos, e por fim esgotado o programa de todas as astúcias possíveis, devem abandonar tal método. No fim, por eliminação, se quiser obter crédito, dado o crescimento progressivo do controle recíproco só restará aos enganadores, se não quiserem ficar isolados, desprezados como maus, usar o sistema da retidão sem enganos. Então o progresso poderá caminhar, sem ter jamais de recorrer a qualidade de bondade e boa vontade, que é utopia esperar do homem de hoje.

Nada se perde em olhar com coragem a realidade biológica tal qual ela é verdadeiramente. Maquiavel tem razão, mas não podemos deter-nos aí, só com esse trecho limitado do terreno explorado por ele. Aquele mundo, observado assim isoladamente, e aceito como verdade única, e não como fase de evolução, não é suficiente para, sozinho fazer-nos compreender a sabedoria da vida, que é sábia mesmo nas suas fases involuídas, e tende para o que é melhor, utilizando, naturalmente, os meios do plano em que opera no momento. Maquiavel escandaliza-nos, porque aceita e sustenta o involuído, e nada nos explica. Mas a vida não nos escandaliza nada, porque conhecemos seus métodos e fins e sabemos onde tudo irá acabar. Temos de admitir que, num plano primitivo e feroz, a luta pela vida não pode assumir outra forma, em vista de ser o homem o que é, forma que mais tarde, ao evolver, parece tola e contraproducente. A vida quer viver, e nos planos inferiores só pode viver assim. E nesse nível, isso é justo e equilibrado. Mas logo que se suba, como começa a fazê-lo o homem de hoje, percebe-se a injustiça daquilo e sente-se o escândalo, porque os pontos de referência foram colocados mais no alto. Para o animal, que ainda é amoral, sua lei de bicho é lei justa. É preciso olhar tudo isso de frente, corajosamente, como faz Maquiavel, mas do ponto mais alto, abarcando horizontes mais vastos, pois só assim se pode compreender tudo e permanecer-se orientado. E então evitaremos protestos inúteis de pessoas, ofendidas pela nudez da crua verdade e, ao contrário, admiraremos a sabedoria da vida, isto é, do pensamento de Deus, que de tal estrumeira sabe tirar a flor de amanhã, do mal o bem, e da ferocidade, a ascensão.

Isto porque o animal também ascende. E isto ocorre por meio das forças disponíveis em ação em seu plano de vida, sem necessidade do concurso de utópicos sentimentos de bondade e altruísmo, que é inútil pedir e ingênuo esperar naquele nível. Mais de que elemento de transformações, invocado em vão, são eles, pelo contrário, o

A.C.E.R.J. Virtual Espírita

ponto de chegada de novo trecho percorrido no caminho evolutivo, são o resultado do embate das forças pertencentes ao plano inferior.

Tudo é lógico, claro, em seu lugar justo. A luta é um exercício com finalidade seletiva; o esforço para evolver é o pagamento devido pelo homem, dívida que ele contraiu com a queda (veja o volume "*Deus e Universo*"), que é o preço de seu resgate. A dor é uma escola salutar para aprender a eliminar o erro. E quanto mais se sofre, mais se aprende; e quanto mais erros se eliminam, mais a dor diminui. Ao invés de colher escândalo e pessimismo da leitura de Maquiavel nasce aqui um hino a evolução e à sabedoria da vida. O homem não está ainda maduro para conceber e exercitar o poder como função social, para o bem coletivo. Governantes e governados têm todos conceitos diferentes. Exercita o poder quem venceu na luta e o exerce para sua vantagem, dominando o povo. Só essa vantagem egoística e imediata explica a luta de tantos para atingir os postos de mando. De fato, o poder não gera colaboradores, como deveria, e como aconteceria num plano superior, mas inimigos e rivais; requer força, e é o prêmio egoísta para o mais forte e não um serviço reconhecido pelos governados que o aceitam com gratidão.

Eis então que Maquiavel se ocupa, em primeiro lugar, em ensinar aos governantes como defender-se para permanecerem no poder. Explica-nos ele que se evitam as conjurações quando as maiorias não o odeiam. Então, diz-nos ele, os rebeldes não ousam e temem, porque não têm o consentimento da maioria. O conjurado tem medo do castigo. O chefe tem a majestade do reino, a lei, o poder em ação e, se também tiver o favor popular, nada tem a temer. Assim, Maquiavel só coloca objetivamente na balança do poder os elementos que ele julga positivos, acreditando que os fatores morais e espirituais não o sejam, porque são imponderáveis. E no entanto, os governantes – quando aqueles fatores lhes podiam servir como reforço, em virtude do domínio que exercem esses elementos na psicologia da massa – apressam-se a declarar-se investidos em seu poder por direito divino, e fazer-se aprovar, sancionar e abençoar pela autoridades religiosas, declarando-se representantes de Deus. Inúteis mantos, que as revoluções, quando merecidas em virtude dos abusos cometidos mesmo à sombra de Deus, e os tempos estavam maduros, rasgaram e destruíram.

Pode a vida parecer desapiedada e feroz, mas como pode deixar-se de admirar essa sua absoluta, apesar de cruel, sinceridade, que põe a nu os valores reais, essa sua honestidade franca, que desmantela todas as hipocrisias e tira do ninho todos os parasitas, dos recantos mortos em que não é lícito ninguém esconder-se para gozar a vida, querendo escapar ao indispensável esforço de todos, o de evoluir? Quem é verdadeiramente honesto não pode temer essas intervenções purificadoras, pois que, que é puro, não pode sofrer depurações. As tempestades destruidoras, que a sabedoria da vida de vez em quando desencadeia no mundo, são obra que destrói o corrompido e cura. A dor é dura, mas lava e purifica, e a vida sai das provas rejuvenescida, reforçada, muito mais apta assim a dar um novo salto para a frente, como não lhe não era possível no estado anterior, carregado de incrustações e abusos.

Procuramos neste capítulo, colocar sob os olhos do leitor esse dinamismo em ação, em que se debatem as forças da vida, sempre mais construtivamente emergindo do caos. Procuramos mostrar-lhe, em contraposição, a figura do velho tipo do homem de poder, com o novo, da nova civilização, situado num plano biologicamente mais elevado. O primeiro, odiado, invejado, pobre ser, não colaborador, mas escravo da

Acervo Virtual Espírita

opinião pública, também ela imersa na mesma psicologia de luta. Triste domínio o do chefe num tal mundo, em que é necessária a força e a astúcia maquiavélicas para reinar, e isso por culpa de todos. É bem triste ser escravo de massas animadas por essa psicologia de exploração egoística, ter de considerá-las como um inimigo de quem se é obrigado a defender-se, porque estão prontas a saltar em cima ao primeiro sinal de fraqueza. A evolução abre a todos, governantes e governados, novos horizontes, prepara formas de vida mais altas, que serão compreendidas, quando o homem for mais inteligente, e então serão aceitas, porque mais vantajosas para todos. O problema é de chegar a compreender essa vantagem, porque, uma vez ela compreendida, ninguém mais pode recusar-se a seguir um caminho melhor, por um princípio utilitário que todos compreendem. O mundo futuro olhará com horror e compaixão os atuais métodos de governar o mundo. Mas, para melhorar, é mister maturidade, ao menos nas maiorias humanas, não só nos chefes, mas também nos povos, porque hoje chefes e povos se impõem o mesmo comportamento. E este é dado pelo atual plano da vida humana. Do novo tipo de homem de governo, já tratamos no capítulo "O Chefe", da *Grande Síntese*. Mas, se o presente pode parecer triste, as forças irrefreáveis do progresso trabalham incessantemente, obrigando o homem a superá-lo. Tudo isso está no pensamento e na vontade da história, a qual, já que evolver é lei da vida, imporá que tudo isto se realize, com a nova civilização do terceiro milênio.

III

O NOVO HOMEM

Aparece por vezes, na terra, um tipo biológico de exceção, com índices característicos estranhos, se o considerarmos em relação às leis normais da vida, seguidas pela maioria. Estudamos sua figura e função no capítulo "Os Guias do Mundo". Vejamos agora como se comporta ele, quando é colocado em contato com a realidade do mundo animal, e com se comporta este em relação àquele tipo biológico. No capítulo citado, vimos como os ideais sustentados pelas forças do Alto, descem à terra. Agora troquemos a perspectiva, ou seja, vejamos como os acolhem, os alteram, os contorcem e sufocam as forças do ambiente terrestre, com os quais eles se encontram para nelas se entrosarem. Trata-se de uma luta entre dois tipos e dois planos biológicos. Observemos como se comportam os representantes de cada um deles, armados de forma tão diferente, e como vencem ou perdem na luta pela vida. Perscrutemos tudo isso com a psicologia positiva, objetiva e desapiedada de Maquiavel, partindo do princípio positivo de que, no mundo, tudo é luta para viver e para subir, e que a vida é sempre utilitária. O problema é ver a forma que essa luta assume, e quais os alvos que o utilitarismo da vida quer atingir nos planos mais altos. Não queremos dizer que esse tipo biológico se nos apresente sempre em seu ponto máximo, o santo. É mais comum ele se apresentar de forma mais ou menos alta, aproximando-se do santo. Apresenta-se como homem simplesmente honesto, moral, evangélico, que procura tender à perfeição da santidade. O problema interessa, portanto, a mais pessoas do que se pensa, e às próprias massas, porque são elas que nele estão envolvidas, o que se pode ver na veneração que tributam ao santo, exprimindo dessa forma, inconscientemente, uma aprovação, o que é uma exigência das leis da vida.

Acervo Virtual Espírita

Quando vem viver na terra algum exemplar raro do tipo biológico do santo, ou de alguém que a isso tende, verifica-se um espetáculo que relembra o da descida dos mártires inermes à jaula dos leões. Ele desce ao mundo que Maquiavel pôs a nu, com cruel verdade, como vimos nas páginas precedentes. Observemos. Que acontece com o cordeiro quando desce entre os lobos? Este, naturalmente começam a rodeá-lo, farejando a presa. Num mundo cuja maior atividade consiste em viver dilacerando o próximo, porque esse é trabalho que a seleção impõe no plano animal, a primeira manifestação da vida é representada pela agressão. Em vista dessa psicologia base, começam os lobos a farejar, a fim de conhecer a força do inimigo, para calcular se convém realizar o esforço de agredi-lo, de maneira que seja compensado pela segurança da vitória. Esta é a principal forma de atividade, no plano em que vive hoje o homem, tanto como indivíduo, quanto como povo. Inútil, pois pensar na abolição da guerra enquanto a maioria humana continuar a pertencer, prevalentemente, ao mundo animal.

Começa então a espoliação do homem evangélico. Aproxima-se o primeiro lobo, dá uma dentada e arranca um pedaço de carne. Visto que a cobiçada festa foi iniciada impunemente, apressa-se um segundo a imitar o primeiro, e com outra dentada abocanha outro naco de carne. E assim por diante. Encorajados pelo êxito dos mais fortes, adiantam-se então os fracos mascarados de fortes e com armas ocultas. E enganam o homem evangélico com suas astúcias e mentiras, todos fascinados pela grande miragem: poder tirar tudo, “impunemente” do próximo, ou seja, escapando à sua reação punitiva, única coisa que eles temem e que os pode deter. É por isso que só se pode conseguir ordem num povo pela imposição da lei e a paz entre as nações pela imposição da mais forte. Nessa impunidade reside o sonho e voluptuosidade do macho: poder, sem esforço nem perigo superar, o obstáculo que o impede de obter a vitória sobre o próximo. Consiste a satisfação em achar, nesse caso, o caminho mais rápido e mais fácil a seu instinto de conquistar e dominar, para evoluir. Mas, para obedecer ao que a vida ordena ao macho, satisfazer a vitória é de pouca valia, porque ela é fruto mais da fraqueza do vencido do que da superioridade do vencedor. As leis sociais, como o equilíbrio dos povos e seu assalto nas guerras, baseiam-se neste princípio: obter o máximo arriscando o mínimo, e apoderar-se de tudo. Se, no plano humano, isto significa vitória, mesmo não o sendo num plano mais alto, explica-se quando se pensa que o espírito de egoísmo e de domínio, que hoje se procura corrigir com as virtudes do altruísmo e obediência, se formou no homem justamente porque só os indivíduos que o possuíam conseguiram sobreviver melhor na luta universal pela vida.

Assim, o homem do Evangelho fica reduzido apenas a seus ossos. Estes só lhe são deixados pelo próximo, porque de nada lhe servem. Contenta-se em despojá-lo. Não o mata, só porque isso representa um trabalho que nada lhe rende, e por isso o deixa viver. E que faz o homem do Evangelho? Descido ao inferno terrestre, olha sua pátria longínqua e se deixa despojar e matar. Ele conhece outra vida, desconhecida por quem o assalta, de modo que não perde muito, mesmo se lhe tiram a vida terrena, que para os outros é tudo. Ele se deixa despojar na terra, pois tem pouco a perder, já que seus valores estão em outro lugar. Então, quem o despojou acredita que venceu, ao passo que o homem do Evangelho sabe, ao contrário, que o outro perdeu, pois, ao invés de subir para a libertação, cada vez mais ele se prende a um cárcere infernal. Compadece-se então, e chora sobre a miséria do seu próximo, que é de tal sorte e tanta, que até considera um belo lugar de permanência a estrumeira humana, e julga vencer

Acervo Virtual Espírita

quando, ao contrário, se amarra sempre mais a seu cárcere. Ora, a traição, para o homem normal consiste justamente na ilusão que o circunda, e que lhe faz crer que venceu, quando perdeu. Entretanto, isto é natural em vista da ignorância, e portanto, a ilusão crescerem à proporção que se desce na escala da involução.

Nasce assim um estranho duelo em que as posições, as armas e os alvos são tão diversos, que não se sabe quem vence e quem perde. Permanece o princípio fundamental da vida, que é sempre utilitária, só que os alvos utilitários são diferentes. Como o macho e a fêmea encontram modo de conviver, cada um no seu perfeito egoísmo, só porque seus alvos utilitários são opostos, assim o santo e o homem normal descobrem o modo de viver juntos, porque as metas de suas vidas estão nas antípodas. O tipo normal, rei da espoliação, consegue alegrar-se ao esmagar e vencer. O tipo evangélico atinge sua alegria em outro mundo desconhecido do primeiro, mundo em que a perda das coisas terrenas, que para o outro são tudo, representa quase nada. Sendo eles dois tipos biológicos diferentíssimos e falando duas línguas diversas, é natural que se considerem reciprocamente tolos. Ambos tem razão, mas cada um em seu plano. Mas uma vez colocados nos planos que lhes não pertencem, então estarão ambos errados.

Para compreender melhor a posição do evoluído, homem do Evangelho, tipo biológico do futuro, em relação à maioria dos normais, faremos uma comparação. Imaginemos um pássaro, habituado a voar em seu mundo aéreo de liberdade, de luz, de panorama vastíssimo e rápidos movimentos. Esse pássaro, desce, um dia, para viver entre os peixes, no fundo do mar, num mundo denso, escuro, com panorama mínimo e movimentos lentíssimos. O primeiro modo de estabelecer conhecimento entre seres que se encontram pela primeira vez, quer entre animais, quer às vezes entre homens, é a agressão e a defesa, isto é, a luta. Essa é a dura apresentação biológica, a que se faz na sala de visitas da vida, baseada num manual de educação bem positivo e objetivo, cuja finalidade é mostrar quais os meios ofensivos de que cada um dispõe e, nessa base, julgá-lo. Isso porque no plano animal-humano o valor é dado pela força e pela capacidade de subjugar. Por isso, os peixes agredirão o pássaro que entre eles desceu e, senhores de seu ambiente, vangloriar-se-ão de sua força e sabedoria, condenando o pássaro que, por estar no meio deles, se encontra fatalmente sem razão. Impor-lhe-ão, assim, um modo de viver, produto de seu cérebro de peixes, mas que será aceitável para o pássaro. E quando este narrar seus rápidos e livres vôos nos espaços, nos vastíssimos horizontes cheios de luz, os peixes o chamarão de louco. E se o pássaro convidar os peixes a subir, um pouco que seja, para a superfície, a fim de terem mais luz, narrando as maravilhas do mundo acima das águas, os peixes gritarão que é utopia, dizendo: peixe sempre foi peixe, o nosso é o único mundo verdadeiro. O resto é sonho. E se o pássaro narrar e falar daquilo que ele bem conhece, eles todos negarão e voltarão ao abismo.

Então o pobre pássaro exilado chorará sua bela pátria longínqua e dirá que é um crime produzir filhos porque lhe é duro demais viver assim. No entanto, para os peixes, nascidos em seu ambiente e a ele proporcionados, a vida pode ser a coisa mais adequada até bela. Assim, para os seres do tipo comum corrente, a vida terrestre, feita de mentira, de luta feroz, de dores contínuas, pode ser o necessário. Poderíamos perguntar, com efeito: se estes homens não tivessem tão desgraçadas ocupações, que saberiam fazer melhor do que isso? E como tirar-lhas se, sem elas, só saberiam morrer de tédio ou destruir-se com toda a espécie de abusos? Se não houvera esse freio de tantas dificuldades na terra, quem moderaria sua insaciável sede de gozos? Se não houvera o

Acervo Virtual Espírita

recíproco assalto contínuo, quem arrancaria o homem à sua preguiça, para obrigá-lo a evoluir?

Para o evoluído, entretanto, a coisa é diferente. Para ele o ambiente terrestre é verdadeiramente um inferno, uma vida inaceitável. Seus instintos são diferentes, suas idéias não são compreendidas, suas mais vivas verdades são utopia. O pobre pássaro, sedento de luz e liberdade bate em vão as asas para voar. Todos os peixes o acham ridículo. E ele assim estragará suas asas gloriosas, conseguindo mover-se com dificuldade, embaraçado no fundo do mar, lá onde os peixes sabem nadar tão bem e viver confortavelmente.

Mas ocorre uma circunstância. O pássaro morrerá de padecimentos se os peixes não o matarem logo de vez. Em vida será tomado como louco, e todavia ele contou coisas estranhas e novas, que nenhum peixe jamais soube ou disse, e alguns o ouviram, alguma curiosidade foi suscitada. Assim, também, no homem comum há um desejo indefinido de progresso, dado pelo instinto de evolução que, nesses casos, se desperta porque todos anseiam subir, ainda que muitos parem no primeiro esforço. O pássaro perderá as asas, viverá e morrerá dilacerado, mas sua descida ao mundo inferior era o único meio para fazer chegar um pouco de luz até lá embaixo, luz que, doutra forma, seria ignorada para sempre. Aquela descida do mundo superior dos pássaros, era o único meio para que alguém, do mundo inferior dos peixes, se movesse e tentasse subir um pouco mais para cima. E o pássaro ou o evoluído continua sendo o mensageiro enviado por Deus como vítima, saindo de um mundo superior para iluminar com seu sacrifício um mundo inferior e ajudá-lo a subir. É assim que se pode compreender essa parábola do pássaro e dos peixes. É verdadeira, porque se baseia em três leis fundamentais da vida às quais correspondem três instintos que são vivos em nós: *1.º) a fome, para conservar o indivíduo; 2.º) o amor, para conservar a raça; 3.º) a evolução, para progredir*. Biologicamente, todos os seres, mesmo os inferiores, possuem também esse terceiro instinto. Há, para todos na vida humana, uma necessidade de subir, que constrange os evoluídos a descer e os involuídos a subir. O encontro é o choque doloroso. Mas é dor genética. A subida só se pode realizar através da dor.

Vimos que Maquiavel nos descreve o mundo inferior dos peixes, sem conhecer o dos pássaros. Ele tem razão, entre os peixes. Mas entre os pássaros, erra. Quando nos diz que é mister mostrar-nos externamente virtuosos, mas que é perigoso sê-lo de fato, permanece fechado nos limites de um mundo inferior. É necessária muita ignorância das leis da vida para errar tanto, e muita insensibilidade para suportar as reações da Lei ao erros que são assim perpetrados. Mentir é esforço; é indispensável sermos dotados do instinto da mentira, isto é, sermos ignorantes e involuídos, para suportá-los. Tudo sacrificar em troca de vantagens efêmeras de um mundo inferior é coisa triste, e só almas ignorantes, capazes de se iludirem, podem fazer tão mau negócio. É muito triste viver e agir assim, sem uma meta mais alta e mais segura, que nos garanta a conquista de valores que não sejam mentira, como na terra. Logo que progride um pouco, precisa o homem de um pão mais nutritivo. Chegar a ser exímio na arte de enganar o próximo não pode satisfazer nenhuma consciência bem formada. O homem fica imensamente mais satisfeito e consegue resultados muito maiores, ao contrário, se conseguiu compreender uma lei completamente diversa do princípio de Maquiavel, ou seja: "*quem faz o bem aos outros, o faz a si mesmo, e quem faz o mal aos outros, a si mesmo o faz*". Aqui já saímos do mundo dos peixes e entramos no dos pássaros. Mas

Acervo Virtual Espírita

tudo na terra quer ficar no primeiro desses dois mundos, e todo o universo é visto, na terra, desse ponto de vista e reduzido aos termos desse ambiente.

Assim, pode haver duas formas de santidade: a íntima que Deus vê em segredo, reconhece e recompensa; e a exterior, oficialmente declarada diante do mundo, perante o qual a primeira pode escapar sem ser vista. Nem sempre as duas chegam a sobrepor-se e coincidir, porque o julgamento de Deus não pode ser igual ao dos homens. A santidade é antes de tudo um fato privado entre a alma e Deus, único que pode julgar no mérito. A satisfação humana é outra coisa. Aqui estamos na terra e a lei da luta invade tudo. Aqui, enquanto o santo está vivo, muitas vezes o perseguem e até o matam. Só quando foi de todo embora, quando a sepultura está bem fechada, e se está bem seguro de que não fala mais, então nasce o grupo que o santifica. Falamos do santo no sentido amplo, isto é, do homem excepcional, que mais tarde um grupo escolhe como bandeira, para que muitos medíocres possam tornar-se um pouco maiores à sua sombra. Assim, cada religião, cada partido político, cada período histórico, tem seus eleitos, porque o instinto de deificação é fenômeno biológico desde as fases primitivas da evolução humana. Ele se inclui no instinto de progredir, pelo qual se procura criar, entre os homens de exceção, modelos para imitar, evoluindo com eles. Seja Lenine, para os comunistas, como o chefe de uma ordem religiosa para esta, seja um general para o exército, seja um mártir para uma idéia, o princípio utilitário para a vida é sempre o mesmo: o grupo escolhe um chefe ideal para sua glória, mas sobretudo para seu poder e defesa. O grupo gosta de criar para si um modelo, mormente para mostrar o que os seguidores pretendem parecer. Que de fato o sejam, isto é outra questão. Numa coisa todos estão de acordo: que o santo escolhido esteja bem morto, e portanto impossibilitado de voltar a ocupar-se de coisas terrenas, que os seguidores gostam que sejam deixadas exclusivamente em seu poder. Entramos aqui no terreno de Maquiavel. Ter que suportar o controle direto por parte de um santo vivo, justamente nesse terreno em que se apaga todo princípio superior, seria um contraste e um empecilho.

Os homens da terra, pelo instinto de progredir, têm mais ou menos a intuição de que, nesses casos, existe um ser superior. Mas eles continuam a ser práticos, no terreno positivo: limitam-se a usá-lo. Imitá-lo é muito difícil. Bem sabem eles que assim é, e pouco pensam nisso. A santidade não é comida para todos os dentes. Mas alardeá-la é vantajoso. O homem prega e faz muitas coisas bonitas, mas se quisermos compreender por que as diz e as faz, acharemos que a verdadeira e última razão quase sempre é apenas uma utilidade sua. Só os ingênuos podem acreditar no que dizem os astutos: isto é, que se possa fazer algo sem tirar vantagem. Todos têm o alvo “útil”. E isto não constitui culpa: é a lei da vida. É erro pensar que isto, como princípio, seja uma culpa. O defeito reside na baixeza da utilidade que queremos alcançar, e por isso desaparece no ser superior, que põe a sua utilidade no amor ao próximo, no amor de Deus.

Não nos escandalizemos desta utilitariedade da vida. Em sua sabedoria, ela consegue extrair utilidade de tudo, até mesmo dos instintos elementares do homem. Explora-se o santo, mas assim se alardeia a virtude, e as massas que só sabem pensar com a cabeça de quem as guia, aprendem regras melhores de vida, assimilam alguma coisa por sugestão, aplicam também algumas delas, fazendo tudo por imitação. Como ensinar a gente que não sabe e não quer pensar, porque isso cansa, se não com a repetição mecânica de máximas simples, axiomáticas, que não requerem nenhum esforço mental? E no entanto, assim se progride. Deste modo é atingido o alvo da vida, ainda que

Acervo Virtual Espírita

apenas na forma permitida pelo estado de involução humana. Imitação. Nisto tudo vemos, mas que o defeito do homem, a sabedoria da vida, que sabe tirar partido de tudo, até dos defeitos. Que poderiam as massas assimilar do super-homem, se tivessem contato direto com ele? Quando isso aconteceu, eles perderam a ocasião, por absoluta incapacidade de compreendê-lo. Se não houvesse essa exploração utilitarista por parte dos grupos, quem desempenharia a função de intermediário entre o mais e o menos, para torná-lo acessível a todos? Quem funcionaria como redutor de potencialidade do gênio que queima, até à tepidez dos cérebros pequenos da maioria? Quem fixaria no concreto prático o relâmpago evanescente de um pensamento que atravessa o mundo como um meteoro? A vida é uma construção orgânica em que cada indivíduo tem a sua respectiva função útil. E também os involuídos fazem parte dela e devem executar o seu trabalho. No seio da vida nada é fátuo, mas tudo é sábio, até mesmo aquelas manifestações mais elementares que podem parecer tolas aos mais orgulhosos.

Assim, o instinto do progresso leva os primitivos a imitar os mais evoluídos, porque a lei de evolução é fundamental e impera soberana. Vimos que as necessidades básicas que a vida impõe, são a fome, para a conservação individual, o amor, para a coletiva, e a evolução, para que tudo isso não signifique trabalho inútil, mas sirva, ao invés, para progredir. As formas materiais da vida são revestimentos, para fim de aprendizado, de princípios espirituais, que nelas decaem, e a meta suprema desses princípios é remontar a Deus. Assim as três supracitadas leis: fome, amor, evolução, são três degraus consecutivos, o primeiro dos quais serve para passar ao segundo, e o segundo para alcançar o terceiro. A fome para conservar o indivíduo, a fim de que este, amando, conserve a raça, para que esta, experimentando por sua conta e aprendendo dos mais evoluídos, progrida. A meta final de tudo é a subida. E na vida, o trabalho é dividido: os involuídos tendem a permanecer servos, porque nada mais sabem, e fazem o trabalho material de conseguir o que serve para satisfazer a fome de todos. A mulher, ao invés, é incumbida do amor. Seu trabalho é, com sua arte, apoderar-se da semente do macho, que lhe pertence e que ela defende como propriedade sua, e assim gerar e depois criar a prole. Os evoluídos são incumbidos da evolução. Seu trabalho é apoderar-se das massas humanas, produto dos dois trabalhos precedentes, a fim de elaborar o fruto de ambos. Trata-se sempre de apoderar-se. O esforço do anjo decaído para reconquistar o paraíso perdido, ou seja, para, do caos criado com sua revolta, reconstruir a ordem, esse esforço compete ao macho. O tipo biológico do evoluído é que se coloca à frente da marcha ascensional da humanidade. É o pioneiro do porvir, o explorador de novos continentes do conhecimento, ainda que, nos graus menos evoluídos, ele seja apenas o prepotente, que impõe com a força uma nova ordem. A vida o respeita, e, representando ele um valor biológico, mais cedo ou mais tarde ele impõe respeito ao instinto das massas.

Observemos os instintos. Falam-nos claro, revelando-nos o pensamento diretivo e a vontade da vida. Assim, o homem se sente impelido, sem saber por que (e obedece sem discutir) a utilizar o produto da vida alheia, seja planta ou animal, para nutrir-se, e deles se alimenta. Por outro instinto, sem discuti-lo, o homem é impulsionado a utilizar a mulher para reproduzir-se, e então ele ama. Enfim, para satisfazer seu instinto de progresso, é o homem levado a utilizar o super-homem, e por isso o venera, glorifica e imita, embora o tenha antes desprezado e perseguido. São estes os valores da vida, por ela ansiado através dos seres que a representam; estas são as coisas preciosas e

Acervo Virtual Espírita

defendidas na economia utilitária da natureza, que sabe ser econômica nas coisas de somenos importância e riquíssima onde se acham a de maior importância para seus fins. Por isso ela é avara em fornecer meios para viver, porque quer nosso esforço a fim de procurá-los e depois dessa busca, sabe até ser pródiga. Por isso é exuberante de sementes geradoras mas, a seguir, nos dá uma existência precária, para que se aprenda na luta. Por isso deixa os super-homens em poder dos involuídos, a fim de que, nesse atrito sejam testados, e se revelem e afirmem na luta. Assim, a vida utiliza tudo para seus altos fins: um bom alimento, como uma mulher bela, ou um herói ou gênio ou santo, defendendo seus valores e abandonando o inútil, rica e pródiga onde se encontra a meta alcançar, pobre e avarenta no que lhe não interessa, demonstrando claramente com esses sinais inequívocos o seu pensamento.

Por isso, como o bom alimento ou a mulher bela, o super-homem é ansiosamente desejado. Mas, para utilizá-lo, não o podemos nem devorar, nem fecundá-lo. É mister imitá-lo. E isso é difícil. Ele pensa e age tão diversamente dos outros! E ele é só um modelo, mas o esforço de subir é indispensável que cada um o faça de per si, sozinho. Também os macacos imitam, mas só o lado externo, sem compreender o significado dos atos que repetem. Assim também as massas limitam a imitar as atitudes aparentes, e julgam que a santidade consista em jejuar ou dormir no chão, e que ela resida na pobreza, na castidade ou na humildade etc. não percebem que estes são apenas acessórios exteriores, o lado negativo da renúncia à terra, e não o lado positivo e verdadeiro da santidade. Mas o homem só vê a terra e concebe todo o universo em relação a esse único ponto de referência. Foi por isso que reduziu a paixão de Cristo particularmente à carnificina de um corpo, já que o resto se acha mais longe do seu mundo.

No entanto, a santidade é algo de positivo, de construtivo no espírito, e não apenas destrutivo no corpo; é feita com a renúncia, só para conquistar mais e em ponto mais alto; é feita com a solidão apenas para abraçar todas as criaturas; é feita com os ócios materiais e aparentes da contemplação, unicamente para dinamizar-se numa atividade espiritual maior. Assim, do santo, o homem imita o que mais compreende, mas que vale menos, mas também o que melhor assimila, porque mais próximo da sua natureza de involuído. Todos temos riquezas imensas a nosso lado, todavia, na sabedoria da natureza, só nos é dado agarrar o que merecemos, compreendemos, o que podemos alcançar e assimilar. Por isso, é natural que o homem comece imitando a exterioridade , enquanto lhe escapa o que vale mais. Mas a vida não pode pedir mais a um ser material, que tende a reduzir a atividade espiritual a movimentos físicos de boca, braços e pernas.

De tudo isso nasce novo conceito de virtude. Em outros termos, surge em primeiro plano o conceito de virtude positiva, enquanto passa ao segundo plano de virtude negativa, tal como foi prevalentemente compreendida até hoje, ou seja, virtude que consiste mais em não fazer. Não pode negar-se que uma pedra satisfaça às virtudes de pobreza, castidade e obediência, pois ninguém é mais pobre, casto e obediente que uma pedra. No entanto, bem longe está uma pedra de ser santa. Dessa forma, encoraja-se a inércia, sufoca-se o eu, oprimindo-o, ao invés de desenvolver-lhe os recursos. Mas isto se explica. O homem está situado na animalidade e, se esse é seu mundo e sua casa, desde que ele não conhece ainda a nova, só lhe resta destruir a velha. Mas claro que isso não é construir. Entretanto, que mais pode fazer, quem não sabe construir? Então, esperam-se os construtores, os santos, os heróis, os guias do novo caminho. Explica-se isso, também,

Acervo Virtual Espírita

como conseqüência da luta pela vida, em razão da qual cada pregador de virtudes sente necessidade de cercar-se de ovelhinhas obedientes, antes de encontrar diante de si o santo independente. Tudo se explica. Mas desse modo, sobra-nos apenas uma virtude triste, com sabor de punição; no entanto, ainda que tenha que ser assim nos seus primeiros passos penosos, deverá ser alegre e construtiva, na sua parte melhor, numa forma que tem sabor de conquista e de triunfo. Devemos ser virtuosos, porém com mais inteligência. Consiste a virtude em fazer a vida elevar-se, e não mutilá-la e matá-la. E nesse ponto vemos como é útil, mesmo no terreno prático, Ter compreendido o fenômeno do universo, já que só desse conhecimento é que se pode deduzir uma moral da qual podem compreender-se todos os postulados de acordo com as leis da vida, e podem ser elas logicamente demonstradas à razão. Elevemo-nos: - esta é a regra. É o conceito da evolução que nos indica a escala de valores.

Elevemo-nos, ou então cairemos no mundo de Maquiavel, que é um mundo de traições. Ele também nos oferece estima e respeito mas só invejando-nos e odiando-nos, e enquanto formos fortes. Nesse mundo, o vencido e o fraco nem sequer são odiados, mas lançados fora com desprezo devido ao vencido. Mundo em que a morte de um é vida do outro; mundo em que o amor luta para procriar e o ódio para matar. Mundo em que cada momento de vida deve ser conquistado contra todos, numa luta sem tréguas, em cada pensamento e ato. Estamos tão permeados de luta, que mesmo quando oramos a Deus, lutamos para cavar favores. A batalha atinge até o terreno moral que é o mais alto e próprio das religiões. Desse modo faz-se a guerra ao próximo até em nome da virtude. Os próprios princípios dos planos superiores mais livres têm que assumir, para subsistir na terra, a forma de imposição moral sustentada por sanções correspondentes. Há luta, não só entre homens, mas entre planos de vida. E é interessante observar como ocorre o embate entre forças do Evangelho e as da animalidade humana, e ver que contorções têm que sofrer esses princípios superiores, quando descem em contato com a dura realidade da vida terrena, a fim de conseguir adaptar-se a ela. Maquiavel dá-nos uma idéia disso. E veremos então que o Evangelho, na terra, toma forma de utopia, e a virtude, de mentira. Desfralda-se então a bandeira do amor fraterno, do altruísmo, do espírito de sacrifício, ocultando por baixo a vantagem material, explorando tudo no interesse próprio. Tudo isso é um fenômeno biológico que pertence a todas manifestações da vida na terra, em qualquer lugar, tempo e religião. Não estamos, pois, julgando ninguém, mas apenas fazemos constatações biológicas objetivas e com absoluta imparcialidade.

O primeiro erro é de quem exige a virtude, no próximo, de forma antivital, isto é, pretendendo ter, em nome da virtude, o direito de sufocar a vida nos outros. É natural, então, que esta se rebele, para não deixar-se sufocar. Com efeito, tudo o que atenta contra a vida, atenta contra Deus que a quis. Então, a virtude, na terra, assume a forma de luta para todos se esmagarem mutuamente: de um lado os moralistas que a impõem, sufocando, de outro, seus discípulos que não se querem deixar sufocar. Mas, de um modo geral, estes sabem defender-se bem por si mesmos, e esta é sua melhor sabedoria. No atual estado de involução humana, é tão grande a ignorância, que se torna inútil pretender resolver os problemas com a inteligência e a bondade. Por isso, só existe o caminho longo, duro e doloroso da luta. Assim resolve a vida os seus problemas. Mas bem sabemos com quantas dores. E assim, com estas, o homem paga a sua ignorância.

Acervo Virtual Espírita

Tudo é justo e se explica. Num plano de vida involuída, a virtude não é sentida, nem espontânea, nem compreendida. Só pode ser imposta pelo mais forte e aceita pelo mais fraco com repugnância, pois a vontade de viver só existe em forma animal. Nesse nível, a virtude é um peso, uma perseguição. E o indivíduo que aceita essas cadeias, sente-se no direito, de acordo com a psicologia de seu plano, de ter ciúmes de quem não está acorrentado como ele às mesmas virtudes, e portanto pode gozar de liberdade. (Assim, de fato, a liberdade na prática não é mais do que abuso). Ele sente-se autorizado, em nome da própria virtude, a desviar os seus sofrimentos contra os que não estão presos a estes, ou seja, os não virtuosos. Nasce assim o santo zelo agressivo e a procura da satisfação ao próprio rancor – filho do instinto de conservação na luta pela vida – exigindo que o próximo fique amarrado à mesma virtude a que ele se encontra ligado. Dizem: "ao menos, já que devo fazer sacrifícios e renúncias, que as faça também o próximo". E é assim que alguns pregam e impõem a virtude. No plano animal, nada além disso se pode obter. Mas qualquer pessoa vê quanto tudo isso está longe do princípio do Evangelho, do "ama teu próximo".

Se na terra são fixadas algumas normas como virtudes e estas são aprovadas e exaltadas, deve-se isso ao fato de que elas podem ser utilizadas pelos involuídos como arma, a fim de lutarem pela própria vida, para combaterem melhor com ela contra o próximo. Se a caridade é proclamada e aplicada em forma de beneficência, pode ser isso devido também ao fato de que, com ela, podem recolher-se da piedade pública, fundos dos quais mais tarde podem viver os organizadores. Assim, os beneficiados podem ser um pretexto para encobrir interesses materiais, ou seja, a indústria da beneficência ou desejo de glória. Mas, que o homem atual ame e tenha verdadeiramente predileção pelos deserdados, em seu instintivo egoísmo individual, é coisa em que alguns podem não acreditar. Mas pode ser conveniente, aos piores, a bela mentira de uma caridade utilitária. Quantas coisas belas e grandes se fazem pelos pobres! No entanto, o problema é descobrir se, por detrás de tanto barulho, os pobres gozam sempre realmente alguma coisa, ou se apenas para eles sobraram as migalhas do repasto. Porém, como pode admitir, quem conhece o homem atual, que ele sempre trabalhe desinteressadamente pelo próximo? Não dizemos que a vantagem seja o furto, o que seria escândalo, mas pode-se conquistar uma posição, o que se admite, ou a glória, o que é tolerado, e assim por diante. O alvo pode ser também o do domínio moral da classe, base do poder. Por que na Europa, o Clero sempre lutou para manter o monopólio da instrução pública, com as escolas, contra o ensinamento dado pelo Estado, e sempre procurou, ao menos, reservar para si uma cátedra de religião? No entanto, como pode acreditar, quem conhece o homem de hoje, que interessem a alguém os princípios em si, quando não signifiquem interesse de domínio individual ou de casta? Quem é que pode acreditar que o homem, em cada caso, gaste suas preciosas energias por algo que lhe não renda de forma positiva e imediata? Existem , sem dúvida, muitos casos genuínos de admirável bondade e sacrifício, mas pode-se também pensar que nem tudo o que brilha seja ouro.

Esta é a contorção que tem que sofrer o princípio da virtude, para descer à terra, no campo em que se debate o problema da conservação individual. Nada disso ocorreria, na aplicação da virtude, o homem amasse o seu próximo, isto é, levasse em conta os direitos que também seu semelhante tem à vida, respeitando-o, ao invés de servir-se da virtude alheia para dominar. Só há uma solução para o problema: a de fazer

Acervo Virtual Espírita

viver, ou melhor, a de ajudar todos a viver. O homem quer, antes de tudo, viver. Se isso pode desagradar ao inimigo, que então o condena, não é por certo culpa, diante de Deus. Em nosso plano, quando alguém quer sufocar-nos no direito de viver e nos asfixia tirando-nos o ar, o espaço e aquilo que necessitamos. Deus não desce a ajudar-nos diretamente, mas faz através de nos mesmos e diz-nos: “defende-te, ajuda-te”, porque o esforço de defender a nossa vida deve ser nosso.

Então, se por exemplo, de um fraco que não tenha outra defesa senão a mentira, quiséssemos pretender, em nome da virtude, que dissesse sempre a verdade, fazendo-o assim renunciar à única arma que tem para defender sua vida, os culpados seríamos nós que, em nome da virtude, o agredimos. Isto porque, para poder exigir dele uma virtude que o desarma num mundo de armados, temos primeiro o dever de libertá-lo da necessidade de usar esse meio de defesa, e isso garantindo-lhe um mínimo espaço necessário para viver. Garantir isso a todos, eis a grande obra da justiça social a ser realizada. Só desse modo poderão cessar as reações ao esmagamento, que dissemina tantos rancores nos oprimidos. Esta é uma das razões das revoluções. O povo reconhece que os princípios são justos e percebe quando a classe dominante o atraiçoa enganando-o. Exige que também os chefes apliquem esses princípios. A revolução francesa foi baseada no ateísmo, porque o clero francês, em nome de Cristo e pregando o Evangelho, só cuidara de apoderar-se das melhores posições sociais, traindo Cristo e o Evangelho. E ainda agora, se o povo às vezes se revolta, fá-lo em geral contra todos os maus ministros que o merecem. Apenas fazemos aqui amargas verificações de sentido geral, e tanto mais amargas porque se referem ao mais preciso e delicado terreno, o espiritual e moral, ao passo que Maquiavel o fazia apenas no terreno mais baixo, onde mais fácil era prescindir dos princípios superiores. Na prática, infelizmente, a virtude é muitas vezes propugnada e defendida até porque é um meio de sufocar a expansão vital do próximo, e pode transformar-se numa arma de agressão, num meio útil, na luta pela própria vida. Repitamos que esse princípio da luta invade tudo e nada lhe escapa na terra. O santo, o homem evangelizado que de verdade a tudo isso renuncia, só pode viver com o auxílio de forças supranormais que descem até ele somente, porque somente ele pertence àqueles planos.

O amor é o fenômeno que a moral quer disciplinar mais do que todos os outros, e isto é um grande bem. Ele preside à conservação coletiva, pela qual luta a vida com vontade de ferro. Depois da conservação individual, é este o outro centro, em redor ao qual ferve e planeja, e naturalmente se verifica a contorção dos princípios, quando de um mundo superior, são transportados à terra. Assim, a virtude da castidade, na prática, pode ser enaltecida porque serve para ter, em quem a segue, um rival de menos no terreno do amor; como a virtude da pobreza pode ser exaltada porque serve para ter, em quem a observa, um rival de menos no terreno do bem-estar material. Na realidade biológica positiva, que é de Maquiavel, parece que essas duas virtudes, a da castidade e pobreza, podem ter também esse sentido. Se aí acrescentarmos também o terceiro voto franciscano, o da obediência, teremos o próximo reduzido a zero, completamente demolido no plano biológico, o que significa poder conquistar-se todo o espaço vital à custa dele e em vantagem própria, ou seja, um atalho fácil para vencer, subjugando, na luta pela vida. Tudo isso é muito triste, mas a vida também pode aparecer assim, do ponto de vista de Maquiavel, de acordo com a realidade biológica. Na terra, tudo pode ser virado ao contrário e falsificado. E temos que conhecer também esse aspecto da vida.

Acervo Virtual Espírita

Repetimos: tudo isso é muito triste. Mas é assim que aparece o nosso mundo, visto dos planos superiores, dos quais desce este pensamento.

Assim, pode sustentar-se a santidade do matrimônio para que o vizinho cerceado por ela e dentro dela aprisionado com sua mulher, não possa atentar contra a mulher do moralista, enquanto que a este muito agradaria atentar contra a mulher alheia. Assim toda mulher, tendo em vista que a ela sobretudo pertence a função biológica do amor, é a guardiã natural e desapiedada da virtude em todas as outras mulheres, mas isto só para excluí-las de seu banquete, em que triunfa ou espera poder triunfar. Assim, em nome da virtude, pode justificar-se e tem foros de cidadania, ao lado do amor ao sexo oposto, o ódio e a perseguição contra o próprio amor. Por isso as mais denodadas defensoras da virtude, em matéria de amor, são as mulheres feias, que não encontram quem as satisfaça, as irritadas solteironas, as frígidas, as desiludidas que desafogam na raiva, escondidas sob o manto da virtude, tudo o que não foi possível desafogar no amor. Estamos nos antípodas da bondade evangélica, e desse modo o verdadeiro sentido cristão está invertido. Com efeito, Cristo escolheu Madalena entre as mulheres que mais haviam amado, ainda que carnalmente, mas tinham amado, e não estavam irritadas pela renúncia forçada isto porque o Amor é a lei da vida. É triste quando ele está corrompido, mas qualquer amor é sempre melhor que o azedume, que a vingança, que o ódio.

Se esse é o abuso que se pode fazer, das normas que pretendem regular a vida humana, não se pode negar sua utilidade como normas de vida para a maioria, e quão grande conhecimento da natureza humana elas exprimam, em vista dos instintos animais de revolta e luta, de egoísmo e avidez do tipo biológico dominante, qualidades que aquelas normas presumem nele. Elas são feitas para a maioria no nível animal. Para uma minoria mais evoluída, em que os instintos já estão transformados, certas normas podem não ter sentido e, se aplicadas a personalidades fracas, podem até provocar complexos de inferioridade. É um fato positivo que o ambiente terrestre representa uma força, tem suas leis e seus direitos. Quando o céu desce à terra, para aqui enxertar uma vida nova, tem que levar em conta tudo isso, deve suportar o choque da reação por parte das forças ativas neste ambiente. Aqui, onde reinam os princípios de vida de um plano inferior, o santo aparece como um intruso e um violador. Só pode ser um mártir destinado à destruição, um utopista tolerado apenas enquanto não agride nem prejudica e, depois da morte, enquanto dele se pode tirar proveito. Se olharmos bem, poderemos ver que a exaltação que se faz a tantos grandes homens, pode às vezes ocorrer também em função de sua capacidade de ser explorados. Seria possível que o tipo biológico involuído, como é, exalte outro homem se isto não lhe servir para qualquer vantagem sua egoística? Não dizemos que tenha que ser o dinheiro. Há tantos desejos e tantas vantagens na terra! Como poderia ser diferente num mundo em que cada posição, pela necessidade de uma luta universal sem tréguas, há de transformar-se numa trincheira ou refúgio, para ataque e defesa? Então, a própria posição social, qualquer que ela seja, pode representar o castelo do ataque e da defesa, pois o involuído sabe que o animal sem toca, está perdido.

Como se vê, não discutimos cada uma das instituições sociais, posições jurídicas, governos ou religiões. Discutimos, sim, os princípios da vida e sua aplicação entre os homens. Procuramos compreender e expor a verdade mais verdadeira, a que é mais difícil de conhecer, a mais escondida, mas a mais escaldante, a que mais se proíbe de dizer. E isto porque, sendo ela a mais verdadeira, e é a que mais se mantém escondida na batalha para viver, pois representa a verdadeira face do homem, a medida

Acervo Virtual Espírita

de suas forças, as qualidades de suas armas, a natureza da sua estratégia, justamente aquilo que o homem precisa deixar o inimigo conhecer menos. Essa verdade é a mais proibida de falar-se, porque descobre o jogo sujo e oculto que revela a animalidade, a vergonha da baixeza dos instintos, métodos e alvos, coisas cujo reconhecimento representa uma degradação que ofende o orgulho humano. Pode parecer que estejamos fazendo aqui maliciosamente a acusação da humanidade. Não. Mesmo sem ofender ninguém em particular e respeitando a todos, é necessário ter a coragem de enfrentar os problemas de face, com sinceridade, para vermos claro e sem mentiras. Ai de quem começa a iludir-se a respeito da natureza real dos fatos. Qualquer construtor, antes de iniciar o trabalho, tem de examinar bem e conhecer a estrutura do terreno em que quer edificar; senão, construirá mal e tudo ruirá. Temos de partir de bases positivas daquilo que a realidade biológica nos oferece. O otimismo que devemos alcançar deve ser férreo, ou seja, não fácil e simplista, de sonhadores ignaros do mundo, mas um otimismo que arrombou todas as portas e venceu todas as resistências. Não podemos criar o terreno, ele é o que é. Não podemos criá-lo para nós. Compete à habilidade do engenheiro saber construir nele, conhecendo-lhe os defeitos, suprindo as falhas e utilizando o que for aproveitável. Detestamos ilusões, e a elas preferimos uma realidade horrível mais verdadeira. E suas bases mais positivas, as temos encontrado nas leis da vida, nas forças em ação no mundo humano, nos instintos do homem e na realidade biológica. Este volume é diferente dos anteriores e, por ocupar-se mais da terra que do céu, podemos nele dizer o que não foi dito nos outros.

Assim surge à luz fealdades que não deveriam ser expostas. Mas não as dizemos, por certo, para demorar-nos nelas com alegria, antes, experimentando todo o horror, estudando todos os meios que pode oferecer-nos a vida para sair delas, e desesperadamente convidando a todos que as usem, a fim de fugir a elas. Fazemos um trabalho de análise do mal, para curá-lo, fazemos um diagnóstico triste, para libertar-nos de aflições que nos fazem sofrer a todos. Não culpamos ninguém, e o único inferno que prometemos é o de permanecer na estrumeira atual, o que já nos parece bastante horroroso. Ser involuídos não é culpa, mas demonstramos à religião e ao sentimento que isso constitui grave dano, e que conseguir sair daí é enorme vantagem. Se o homem compreender que muitas de suas dores derivam do atrito nascido da luta de todos contra todos, da falta de conhecimento dos próprios deveres e dos direitos alheios, e da reação natural dos oprimidos; se o homem compreender tudo isso e a imensa vantagem de todos com a confraternização, a terra se transformaria em paraíso. Mas essa compreensão tem que ser conquistada pois só pode ser atingida com o desenvolvimento da inteligência, que é construída e ganha mediante a nossa experiência penosa. Aqui procuramos abrir as mentes a essa nova forma de vida. As leis biológicas já estão escritas, o caminho esta traçado, é necessidade absoluta seguir por ele, mas nós é que temos de percorrê-lo, transformando-nos aos poucos.

O espírito de egoísmo e de revolta, a desordem dominante em seu modo de viver, provam que o homem atual é involuído. Os índices da evolução são o altruísmo, a disciplina, a ordem. Quanto mais se sobe, mais o indivíduo se harmoniza. Quanto mais se desce, mais ele é rebelde, indisciplinado, desarmônico, caótico. O homem ainda mata. As próprias religiões que pregam o mandamento “não matar”, admitem e abençoam as guerras, realizaram mesmo as guerras santas, reconhecem, no grupo dominante, o direito de matar em nome da justiça, que, em última análise, é apenas auto-defesa. Quanto mais

Acervo Virtual Espírita

se desce na escala evolutiva, e menos são defendidas a propriedade e a vida, mais áspera é a luta, maiores os perigos e as dores. Quanto mais se desce, mais a morte de um é a vida do outro. Quanto mais se sobe, mais a vida de um é a vida de outro. É assim que se explica, nos involuídos, a alegria de matar. Desse modo, quanto mais se desce, maior é o instinto de agressividade, mais forte o egoísmo, mais caótica e insegura a vida. Mas, é lógico que, quanto mais se desce, maior é o separativismo individualista que ignora o vizinho, maior a mortandade e maior a dor, porque a vida é mais quebrada, por motivo de um ritmo mais acelerado de vida-morte, que exprime o estado de cisão que, como conseqüência da queda, aumenta com a descida.

Num plano mais alto, desaparece tudo isso. Cessa a agressividade e o desejo de matar, tudo se arruma e harmoniza, o indivíduo é protegido na vida e nos haveres, as dores são menores e os direitos maiores, e ele não esta mais isolado no caos, mas é uma célula da grande organização social. Isto, porém, pertence ao futuro. Muitos perguntam ingenuamente, porque até hoje esta triste necessidade de fazer guerras. Mas a razão é o estado involuído das maiorias humanas, são seus instintos. Esse duro destino é causado pela própria natureza do homem atual, por sua psicologia que revela seu plano biológico, em que só o mais forte vale e tem direito à vida. Não são esses princípios aplicados diariamente nas competições da nossa vida chamada civil? Como pode o homem tornar-se outro, logo que entre no campo das competições internacionais?

Em vista da forma mental desse biótipo, o embate entre os dois grandes contendores, que hoje ficaram em pé no mundo, é fatal que ocorra mais cedo ou mais tarde. Tudo isso está já em embrião, e não pode deixar de desenvolver-se. Não pode ocorrer diferentemente num mundo em que vingam esses princípios. A guerra é inevitável, onde é preciso decidir quem é o mais forte, pois só a ele compete a viver. A fim de terminar com as guerras, é indispensável uma psicologia completamente diferente e, para que o mundo possa chegar a ela são necessárias destruições e dores imensas, experiências apocalípticas, proporcionadas à grandeza da transformação que deve realizar-se no homem. Estão abertas as portas do progresso. E quando a gangrena chega ao coração, o cirurgião que quer salvar o doente louco, o arrasta e o amarra à mesa de operação e, para salvá-lo o esquarteja. Essa é a operação cirúrgica que Deus se prepara para fazer na humanidade a fim de salvá-la.

Esse é o mundo de hoje. Isso não é culpa, é apenas ignorância. Mas isso não impede que se deva pagar da mesma forma. E a humanidade está pagando, e tanto pagará que será obrigada a aprender. A dor é um grande mestre. A vida hodierna é um erro psicológico, baseia-se em ilusões mentais. Compete o homem entrar num terreno de utilitarismo superior, substituindo, ao antigo método de seleção do mais forte, isto é, do mais prepotente, ao método de seleção do mais inteligente e, por fim, do mais honesto. A solução do problema do bem-estar não se situa só na justiça econômica, mas em se reconhecerem todos os direitos do próximo, e esse são de muitos gêneros, e não apenas econômicos: consiste em deixar espaço vital suficiente para todos, sem sufocar ninguém. Os povos e a humanidade só poderão refazer-se com o progresso do indivíduo, levando primeiro à frente seus componentes um a um. O progresso coletivo não pode ser alcançado senão com o progresso de cada um. É mister respeitar o princípio utilitário fundamental da vida, pelo qual só se faz algo em vista de uma vantagem a ser obtida. Mas se todos precisam obter algo, não há dúvida também de que todos têm algo a dar;

Acervo Virtual Espírita

assim há para todos uma possibilidade de troca. É a lei do "do ut des", do mundo econômico. Ela foi condenada na "*Grande Síntese*", porque aí foi olhada dum ponto de vista mais elevado. Mas, nos planos inferiores, é preciso reconhecer que cada concessão altruística do egoísmo humano que dá, só é obtida em presença de uma contra-doação da parte do egoísmo oposto do outro, nosso semelhante. Isto é o máximo de justiça que se obtém no plano humano. Esse é o máximo de fraternidade possível neste nível, em que o estado mais involuído implica maior separativismo egoísta. Nas o "do ut des" já é um equilíbrio e, na troca, uma tomada de contato, o maior abraço que permite o egoísmo dominante nesse nível. Esse já é um primeiro início de ligação entre os indivíduos, na estrada que leva aos grandes organismos das futuras coletividades sociais.

A vida não pode oferecer em cada plano uma perfeição maior que aquela que pode suportar naquele plano. É uma mãe que ocultamente e tão misteriosamente nos protege, que por vezes nos parece cruel. Mas, nada faz ela no vácuo, inutilmente, sem finalidade benéfica, mesmo quando nos faz sofrer. Verificando estas lealdades, apenas contemplamos os erros dos planos inferiores, ou seja, os mais afastados de Deus. Mas isto nos leva sempre em direção ao centro, Deus, e faz-nos ver como, com sua sabedoria, Ele permanece sempre presente, mesmo nesses planos. A natureza é justa quando, dando a todos uma arma para defender-se, quer que todos vivam. A quem mais não tem, dá a fuga ou a mentira. quando nós, escandalizados, quisermos em nome de uma lei mais alta – que ainda é um absurdo nesse plano – tirar ao indivíduo a única arma que ele tem para defender sua vida, podemos perguntar-nos se temos o direito de despojá-lo daquela sua única proteção, impondo-lhe renúncias, sem antes lhe garantir pacificamente o que aquela defesa queria defender. A desobediência a uma verdadeira chamada do Alto para nos elevarmos é, sem dúvida, um erro que se paga. Mas a resistência contra a tentativa de estrangulamento da vida, ainda que feita em nome do ideal, é legítima defesa que a vida impõe ao homem, através do instinto.

É difícil dar normas particulares para a aplicação dos princípios em cada caso prático. É necessário ver, caso por caso, levando em conta sobretudo o tipo biológico a que tudo isso se aplica. A maioria involuída precisa da virtude imposta e do terror do inferno, porque, sem o império de uma autoridade, e sem o medo da própria condenação, nada de bom faria. Mas, para os mais evoluídos, esses métodos são inaceitáveis e produzem o afastamento da fé. Tudo o que se faz na terra, é feito em relação e proporção às qualidades dominantes da maioria. Às minorias compete apenas adaptar-se, num mundo que não é feito para as suas medidas. Ainda aqui é o mais forte que vence, sendo a força, neste caso, representada pelo número.

O poder do santo pertence a planos superiores, tanto que, na terra parece fraqueza. Sua arma defensiva é tão evoluída que se torna amor. Ele se deixa explorar, e esse é seu triunfo. Ele personifica a inversão dos valores correntes, por isso, entre ele e o homem normal não podem nascer rivalidades, como não nascem entre pessoas que têm necessidades e metas diferentes, de modo a não terem pontos de contato e portanto de atrito. Não havendo competições, nem rivalidades, não há luta. Tanto menos elas poderão existir, enquanto o evoluído e as massas involuídas desempenham trabalhos complementares, e portanto estão entrosados, um em função do outro. Para o evoluído, o trabalho é civilizar, para as massas, ser civilizadas. Em geral o santo não pode ser, e não é de fato, compreendido pela maioria, e o seu triunfo se fundamenta num mal-entendido. Há por certo, outras razões biológicas, pelas as quais a vida exige a vitória do tipo mais

Acervo Virtual Espírita

evoluído. Mais próximas, todavia, aparecem as razões da realidade mais perceptível. Como podem esquecer-se e silenciar, diante do santo, os instintos utilitários da vida? Sem dúvida uma intuição confusa faz sentir às massas, através do julgamento dos mais adiantados, que naquele homem há um raro campeão. Mas é suficiente isso para que contra ele não se exercite o egoísmo humano?

Ele é sempre um renovador e, quando não é morto por isso, e sua inovação e superioridade atraem prosélitos, forma-se então o grupo em que ele fica sendo o núcleo espiritual, a idéia central, de que aquele grupo, para sua vantagem, inicia a defesa contra todos os outros. Começa então a glorificação do santo, os reconhecimentos oficiais, forma-se a corrente favorável na psicologia coletiva, chegam os meios, constroem-se os grandes templos em sua memória. Se na vida, o santo é um grande independente, dificilmente domesticável, porque foge para outro seu centro de vida, que os normais ignoram, estes esperam que o santo esteja bem morto, porque só então estão bem seguros de que a sua figura não pode nem mudar, nem reagir, e é possível apoderar-se dele. As massas sabem que o santo não é imitável, mas que no entanto, é utilizável como farol luminoso e remoto, para interceder junto a Deus, para dar glória ao próprio grupo ou cidade de que faz parte, para ganhar o paraíso com as indulgências pedidas pelo santo no céu. Utilizar, é a vontade da vida, que fala através do instintos das massas, às quais não se pode pedir mais, e que exigem isso; tal é a natureza humana em seu plano, e não se pode inculpar ninguém. Este é o único modo em que um pouco do céu pode descer à terra. Foi assim que se firmou o sistema das indulgências, porque esse é justamente o sistema que satisfaz ao desejo, e corresponde à mentalidade da maioria.

Com isto, queremos só explicar, e não acusar. Fugimos da acusação fácil do próximo, qualquer que seja ele. De tantas coisas foram acusados os ministros de todas as religiões e crenças – e isto em nome da virtude – como aliás o fazem todos os acusadores, que se julgam sempre do lado da razão e de Deus, e condenam ao inferno ou a seus equivalentes, todos os que lhes são contrários! Essa é a luta pela vida, igual para todos. Mas os acusadores, quaisquer que sejam, deveriam confessar que em geral, para viver, condenam só enquanto lutam contra um grupo inimigo, tendo os mesmos defeitos que eles, e lutam, para substituí-los com os mesmo métodos, na mesma posição. Acusadores mais leais deveriam reconhecer que são da mesma raça e plano de vida dos acusados. Assim, por exemplo, censurou-se o cristianismo por usar a ameaça do inferno. Mas, sem falar da necessidade dessa pressão, para poder conseguir-se algo dos involuídos, a reação contra esse inferno era justamente só para desarmar da única arma, que só podia ser psicológica e espiritual, e assim melhor vencê-lo. Num tal mundo, como podia sobreviver sem armas uma casta, a quem se deve, sem dúvida, o ter podido o cristianismo chegar até nós? E, acusando, não realizam os acusadores o mesmo ato de condenação que a Igreja usa, com a ameaça do inferno.

Tudo é luta pela vida, de todos contra todos. Tudo na terra pode ser transformado de bem em mal. Assim, a defesa dos princípios pode, ao invés, constituir de fato uma busca de prosélitos, sobre os quais mais tarde se possa elevar o próprio trono, e transformar-se desse modo na caça aos mais sugestionáveis e fracos. Estes, por sua vez, aceitam os princípios para achar um refúgio, um pão, uma defesa. Quantos vezes uma profissão de fé pode servir para resolver o tão difícil problema da vida! Esse problema é o que todos bem compreendem, e que a realidade impõe que compreendam. Mas ter uma fé, crer, é talvez uma ato em que poucos estão em grau de compreender totalmente, e

Acervo Virtual Espírita

que, para eles, tem valor relativo ao passo que aquela realidade tem, para eles, um valor muito mais real e tangível. Tal é a vida, que é uma luta muito dura para todos, para que posam permitir-se o luxo de uma fé que pese. Aceita-se uma fé que ajude, mas não há margem para uma fé que onere. As necessidades materiais são espicaçantes, as grandes verdades estão longe, os céus são difíceis de escalar, só os fortes , os inteligentes, os bem dotados e afortunados, pode permitir-se ter uma personalidade própria e impô-la. Muitas vezes, à miséria material soma-se a miséria espiritual, incapaz de qualquer coisa.

Procuramos observar tudo objetivamente, sem preconceitos e sem preferências, para compreender e também para desculpar todos. Para o fraco, a luta pela vida é coisa terrível. Querem-se aplicar grandes princípios a todos, mesmo aos que nada disso compreendem; exigem renúncias, virtudes, sacrifícios a quem não tem a força de suportá-los. É preciso nivelar tudo no plano baixo das maiorias. Dos chefes e ministros do espírito pretendem-se qualidades raras, duras em conquistar-se e que eles não têm. Pretende-se uma vida exemplar num mundo corrompido, pede-se o sacrifício, que é um tormento para a vida. E se falta o material humano por toda a parte, como improvisá-lo? Os fracos que são tantos, procuram defesa. Por isso, lançam-se nos braços do mais forte, do que venceu, para serem defendidos. Em meio a uma luta tão áspera para viver, o desejo de proteção torna-se agudo. Forma-se, assim, entre os chefes fortes e vencedores, e os fracos, em todos os campos, um contato tácito, pelo qual os primeiros, para obter uma base de poder, oferecem defesa e vantagens, e os outros, para obter tudo isso adaptam-se e aceitam tudo. Que confiança podem ter tais chefes em tais prosélitos, logo se vê: assim que um chefe cai, quase todos o renegam, desprezando-o e abandonando-o. O próprio S. Pedro não foi induzido a renegar Cristo três vezes, porque temeu por sua vida? Naquele momento, o ataque foi medonhamente concreto, e isso é o que persuade a maioria, que vale menos que S. Pedro.

Desse modo de comportar-se não queremos dar uma justificação, mas uma explicação. Não fora o homem colocado em tão duras condições, pelas necessidades da vida, quais a fome, a defesa etc., nada disso aconteceria. E nem sequer aconteceria, se ele tivesse a força que o ideal requer dele, de desafiar as leis da vida que o ameaçam, para vencê-las. Dom Abbondio[1] dizia: "*mas coragem, ninguém pode dá-la*". E se tanto admiramos Cristo, é também porque Ele foi vencedor, demonstrando ter uma força que nem um homem possui. Mas, quando Ele pereceu na cruz como vencido, quase todos o abandonaram. Não é sempre a vitória e o poder o que admiramos? Com isto queremos explicar não só o comportamento humano, mas também o comportamento da vida, que é justa. Ela é utilitária, mas quer que as condições de fato exprimam a realidade e dêem, em posições positivas e concretas, a medida exata do valor de cada um. Apesar das defesas do momento, sem dúvida necessárias (é essa a compaixão da natureza), ainda quando se prolongam um estado de injustiça, ou um erro, tudo tende a exprimir a verdade, ou seja, a verdadeira natureza das condições individuais. Assim o forte e inteligente é premiado com o triunfo, e o fraco é batido, para que se desperte e fortaleça. Mas a todos dá para vida um ponto de desforra ou compensação. Para manter seus equilíbrios, a quem ela muito dá de um lado, tira do outro, aos muito dotados de certa qualidade, dá carência ou miséria correspondente. Ao mesmo tempo, aos deserdados dá a habilidade de apoiar-se no séquito dos mais fortes e, dessas diversidades, que procuram a estrutura social. Essa, se existe, é porque também a posição coletiva

[1] **- Personagem do romance "Os Noivos", de Manzoni. (N.T.)**

Acervo Virtual Espírita

corresponde ao utilitarismo da vida, produzindo vantagens para todos. Nas velhas cidades medievais, todos eram inimigos entre si, mas todos estavam apertados pelos mesmos muros, para a defesa comum. Só por esse princípio pôde nascer a unidade européia. Assim, por mais diversa que seja, cada posição é útil para todos, pois a derrota ensina, o triunfo recompensa, a esperança dele encoraja, as adversidades estimulam a reação, a fraqueza acha apoio dobrando-se diante dos fortes, que dessa forma utilizam os fracos para governar, vencer e progredir.

Assim caminha a vida e cada povo aprende. Os velhos povos, como os da Europa, possuem tudo mais precisamente disciplinado em normas exatas. As virtudes religiosas e civis são codificadas e difícil é escapar-lhes, as coisa livres e lícitas são cada vez em menor número. Mas, com todo esse aperfeiçoamento, a luta pela vida é mais dura que nos países novos e jovens, onde, ao menos, não há pressão demográfica. Na Europa o indivíduo está mais encaixado no dever, o que faz brotar os substitutos e requintes da luta, que se torna manhosa. A inteligência é toda mobilizada desesperadamente e assim consegue produzir obras-primas na arte de sobrepujar o próximo da forma mais elegante e legalmente perfeita. Mas, nos mais fracos, surgem complexos de inferioridade, penosas adaptações, contorções do instinto, aberrações nervosas, formas patológicas que se fixam na raça e de que, mais tarde, se inculpa o indivíduo. São todas reações que a vida tenta para não ficar sufocada na ordem. Se esta ajuda, também oprime, muitos ficam esmagados por ela. Muitos, dotados de paciência, adaptam-se. Assim, a religião da resignação ajuda a viver, pois dá uma esperança no porvir. Não há dúvida de que, nesse ambiente, a inteligência se desenvolve. Mas, infelizmente, nem sempre ela tem força para enfrentar a subida para o alto, e prefere por vezes dobrar-se para os atalhos que levam para baixo. Mas, quando nem assim se consegue vencer, então, diante da derrota e da escravidão, nasce o ódio, ou pessoal ou de classe, ódio que espera o primeiro afrouxamento do poder da ordem, a fim de desafogar-se na rebelião.

Em rápido olhar, quisemos ver e mostrar a verdadeira face ensangüentada do nosso mundo, estendendo a mesma desumana psicologia de Maquiavel a todos os campos; quisemos penetrar até as primeiras raízes de tantos males, de que todos sofremos as conseqüências, e isto com a coragem de quem sente um mundo desmoronar-se e tem fé em outro que surge. Observamos imparcialmente, sem defender nenhum grupo em particular, com desvantagem para outro. Em geral, procura-se convencer que a virtude está toda no próprio grupo e que os vícios e defeitos estão todos no grupo rival. Isso só tem valor de tática de guerra na luta pela vida, mas não é verdadeiro nem honesto. Há bons e maus em todos os grupos humanos, e a distinção é pessoal, e só pode ser feita caso por caso, dentro de qualquer grupo. Por isso não pudemos tomar a defesa de nenhum deles. Aqui, com absoluta imparcialidade, respeitando os bons onde quer que estejam, abraçando todos porque procuramos compreender a todos, quisemos ouvir a voz das leis da vida, convencidos de que só da compreensão do estado real das coisas pode nascer uma tentativa de remédio e uma esperança de um futuro melhor. Através destes volumes, pedimos à própria voz da vida nos expusesse suas leis, ou seja, uma moral biológica que racionalmente mostre sua razão de ser até aos pormenores e até às suas raízes. Honestamente, temos que ser utilitários como é a vida, secundando-a nesta sua característica fundamental. Jamais devemos agredir, nem mesmo em nome da virtude, se não quisermos oprimir e ser causa de revolta. Trata-se de nos tornarmos mais inteligentes. Tanto que chegamos a

Acervo Virtual Espírita

compreender qual é o nosso interesse, e assim estancar a intensiva produção de tantas dores, que por meio de sua ignorância o homem provoca em seu prejuízo. Quisemos apelar apenas para a razão e a vantagem egoística, evitando qualquer ternura, sentimentalismo de fé, apelos a ideais que podem parecer utopias. Desse modo não se poderá dizer que não conhecemos a vida e que somos sonhadores idealistas. Ao contrário, quisemos ficar desumanamente apegados ao terreno positivo da crua realidade biológica. Ela é dura e assustadora. Mas agora a conhecemos sem ilusões. Pois bem, agora podemos concluir: nessas bases se elevará a civilização futura, como do estrume faz Deus nascer os frutos e, da lama, uma flor. Isto porque o progresso é lei de vida, é isto o que quer a hora que vivemos e é isto que nos diz o estudo positivo que vimos conduzindo até aqui.

Nossas verificações precedentes podem parecer bem tristes. Mas, se o mundo, visto de um plano superior, parece uma estrumeira, onde só pode viver os vermes, e vivem felizes, isto não é pessimismo, porque também das estrumeiras a vida sabe fazer nascer as flores. Com um exame mais profundo, as correntes morais, aquelas que são vividas, revelam sua direta filiação à grande lei da luta, e por vezes se reduzem a um mundo fictício, com o qual, em nome de muitas coisas elevadas e belas, se cobrem os vários grupos humanos só para assim, mais bem protegidos, realizarem a luta pela vida. Por isso, na terra, os ideais subsistem enquanto são utilizados nesse sentido. Na realidade biológica, cada grupo aproveitando-se de tudo, constrói uma moral para seu uso e defesa e procura impô-la a todos os outros grupos, que por sua vez fazem o mesmo, retorquindo ao assalto. O grupo mais forte, vencedor de todos os outros, cria a moral dominante que é lei para todos, à qual as minorias têm de submeter-se porque estão em inferioridade numérica e portanto, são mais fracas. Morais humanas, relativas, de combate, com finalidade de ataque e defesa, mutáveis no tempo e de país para país. A moral de Deus não pode ser essa, nem mesmo a moral biológica que a vida nos manifesta em seu funcionamento, e que só pode ser a manifestação do pensamento de Deus em cada determinado plano.

Chegou a hora de superar essas morais que se praticam, escondidas debaixo da hipocrisia daquelas que são proclamadas; superar essas morais de grupos, de interesse para ataque e defesa, filhas da luta pela vida e portanto cobertas de mentiras, em que se utilizam as maiores idéias que possui o homem, só para vencer a batalha da existência. Infelizmente, esta é a realidade da vida. Chegou a hora de olhá-la de frente, qualquer que ela seja, sem falsos pudores, a fim de sobrepujá-la. Havemos de ter a coragem de lançar fora a máscara, e será salutar conseguirmos nos envergonhar de nós mesmos. Devemos crer com fé, que Deus está pronto a ajudar-nos em nossa miséria, se tivermos, diante d'Ele a coragem da sinceridade. Enquanto nos cobrimos com a mentira, jamais poderá Deus reerguer-nos. Temos que compreender que a maior quantidade de nossos males nós os queremos fazer contra nós mesmos, pela nossa teimosia, filha da nossa ignorância. É a hora de superar tão doloroso estado de imbecilidade e falsidade. As tristes verificações feitas aqui não devem tornar-nos pessimistas nem céticos, nem imorais ou amorais. Animados sempre de fecundo otimismo, temos de descobrir e compreender a mais profunda e universal moral biológica, em que a vida diz honestamente a verdade nua.

O passado passou, e temos que olhar o futuro. Devemos superar as morais baseadas na rivalidade e na luta, a fim de atualizar a que está baseada na

Acervo Virtual Espírita

compreensão e no amor. Ponhamos fim a todos os erros do passado e todas as dores que deles derivaram; ponhamos fim às religiões do ódio, que muita gente pratica em nome do amor e do bem, escondendo-se à sombra da virtude. Nasça a verdadeira religião, a do amor, no seio de todas as religiões humanas. É isto que verdadeiramente importa, só isto poderá salvar o mundo. Nasça a religião da sinceridade, em que se reconhece a todos o direito de viver, sem o que o próximo ficará sempre constrangido, para viver, a mentir e a lutar. Nasça um conceito de virtude que ajude, e não oprima a vida, que discipline a ação, demonstrando racionalmente a sua racionalidade biológica. Basta de condenar os outros para defender o próprio grupo, reconhecendo que a virtude não está apenas neste e as culpas e vícios apenas nos outros, mas que, vício e virtude podem estar em qualquer grupo humano. Enquanto dissermos que a virtude esta apenas conosco e entre nós, e que os defeitos e culpas estão todos no campo contrário, não faremos moral, mas apenas guerra em nossa defesa. Essa não pode ser a moral de Deus, que é universal e abarca a todos.

É necessário Amor para todos, isto é, compreensão , e não perseguição. É indispensável iniciarmo-nos nesta nova religião do Amor, tão pregada e tão pouco vivida. É mister abraçar o que cai, para ajudá-lo a subir, e não repeli-lo como leproso. Compaixão para todas as misérias humanas, que todos condenam, reconhecendo que os culpados são, muitas vezes, aqueles que ninguém condena. Batamos todos ao peito, porque de todas as desgraças desta pobre humanidade, todos somos, mais ou menos, responsáveis, por nosso egoísmo que se desinteressa das dores e misérias do próximo. Toda a culpabilidade, que a sociedade pune no desgraçado que caiu em seu laço e nele se deixou prender, é uma culpa da própria sociedade, que não devia permitir que se formassem aquelas tristes condições, em que forçosamente há de nascer a culpa. Quantos delitos se praticam impunemente cada dia, porque feitos com astúcia, e representam um choque que se transmite, caminha repercute, até que atinge as costas de alguém que o encaixa com sua derrota e então é condenado! Nossa vida individual e social está assentada em erros, em mal-entendidos, e mentiras, em violações dos mais elementares direitos da vida, em esmagamentos sob os quais muitas vítimas gemem, porque não sabem nem reagir nem defender-se. A humanidade carrega em seu passivo um fardo de injustiças, que são forças biológicas ativas, que reclamam compensação nos equilíbrios da vida. É preciso decidir-se a retificar tudo isso, a pagar essa dívida humana para com os deserdados, pagá-la mediante o amor, se não quisermos pagar amanhã a força. Não obstante, a justiça está presente e a vontade de Deus é sempre ativa, para realizá-la.

Eis o que deve fazer o novo homem, eis como deve conceber a vida. Colocou-nos Deus os olhos à frente para ir adiante e não para retroceder. O problema é refazer o homem, e a hora soou. Não se pode chegar à renovação da sociedade, já o dissemos, senão através da renovação de cada indivíduo. É inútil gritar que é utopia. Os tempos estão maduros. Para quem não queira renovar-se, há a possibilidade de ser definitivamente eliminado da vida. O novo mundo veloz não pode caminhar na estrada dos velhos métodos e conceitos. Quem compreendeu que a lei da luta e da seleção do mais forte impera na terra, sabe que o choque entre as duas grandes potências que hoje sobraram é inevitável, e que, portanto, não se pode escapar a uma destruição gigantesca. Dada a estrutura psicológica humana atual e os meios bélicos hoje já preparados, é uma fatalidade de que se tenha que concluir desse modo. Isto está implícito no sistema social-

Acervo Virtual Espírita

político hoje vigente no mundo. Este, então, se encaminha para ter que compreender à força e através da dor, que tem que renovar-se. Então, a humanidade melhorará, porque os piores terão se destruído mutuamente, e a dor terá aberto a inteligência dos sobreviventes. Nada desenvolve tanto a inteligência como a dor. Estamos às portas de grandes transformações. Renovam-se os tempos e já passou a hora da aceitação passiva e da cega repetição por inércia, dos tradicionais conceitos do passado. Quem em primeiro lugar se encaminhar para a renovação, quem souber caminhar mais rapidamente pela novas estradas da vida, este é que estará mais pronto para entrar no novo mundo que nos espera, esse é que terá mais probabilidades de ser salvo, porque ele representará o novo tipo biológico selecionado pela vida, com o qual esta, por lei de evolução, quererá construir a mais adiantada humanidade do porvir.

IV

O PROBLEMA DA ESTABILIDADE MONETÁRIA

Os princípios gerais que o leitor conhece – porque já foram desenvolvidos em outros volumes anteriores, - apesar de terem suas origens dos planos da metapsíquica e mesmo na teologia, descem, continuando verdadeiros e eficientes até no particular de nosso mundo econômico, e aos problemas técnicos das trocas monetárias. Os sábios princípios e equilíbrios da vida dominam o próprio contingente prático, manifestam-se também neste terreno do particular que parece isolado e destacado deles. A biologia, concebida como guiada pela lei de Deus e como expressão de Sua vontade e pensamento, abraça também todos os fenômenos da vida, desde o moral, intelectual e espiritual , até ao social, histórico e econômico, num monismo absoluto. Assim também o mundo econômico, mesmo no seu caso monetário particular, está ligado ao todo, é reduzível à unidade universal.

O primeiro fenômeno que nos aparece na economia política é o da oferta e da procura. É ele regido pela lei do mínimo meio. Assim como, pela lei da gravidade, o que menos pesa sobrenada, e o que pesa mais afunda-se, assim por esta lei, o que escasseia é valorizado, procurado, e sobressai e flutua sobre as outras coisas; ao passo que o que é abundante e exuberante, é pouco valorizado e afunda-se. Mas o fenômeno é também regido pelo princípio geral vigente em nosso plano evolutivo, da luta pela seleção do mais forte, o qual assume em seu aspecto demográfico e bélico a forma de luta armada (guerra) pela conquista do espaço vital, e em seu aspecto econômico a forma da oferta e da procura. Mas só em aparência elas se apresentam com roupagem pacífica. Se os economistas nô-las representam em equilíbrio, como uma balança, na realidade eles são o resultado de uma luta baseada num egoísmo desencadeado. Na prática, a oferta é o ato com que se busca satisfazer a uma necessidade ou procura, quando, no mundo civilizado, não é mais preciso recorrer à forma primitiva de agressão a mão armada ou ao furto. É forma mais evoluída que as outras, imposta, num estado de ordem, para aquisição dos bens, em que somos constrangidos a reconhecer um direito igual em nosso próximo (inimigo, porque rival na procura dos bens). A procura é a busca declarada e direta da satisfação do desejo ou necessidade própria, tentando combinar essa procura com a oferta, mas também tentando
aproveitar para vantagem própria todas as fraquezas e necessidades do ofertante.

Acervo Virtual Espírita

Embora apresentem os economistas o problema em forma de equilíbrio, em que se contrabalancem os dois impulsos, por trás de suas fórmulas há sempre a mesma realidade biológica que observamos em todos os fenômenos. Revela-nos ela a dura face da luta desapiedada entre egoísmos opostos, na qual cada um deles procura desfrutar, espremer e esmagar o outro para vantagem sua. Permanece a luta no terreno da posse dos bens, a fim de se poder adquirir o máximo em quantidade e qualidade ou valor, dando em troca o mínimo. A balança da procura não é igual à da oferta e ao contrário: mas para cada uma das duas partes, a medida "justa" pretende ser esta: tudo para mim, nada para o outro. Na luta, constrangidas pela necessidade de chegar à troca, a fim de satisfazer às próprias necessidades, devem, sem dúvida, as duas partes encontrar-se num ponto intermédio; mas este não é o da justiça equitativa: é apenas o resultante do encontro de duas forças opostas, das quais a mais forte vence a outra, fazendo a balança pender para seu lado.

Esta é a justiça econômica, que vale tanto quanto a justiça bélica ou a política, e assim por diante, em que o mais forte tem razão e estabelece e impõe a justiça para sua vantagem. Assim, a procura põe a mão no prato da balança da oferta e ao contrário. Por isso, quando a oferta abunda em relação à procura, desvaloriza-se o produto oferecido, porque a procura oferece uma compensação sempre menor correspondente ao crescimento da oferta, aproveitando a abundância do produto e a necessidade que tem o inimigo de dar-lhe saída, para obter a mercadoria a um preço de troca sempre menor. Por isso, quando aumenta a procura, a oferta aproveita a necessidade e a carência do requisitante, para pedir um preço sempre mais alto, e então o produto oferecido se valoriza. Por isso, também no caso mais simples de troca direta de mercadorias, sem intermediário da moeda, temos para essa luta uma instabilidade de valores ou preços, isto é, o germe das crises econômicas e monetárias, dependendo tudo da estrutura psicológica do animal humano. É precisamente esse regime de luta, derivado de tal estrutura, a primeira fonte das crises econômicas e da instabilidade monetária. Equilíbrios instáveis. Mas não pode obter-se melhor resultado de uma máquina baseada sobre o egoísmo, e portanto sobre o encontro de egoísmo, do qual só pode sair vencedor o mais forte.

Baseia-se no nosso atual mundo na falta de reconhecimento das necessidades e direitos do próximo. Não se apoia a sociedade humana numa colaboração harmônica, como deveria ocorrer entre células de um mesmo organismo, mas fundamenta-se na luta entre células, atentas a suprimir-se, para que a mais forte esmague a mais fraca. Isto ocasiona um atrito que a coletividade deve pagar à sua custa. Assim, querendo cada um vencer para si, age de modo a que todos concordemente percam em parte, ou seja, devam pagar uma taxa comum, uma percentagem de perdas ou consumo para a luta comum de todos contra todos. E isto é absurdo. Mas, no grau atual da evolução, o homem não consegue proceder com mais inteligência.

O organismo social só pode achar a linha de maior rendimento na colaboração, baseada na honestidade e na confiança, filhas de um altruísmo não teórico e vão, mas inteligente e utilitário. Ora, neste nosso mundo nada disto se pratica e por isso a máquina social funciona com esforço, sem nenhuma consciência coletiva, nem mesmo a que já alcançaram algumas sociedade de insetos, como as abelhas, as formigas, etc. E quando funciona um pouco, é um funcionamento forçado, porque só a imposição de um governo consegue obrigá-la a isso. Está tudo desgastado e esmagado pelo peso da

Acervo Virtual Espírita

desconfiança e da contínua resistência do indivíduo contra o interesse coletivo. O egoísmo fecha e divide, sufocando a vida, enquanto o mundo necessita sempre mais de estradas abertas por onde circule, já que a troca é, de natureza, útil e fecunda. Acontece então que o Estado deve onerar-se com custosa e embaraçosa burocracia, para que tudo seja controlado. Torna-se esta, então, uma odiosa caçadora de transgressores, e os governantes tornam-se inimigos do povo. E surge aquele natural e universal antagonismo entre o Estado e o indivíduo, sempre em luta entre si, como ocorre entre empregados e patrões. Então precisam os governos armar um exército, para manter-se de pé. E assim por diante. E então grande parte da produção, do trabalho, dos bens da nação, precisam ser usados com esse fim, e subtraídos ao gozo de todos.

Em cada anel da cadeia das trocas, que vai do produtor ao consumidor, ninguém procura dar frutos para todos, tornando-se útil à função que exerce: antes, procura explorar todos, impondo, a preço de extorsão, a todos os outros, a sua função, só porque esta serve a ele, embora para a coletividade seja prejuízo. Assim, o que parece uma graciosa oferta do comerciante, nos negócios, às vezes é apenas uma luta para arrancar do cliente a maior quantidade possível de dinheiro, com uma mercadoria tomada ao produtor pelo mínimo preço possível. Nada produzindo de seu, torna-se ele indispensável a ambos, procurando tirar de ambos todas as vantagens. Estas, se aumenta a produção, são primeiro absorvidas pelo comerciante, sem que atinjam o consumidor; e se a procura aumenta, pode fazer subir o preço, sem que o produtor sinta a vantagem.

Por sua vez, preocupa-se o produtor em satisfazer às necessidades dos outros somente enquanto isto corresponde a seu desejo de lucro. Ele então explora os gostos pervertidos e também os vícios (como a imprensa, que divulga fatos criminais e, em alguns Estados, onde o governo tem monopólio do tabaco, a propaganda que difunde o hábito de fumar). Estabelecida, portanto, certa produção, atento apenas a satisfazer a seu interesse de vender e embolsar, o produtor é arrastado a conquistar, a qualquer custo, o seu cliente. Nasce então uma propaganda fictícia, dirigida a criar novos gostos, inúteis, com o único fito de dar saída aos produtos, aproveitando-se da sugestionabilidade das massas. É um assalto à boa fé dos simples. E quanto menos vale o produto, maiores despesas de propaganda pode certamente suportar e portanto mais apto está a invadir o mercado. Mas há ainda pior. A formação de um mercado europeu a favor dos Estados Unidos chegou ao ponto de levá-los à guerra e depois a um bombardeio cerrado de grande parte da Europa. Mas assim ficou assegurado o cliente.

Assim, a oferta sabe fabricar a procura, de que tem necessidade, e fica assegurada a saída da produção. Tal é a natureza humana, pela qual o médico tende a fabricar os doentes de que precisa, por vezes até aplicando tratamentos e operações cirúrgicas inteiramente desnecessárias e inúteis. Assim, os ministros de qualquer religião são levados a criar par si mesmos o rebanho dos fiéis ou prosélitos, que justifiquem sua posição ou presença. É sempre o mesmo egoísmo e luta para viver que leva o homem, não a oferecer suas capacidades para a utilidade coletiva, mas a impor-lhe a própria utilidade exclusiva individual. Por isso, tudo se torna um perigo nas mãos dos homens. No entanto, o erro consiste em acreditar que este seja apenas um dano para o vizinho, e não o próprio, quando este é um dano para todos.

Tanto nos países livres como nas ditaduras, a realidade biológica, feita de luta desapiedada de todos contra todos, é sempre a mesma. Em qualquer parte o peixe

Acervo Virtual Espírita

maior come o menor, o mais forte esmaga o mais fraco. A mesma coisa é feita em nome dos princípios e ideais mais diferentes. Por vezes pode reduzir-se a liberdade para os mais fracos, os vencidos, apenas à liberdade de morrer de fome. São gigantescas e tremendas coligações de interesses que regem o mundo. Acusa-se justamente o comunismo de explorar os instintos rapaces das massas, mas isto prova que as massas já tem esses instintos em sua alma. Eis uma qualidade em que, tanto no alto como em baixo, muitos homens são verdadeiramente iguais. Eis onde está a igualdade humana para todas as raças: ilimitada cobiça. E no entanto, é possível, no mundo econômico, morrer não de fome, mas também de indigestão. Quando caminhamos com tais métodos, o próprio aumento da produção deveria produzir abundância e bem estar, oferecendo tudo a menor preço, aumentando o consumo e elevando o nível de vida. Mas então a mercadoria se desvaloriza, valoriza-se e desaparece a moeda, e os produtores, para salvar-se da queda dos preços, não produzem mais. Então, para elevar os preços, eles chegam a queimar a mercadoria. E assim, com o sistema do egoísmo e da avidez, chega-se ao absurdo, isto é, que enriquecer com maiores bens mediante o trabalho não é uma vantagem, mas um prejuízo. Não se chega então ao bem estar, mas à crise. E, no entanto, não nos damos conta de quanto isto seja providencial. Se as leis da vida tendem a nivelar o homem mais num plano de miséria que de riquezas, acontece isto como conseqüência automática da psicologia de abuso que rege o mundo econômico; e é um bem, porque esse homem não deve possuir o poder econômico, dado que só saberia fazer dele péssimo uso, em seu prejuízo.

Após estas premissas, entremos no problema particular monetário. Temos que presumir um conhecimento ao menos geral de economia política, agora que nos engolfamos no aspecto técnico da questão.

Falamos até aqui de um sistema simples, de troca direta, em que os bens funcionam não só como mercadoria, mas também como moeda, e observamos a forma psicológica que rege o fenômeno econômico basilar da oferta e da procura. Para aproximarmos do problema monetário, temos que substituir o sistema originário e primitivo da troca direta, pelo atual sistema de troca entre bens e moeda, em que um dos termos é a mercadoria e o outro é o dinheiro.

Nas fases primitivas, a instintiva utilidade de troca limitara-se a fazer nascer uma economia direta, de simples permuta de bens, isto é, de trocas não monetárias, em que a mercadoria é moeda. Mas a lei utilitária, sempre em vigor, do mínimo meio, levara instintivamente o homem a escolher, entre todas, a mercadoria que mais destacadamente tivesse as qualidades que a tornassem apta à permuta. Devia ser mercadoria de uso e valor sobretudo universais, de modo a servir de denominador comum de troca entre todas as outras, representando o seu equivalente em valor. Devia ser então mercadoria de fácil transporte e sobretudo conservável, que permitisse o armazenamento como lastro de todos os outros bens, mais próprios à utilidade direta do consumo do que a essa função de reserva econômica. Indispensável mercadoria não deteriorável, independente de todas as transformações, como nascer, crescer, morrer, a que estão sujeitos todos os produtos da vida.

Começou-se com o “pecus”, a ovelha, unidade genérica de gado pecorino, de que se derivou mais tarde a palavra “pecúnia”. Mas ainda estamos numa forma de troca direta, à base de mercadoria não facilmente amoedável, porque ela mesma, segundo a produção, tinha quantidade variável e portanto valor instável, desde

Acervo Virtual Espírita

que não permanente em quantidades constantes no mercado. Isto pela lei da procura e da oferta, mediante a qual, aumentando a quantidade de dada mercadoria, seu valor diminui. Além disso, não era mercadoria facilmente transportável nem conservável. Chegou-se por isso pouco a pouco ao ouro e à prata, que correspondiam melhor aos requisitos de amoedamento, não só como aceitação universal, transportabilidade, conservabilidade, (isto é, não deteriorável), e estabilidade, (ou seja, não sujeita às contínuas transformações da vida), como ainda pela quantidade, e portanto valor, relativamente constante. O ouro e a prata, são ademais, bem definíveis como peso e medida e representam mercadoria que tem por si, nas jóias, valor intrínseco, sempre realizável nos mercados.

Até aqui estamos diante de valores reais, ainda que de caráter diverso, desde que não é possível comer ouro, ao invés de grão. Reais, pois haverá sempre quem aceite, nas trocas humanas, ouro em troca de outra mercadoria. Mas o homem não parou aqui. Esses metais preciosos foram transformados em moeda cunhada, em que eles eram unidos a ligas de outros metais de valor menor. Depois para subtrair essas moedas à deterioração e ao perigo dos desvios, substituiu-se-lhes o papel-moeda, ao qual, ao menos em teoria, deveria corresponder uma equivalente reserva de ouro. Assim, tudo se foi transformando, substituindo-se cada vez mais valores fictícios e convencionais ao primitivo de utilidade imediata. Isso tudo principalmente porque o poder político se apossou deste terreno para seu uso e consumo. Pôde chegar-se assim a valores nominais a que bem pouco corresponde de real. Na luta econômica universal, a intervenção estatal pôde com isso coagir a seu favor os equilíbrios naturais e alterar ao valores reais. Desse modo, em pleno regime de tanta liberdade trombeteada, a intervenção estatal paralisou o jogo da oferta e da procura. Por isso, a violação dos equilíbrios, que naturalmente se formam num regime de liberdade econômica, conduz a regimes econômicos falsos, a inflações monetárias, a crises contínuas, delícia de nossos tempos. . .

Nada pode firmar-se sobre a mentira. Em qualquer terreno, a vida, que é honesta, quer que valores reais correspondam aos valores declarados. No mundo econômico isto é tão verdadeiro como no mundo físico ou moral. Emitir papel-moeda sem lastro ouro, equivale a pôr em circulação moeda falsa e, comprar com semelhante moeda, isto é, sem dar um equivalente pela mercadoria que com ela se adquire, equivale a um furto. Mas é furto de Estado, e, como tal, juridicamente protegido. Esse foi o caso da emissão do papel-moeda pelos aliados que ocupavam a Itália no fim da guerra, forma civil de tomar sem dar nada, ainda que de forma legalmente correta, isto é, pagando regularmente, mas com papel desprovido de qualquer valor real. Mas, guerra é guerra. E invadir sem saquear as casas - como sempre fizeram os exércitos invasores - apresentando-se com as vestes cândidas de libertadores que espalham flores, já é um progresso, ainda que apenas na forma. Assim, as despesas aliadas feitas com papel fictício puderam aumentar a inflação, com que tudo foi graciosamente pago. Permaneceu desta forma grande quantidade de papel-moeda em circulação com um mínimo de poder aquisitivo, estando os bens e a produção, pela destruição bélica, mais diminuídos que aumentados.

Enfrentemos agora o problema mais particular ainda da estabilidade monetária. É evidente que a primeira qualidade que deve possuir a moeda, como contravalor de bens, é a confiança: isto é, a moeda deve corresponder a um valor real, e

Acervo Virtual Espírita

isto em forma estável. Ao invés, uma das característica da moeda, hoje especialmente, é a instabilidade de seu valor.

Deveria haver equilíbrio e união entre os dois termos: bens e moeda, para que fecundassem em colaboração com a vida humana. Ao invés, eles se combatem e afugentam mutuamente. Deveriam estar abraçados, e ao contrário são rivais. Quando um precisa do outro, este o abandona. Há luta e antítese entre bens e moeda, pelo que, quando os bens abundam no mercado, a moeda desaparece; e ao contrário esta sai a procurar desesperadamente os bens, quando estes escasseiam, por qualquer motivo. Acontece assim que, quando os armazéns estão cheios, os bolsos aparecem vazios; e quando os armazéns estão desprovidos de mercadoria, então os bolsos mostram-se cheios.

Por que acontece isto? A economia é como um organismo vivo, movimentado e regido em seu funcionamento pela psicologia humana. E como pode nascer coisa diferente, de uma psicologia de mesquinho egoísmo individualista? Dado que cada um age apenas em seu exclusivo interesse, há luta entre procura e oferta, procurando uma aproveitar-se da outra, explorando-se reciprocamente, só para trazer a si o lucro maior. Então acontece que, logo que há aumento de oferta, os preços descem, isto é, a mercadoria vale menos e a moeda vale mais; portanto, esta se retira, se esconde, de vez que, aumentando seu poder aquisitivo, ela se torna mais preciosa. Ao contrário, logo que há diminuição de oferta, e as mercadorias escasseiam, aumentam os preços, isto é, a mercadoria vale mais e a moeda vale menos. Além disso, esta é constrangida a aparecer para adquirir os bens que, escasseando, se tornaram mais necessários e procurados. E acontece que a moeda abunda no mercado quando há menos que comprar e escasseia quando há mais que comprar. Sendo o produtor e o consumidor dois inimigos em luta, prontos a explorar qualquer fraqueza do adversário, esse movimento é gerado não só pela esperança de um lucro sempre maior em vantagem própria e com dano do outro, como também pelo medo de uma perda sempre maior, com dano próprio e vantagem do outro. Nasce então o pânico no produtor ou possuidor das mercadorias, ou seja, o medo que a descida dos preços continue com uma desvalorização sempre crescente dos bens possuídos. Ao contrário, outro pânico se forma no consumidor ou possuidor da moeda, isto é, medo que o aumento do preço continue, com um encarecimento sempre crescente dos bens.

Eis, então, que o sistema, ao invés de conter forças que tendam a repô-lo em equilíbrio, resulta das forças que tendem a ampliar e agravar sempre mais o desequilíbrio. Em outras palavras: ao verificar-se uma descida dos preços, o produtor ou o possuidor da mercadoria, temendo sempre maior desvalorização da mesma, ao invés de retirá-la do mercado, principalmente se é deteriorável, é levado a saturá-lo sempre mais, aumentando seu depreciamento e a revalorização e fuga da moeda. De outro lado, no caso oposto de aumento de preços, o consumidor ou possuidor da moeda, temendo sempre maior escassez de mercadoria, pelo medo de ficar desprevenido do necessário, ao invés de retirar o dinheiro do mercado, é levado a lançá-lo aí cada vez mais, aumentando assim seu depreciamento e a valorização ou aumento de preço das mercadorias. Então a posição de desequilíbrio inicial, em que se baseia e surge o sistema, arruina-o, e consome-o todo até o fim. Os impulsos dos dois egoísmos que contrastam, tendendo a sobrepor-se e a eliminar-se, porque um quer vencer esmagando o outro, não podem dar-nos um equilíbrio entre eles como dois pontos eqüidistantes, mas

Acervo Virtual Espírita

apenas um constante acavalar-se de desequilíbrios e um agravamento de crise, pelo fato de que eles procuram ao contrário resolver seu embate só com a vida de um, pondo como condição a morte do outro. É por isso que, logo que se verifica um desequilíbrio inicial, todo o sistema tende a ampliá-lo e agravá-lo, ao invés de resolvê-lo. Mas, dada a psicologia anticolaboracionista em que se funda nossa economia, ela só pode ter uma fisiologia cancerosa, só pode ser economia de crise; como o é de fato.

Então, quando pela abundância da mercadoria diminui seu preço, mesmo procurando produzir menos, pois cada nova produção aumentaria o dano do produtor, os compradores prorrogarão suas aquisições porque cada um é levado a segurar o que vale, isto é, a moeda neste caso; e também porque lhes poderá parecer mais útil prorrogar seu gesto, na esperança de que os preços possam baixar ainda mais. Enquanto acontece isto, os possuidores da mercadoria, temendo ulteriores baixas, lançarão tudo no mercado, para apressar sua venda. Assim ampliar-se-á cada vez mais o desequilíbrio, agravar-se-á o estado de desconfiança, até atingir a queda das crises. Dada a estrutura do sistema, não há outra solução. Tudo age como ampliador dos desequilíbrios. Mas o princípio desagregador da luta só pode levar a esses resultados. Não sendo o fenômeno sujeito à direção e ao controle de uma consciência econômica da coletividade, desenvolve-se tudo de acordo com a lei do precipitar-se descontrolado da avalanche, cujo movimento cresce de per si, e não pode ser parado senão com a queda final ou crise.

Neste jogo de egoísmos, sempre os honestos levarão o pior, ao passo que os que procuram seu próprio interesse, não se importando com o interesse coletivo, acumularão riquezas e sairão vencedores. Neste jogo, em que ora se escondem os bens, ora a moeda, o trabalho, que é a coisa mais importante sempre perde. No período de abundância de bens e escassez de moeda, gozam os que tem dinheiro. Nos momentos de abundância de dinheiro e escassez de bens, gozam os que tem bens para vender. Em meio a este contraste, o trabalho, que é o elemento genético de tudo, aparece como um empecilho, pouco considerado, constrangido a sofrer o dano de ambos os lados. E de fato, quando há abundância de mercadoria, o trabalho é rejeitado, dado que a moeda para pagá-lo está cara e porque não convém produzir mais, a fim de não aumentar a queda dos preços. Teremos então o desemprego. E quando há abundância de moeda, que sai à procura dos poucos bens à venda, então o trabalhador achará ocupação, mas, não tendo acumulado nem bens nem dinheiro, sofrerá os danos da carestia. Assim a economia é atingida em suas raízes, que são representadas pelo trabalho. Esta oscilação contínua de valor da unidade monetária influi também no crédito, exigindo juros altos, quando a moeda escasseia, com repercussão, portanto, em toda a produção. E assim esses problemas invadem toda a vida dos povos, sendo o fator econômico um dos mais importantes na determinação do curso da história.

Observemos mais de perto ainda esse sistema de antíteses. Num mundo equilibrado, não deveria haver antagonismo entre interesse coletivo e interesse individual. Deveria um correr paralelo ao outro, e ambos deveriam sobrepor-se e coincidir . Fazendo o interesse próprio, o indivíduo deveria implicitamente fazer também o da coletividade. Ora, na prática, sucede justamente o contrário: quem quiser salvar-se, precisa não pensar em absoluto nos interesses da coletividade. Vejamos dois exemplos.

Num período de descida de preços das mercadorias e valorização da moeda, dever-se-ia, no interesse coletivo, continuar a produzir, a dar trabalho, a manter em pé a própria indústria. Mas quem tivesse para isso, no princípio do ano, tomado uma

Acervo Virtual Hispânia

soma em empréstimo no banco, em virtude da diminuição dos preços teria conseguido muito menos lucro no fim do ano, do que houvesse dispendido e, ainda que tendo aumentado a riqueza real e proporcionando um benefício à sociedade teria trabalhado com prejuízo e estaria arruinado. No caso contrário num período de subida de preços e desvalorização da moeda, seria interessante que, no interesse coletivo, todos os que tivessem reserva de mercadoria as vendessem, para satisfazer as necessidades coletivas, esperando para readquiri-las depois, quando a produção recomeçasse. Isto sobretudo para as mercadorias indispensáveis. Pois bem, suponhamos que um vendedor de fazendas ou remédios, etc., venda ao preço corrente. Ao fim do ano, achar-se-á ele com o depósito vazio e com necessidade de preenche-lo, com preços aquisitivos muito superiores aos que ele vendeu. Se recorrer a suas economias, as achará depreciadas, com poder aquisitivo muito inferior. E assim estará arruinado. Quem se salvará, então? Só aqueles que tiverem cuidado exclusivamente de seu próprio interesse pessoal, em prejuízo do interesse coletivo.

Ao verificarmos isto, uma coisa nos surpreende: ver como, apesar de tudo, o organismo social tenha podido sobreviver. Parece que os recursos primários da vida tenham sido calculados de modo que pudessem resistir a todos os assaltos destruidores. O organismo social sobrevive, mas é mister verificar quando dores custam à humanidade tais erros. Entretanto, a ignorância e a insensibilidade humanas parecem proporcionadas às dores. E assim, o sofrimento constitui uma das principais ocupações do mundo.

Imaginaram-se remédios, mas freqüentemente foram piores que o mal. Assim foi a intervenção coativa da autoridade estatal. As crises econômicas fazem que as nações desejem o médico para curá-las. Por isso, um novo grupo, substituindo-se ao velho, culpado do mal estar, assumirá o poder, sempre mediante razões de justiça, para restabelecer a ordem, para o bem do povo e até em nome de Deus. Depois, empossados, os patrões e os clientes procurarão seus interesses, até que venha nova crise, sua queda e a substituição por outro grupo, que fará o mesmo.

Pelo sobre-exposto sistema dos egoísmos contrastantes, a antítese entre interesse individual e coletivo significa que Estado e indivíduo são inimigos. Então só pode manter ordem econômica um Estado com regime de força, que invada e obrigue toda atividade econômica dos cidadãos. Ocorre então vasta organização burocrática com a qual se manobre todos os mecanismos e organismos de produção, do consumo e das trocas, bancos e fábricas, agricultura e transportes. Vive assim cada cidadão submetido, em sua atividade mais ciosa, ao poder estatal, de que não é, de certo, aliado. Em outros termos, teríamos a ditadura econômica da nação, levada a dirigir, dominar e absorver cada atividade dos indivíduos.

Temos dessa forma o estado burocrático, policial, militar. Assim o navio da economia nacional poderia caminhar mais regularmente, mas é mister considerar quanto custa em trabalho, despesas e sacrifícios, essa disciplina. E além disso, esse navio se transformaria depressa em navio de guerra! Em vista da oposição entre interesse do cidadão e o do Estado, a fim de obrigar o indivíduo a sacrificar o seu em benefício do bem coletivo, deverá o Estado impor-se com custosa burocracia e também com poderosas forças de polícia e de exército. Diante de uma invasão na esfera ciosa dos interesses privados, todos se rebelam, e a disciplina representa fadiga e gastos pelo atrito. Então a nau do Estado, que poderia ser um navio de passageiros ricos de espaço e

Acervo Virtual Espírita

confortos, deve tornar-se um navio de guerra, em que tudo é disciplina e limitação, porque as maiores margens de liberdade e riqueza são absorvidas pelas despesas e pelo peso da grande máquina estatal.

É sempre o princípio da luta e rivalidade de egoísmos que reclama a necessidade de uma autoridade que termine, no interesse geral, a constante guerrilha. É assim que o contraste entre os interesses dos indivíduos entre si e dos indivíduos com o Estado, abre as portas aos despotismos e às ditaduras, que acham sua justificação no domínio absoluto para manter a ordem. Mas assim chegamos ao arbítrio, que terminará com novas crises econômicas, guerras e revoluções, depois das quais, recomeça-se tudo desde o início, como acima.

As nações vizinhas, pelas mesmas razões, transformar-se-ão em outros tantos navios de guerra semelhantes àquele, e todas esperarão uma oportunidade de guerrear-se, pela mesma razão pela qual cada uma se transformou de navio civil em navio de guerra. A ordem entre todos os navios de guerra, ou nações, só podendo obter-se por imposição de uma ditadura superior a todas, não pode alcançar-se; e assim permanece o campo à mercê apenas do livre sistema de ataques e defesas, para a seleção do mais forte. Cada navio ou nação representará apenas uma unidade coletiva, baseada no mesmo princípio de egoísmo, próprio a cada um dos componentes. Cada um deles procurará sua vantagem exclusiva, e o prejuízo da outra nação, procurando nela exportação, emigração e tudo o que lhe serve. Mas, infelizmente, a outra nação buscará fazer o mesmo, em sua vantagem exclusiva. Assim um dia rebentará a guerra e será destruído todo o superavit de riqueza e bem estar que conseguira. Isto podia servir-lhe para elevar o nível de vida. Mas, na sabedoria das leis da vida, tudo é merecido; tudo deve ser proporcional ao grau de inteligência e consciência atingido. Assim, tudo torna a nivelar-se mais em baixo, no nível em que o homem automaticamente se encontra por seu peso específico, na escala da evolução. Assim aparecem em rodízio crises, ditaduras, guerras e de novo crises e assim por diante. É triste. Mas o homem atual não consegue fazer coisa melhor.

Como se vê, a intervenção estatal não resolve o problema. Muito menos o resolve porque a moeda deveria representar riqueza real, e não valor fictício de curso legal, mentira imposta pelo Estado, convenção e ilusão, um não-valor que adquire valor só pela vontade de um governo. Também não se pode pretender, para resolver o problema, a transformação em altruísmo, da atual psicologia egoísta do homem. É mister alcançar a solução suprimindo a antítese entre interesse individual e coletivo, isto é, fazendo-os coincidir. Só assim, operando em bases utilitárias, será possível a compreensão, e a adesão será livre e espontânea. Indispensável estabelecer um equilíbrio entre mercadoria e moeda e dessa forma resolver o problema da estabilidade monetária. Hoje não há concórdia entre esses dois termos, que se repelem sem saber abraçar-se. Podem aumentar os bens comerciáveis sem que possa nem deva crescer a circulação da moeda. Pode aumentar esta, mesmo que permaneça invariável a quantidade de mercadoria. Como se não se conhecessem, pode aumentar indefinidamente uma, enquanto indefinidamente diminui a outra.

Para resolver o problema, temos que achar um sistema de circulação monetária que, qualquer que seja o afluxo de bens ao mercado, deixe inalterável o nível dos preços, isto é, mantenha automaticamente estável o valor da moeda. E tudo isso sem coações estatais, mas só pelo jogo livre da oferta e da procura, sem o alto custo e sem o

Acervo Virtual Espírita

atrito da máquina burocrática, mas tudo automaticamente regulado com despesa mínima. O indispensável é fazer corresponder a uma abundância de mercadorias, uma abundância de moeda, e não ao contrário; e a uma escassez de mercadorias, uma escassez de moeda, e não ao contrário. Então, a abundância de mercadoria ao invés de desvalorizá-las, valorizando e tornando rara a moeda, limitando a produção dos bens até destruí-los para evitar a queda dos preços, produziria ao contrário uma paralela abundância de moeda. Então os interesses bancários poderiam ser baixos e seriam estimuladas as iniciativas e os investimentos, que absorveriam a parte exuberante, em vez de destruí-la, e o trabalho, ao invés de parar com prejuízo para todos, continuaria a produzir. E ao contrário, uma escassez de mercadorias, ao invés de valorizá-las, desvalorizando e inflacionando a moeda, arruinando a poupança anterior, produziria uma paralela escassez de moeda. Então os interesses bancários poderiam ser altos, e estimulariam a economia e o trabalho que, não saindo de uma crise de desemprego e tendo acumulado bens e dinheiro, poderia resistir melhor à inflação.

O problema que nos propomos é solúvel, mas até hoje não foi resolvido, porque a mercadoria atualmente amoedável no mundo é só o ouro e a prata, o que não é suficiente para reequilibrar as oscilações de todos os outros elementos. Mesmo se fosse possível produzir quantidade infinita desta única mercadoria amoedável, não se atingiria o equilíbrio buscado, mas novo desequilíbrio, porque, com o aumento da quantidade da mercadoria, diminui seu valor. É certo que existe, no atual sistema, o esquema do mecanismo reequilibrador, mas este não pode funcionar bem, porque é insuficiente a massa reequilibradora. Então, se já possuímos a fórmula, bastará, para resolver o problema, variar apenas a relação entre bens amoedáveis e bens não amoedáveis; em outros termos, aumentar a quantidade dos bens amoedáveis. A solução está em tornar amoedável uma parte de bens, que hoje não é considerada amoedável.

Qualquer mercadoria que não se altere representa valor permanente, pelo que pode tornar-se moeda. Pode-se assim, escolhendo um tipo de mercadoria adequada e cercando sua conservação da devida cautela, tornar possível que ela se torne moeda, subtraindo-a ao consumo presente, quando faltar moeda e abundar mercadoria; para depois restituí-la ao rol de mercadoria, para uma venda e consumo futuro, quando faltem os bens e abunde a moeda. Teríamos então uma moeda numa base muito mais ampla, tendo como lastro uma quantidade suficiente de mercadoria amoedáveis, ou seja, que, para reequilibrar o preço e tornar estável o valor da moeda, podem livremente transferir-se da posição de mercadoria à de moeda, e ao contrário, exercendo a função de uma ou de outra, segundo a necessidade.

Imaginemos a economia de uma nação representada por um navio, dividido pela metade no sentido do comprimento, por uma linha que chamaremos de trocas e aos lados da qual existam bens em relação de troca direta, duma parte e doutra. Em tal sistema de trocas diretas, sem a intromissão do elemento moeda, sendo a circulação dos bens proporcional à circulação dos meios de troca, o lado direito do navio teria carga igual ao esquerdo. Não havendo antítese entre bens e moeda, não haveria oscilações no navio, nem crises, e isto sem intervenção de regimes autoritários, que regulassem todo o movimento econômico da nação.

Mas, quando a essa economia direta substituímos a monetária, teremos de um lado o meio da troca, a moeda, e de outro os bens comerciáveis. Dado que, como vimos, cada desequilíbrio desses dois elementos tende a amplificar-se, não havendo

Acervo Virtual Lyrio

nenhum elemento natural e automático de reequilíbrio entre bens e moeda, entre um e outro lado do navio, a economia da nação só caminharia sob ameaça de constante desequilíbrio, e mesmo de emborcamento (crise).

Trata-se, agora, de achar o meio de reequilibrar o navio, compensando o demasiado acúmulo de um lado e o alívio de outro, ao contrário a favor ou da moeda ou das mercadorias, segundo os casos. Hoje o sistema já funciona, mas em quantidade insuficiente para reequilibrar o navio. A quantidade de mercadoria amoedável limita-se apenas ao ouro e à prata. Hoje o jogo do reequilíbrio só funciona em mínima parte e o navio não ressente muito seu efeito. Hoje o trabalho de reequilíbrio está confiado a uma quantidade mínima, em relação à grande massa de bens que precisa ser reequilibrada. O reequilíbrio, portanto, no estado atual, funciona com efeitos mínimos, não porque esteja errada a fórmula de equilíbrio, mas por insuficiência da massa reequilibradora. Ainda que perfeito o sistema como princípio, é insuficiente, porque apenas uma mercadoria amoedável constitui uma parte muito pequena de valor em relação ao valor de todas as outras mercadorias.

Trata-se aqui, ao invés, de conseguir o amoedamento de um vasto grupo de mercadorias (grão, café, algodão, ferro, gasolina, etc., segundo a produção das nações) que, acumuladas nos armazéns por parte dos próprios produtores, comerciantes e industriais, ou dos bancos, funcionariam como lastro da moeda legal circulante, a qual teria assim seu correspondente bem determinado e realmente existente, com plena cobertura, e portanto de inteira confiança, como o papel-moeda a base ouro. Para ser mais perfeito, o reequilíbrio deveria permitir, quando houvesse equilíbrio entre o valor dos bens amoedáveis e o dos bens não amoedáveis, que se passasse da produção destes à produção daqueles, e do consumo destes ao consumo daqueles, de acordo com a utilidade dos produtores e consumidores. Toda a economia, e mesmo as trocas internacionais, só poderiam ter vantagem com uma moeda, meio de troca, que se baseia em lastros reais e está fora de arbítrio dos governos e das oscilações de valor. E só assim, com o trabalho, base de tudo, se poderia gerar riqueza mesmo sob forma de moeda sólida, independente dos açambarcadores mundiais do ouro.

Resta-nos apenas, para concluir, observar a mecânica do amoedamento e do desamoedamento. Veremos assim como o sistema, ao invés de tender à ampliação do desequilíbrio, tende a reequilibrar-se. Dividiremos o fenômeno em três fases; 1ª - Quando um lado pesa mais que o outro e o navio pende mais, por exemplo, para a direita. 2ª - Quando os dois lados se equilibram e o navio está a prumo. 3ª - Quando o navio tem maior peso do lado oposto e pende, por exemplo, para a esquerda. Eis como pode operar-se o reequilíbrio.

1ª. Fase - Quando o grupo das mercadorias básicas custa menos que a unidade monetária. - Nesta fase os possuidores de mercadorias amoedáveis, ao invés de oferece-las ao mercado, com tudo o que se segue, a conservam, provocando paralelamente uma emissão de títulos equivalentes a elas, e de que elas representam o lastro. Esses títulos de curso legal como o papel-moeda, criam um aumento de circulação e assim se restabelece o equilíbrio. Concomitantemente o Banco de emissão reduz a taxa de desconto, alarga o crédito, aumentando desse modo a quantidade de moeda circulante. Eis assim restabelecido o equilíbrio.

Acervo Virtual Espírita

2ª. Fase - Quando o grupo das mercadorias básicas custa tanto quanto a unidade monetária - Nesta fase nenhuma modificação se opera, estando já tudo em equilíbrio.

3ª. Fase - Quando o grupo de mercadorias básicas custa mais que a unidade monetária. - Nesta fase, os possuidores de mercadorias amoedáveis são constrangidos a reembolsar ao Banco de emissão parte dos títulos obtidos como antecipação durante a primeira fase, e para isso devem vender parte de sua mercadoria. Assim é diminuída a quantidade da moeda circulante e se restabelece o equilíbrio. Concomitantemente o Banco de emissão eleva a taxa de desconto, restringe os créditos, diminuindo desse modo a quantidade de circulação legal. E assim fica restabelecido o equilíbrio.

No primeiro caso tudo se reequilibra com o amoedamento. No segundo tudo já está em equilíbrio. No terceiro caso tudo se reequilibra com o desamoedamento. Assim, os desequilíbrios, ao invés de aumentar, são corrigidos, e as crises não podem desenvolver-se. Assim o interesse do indivíduo e o da coletividade não são mais inimigos em antítese, e podem concordar no princípio utilitário compreendido e aceito por todos, qual é o da sua vantagem. Assim pode resolver-se o problema que atormenta o mundo, da instabilidade monetária. Compreendido o princípio geral, cada técnico de finanças poderá adaptá-lo às condições particulares do seu país e do momento, segundo as modalidades requeridas pelo caso particular, mesmo tendo em conta que, podem ser evitadas assim crises dolorosas, enquanto a riqueza deriva de recursos naturais, da inteligência e sobretudo do trabalho.

Quisemos entrar mesmo neste problema especial de circulação monetária, por sua imensa importância social, dado que ela é, para o organismo econômico o que é a circulação do sangue no organismo humano. Circulação que, se não for bem regulada, pode ser mortífera, tanto por excesso como por defeito. A circulação monetária deve estar sempre em relação direta com a circulação dos bens, ao passo que, com os sistemas atuais ela tende à relação inversa. Infelizmente, se é verdade o que diz Filangieri ("Leis Econômicas"): "*os homens seguem o curso do metal como os* peixes *seguem as correntes das águas*"; ou seja se a circulação da moeda é um fenômeno tão importante, perguntamo-nos quão grande deve ser a lacuna das atuais condições, quando o próprio Francesco Ferrara declara que a teoria da circulação da moeda "*é um capítulo das ciências econômicas que é mister refazer de todo*". No prefácio de seu "Tratado da Moeda", J. M. Keynes afirma que: "*não obstante seja a matéria monetária objeto de ensino em todas as Universidades do mundo, é estranho, que não exista um texto que trate sistematicamente e a fundo da teoria e dos fenômenos da moeda, tal como existe hoje no mundo moderno*".

Por isso quisemos demorar-nos sobretudo nesta questão tão viva e atual, em redor do qual giram tantos outros problemas sociais. Com isto quisemos também desenvolver alguns aspectos do fenômeno econômico, já delineados nos últimos capítulos de "*A Grande Síntese*". O leitor inteligente acha aqui a chave para resolver por si outros problemas particulares, aplicando, como demonstramos no caso deste capítulo, os princípios gerais do sistema monista de toda a Obra, e o método nela seguido para sua aplicação. Assim poderá ele alcançar a explicação e a orientação nos fenômenos mais díspares.

Acervo Virtual Espírita

ORIENTAÇÕES TERAPÊUTICAS E PATOGÊNESE DO CANCER

Enfrentaremos, agora, outras questões de caráter prático-social.

Nenhum problema pode ser verdadeiramente resolvido, se não partirmos de sua orientação cósmica, que o enquadre em relação ao funcionamento orgânico do todo. É necessário, pois, partir do geral, nele depois engastando, no ponto exato, o particular. Tudo é ligado no universo. Portanto não é de estranhar que possamos achar as causas remotas dos estados patológicos em crescimento, nas condições espirituais do mundo de hoje. É natural, por isso, que escape à orientação materialista da ciência e sobretudo da medicina moderna, o significado íntimo da doença, que tende a fixar-se em formas específicas na raça, como última conseqüência de erradas correntes de pensamento que dominam em nosso tempo. Para manter o estado de saúde, é necessário que todo o mecanismo físico-espiritual de nosso composto humano funcione em harmonia com os princípios das leis que regulam a vida. De acordo com o conceito unitário da vida, a medicina somática e a medicina psíquica deveriam colaborar. Deveria o médico ser também um sacerdote do espírito. No ser humano, que é, como vimos, a fusão de uma alma com um corpo, estão conexos fenômenos de ordem espiritual e material, com conseqüências físicas de fatos psíquicos, e efeitos psíquicos de causas físicas. Alex Carrel (“O Homem, esse desconhecido”) afirma que o conjunto formado pelo corpo e pela consciência pode ser modificado, tanto por fatores orgânicos como por fatores mentais.

Tudo o que existe é vivo, e a ciência não sabe o que seja a vida, porque esta é o princípio espiritual que anima tudo e que a ciência ignora. Assim, tudo o que existe é um organismo a funcionar, que traz escrita nele a sua lei. Quem se afasta dessa ordem, a ela volta reconduzido pelo sofrimento. Ninguém nega o valor dos novos meios diagnósticos e terapêuticos. Entretanto, muitos progressos no particular são anulados em parte, pela desorientação no conjunto. Além disso, é errada a psicologia espiritualmente anárquica, de que eles se valem, com a pretensão de tomarem o lugar da ordem natural e de dobrá-la à vontade humana. Vem isso como conseqüência do princípio tão instintivo e axiomático, da luta pela vida, que a ciência inadvertidamente usa, sem discuti-lo; e, no entanto, quanto mais se eleva alguém em conhecimento, mais deixa ela de ser imposição pelo domínio, e se torna adesão, em obediência a uma sabedoria que já está atuando na vida. Princípio da luta que pertence aos planos mais baixos da vida, onde ecoa ainda mais viva a posição luciferiana da revolta à ordem de Deus, posição psicológica que leva a ciência a tornar-se, não meio de civilização e bem-estar, mas antes de tudo instrumento de destruição bélica.

No campo médico, leva essa psicologia a uma terapêutica repressiva, enquanto a medicina deveria ser somente a arte que imita, secunda e promove os processos curativos da natureza. Esta, no doente, age seguindo um programa próprio, conservativo e compensativo, que o médico deveria respeitar e ajudar. Pena, então, quando a terapia não segue a da natureza ou totalmente a ela se opõe com intervenções tão enérgicas que paralise sua ação. Essa psicologia de luta para dominar e submeter levou a outro perigoso erro: o equívoco microbista, pelo o qual toda a medicina se concentrou na luta contra os micróbios. Correspondia perfeitamente a psicologia atávica da luta pela vida, a crença de que a sabedoria humana tivesse finalmente descoberto,

Acervo Virtual Espírita

com o microscópio, o verdadeiro inimigo oculto, no infinitamente pequeno e, finalmente, nele tendo encontrado a causa das doenças, fácil lhe fosse vencê-las. E o homem, sempre ávido de guerras, iniciou com isso uma nova guerra, e nela acreditaram médicos e doentes, estes últimos sugestionados pela nova ciência que os aterrorizava com o espectro do micróbio. Mas explicaremos melhor, logo abaixo, estes conceitos.

Outra conseqüência da supracitada psicologia luciferiana, é o fracionamento que ela tende por sua natureza, estando situada no pólo oposto ao que representa a unidade em Deus. A especialização, o perder-se, desorientando-se, no dédalo das análises, arruinando assim a virtude da síntese e da unidade, é um dos erros de todo o pensamento cientifico moderno. Procede-se hoje por análise, subdividindo e seccionando, cada vez mais aprofundando-se o particular. Assim, quanto mais subdividirmos um organismo unitário, tanto mais nos afastaremos da possibilidade de compreendê-lo. E por fim, não nos fica em mão senão um acúmulo de elementos desconexos, dos quais teremos que achar os significados reconstruindo-os na unidade, num conjunto que os explique e valorize, e cuja imagem desapareceu de nossa frente. Não é de ordem analítica, mas sintética, o conhecimento do ser humano. Inegavelmente são grandes as descobertas da ciência médica, mas, para compreender, não basta um mosaico de julgamentos separados, pois bem diferente é o desenho geral, o único que valoriza as várias partes numa ordem superior. Não pode ser obtida a compreensão do ser humano, adicionando todos os infinitos conhecimentos analíticos, tirados da observação do particular, mas só vendo-o de outro ponto de vista em seu conjunto. Se o método da observação e experimentação representou grande progresso ao criar a ciência, não é ele entretanto isento de perigos. Especializar-se quer dizer separar, significa ir de encontro ao princípio fundamental da unidade, que é o que rege todas as formas da vida. O organismo humano é feito por órgãos que se fundem, e não por compartimentos estanques.

O microbismo mencionado acima é um dos efeitos dessa psicologia. É ele o calcanhar de Aquiles da atual medicina, é o “locus minoris resistentiae” do conceito patogenético. Dá-nos ele, mediante as bactérias, uma explicação que parece fácil e acessível, mas é apenas aparente, como veremos, e não resiste à crítica. Outra conseqüência e caminho de extravio, é o laboratório. Se é verdade que fornece elementos para o diagnóstico, nem sempre resolve o problema. Indivíduos há que continuam doentes, apesar de serem negativos os exames. Quantas vezes poder-se-á negar uma úlcera porque o radiologista não acha o nicho doudenal; ou então negaremos a qualidade tuberculosa de um depauperamento orgânico, de uma tenaz dor torácica, de uma febre ligeira, porque o escarro não apresenta bacilos e a radiografia é negativa, quando ao contrário a história clínica e o hábito constitucional do enfermo falam claro de uma pre-tuberculose? Assim, quantas outras doenças são excluídas, com base da resposta negativa do laboratório! Não deve ele substituir a nossa síntese pela sua análise. Nosso julgamento deve dominar, e não sujeitar-se a tais respostas, deve iluminá-las com sua luz e completá-las onde elas se calam. Em outros termos, é mister curar o enfermo como unidade orgânica, e não a doença, teoricamente decomposta em seus elementos.

Como se vê, a medicina está enferma de diversas enfermidades. Mas, dado que isto é uma conseqüência da corrente de pensamento hoje em voga, é natural que esteja desviado do bom caminho também o conjunto dos doentes. A massa destes, sendo eles homens de nosso tempo, tem um conceito errado da vida. Esta é um ato de

Acervo Virtual Espírita

ordem e disciplina, do espírito e do corpo, e não uma corrida ao gozo. Os vícios de todos, ricos e pobres, as condições antinaturais da vida nas grandes cidades, mil hábitos artificiais, transformam a elevação do nível da vida num perigo para a saúde. Esta é dada, antes de tudo, por um regime simples e sóbrio de ordem, porque a doença só entra quando lhe tivermos aberto as portas, enfraquecendo as naturais resistências orgânicas, com um sistema errado de vida. Nisto entram também nossos hábitos psíquicos, nosso modo de conceber e dirigir-nos. Com sua direção materialista, a sociedade moderna elevou, como biótipo modelo, o homem de ação, desvalorizando o homem de pensamento, que é o que mais vale. Conseguiu-se assim eliminar da vida social o sentido de orientação nas infelicidades, a fé que anima no porvir, a consciência das metas remotas para as quais vivemos, o equilíbrio e a calma dos sábios.

Chegar-se-á dessa forma a eliminar o biótipo do homem bom e honesto, e far-se-á sempre mais dura a luta, numa ânsia sem tréguas. Mesmo que o trabalho produza bem-estar, se não for orientado a fins superiores, ele, ficando espiritualmente estéril, nos deixará desiludidos. Caro pagará a sociedade, com sofrimentos nervosos e morais a carência desses elementos indubitavelmente necessários à vida. Não poderá permanecer impune e sem conseqüências o erro de ter querido fazer do homem, ser espiritual, apenas uma máquina de produzir dinheiro. O espírito, cloroformizado, pela concepção materialista da vida, manifesta-se como pensamento falaz, incerto, agitado desorientado, que não caminha direto ao alvo, mas perde-se na tentativa de alcança-lo. Essa ingente corrente ao vazio parece dinamismo, mas é uma corrida para procurar sem encontrar, e que não conclui, como faria o pensamento ponderado que sabe e vai direto ao escopo. A vida moderna, em grande parte, é apenas barulho inútil, uma irrequietude que dissipa sem produzir, é dispersão de energias, é inquieto nervosismo debaixo do qual está o vazio. Trabalha-se com forças ilusórias, produzidas por excitantes. Cada desequilíbrio produz novo desequilíbrio e assim cada vez mais rápido gira o turbilhão que tudo arrasta. Não mais se sabe hoje quanto frutifica o saber trabalhar com calma. E por isso trabalha-se para perda, com a máquina inçada de atritos. Com as premissas que o materialismo hoje lhe deu, a vida se torna a fadiga do diabo, desarmônica, dolorosa, que só produz dano. Ao passo que a fadiga de Deus é harmônica, alegre e produz frutos de paz. Nem mesmo sabemos mais repousar e é freqüente fazê-lo cansando-nos com inúteis fadigas. O homem moderno tem medo do silêncio, e, para repousar, gosta de aturdir-se com novos rumores.

Vive-se esmagando o próximo. E isto significa a dor de todos, mesmo do vencedor, porque ele também poderá cair amanhã na posição de vencido. É mister compreender que, esmagando o próximo, hoje, que se está formando a unidade social humana, não estamos esmagando um estranho, mas uma parte de nosso próprio organismo ou corpo social, de que somos células. É indispensável a eliminação do ódio que corrói a todos. A ferocidade na luta pela vida imprime traumas na psiquê, que se fixam na raça, com complexos congênitos de inferioridade. Formam-se assim pontos fracos que depois investem também contra o terreno orgânico, criando focos de vulnerabilidade que constituem as portas abertas para as doenças. Cada erro se paga: mesmo este da desorientação espiritual. E paga-se com a moeda soante de nossa dor. Cada estado desarmônico ecoa e se repercute de plano em plano, até que fique exaurido seu impulso e não esteja tudo pago por nós mesmos. Para remediar a tudo isso seria necessária não só uma profilaxia e higiene fisiológica, mas sobretudo uma espiritual.

Acervo Virtual Espírita

Diante de tal estado de coisas, ao invés de reconhecer essa condição patológica, ao invés de compreender que suas causas estão, antes de tudo no espírito, e que a cura só pode ser obtida refazendo-se tudo desde o início, prefere o homem abandonar-se ao belo sonho de que, com a baqueta mágica do farmacêutico, a medicina opere por si o milagre de curar-nos. Na verdade, sonhar é belo. Mas é lógico que, depois, tudo seja ilusão. Antes, abusa-se de tudo com uma vida desregrada, e depois pretende-se o milagre da cura pela ciência. Com essa psicologia dominante, como impedir que ela influencie o próprio médico, que é assim levado a usar sistemas enérgicos que dêem o que o cliente quer: o tangível resultado imediato, sem cogitar-se do que poderá custar isso ao organismo perturbado em seus equilíbrios naturais?

Doutro lado, como impedir, dada a psicologia dominante, que se forme sobre ela uma indústria farmacêutica que satisfaça esse estado de ânimo? É natural que a procura provoque a produção e a oferta. Aparece assim no mercado, um acervo de produtos já confeccionados para cada tipo de doença. Desse modo, prescindindo das particulares condições do enfermo, acha-se automaticamente pronto o remédio. E porque tudo seja acessível a todos, mesmo às classes menos favorecidas, mecaniza-se a vida em serviços simplificados e administrados em série. Essa industrialização é, na verdade, economicamente rendosa e mais realizável, porque praticamente mais fácil, mas não é, sem dúvida, o meio mais apto à finalidade de curar. Todavia, como se vê, existe uma cadeia de exigências de todo o gênero; dessa forma, elas são satisfeitas, e assim explica tudo. Há somente um pequeno erro. A solução do problema da saúde física e espiritual, problema único, não pode alcançar-se por esse caminho. A saúde não se conquista com o produto farmacêutico, mas com um regime são de vida, fornecido pela compreensão de suas leis e a obediência a elas. A saúde é um estado de equilíbrio que só pode ser conquistado pelo esforço do autodomínio, para manter-nos disciplinados na ordem, tanto espiritual como material. E uma medicina enferma de analitismo, de microbismo, de laboratorismo, etc., não poderá de modo algum, por meio da indústria farmacêutica, realizar o milagre do absurdo de curar um público de doentes desorientados, ignaros das regras do sadio viver.

Após esta visão panorâmica, entremos nas minúcias da questão. Procuremos compreender como, não obstante isso, saiba a vida triunfar de tudo. Se assim não fora, já de há muito teria desaparecido a humanidade. Acredita-se, em geral, que as doenças cheguem por acaso, quando o capricho de alguns micróbios patogênicos os faça agredir e instalar-se em nosso organismo. Mas não é assim. Em muitos casos só entram os micróbios quando há uma porta aberta e um convite que os instigue a entrar. Não é só o micróbio então que é o inimigo, mas também nosso estado orgânico é a causa de nossas doenças. A lei é que cada um traga em si mesmo a causa das próprias enfermidades: é que muitas vezes a doença atrai o micróbio, e não o micróbio forma a doença. Como ocorre isso?

A orientação diagnóstica postpasteuriana, organística e localista, foi sempre levada a considerar o ponto de chegada, mais do que o ponto de partida da doença. Descoberta a presença de determinado micróbio, a medicina fica satisfeita por poder considerá-lo a causa primeira da doença, tanto mais que a experiência confirmava essa presença. E eis a série dos antibióticos, sulfas, penicilinas, com outros derivados do mofo; estreptomicina, clitocibina, aspergilina, aureomicina, cloromicetina, super-penicilina,

Acervo Virtual Espírita

subtilina, etc. Assim os antibióticos, palavra que significa contrários à vida, deveriam curá-la.

Passa-se as coisas diferentemente. O micróbio lá está, sem dúvida, porque onde existe matéria orgânica desvitalizada e em dissolução, ele não pode faltar. Mas lá não se encontra ele para agredir com seu poder homicida, mas para cumprir sua função benéfica, de ordem, que entra no quadro do desenvolvimento e da solução da doença. Os micróbios são muitas vezes efeito, e não causa da doença, são o ponto de chegada, e não o de partida dela. Há aqui um erro de perspectiva psicológica. Não existem na natureza antagonismos, mas integrações. A doença em geral está na constituição do indivíduo, suas raízes mergulham no terreno orgânico do sujeito. O ponto de partida é o acumular-se de substâncias tóxicas, de matérias morbígenas contra o qual, quando elas atingem o limite da tolerância, reage a natureza orgânica por legítima defesa, e a doença explode, por lei de conservação. Ela é, pois, uma crise protetora, um esforço curativo da natureza, necessário para restabelecer o equilíbrio fisiológico humoral.

Essa reação tem a sua razão de ser, sua estrutura, seu ciclo, sua duração, seu individual tempo interior, sua solução. A natureza viva é, sem dúvida, inteligente e finalística, tendendo à própria conservação. É natural, então, que em tais processos reativos realizem operações de acúmulos, de transformação, de eliminação de substâncias tóxicas, de detritos celulares, operações que só os micróbios podem realizar, porque é a eles que, no terreno agrário como no animal, está confiada a função desintegradora das substâncias desvitalizadas. São eles então atraídos, como por uma chamada, acorrem e realizam sua função auxiliar e integradora, pela solução do processo morboso. Assim como os micróbios do terreno se lançam sobre as matérias em decomposição, para transformá-las e torná-las assimiláveis às plantas, assim também os micróbios que se acham inócuos, à espera no ambiente ou em nós, quase que sentindo a presa, se lançam sobre as matérias em decomposição que se acumularam, para transformá-las e eliminá-las.

Então, não é o micróbio que atenta à vida celular, mas é a célula organizada que, desorganizando-se, decompondo-se e dissolvendo-se, permite ao micróbio viver e cumprir sua função cósmica proteolítica. Nada há de funesto e mortal nas coisas da natureza. A doença muitas vezes é uma experiência de salvação e a morte é a passagem a outra forma de vida. As próprias doenças epidêmicas, como peste e cólera, são conseqüências da resposta do organismo às causa patogênicas. Assim não fora, numa epidemia deveria perecer a totalidade.

Segue-se daí que o sistema de truncar os sintomas de uma doença aguda, como se fossem eles a causa, é um repressão perigosa com resultados ilusórios. As doenças agudas são uma concentração de luta, onde esta é necessária. Trata-se de movimentos calculados, que se devem desenvolver segundo um plano preestabelecido. Então a satisfação de truncar uma doença, prepara outra mais grave, porque a natureza não abandona a luta e acende alhures a necessária reação para sua conservação. Isto até que, exauridas as forças disponíveis, ela se relaxa, e permite então, o advento da anarquia orgânica do câncer. Se este vai crescendo, deriva isso também do sistema de obstacular o desenvolvimento das salutares reações morbosas. É perigoso atrapalhar os cálculos da natureza que se defende, eliminando os micróbios com os quais ela conta. Paralisando-os, anula-se também um meio de defesa. Mas, além disso, o antibiótico é um tóxico para o organismo, tanto que paralisa todos os elementos químicos, físicos,

Acervo Virtual Espírita

histológicos, secretivos, nervosos e magnéticos, que a natureza havia mobilizado para sua defesa. Desaparecem, então, os sintomas. Eis o milagre, que é ilusão. O esforço vital de defesa foi anulado de um golpe. Faz-se o deserto. Os humores tóxicos, de que estava saturada a economia e contra os quais se armara a natureza, continuam a poluí-la e o doente permanecerá doente. Ele, então, ao invés de recobrar-se, fica fraco e cansado. E se a seguir, não obstante tudo, souber a natureza e tiver a força de reacender uma reação de defesa, cairá o organismo num estado progressivamente discrástico, que prepara as mais variadas síndromes degenerativas, até a tragédia do câncer. É por isso que, com tantas descobertas, as estatísticas vão registrando aumento de doentes.

O princípio da caça ao micróbio não resolve. Observe-se apenas o fato de que ele se habitua e, circulando qual patrimônio comum a todos, requer, para ser abrandado e debelado, uma dose, sempre mais forte da substância com que o queríamos eliminar. Seria indispensável maior respeito às leis da natureza, evitando intervenções violentas e diretas. Ela fez a torrente circulatória hermeticamente fechada, a fim de que as substâncias que são absorvidas pelo sangue, sejam antes homogeneizadas pelos complexos fisiológicos do organismo a que pertence o sangue. É perigoso, por isso, o comuníssimo uso de atentar à integridade do sistema circulatório mediante injeções endovenosas.

Penetremos ainda em maiores particularidades, para nos aproximarmos da compreensão do caso específico do câncer. Esclarecemos acima estes pontos: a natureza possui uma inteligência sua, que usa com finalidades defensivas e conservadoras. A doença, então, é um movimento curador, que faz parte de seus equilíbrios. A doença não é devida só ao micróbio, mas sobretudo ao estado de vulnerabilidade do organismo. Se bem que a nossa seja a era microbiana, em que a medicina se apega ao conceito de infecção, os micróbios não são ferozes homicidas, mas colaboradores dos processos da vida. É a anormalidade do tecido que precede a chegada e a fixação do micróbio, de modo que as formações microbianas se apresentam, quando é necessário desenvolver-se sua função proteolítica de purificação dos focos.

Dito isso, procuremos compreender o mecanismo da patogênese do câncer. Para melhor compreender o fenômeno, reportemo-nos às origens do nosso organismo. Daremos assim um breve passeio pelas íntimas maravilhas da vida, o que nos permitirá observar a sabedoria de seus planos de desenvolvimento e esquemas arquitetônicos e fazer novas observações também em relação a reencarnação.

A entidade psico-física que constitui o homem, é apenas, em última análise, a vibrante organização de bilhões de células em contínua evolução ou involução, em contínua adaptação ao ambiente externo, assim como o cosmo é apenas um imenso agregado de átomos. Vida orgânica e vida inorgânica, fenômeno biológico e fenômeno físico-químico, são expressões da mesma matéria que se organiza e se agrega de modo diversíssimo. De tal forma que poderemos dizer que, no mundo biológico, a célula está para o organismo, assim como, no mundo físio-químico, o átomo está para o microcosmo. E como o átomo inorgânico é constituído por um núcleo central de carga eletro-positiva e por um ou mais elétrons de carga eletro-negativa, assim a célula é constituída por um núcleo central e pela substância protoplasmática. Assim, célula e átomo são unidades constituintes elementares do mundo orgânico e do inorgânico, igualmente cindidas e reunidas, em seus dois elementos componentes, inversos e complementares, sempre positivos e negativos. Assim o átomo é regido e animado pela coesão de duas partes

Acervo Virtual Espírita

antagônicas que o compõem: a carga eletro-negativa ou magnética e a carga eletro-positiva ou radioativa. Por sua vez, a célula, outro equilíbrio por compensação dos contrários – uma espécie de átomo orgânico – tem diferente do átomo inorgânico, o núcleo carregado eletro-negativamente, e a massa protoplasmática carregada eletro-positivamente. Essa inversão de carga elétrica entre o mundo inorgânico e o orgânico é o ponto nevrálgico da biologia. Paralelismo que relacionam tudo com um princípio unitário. Quando for penetrado o mistério biológico até a profundidade do átomo constituinte, segundo as universais leis da matéria, o fenômeno da vida poderá ser visto em sua unidade com todos os outros fenômenos.

Enquadrado assim em relação ao fenômeno cósmico, o fenômeno da vida humana, vejamos como se inicia ele em seu lado físico. Deriva nosso organismo vivo de uma primeira semente representada pela esfera de segmentação, que se forma pela fusão das duas células sexuadas, masculina e feminina. Elas são o produto de dois organismos vivos, que se formaram pelo mesmo processo, numa corrente vital única, em que se escreve toda a história vivida e se imprimem todas as qualidades adquiridas no campo orgânico. Tudo é assim transmitido e, com o nascimento, cada indivíduo recebe dessa forma uma sua particular constituição física, com qualidades de resistência e vulnerabilidade congênitas, hereditárias, atávicas. Assim, a substância fisiológica que fornece a matéria prima para a construção do organismo humano pode estar, desde o início, sadia ou estragada, conforme a carne transmitida pelos pais.

A primeira célula do novo organismo é constituída, pois, pela fusão dos dois elementos prolígenos, unidos numa simbiose celular, em que são impressos os caracteres das duas células progenitoras, caracteres que continuarão a transmitir-se em toda a multiplicação celular sobre a qual se baseia a formação do organismo físico. Logo que se forma esta primeira célula, inicia-se o processo de construção de uma vida própria autônoma e independente, que faz centro em redor de outro eu ou personalidade, que não é a dos pais, ainda que o material, com que se possa vestir de um corpo, seja tomado do organismo vindo da mãe. Da primeira célula, começa um processo de reprodução e multiplicação por cisões (cariocinese), com ritmo e diferenciações bem disciplinadas: ritmo forte nas primeiras fases embrionais e de crescimento, que em seguida paulatinamente decresce, à proporção que os tecidos vão se diferenciando e se formam os órgãos e aparelhos orgânicos; até que, quando o organismo adquiriu sua conformação definitiva e adulta, a reprodução celular é tão exatamente disciplinada, que se limita apenas a substituir as células que, na troca vital, se vão gastando. A disciplina é também dada pelos limites dentro dos quais a célula deve reproduzir-se, sem o que o organismo nem atingiria nem manteria sua configuração.

Leva-nos tudo isto, a considerações de caráter filosófico e espiritual, que só podíamos fazer após o presente estudo, de índole técnica, para uso dos médicos. Quem dirige todo o fenômeno? Há nele uma disciplina perfeita, uma coordenação de operações que cooperam para a execução de um exato e preconcebido esquema arquitetônico. Uma disciplina presume um disciplinante, um trabalho inteligente indica um princípio inteligente, um trabalho periférico um motor e uma direção central, a construção de uma estrutura orgânica só pode derivar de uma unitária vontade finalística a que obedecem as células. Quem é que dirige todo esse trabalho? Por si, certamente não. Cada uma da células, por mais que seja levada por hábitos e lembranças atávicas, a refazer um caminho já tantas vezes percorrido (a ontogênese repete a filogênese), não

Acervo Virtual Espírita

pode dirigir um trabalho de conjunto, diferente do de cada uma, não pode possuir um conhecimento que suporte as funções da própria vida de cada uma. Então, o que dirige tudo é um genérico consciente cósmico? Mas, neste campo da vida, tudo é individualizado, tanto como forma própria exterior, quanto como princípio diretivo; portanto um genérico consciente cósmico só pode ser concebido como individuado na forma de um "eu" pessoal ou princípio espiritual da personalidade. Será talvez a alma da mãe? Mas o processo continua, mesmo que a mãe morra logo após o parto e, mesmo em seu seio, há diretivas autônomas, independentes da vontade dela.

Só nos resta admitir um princípio espiritual preexistente, que intervenha para realizar esse trabalho. Inicia-se a sua ação diretora na primeira reunião dos elementos prolígenos sexuais, no átimo da concepção (em confirmação, veja o cap.: "O Livro Tibetano dos Mortos"). O trabalho que vemos realizar-se, como conseqüência, demonstra-nos a verdade e necessidade desta afirmação. É o espírito que, nos primeiros tempos, vivendo da vida da mãe, faz para si e por si, o seu invólucro físico adaptando-se ao terreno paterno-materno de que o deriva, e adaptando a si esse material de construção. Assim o espírito constrói sua casa. Podemos assim agora, no campo biológico, esclarecer o fenômeno da reencarnação, de que em breve nos ocuparemos. Aqui não se trata de uma memória atávica celular, que poderemos chamar analítica e periférica, mas de outra memória espiritual, que poderemos denominar sintética e central; para indicar-nos a sua existência, seria suficiente a lei do equilíbrio do dualismo universal. Quando do nascimento do corpo, a alma se dedica ao trabalho de formação de um organismo que corresponda a um esquema preestabelecido, que a alma já conhece por sucessivas encarnações no biótipo humano. Não se lança ela a uma experiência nova, mas apenas repete uma experiência já realizada quem sabe quantas vezes, cujo conhecimento só pode ser adquirido lentamente por graus. Doutra forma, o espírito não poderia realizar esse trabalho. Tudo converge para demonstrar-nos a verdade da tese reencarnacionista. Material orgânico e espírito já se conhecem bem, e só de longa convivência podia nascer a sintonia físio-psíquica que permite sua fusão num mesmo composto humano. A vida baseia sua resistência na adaptação, e assim é ela possível de ambas as partes, do corpo em relação ao espírito e do espírito em relação ao corpo. Por longa repetição, a alma humana habituou-se, homogeneizou-se, no ambiente terrestre. É absolutamente impossível que um princípio espiritual, que se destacou do mundo do absoluto, possa, no momento da concepção, enxertar-se de um golpe no mundo da matéria. Como aceitar esse conceito, quando ele contrasta com os hábitos fenomênicos do universo e está em flagrante contradição com o que vemos ser feito pela vida a cada instante? Além disso, com a teoria da criação da alma ao nascimento, cairia toda a teoria da evolução espiritual, que é a contrapartida da queda pela violação da ordem da lei: cairia o sistema que explica tudo, e dever-se-ia concluir pelo desequilíbrio, pelo absurdo, pelo caos.

Cada princípio espiritual (no sentido mais amplo, de princípio que anima qualquer forma de vida), tem seu tipo biológico ao qual ele está proporcionado, em que possa encarnar-se, e no qual acha sua adequada expressão e gênero de experiência adaptada, necessária para sua evolução. Quanto menos evoluído for esse princípio, tanto mais elementar será sua veste corpórea, descendo no mundo animal até ao vegetal, até ao mineral (cristais) e atômicos. Mas quanto mais se desenvolver esse princípio, tanto mais tenderá a superar a expressão de forma humana e a emigrar em ambientes onde lhe

Acervo Virtual Espírita

será possível construir para si uma habitação mais perfeita, adaptada ao seu novo desenvolvimento e ao seu gênero de experiências, necessárias a ele para continuar a evolver. Mas esta uma ciência que é aprendida gradualmente e que não pode ser usada senão quando conquistada por merecimento. Recordemos que os fatos nos mostram reinar no universo um princípio de ordem, segundo o qual, apesar de todas as revoltas, cada coisa está contida em seu devido posto, nos limites que lhe dizem respeito. Mesmo se, em casos particulares, pode ocorrer o contrário, nos princípios diretivos reina inviolável a disciplina.

Depois desta moldura introdutória, útil também para a teoria da reencarnação, retomemos agora o caminho, para alcançar a compreensão do fenômeno do câncer. Escolhemo-lo entre muito outros, porque nos permite ele realizar várias observações importantes. Vimos que a primeira célula do novo organismo é uma simbiose celular. Este é o tipo da sadia simbiose fisiológica, de que deriva um desenvolvimento disciplinado de células, que obedecem a um princípio central diretivo. Tudo aqui se desenvolve segundo leis organizadoras, associativas, corporativas, que dominam férrea e totalitariamente as miríades de células que compõem o organismo inteiro. A patológica celulação neoplástica do câncer, ao contrário, tem características opostas. A célula neoplástica não obedece mais à disciplina do poder central e, arrastada pelo próprio prurido genético, reproduz-se louca e anarquicamente. Daí o neoplasma. Acontece assim, que essa célula neoplástica, reproduzindo-se por subdivisão como as outras, não rebeldes, das quais mantém caracteres de semelhança, senão de identidade, torna-se a progenitora de uma colônia celular anárquica que se arraiga no tecido semelhante, constituindo aquela monstruosa massa que se chama câncer. Vive parasitariamente na sociedade policelular orgânica; da qual esgota o sangue e os coeficientes nutritivos, em cuja torrente humoral despeja os produtos de sua especial troca, verdadeiro glúten de morte, de modo que, gradual e irremediavelmente, subverte a admirável e concorde sociedade celular, até destruir todo o organismo. No maravilhoso e harmônico complexo de nossos tecidos, órgãos e aparelhos, que são expressões de ordem e disciplina, essa célula secessecionista, subversiva, anárquica e criminosa é, ao contrário, a expressão da desordem e do mal no campo orgânico.

O fato de que o câncer aumenta à proporção que nos afastamos da vida sadia segundo a natureza, numa sociedade também espiritualmente corrompida, o fato de que ele aumenta com a corrupção desta, faz pensar que o câncer seja o resultado de um desconjuntamento dos ritmos vitais e exprima um estado patológico de todo o complexo humano. Seu modo de comportar-se faz pensar, de acordo com a lógica que até aqui desenvolvemos, em um relaxamento do poder diretivo central, que é espiritual e, por conseguinte, um regresso involutivo dos elementos que compõem sua veste corpórea. Significa isto que algumas células escapam assim à disciplina que as dirige, e por conseguinte, recaem em sua fase involuída e desorganizada de reprodução indisciplinada. A ordem é uma conquista da evolução, como o é o entrosar-se em unidades múltiplas coletivas, que aquela ordem aceita em sua construção. E a célula que escapa a um poder central coordenador só pode ter sua diretivas individuais, uma independente da outra, sem capacidade para formar qualquer estrutura orgânica. No caso do câncer, achamo-nos então, no mesmo indivíduo, diante de duas unidades biológicas diferentes, que convivem nas mesmas bases fundamentais da vida, isto é, a colônia celular anárquica do câncer e a estrutura disciplinada do organismo humano.

Acervo Virtual Espírita

Explicaremos abaixo por que a célula rebelde neoplástica se comporta assim. Ela é derivada de um micróbio que, após longuíssima estada e adaptação, conseguiu desindividualizar-se e assumir caracteres afins aos das células dos evoluídos organismos policelulares.

Mas antes de explicar tudo isso, paremos para algumas observações. Parece que, mesmo no campo biológico, as forças do mal assumem as mesmas características que o individuam no campo moral. A desordem e a revolta pertencem aos planos mais involuídos da vida, cujas formas inferiores tentam sempre agredir as formas mais evoluídas, desde que estas relaxem o controle e a defesa, que só pode ser exercitada pela força e inteligência do poder central. Repete-se esse fenômeno no campo social, quando vemos que, logo que se corrompe e enfraquece um governo, imediatamente das camadas inferiores da sociedade emerge a rebelião, para apoderar-se do poder. Leva-nos isto a ver uma relação entre o difundir-se do câncer e o crescente relaxamento moral de nossos tempos. Quando a desordem chega até ao poder central que é o espírito, ele perde os meios diretivos até da disciplina orgânica. O funcionamento e a estrutura das células se ressentem de estados de ânimo prolongados, habitudinários, que tendem a imprimir-se nelas, projetando as próprias deformações do plano espiritual até o plano orgânico. É essa transmissão do subconsciente, e daí, por ideoplastia, à estrutura orgânica, que explica a evolução das formas como conseqüência da evolução do espírito, que é a causa dela. Então é natural que, quando do centro se inicia esse processo de depuração, se verifique um regresso geral involutivo. Compreende-se então como uma célula inferior e degenerada de origem micróbica, possa tentar revoluções no seio de um organismo relaxado pelo poder central. Este, então, não merecendo mais ficar no plano evolutivo atingido, é justo que, de acordo com os equilíbrios da vida, apareça agredido pelos inferiores e que seja eliminado, se não der prova de possuir em si o poder do comando e defesa que lhe dá o direito de viver.

Essa íntima conexão entre o próprio tipo espiritual e a forma orgânica que o reveste, induz-nos a admitir que, na reencarnação, o espírito deva escolher um organismo do seu tipo, que tenha suas qualidades, boas como más, porque de outro modo não pode formar a sintonização necessária para a fusão. Como poderia essa realizar-se sem uma semelhança? Na união da alma com o corpo, é claro que devem funcionar as leis de afinidade, que operam por atração e repulsão. Desse modo, para poder conseguir realizar uma vida inteira de tão íntima convivência, devemos admitir identidades fundamentais de qualidades entre espírito e organismo, e que este último represente a verdadeira expressão do primeiro no plano físico. Leva-nos isto a admitir outro fato que aperfeiçoa mais ainda a teoria da reencarnação. Quando um espírito vem inserir-se numa célula prolígena hereditariamente tarada, da qual só pode retirar um organismo com certas predisposições patológicas congênitas, não ocorre isto por acaso, mas segundo a lei de justiça que dá a cada um o que lhe cabe por seu merecimento. Será atraído por afinidade, para uma determinada estrutura orgânica, o tipo correspondente de personalidade, e não qualquer outro, ou seja, aquele tipo que tem um comprimento de onda que esteja em sintonia com a onda biológica da célula prolígena. Poderemos então dizer que os pontos vulneráveis, as predisposições à este ou àquele ataque patológico, estão antes de tudo no espírito; a não ser assim, mesmo se verificasse excepcionalmente o ataque contra um espírito são, a própria natureza diversa deste representaria um

Acervo Virtual Espírita

impulso contrário, tendente à cura. As exigências da lógica, os princípios de ordem e equilíbrio, um instintivo sentido de justiça, confirmam estas conclusões.

Mas a atividade anárquica e separatista das células do câncer levam-nos ainda a outras considerações. O homem atual pode considerar-se como célula de um novo grande organismo, a humanidade, hoje em formação. Como tal, acha-se o homem hoje socialmente na fase involuída das células desorganizadas, não ainda disciplinadas por um poder central e a ele obedientes. Assemelha-se a nossa sociedade mais à massa desordenada celular do câncer, do que à estrutura ordenada de um organismo policelular. Como no período paleontológico, as novas formas de vida de nosso mundo estão na fase embrional da tentativa. O poder central deve formar-se por seleção, com a destruição das formas fracassadas, imaturas, não bastante sólidas para saberem resistir. E, formando ele, deve impor e manter com sua real superioridade, a ordem entre os menos evoluídos, porque, ao primeiro sinal de inferioridade ou fraqueza dele, estes se sublevarão para destruir o poder central e tentar uma forma sua diferente. Só assim poderá formar-se o novo organismo social humanidade, segundo a lei geral das unidades coletivas, com a coordenação e união de cada uma das individualidades humanas.

Representa assim o homem atual a célula anárquica que, tal qual a do câncer, se reproduz sem disciplina nem freio. Esse é o estado das unidades primitivas, muito mais prolíficas que evoluídas, a fim de que um grande número possa ser sacrificado, sem dano para a vida, em tentativas à procura de formas melhores. Quantas existências são sacrificadas com essa finalidade, desapiedadamente ceifadas pela seleção! O mais idôneo, só ele é que sobrevive. Por isso, nesta fase, prolificar é fácil e abundante, proporcionado a inconsciência do homem que não percebe que, de acordo com a sabedoria da Lei, está gerando para a dor e a morte. E isto é um bem, senão quem o levaria a procriar para atingir tão duro sacrifício e fadiga, embora tudo isto seja necessário para eu se cumpra a evolução? Mas, no futuro, deverá ocorrer ao organismo social o que hoje sucede no organismo humano, e mesmo na sociedade de alguns animais (abelhas, formigas), onde os nascimentos são controlados em relação aos meios de subsistência e às possibilidades de educação. A moral evolve com a vida e justifica-se com as exigências supremas dela. Hoje é imoral o controle dos nascimentos, porque contrário aos interesses da vida na fase atual, como vimos agora mesmo. Nem podia isso ser concedido a um homem desprovido de consciência coletiva, de consciência eugenética, cego diante dos remotos fins da vida, um homem que ainda não transformou em automatismos, isto é, em instinto natural, mediante longa repetição, o estado de absoluta adesão à Lei e à obediência a ordem. Só a esse tipo biológico pode conceder-se tais liberdades. Hoje seriam usadas apenas para fins de abuso, para fraudar a natureza, buscar gozos, fugindo aos sagrados deveres impostos pela prole. E hoje, a vida quer que se procrie em abundância, para que haja bastante gente para sacrificar, a fim de resistir às guerras e às suas grandes destruições, à miséria, a tantas doenças novas criadas pela civilização, sobretudo à seleção dos mais débeis e à feroz luta corpo a corpo de todos contra todos, na qual tantos perecem sem derramamento de sangue. Enquanto não se passar desta atual fase caótica a uma fase de ordem, o sistema de colaboração e disciplina que se realiza em nosso organismo não poderá ser alcançado pelo organismo coletivo. Mas, atingida uma fase de ordem, em que a atual dispersão da vida não mais for requisitada pelas formas caóticas de existência, não permitirá mais a natureza um desperdício que então será inútil, e disciplinará o esforço genético em proporção as suas

Acervo Virtual Espírita

novas condições. O homem evoluído, civilizado e consciente não procriará mais apenas para seu gozo egoístico, para abandonar os filhos à lei feroz da seleção do mais forte; mas procriará apenas quando souber que a vida é garantida e assegurado um mínimo indispensável de bem-estar.

Após estas breves digressões, que nos aconselhou o argumento, retomemos o problema da gênese do câncer. Os saprófitos endorgânicos, em convivência perene, de contraste e adaptação, com a natureza orgânica, são quatro: o *espiroqueta de Schaudinn* e o *plasmódio de Laveran*, da série acidógena; o *bacilo de Koch* e o *gonococo de Neisser*, da série alcalinógena.

O saprófito que, no homem, em geral, produz o câncer é o espiroqueta. Por que isso? Este é o menos exigente, o mais paciente e contemporizador. Fica escondido durante anos, durante gerações inteiras. Sem bulha, adapta-se, e é raro que organize ataques. O organismo que o hospeda não teme a fraude que ele esconde, e portanto não reage como o faz contra os outros saprófitos, mais vivazes e esfaimados, à espreita entre tecidos mais altamente diferenciados, cujas sentinelas estão continuamente alertas. Mas a vida do espiroqueta, ainda que reduzida, exala, não obstante, produtos tóxicos que lentamente alteram o quimismo celular, a física nuclear, a própria estrutura dos átomos da molécula protoplasmática, e bem assim o potencial magnético e radioativo, negativo e positivo, da célula inteira.

Ora, a célula de um organismo policelular que esteja em perfeita saúde, é como uma cidadela fortificada, cujo muro de cinta não permite invasão de elementos heterogêneos. Mas, quando na luta enervante contra o saprófito, se tenha gasto e relaxado a membrana celular; e quando o próprio saprófito, por força da luta mesma, se tenha gradualmente enfraquecido, até perder suas tendências evolutivas e agressivas, achar-nos-emos diante de duas substâncias prolíficas, já originariamente heterogêneas, as quais quer por constituição quase idêntica, como a experiência o comprova, quer pelo recíproco contraste e adaptação, acabam achando-se, em seus agrupamentos atômicos, em estado de equivalência, em relação as leis que dominam os processos de fusão.

Dissemos equivalência e fusão. Mas, a este propósito, há outro fato. O espiroqueta de Schaudinn encerra uma cromatina nuclear idêntica à dos núcleos celulares, especialmente no homem. Há, pois, forte afinidade. Diz-nos Pfeiffer que: “a causa da neoplasmogênese é uma cromatina heterogênea, trazida de fora por um portador de cromatina; e que esta cromatina no homem é exatamente a cromatina nuclear do espiroqueta de Schaudinn”. Este portador, então, só pode ser o germe que habita permanentemente na economia do organismo humano, no estado saprofitário. É legítimo pensar, então que, em conseqüência da contínua intoxicação, a cinta celular já bem defendida e fortificada para deixar passar somente as correntes osmóticas nutritivas homogeneizadas, possa relaxar suas malhas tanto, que permita o ingresso à cromatina heterogênea, produto do saprofitismo espiroquético, à qual a própria célula se acostumou no prolongado contraste.

Tudo isso tende a um estado de semelhança, pelo qual os dois termos contrários acabarão fundindo-se em simbiose. Temos, com efeito, um contraste contínuo e prolongado, durante o qual tanto o agressor como o agredido, não podendo alcançar uma vitória plena e definitiva, acabarão por adaptar-se, em base à lei da adaptação, atenuando respectivamente sua energia agressiva e reativa. Tudo isto faz-nos pensar que o espiroqueta tenha habitado no terreno orgânico humano desde a noite dos tempos e se

Acervo Virtual Espírita

tenha aí acomodado a ponto de ter caracteres confundíveis com a substância nuclear do antropoplasma. E faz-nos pensar também que o contraste e a adaptação entre o plasma humano e o plasma espiroquético, prolongando-se por indefinido fluir de gerações, constituam um fator de mais alta importância para atingir semelhante fraternidade de dois plasmas, de tal forma que desarranje a disciplina reprodutiva da célula orgânica.

Que acontece então? Acontece a simbiose célula-micróbica. Teremos simbiose de uma célula que não é mais célula, com um micróbio que não é mais micróbio; isto é, de dois elementos desindividualizados, que fundem suas cromatinas nucleares, até aí vitais, para dar lugar a um conglomerado nuclear que contém em si uma parte da substância nuclear celular, e uma parte da substância nuclear do micróbio. Teremos uma neocélula, que não perdeu, em absoluto a virtude reprodutiva, mas ao contrário a sente exaltada pela cromatina micróbica. Neocélula "sui generis", híbrida, subordinada por uma substância que não tem nenhuma intenção de sujeitar sua tendência ultra-reprodutiva às Leis do organismo em que penetrou. Neocélula degenerada, que se rebela as leis às quais obedecem as células sadias, em perfeita disciplina. Anárquica, no seio da ordem, procurará transformá-la em desordem, para arruinar toda a sociedade policelular à qual se agarrou.

Forma-se assim a célula neoplástica, que constitui uma hibridação celular, com caracteres semelhantes mas não idênticos aos da células. Nela estão fixados os caracteres parentais da célula e do vírus, como estão fixados na esfera de segmentação, os caracteres parentais do espermatozóide e do óvulo. Temos, assim, um célula simbiótica patológica, com a mesma fusão e permanência dos caracteres parentais, como acontece na célula simbiótica fisiológica. Ou seja, temos na célula neoplástica uma fusão, como a que ocorre com as célula prolígenas sexuadas, para formar o neoplasma fisiológico, na qual a operação dos elementos genéticos, dada a fusão, se desindividualizam, iniciando uma nova individualidade celular, em que permanecem, em potência, os caracteres dos pais.

Eis como nasce o híbrido neoplástico, contexto celular todo "sui generis", que obedece a leis suas, não às do organismo em que se abriga, obedece primeiro àquela imposta pela tendência ultra-reprodutiva do vírus. Por isso ocorre que, enquanto as células dos organismos policelulares se reproduzem em proporção aritmética, as monocélulas micróbicas se reproduzem em proporção geométrica. O prurido reprodutivo das primeira é contido pela leis rígidas centrípetas da associação e organização, ao passo que nas segundas ele extravasa soba elástica lei da reprodução, eminentemente centrífuga. Além disso, a reprodução celular é constrangida dentro dos limites da configuração anatômica dos tecidos e órgãos, ao passo que a reprodução micróbica pode dilatar-se indefinidamente. Assim, enquanto a célula orgânica, por memória ancestral, habituou-se à disciplina, com a qual freia o próprio ímpeto reprodutivo, proporcionado-o às exigências de toda a sociedade das células, sob diretivas unitárias de um eu central, a célula micróbica, ignara de qualquer disciplina finalística coletiva, trata apenas de reproduzir loucamente, não sendo nisto vigiada por nenhum poder coordenador. Esta observação confirma tudo quanto dissemos acima, em relação ao controle dos nascimentos, ou seja, explica-nos como, numa humanidade desorganizada e involuída como a atual, deve vigorar o princípio da prolificação livre e incontrolada. E explica-nos como, numa futura humanidade orgânica e evoluída, a vida imporá uma disciplina ao ímpeto reprodutivo, de modo que ele obedeça às exigências de toda a coletividade.

Acervo Virtual Espírita

Eis de onde deriva o câncer. Formada a célula simbiótica pela união de dois elementos heterogêneos e antagonistas, ela se torna a cabeça do tronco genealógico de um novo ser desmentado que, por sua origem, só obedece à sua lei e finalidade, que não são de maneira nenhuma as do organismo no seio do qual se desenvolve. Assim essa célula, pela desistência do organismo a reagir, gera uma populosa colônia celular, organização histológica disforme, avulsa de unidade orgânica e inimiga dela. Este é o câncer.

Para concluir, tiremos algumas conseqüências de tudo o que dissemos. Não existe, não pode existir e é inútil procurar, um micróbio no câncer. Nessa forma ele não é encontrável materialmente, nem individualizável, nem muito menos isolável, como não são encontráveis, nem individualizáveis, nem isoláveis, da esfera de segmentação, uma vez feita a fusão, o espermatozóide e o óvulo, e bem assim suas respectivas cromatinas nucleares. Segue-se daí que a doença do câncer não pode considerar-se, em sentido absoluto, nem infecciosa, nem contagiosa, ainda que nisso tome parte a cromatina de um vírus micróbico; mas pode considerar-se doença degenerativa. O vírus jamais será encontradiço no contexto do neoplasma, porque perdeu seus traços fisionômicos, se desindividualizou no longo processo de homogeneização da própria substância nuclear com a da célula. No máximo, poderá achar-se circulando na economia, no estado granular ultramicroscópico, sobretudo durante a fase preneoplástica. É assim que o espiroqueta, uma vez entrado na economia orgânica, não sai mais dela, apesar dos remédios chamados específicos. Cessada a sintomatologia reativa, ele perde o estado figurado toxínico e se transfigura para sempre no estado de ultavírus tóxico, que polui permanentemente a economia do indivíduo e de sua descendência.

Assim, a doença é dada não pelo assalto atual de um micróbio, mas por uma geral incapacidade congênita do organismo de defender-se, incapacidade já revelada, pelo fato de ter o organismo permitido o estabelecimento dele e sua colônia inicial. A tragédia não reside tanto, então, no fato, de apresentar-se o tumor, quanto no ter sido permitido o advento dele. Portanto, o problema cifra-se todo em saber-se colocar alguém em condições de não permitir esse advento. E vimos de que depende isso. A extirpação do tumor, por qualquer meio que seja, não pode recompor a unidade vital em sua harmônica submissão às leis que presidem ao equilíbrio da economia normal. Nem o cirurgião, nem os raios X, nem o rádio, nem outros medicamentos aparecidos hoje, poderão fazer voltar um poder central decaído e incapaz de governar. Assim acontece com todos os governos fracos e ineptos, que o primeiro sopro de revolução derruba. Este é o triste destino das sociedades civilizadas que se tornaram, como a nossa, insensibilizadas e anérgicas em suas virtudes reativas, discrasizadas pelo materialismo edonístico e tendente ao paganismo, poluídas em tudo o que surge no espírito por saprofitismo psíquicos, que ecoam no plano orgânico com saprofitismos celulares. É indispensável compreender que, no conceito unitário da natureza, mesmo se a ciência não admite isso, a saúde é dirigida também pelas qualidades de ordem, equilíbrio e sabedoria de um poder central, que em tudo se prende ao princípio orgânico da vida. Isto reconduz-nos aos conceitos, com que iniciamos este capítulo.

Entretanto, não devemos ser pessimistas. Muito já se pode fazer evitando as causas determinantes do estado orgânico que predispõem ao desenvolvimento da doença. Isto é, evitar os coeficientes físicos e químicos que deprimem o tônus vital dos tecidos, nos pontos em que agem localmente, como café, álcool, tabaco, muitos

Acervo Virtual Espírita

medicamentos, substâncias químicas irritantes nos alimentos, traumas etc. logo que se deprime o tônus vital celular, facilita-se a simbiose célulo-micróbica. Um regime de vida simples, são e regrado, previne o câncer. Dissemos, no início, que o câncer aumenta na proporção do afastamento do viver segundo a natureza. Ele parece um produto da vida artificial da Civilização. Nutrir-se de acordo com a natureza e não por gula, com produtos genuínos e não com produtos sintéticos farmacêutico-industriais conservados. Evitar os medicamentos violentos da medicina repressiva que, estrangulando ao nascer os processos morbosos agudos e desviando-os de seu curso natural, deixam o pélago humoral poluído e em tempestade, resultando daí o enfraquecimento da resistência celular. Dessaprofitizar em tempo o terreno orgânico, estimulando o organismo a combater a cilada permanente do saprofitismo endorgânico, de modo que a célula orgânica no prolongado contraste com o saprófito, seja sempre vitoriosa e não se precipite no estado de involução que, coincidindo com o estado de involução da célula saprofitária, permite o aparecimento da simbiose e portanto a neoplastia. Trata-se de combater a causa primeira do mal, isto é, aquela fragilidade e morbilidade dos tecidos e aquele particular químio-físio-tropismo que lhe preparam o terreno.

Mas há outro fator importante, e é o elemento espiritual. Tudo é conexo, no universo e também no composto humano, feito de alma e corpo. Chega a admitir nossa ciência materialista que a psique deriva da matéria do corpo, e não ao contrário. Nós, ao contrário, não podemos deixar de admitir o poder da psique, formadora, diretora e conservadora do corpo, tanto no que diz respeito ao aparecimento e ao próprio propagar-se e difundir-se dos estados morbosos, como no que relaciona ao mais ou menos rápido desaparecimento dos fatos patológicos. Assim, pode-se afirmar que a psique pode fazer adoecer o órgão sadio, como pode curar o órgão doente. Ainda que a biologia queira explicar todos os fenômenos, mesmo espirituais, só com o mundo físico, permanecem demonstradas estas nossas afirmações por todo o sistema desenvolvido na nossa obra. Aquele princípio vital, imaterial e imponderável, que é a alma, é tudo, porque sem ela a matéria seria incapaz de agregar-se em organismos vivos. Para ser positiva, a ciência apega-se à experiência. Mas o que dirige a experiência é a sua razão interna, seu finalismo, que lhe guia o processar-se, é um conceito que pertence ao espírito. Sem esse conceito que o ilumine e que nos revele a alma do fenômeno, este não tem significado. A experiência precisa ser interpretada por meio do engenho, que foi definido: *"a faculdade de unir e reduzir à unidade comum, coisas separadas e diferentes" (G. B. Vico)*

Em muitos casos, seria necessário começar curando a alma. Por esses caminhos, hoje desusados, a terapia futura poderá curar muito mais doenças do que hoje se possa imaginar. Mas isto não exclui que, paralelamente, a nova ciência sutil das ondas e radiações, com que ela mesmo se vai encaminhando para o reino do espírito, possa achar a estrada que beneficiará e salvará tantos pobres seres sofredores.

Concluindo, depois de haver tratado no presente volume de vários problemas sociais, tanto materiais como espirituais, quisemos tratar neste capítulo, de outro assunto que tem grande importância para todos, qual seja, a terapia em geral e, no caso particular, a gênese do tão espalhado câncer, doença da civilização moderna. Os mais diversos temas, todos palpitantes de atualidade, foram aqui tratados com os mesmos princípios do nosso sistema, e assim as questões mais díspares, reconduzidas à unidade, isto é, àquele Monismo, que é o conceito central da Obra.

Acervo Virtual Espírita

Quisemos assim aplicar à vida prática de cada dia os princípios do sistema desenvolvido nos volumes precedentes, e agora transportado ao terreno atual das realizações.

A TEORIA DA REENCARNAÇÃO

(1ª Parte)

Seria loucura acreditar que o exame, que neste volume procedemos, das condições atuais do mundo, possa ser suficiente para modificá-lo e salvá-lo. Tão vasto fenômeno não poderá ser feito senão pelas poderosíssimas forças, que só Deus pode dominar. Nós, desprovidos de todo poder, somos apenas simples observadores. Mas conseguimos ascender, por meio da inspiração, a uma torre, de que são vistos os longínquos horizontes. Pudemos assim narrar aos que em baixo haviam permanecido, que aquelas poderosíssimas forças que estão nas mãos de Deus, estão prontas a mover-se, e qual a sua direção; e também as razões e o significado de tudo isso.

Se a crítica, por vezes, parecer um pouco áspera, não foi para condenar do alto da cátedra, nem tão pouco para ofender; mas apenas para, fraternalmente, explicar que num sistema, guiado pela perfeição e sabedoria de Deus, a causa de tantas dores nossas só pode estar em nós mesmos, e são até poucas, em relação ao que merecemos. Se o homem, com o seu espírito rebelde, fosse dado o poder, ele tentaria destruir o universo; e sem a providência de Deus que tudo guia, quiçá conseguiria destruir seu planeta. O fato é que estamos ainda em baixo, muito em baixo, na escala evolutiva. E baixo quer dizer, mais próximo do pólo negativo, representado por Satanás e pelo caos, do que do pólo positivo constituído por Deus e pela ordem. O fato de que, na Terra, domina a lei de seleção do mais forte – isto é, da ascensão por esmagamento – demonstra quanto ainda estamos vizinhos do pólo negativo, ou seja, do princípio satânico da revolta, pela qual só vence quem é mais forte, nesta posição às avessas, da rebelião. É natural que esse mundo, visto dos planos mais altos – como quisemos fazer neste volume – pareça infernal, ou seja, um lugar a que almas baixas venham, condenadas a viver aí por expiação. Não é possível aqui a felicidade senão do modo precário e como uma forma de inconsciência. A felicidade consciente, causada pela chegada do ser à plenitude do conhecimento da própria harmonização na ordem divina, só pode aparecer nos mundos superiores.

Se observamos as características das várias formas de vida, em relação à altitude dos diversos tipos biológicos na escala evolutiva, veremos que nosso mundo pertence mais aos planos infernais que aos paradisíacos. Poderá haver no além, em outros ambientes, infernos ainda piores. Mas o terrestre é suficiente para nossas forças. Aqueles que merecem um pior, não tenham pressa, eles o acharão.

Que é o inferno e que é o paraíso? Pela queda, de que nasceu nosso universo material, o princípio da unidade que lhe constitui a base podia ser emborcado, mas não destruído. Resta assim por toda parte um vínculo entre todos os seres. No alto, esse vínculo que une é o amor, em baixo permanece ele, mas às avessas, como ódio. Num todo orgânico, nem um ser pode viver isolado. No paraíso, isto é, nas fases biológicas mais evoluídas, para as quais caminhamos, estão os seres abraçados para amar-se e fazer o bem, que a todos dá alegria. No inferno, ou seja, nas fases biológicas

Acervo Virtual Espírita

menos evoluídas, de que provimos e em que nos achamos ainda, abraçam-se os seres para se estrangular, para fazer o mal mutuamente, o que é dor para todos. Antítese perfeita, avesso completo, que, com a evolução, se vai endireitando. No paraíso, a vida de um é condição para a vida do outro. No inferno, a morte de um é condição para a vida do outro, e ao contrário. No mundo dos animais, com efeito, a carne de cada ser é alimento para nutrir outro, a derrota de um é a vitória do outro. Princípios estes que todos conhecem bem e que, no mundo humano, só mudam de forma, permanecendo os mesmos na substância. De fato, regulam eles a seleção sexual, a conquista da vida, o êxito em cada coisa; representam o método para chegar às riquezas, aos gozos, à glória, ao poder.

Assim, o paraíso é o reino da ordem, da harmonia, da paz. O inferno é o reino do caos, da dissonância, da guerra. Quem vive em estado paradisíaco, ama o próximo. Quem vive em posição de inferno, odeia e mata o próximo. Isto porque, no paraíso, a vida de um aumenta a vida do outro, ao passo que no inferno, a vida de um sufoca e ameaça a do outro. Por isso o Evangelho, a fim de guiar-nos ao paraíso, diz-nos: “Ama teu próximo”, enquanto no mundo, infelizmente, com freqüência, se odeia o próximo, o que significa inferno. E como poderia ser diferente, um lugar em que o próximo é um rival natural, às vezes um perigo e um inimigo a destruir? Como podia ser diferente um mundo em que reina o princípio da luta pela vida e da vitória do mais forte, onde a lei é: devorar ou ser devorado? No paraíso, cada ser é nosso amigo, para ajudar-nos, e por isso a vida é fácil. No inferno, cada ser é nosso inimigo, de tal forma que a vida é bem dura. Mas isto é lógico, porque, sendo o inferno uma posição de negação de Deus, não pode isto ser senão a negação da vida e da felicidade que Deus representa.

Pouco basta para compreendermos a qual dos reinos pertence nosso mundo. Permaneceremos todos amarrados por uma cadeia de rivalidades, luta e terror, é bem infernal. E ninguém poderá negar que isto seja o resultado da lei vigente no mundo animal e humano, a da luta pela vida e da seleção do mais forte, nem que esta seja a lei vivida pelo homem de hoje. O indivíduo, que consiga apenas superar sozinho essa fase animal, fica aterrorizado por tão completa ausência de senso coletivo, necessário para poder compreender e dar valor a utilitarismos mais vastos e de tão grande vantagem; fica aterrorizado pela estupidez deste contínuo agredir-se um a outro; aterrorizado fica também, pela tão grande ignorância das mais elementares leis da vida, razão pela qual se chega a acreditar no absurdo: que seja possível colher flores semeando veneno. As gerações mais civilizadas do futuro compreenderão o significado destas palavras.

Os céticos e os práticos poderão rir de nós. No entanto, fizemos neste volume uma vasta resenha das velhacarias humanas, demonstrando conhecê-las, e demonstrando que não somos otimistas por ingenuidade, mas por motivos positivos bem sólidos. O mundo deve caminhar para a colaboração, que é o princípio do futuro: colaboracionismo sempre mais amplo, porque a vida caminha para as grandes unidades. As virtudes atuais do vencedor à custa do próximo derrotado, serão desprezadas amanhã, quando, ao contrário, será virtude social a compreensão do próximo. Isto não é fantasia, porque a vida em alguns pontos já realizou esse progresso de unificação por colaboração, tal como nas sociedades celulares dos tecidos orgânicos, como nas sociedades animais – por exemplo, as das abelhas e das formigas – onde a cooperação desinteressada é obtida com aplicação somente dos mais simples princípios utilitários, de acordo com a lei do mínimo meio. Puderam assim essas colônias conquistar, como

Acervo Virtual Espírita

rendimento coletivo, resultados que a sociedade humana está ainda longe de conseguir. É claro, é lógico que as leis da vida contêm esse princípio, isto é, a tendência a formar, pela cooperação, novas, maiores e superiores unidades biológicas e a humanidade será uma delas. Tudo isso é lei de progresso, e ninguém poderá jamais fazê-la parar.

O planeta Terra é nosso campo de trabalho. Era caos. Cabe-nos a nós transformar o inferno das feras no paraíso dos anjos. Se soubermos evoluir, esse paraíso será nosso. Se o não soubermos, ficaremos no inferno até que queiramos evolver. Se soubermos realizar o trabalho de transformar o caos em ordem, essa ordem, depois, será nossa. Se soubermos transformar a atual ferocidade em bondade, será para nós, depois, essa bondade. O inferno existe, mas não é uma vingança de um Deus cruel. Esta é uma concepção que o homem criou, porque estava proporcionada e mesmo adaptada à sua mentalidade. Para induzir este tipo de homem a não praticar o mal, ocorria uma idéia de pena eterna, tão aterradora para ser proporcionada à sua pouca sensibilidade: bem aterradora em vez de racional, não importa se absurda, porque no ser aparece o medo antes da razão. O inferno verdadeiro, realidade indiscutível, é o que criamos por nós mesmos, e que temos debaixo dos olhos. Não é, pois, uma verdade de fé, mas uma tremenda verdade cotidiana. E é positivo, pelas leis biológicas que, com um pouco de inteligência e boa vontade, possamos sair desse inferno, isto é, destruí-lo na terra, para substituí-lo por um estado que se avizinhe do paraíso. Um só é o grande problema: evoluir.

Por mais que se queira tingí-la de civilização, é certo que a nota fundamental de nosso mundo é o espírito de domínio e de ferocidade, que persiste, por atavismo tenaz, em nossa formas de vida. Essa ferocidade, todavia, tanto mais se torna perceptível e salta aos olhos, quanto mais se vai o homem sensibilizando por evolução. Esse é o inimigo que está em nós e que em nós precisamos vencer. Tal é a lei satânica do caos, lei de luta, desordem e ódio. Mister é acordar de novo nosso eu involuído, até sentirmos como, pelo contrário, a vida vibra de outras forças, que nos parecem não existir, só porque ainda não conseguimos percebê-las. Revelam elas, entre nós, a operante presença de Deus. Verifica-se, então, uma transformação milagrosa, e tudo muda. É isto possível, porque tudo o que conhecemos, se nos revela só em função de nossas capacidades perceptivas. Poderemos então compreender ser verdadeiras palavras tão estranhas como estas: “A privação e a dor não são, em realidade, aquela derrota que parecem ser em nosso mundo de ferocidade. Mas se Deus, presente como bondade e amor, nos tira qualquer coisa e por isso nos deixa sofrer, é só para fazer-nos subir e depois dar-nos mais, em plano mais elevado, em forma de alegria maior. E isto é possível, porque a dor é a experiência que mais amadurece a alma e afina nossa sensibilidade, de forma que possa assim gozar vibrações que antes não podiam ser percebidas. Poderemos assim, pois, imergir-nos consciente na divina harmonia universal. Entraremos então no reino do paraíso, porque sentiremos o paraíso nascer dentro de nós”.

Dir-se-á, entretanto: como poderá dar-se a evolução, transformar-se o inferno em paraíso, como poderemos nós mesmos recolher o fruto de nossas fadigas? Afirma-se que viveremos em nossos filhos. Mas isto é sobreviver de modo genérico, sentimental e poético, ao passo que o homem, justamente utilitário e portanto calculador, quer um resultado concreto, próprio e individual. Um instintivo sentido de justiça exige, mesmo, que a cada particular fadiga corresponda um proporcional resultado particular. O

Acervo Virtual Espírita

problema do paraíso, isto é, de nossa felicidade, como todos os problemas humanos, é um problema individual, antes que seja um problema coletivo. A solução do segundo só pode ser a conseqüência da solução de muitos casos do primeiro. Recorre-se em nossos tempos, ao invés, a métodos e sistemas exteriores, que permanecendo no exterior da superfície e da forma, resultam inadequados, porque não penetram na substância. Inadequados, porque a solução da questão econômica, mesmo elevando o nível de vida – que é sem dúvida grande coisa – não é suficiente para resolver o problema da felicidade, em que entram os fatores mais díspares. Podemos ser ricos, e faltarem-nos coisas indispensáveis e preciosas, como a inteligência, a vontade, a saúde, a bondade, os afetos, e assim por diante. O lado econômico é apenas um dos elementos do bem-estar, e a felicidade depende da cooperação de todos. E ninguém poderá, nesta nossa terra, em que não existem duas coisa iguais, impedir que existam diferenças entre um homem e outro. Mesmo se todos estivessem economicamente nivelados, disparidades intrínsecas da natureza de cada um, os colocariam de imediato em posições sociais diversas, segundo suas qualidades! Isto pertence às leis da vida, e ninguém poderá impedí-lo.

Então, o problema da felicidade mais que econômico e social, se nos revela antes como um problema de destino individual. E até a posição econômica, seja herdada ou adquirida com o próprio trabalho, reduz-se então a uma questão de destino, isto é, de qualidades pessoais, conquistadas por nós mesmos no passado, ou seja, de merecimentos ou desmerecimentos próprios. Então, a repartição econômica no mundo aparece-nos, como uma conseqüência de uma justiça moral, de uma justiça mais alta, de Deus, segundo nossas obras, da qual sobrevêm todas as posições favoráveis ou contrárias, de satisfação ou privação na vida, em todos os campos, seja riqueza, como inteligência, saúde, afetos etc. problemas que são completamente ignorados nos projetos humanos da justiça econômica: e todavia problemas reais. Limita-se o homem a ver que há ricos e pobres, e quisera remediar o desnível igualando-os. Mas saberá ele porque se formaram essas diferenças e porque mal suprimidas tendem logo a formar-se de novo? Porque um indivíduo se acha, por determinadas circunstâncias exteriores, em dada posição, e outro em outra?

Do problema do destino já escrevemos bastante em outras obras, especialmente no fim do volume "*A Nova Civilização do III Milênio*". Mas isto implica na solução também de outro problema, o da reencarnação. Indiretamente, essa solução foi admitida e suposta em sentido positivo em todo o desenvolvimento da nossa primeira Obra, se bem que não fosse o problema tratado até aqui com explícita referência. Entretanto, iniciando esta nossa Segunda Obra, era necessário tratar de propósito e em particular de um assunto de tão grande importância. Fazemo-lo, pois, agora, especialmente porque depois de havermos navegado tão longamente pelos mares do conhecimento, só agora podemos dispor, a favor da tese reencarnacionista, de soluções já adquiridas em concomitantes problemas menores, de pontos fixos já demonstrados, ou seja, prontos já para serem utilizados a tal fim. Fazemo-lo agora, já num estágio mais avançado, quando o leitor que percorreu o caminho dos volumes precedentes, pode ter assim alcançado conosco muitas conclusões de problemas mais particulares, que são necessárias para atingir esta, maior e mais complexa. Fazemo-lo agora, porque a reencarnação é também um problema social e nos explica como cada um de nós volta a esta Terra, para colher o fruto, bom ou mau, de quanto precedentemente tenha querido

Acervo Virtual Lisbria

semear de bom ou de mau. Em outros termos a transformação do inferno em paraíso, na terra, é tornada possível e compreensível através do fenômeno da reencarnação.

Façamos antes algumas observações de caráter geral. Na Europa, a teoria da reencarnação, penetrou vinda da Ásia que a professa, através da Teosofia. Tendo em vista que apenas culta minoria dos estudiosos se interessa por esses problemas, ficando as massas indiferentes, o catolicismo não tomou posição de franco antagonismo contra tal teoria. Afirmam sacerdotes cultos que a questão ainda não foi definida nos concílios e é portanto opinável, isto é, sujeita a diversas opiniões. Outros pensam diversamente, conforme sejam por temperamento próprio levados a simpatizar ou detestar a teoria. Sendo este um problema de que poucos, relativamente, na Europa, se ocupam, e não sendo doutrina dominante de outra religião, o catolicismo não se preocupa, naquele continente, de condená-la expressamente. No indiferentismo geral em relação aos problemas religiosos, ainda que algum católico nela creia, ninguém com isso se preocupa, uma vez que isto não lesa a ninguém interesses materiais, e que por tanto não são levados a reclamar.

Na América do Sul, e sobretudo no Brasil, interessam-se as massas por essa doutrina, dado que faz parte integrante do espiritismo de Allan Kardec aí difundido. A teoria da reencarnação é de clareza tão intuitiva e de logicidade tão evidente que, da mesma forma que a existência de Deus, não sentimos necessidade até agora de ocupar-nos dele diretamente, tanto mais que esta teoria está subentendida em cada página da Obra e implícita na solução de cada problema. A melhor demonstração de uma teoria não é demonstrá-la, mas mostrar-lhe os resultados positivos a cada passo. A melhor demonstração do fato de que temos pernas será o caminhar, sem recorrer a dissertações comprobatórias sobre a existência e uso das pernas. Alhures[2] prometemos que daríamos provas decisivas desta matéria, e eis-nos a cumprir a nossa promessa.

A melhor prova que podemos dar da teoria da reencarnação é a seguinte. O sistema de toda nossa Obra, já se pode agora verificar que resolve harmônica e logicamente, fundindo-os num todo orgânico, os maiores problemas do conhecimento. Problemas menores, não diretamente tratados, têm a solução implícita no sistema que lhes dá a chave. Posto isto, estamos autorizados a crer que este sistema corresponde à realidade dos fatos. Qualquer problema, mesmo os não diretamente tratados, é de possível solução no sistema, com os mesmos princípios e o mesmo procedimento por ele aceitos. Apresenta-se-nos o todo como um edifício completo em cada uma de suas partes, das suas origens no Absoluto até os particulares no contigente, apresenta-se-nos como um organismo em ação, em que cada componente está em seu lugar, bem coordenado com o outro, mediante justa função e mata a atingir. O todo é regido por tão simples e evidente lógica, que instintivamente persuade, tal como os conceitos axiomáticos que aceitamos todos sem discutir. *O todo é coligado e fundido num monismo absoluto, ou seja, é estritamente unitário, reduzível a uma fórmula única e constituído por um só organismo em que se coordenam todos os fenômenos mais díspares, desde os do mundo físico aos do mundo moral*. Ora, ou esse sistema é verdadeiro, ou o não é. Se é verdadeiro, temos a explicação racional de tudo. Se não é verdadeiro, recai tudo na confusão, na contradição, no mistério. Se não quisermos escolher este segundo caminho, temos que aceitar o primeiro.

[2] **Conferência na Federação Espírita do Estado de São Paulo – 5 de Outubro de 1951**

Acervo Virtual Espírita

Posto isto, verificamos que a teoria da reencarnação, se bem que não demonstrada por nós até agora especificamente, dada sua evidência que fazia parecer supérfluo o trabalho, é o ponto-chave, a pedra angular de todo o edifício, que sem ela cairia. Mesmo se a teoria da reencarnação não ressaltasse por si mesma de lógica evidente, devemos admitir que se não poderia dar a essa incógnita da equação, outro valor que o da reencarnação, pois todos os fenômenos, concordes com a lógica mais cerrada, nos dizem que esse X só pode ter um significado no sentido reencarnacionista. Só esse valor pode colocar-se neste ponto do organismo lógico do todo. Com efeito temos dois casos: ou à incógnita se dá esse valor, e então continua tudo a ser logicamente explicado e resolvido até o fundo, sem resíduos; ou se lhe dá outro valor, e então, qualquer seja ele, tudo permanece insolúvel e incompreensível. Com isto não queremos diminuir a importância daquilo que foi maravilha no seu tempo, a teologia de São Tomás. Mas ele não podia situar os problemas por nós hoje situados e que o mundo moderno resolve com a ciência. Ninguém poderá dizer num universo em marcha, que deva ser aquela a única, última e definitiva teologia de um mundo que, por força das circunstâncias, deve e quer progredir.

Vimos que o conceito da evolução é a espinha dorsal de todo o sistema, como segundo tempo da subida após a queda[3]. Não podemos parar na simples evolução da forma, no sentido Darwiniano. Pois esta mesma só se explica como evolução do princípio espiritual que rege todas as formas, do qual estas são expressão. Por aqui se compreende a utilidade da dor ao lado da bondade de Deus, e tantas outras coisas. Suprimamos esses conceitos e cairemos num caos de contradições, em que triunfa não Deus, mas o mal. Ora, evolução espiritual só pode significar reencarnação. Só a eterna existência de um eu pessoal pode permitir seu progresso, sua responsabilidade e correção pela dor. Fora desse ponto de vista, a estrutura orgânica do todo perde seu significado e a grande marca para a redenção em que tudo caminha, perde sua meta. A eterna existência de um eu pessoal é imposta ainda por sua intrínseca natureza divina; isto quer dizer reconhecê-la e respeitá-la, porque tudo o que é divino não pode ter princípio nem fim.

O eu nascendo na Terra, representa desde os primeiros anos uma personalidade sua, já definida em seus pontos essenciais, que jamais poderão os anos modificar completamente. Se quisermos atribuir uma lógica e justiça ao fato, de que nascemos em posições e com qualidades tão diferentes, temos que admitir que isto é a conseqüência de um passado próprio e individual que, em virtude do princípio universal de causa e efeito, nos acompanha em suas conseqüências. Se assim não fora, outra coisa não nos caberia, senão declarar esse fato como injustiça e recair nas trevas do mistério. Mesmo os animais nascem com instintos, como os homens com suas qualidades pessoais. Quem fez isto? Não, a obra de Deus criador não pode ficar à mercê dos atos sexuais de tantos inconscientes, para fornecer almas quando a estes mais agrade.

Além disso, deve haver proporção entre causa e efeito. Então, não é possível que uma causa limitada no tempo (uma só vida) possa produzir um efeito de natureza ilimitado (eternidade). Essa causa só poderá produzir um efeito a ela proporcional, da mesma ordem, isto é, limitado por natureza. Ora, um pedaço de tempo e eternidade, ou seja, finito e infinito, são entidades de ordem diversa. A eternidade jamais

[3] **UBALDI, Pietro.** Deus e Universo

Acervo Virtual Espírita

se poderá conseguir somando números finitos, por maiores que sejam, de unidades limitadas de tempo.

Ademais, se não quisermos negar a eternidade do espírito após a morte, temos que admitir em paralelo sua eternidade antes do nascimento. O universo é um organismo equilibrado. Não pode haver balança com prato de um só lado. Não pode existir um semicírculo sem um correspondente, inverso e complementar que o complete, que uma mesma quantidade seja avaliável, de um lado em termos de infinito e de outro em termos de finito, isto é, que possa não ter fim o que teve princípio, é um desequilíbrio inadmissível, um absurdo lógico e matemático. O universo é todo lógico. Não se pode ser eterno só de um lado, isto é, só no futuro. Se quisermos admitir a sobrevivência da alma, é mister situar a vida humana entre duas entidades da mesma natureza, entre duas entidades equivalentes, uma no passado e a outra no futuro. Como uma linha, limitada de um lado e ilimitada de outro, é somente uma parte ou seção da linha que só é completa se concebida como ilimitada e infinita de ambos os lados; assim a existência do espírito no tempo, limitada de um lado (pelo nada do qual teria nascido) e eterna do outro, é apenas uma parte ou seção de toda a vida do espírito, que só é completa, se concebida como eterna dos dois lados (passado e futuro, infinito negativo e infinito positivo). Então se quisermos dar à vida um princípio com nascimento, necessidade temos de dar-lhe um fim com a morte, como o fazem os materialistas. O que nasce deve morrer. Somente o que não nasce não deve morrer. Se não quisermos dar à vida um fim com a morte, não lhe podemos dar um princípio com o nascimento. Não há que fugir: se a alma foi criada no momento do nascimento, deve terminar com a morte. Se não termina com a morte, deve preexistir ao nascimento.

Mas há outra razão em favor da reencarnação. Em nosso universo, a existência de cada ser toma a forma do “tornar-se” ou transformismo, de modo que “existir” só pode significar “tornar-se”. Ora, fixar o ser num estado definitivo, não mais sujeito ao caminho evolutivo ou involutivo, como é o estado para sempre imutável do paraíso ou do inferno, significa paralisar o “tornar-se”, que quer dizer paralisar a existência, ao menos qual a encontramos em nosso universo em evolução e enquanto ele existir em tal forma. Se o ser quer continuar a existir, deve pois continuar seu transformismo ou caminho evolutivo, mesmo depois da morte, como nos indica a reencarnação. Há um termo ao “tornar-se, mas só no fim do processo evolutivo, e com a perfeição atingida no regresso a Deus.

Os vários grupos humanos poderão sustentar o que quiserem segundo seus interesses. Mas a reencarnação é uma verdade biológica positiva, que hoje pertence já a ciência; é fato objetivo independente das afirmações de qualquer escola ou religião. A essa doutrina se refere o próprio Evangelho, que sem ela seria incompreensível em vários pontos.

Procuremos encarar o problema mais de perto, em seus pormenores. Não basta, às vezes, que verdadeira seja uma teoria para que se possa apresentá-la a todos. Pode-se então assistir, nos países reencarnacionistas ao triste espetáculo da caça ao próprio passado, feita como um jogo, por leviandade e curiosidade vã, só para saber quais foram as próprias encarnações anteriores. Afirmar a teoria como princípio, significa sustentar uma verdade.. abandonar-se a uma pesquisa de advinhos, na qual pode-se esconder o orgulho e dominar a fantasia, é, pelo contrário, mais condizente a desacreditar que confirmar a teoria da reencarnação. Muitos, com efeito, pretendem rever-se de

Acervo Virtual Espírita

preferência não nos comuns desconhecidos, mas em personagens históricas, o que é pouco provável, pois estes representam muito poucos lugares vagos em relação ao número de pretendentes. Verifica-se o caso de várias pessoas vivas afirmarem ter sido a mesma personagem do passado. E tudo isso é feito sem possibilidade de controle; mas é elementar e mesmo regra de honestidade, que se não tenha o direito de fazer nenhuma afirmação gratuitamente, isto é, quando não se não possam aduzir provas tanto para os outros como para si mesmos. Assim, o povo simples e fantasioso, ainda que sem malícia e certamente de boa fé, pode construir lendas destituídas de qualquer fundamento e só a base de vagos indícios, hipóteses e elementos incontroláveis. A teoria da reencarnação é uma coisa séria e não deve ser usada para satisfazer vã curiosidade. Quem chega a ter intuições a respeito, estude a si mesmo, faça pesquisas íntimas para conhecer-se e reconstruir a história de seu destino, para melhor trabalhar de acordo com a lei de Deus. Mas é bom não divulgar isto, ao menos até achar confirmações em provas positivas, por todos aceitáveis.

Assim, igualmente prudente se deveria ser na pesquisa das causas que justifiquem o atual destino e condições de vida de outrem. Aplicando a lei dos opostos, isto é, o princípio geral de que cada abuso gera carências, fácil é imaginar que cada privação e dor presente seja a conseqüência de um excesso passado em sentido contrário. Mas, se este é o princípio, não nos autoriza a julgar o próximo em casos particulares, pois muitas são as formas de reação da Lei e muitos os elementos que nela concorrem. Nosso julgamento será tanto mais inoportuno, quanto mais tender a transformar-se em fácil condenação e a libertar-nos do dever da piedade e da ajuda. Não aproveitemos desgraças do próximo, só para nela ver justa punição da Lei, pois assim nós também nos tornaremos culpados. Recordemo-nos ainda de que se trata de afirmações gratuitas que, se são aplicações de princípios gerais correspondente à verdade, não oferecem em cada caso particular, nenhuma possibilidade de controle, e, portanto, podem ser puro trabalho de fantasia. Ninguém pode dizer com segurança que aquelas culpas com que explicamos as dores de alguém, tenham sido de fato por ele cometidas.

Entretanto, não se pode desconhecer o bem que faz essa teoria a qual, de forma mais convincente que a das penas eternas, mostra de modo prático e próximo a nós como tudo se paga neste mesmo mundo, com as dores que conhecemos, explicando-nos a presença dessas dores entre nós com uma exata proporção ao mal cometido, com lógico reverso de posições como um instintivo sentido de justiça nos diz que deve ser. Assim, o pagamento do erro se faz de forma tal que todos possam ver em ação, na vida prática, bem como em forma específica e estritamente pessoal. Só assim podem explicar, de acordo com a justiça de Deus, tantas injustiças aparentes; e dessa forma resulta a dor como guindada à função benigna de escola e de prova imposta por um Deus bom, só para nosso bem. É este o único modo de poder conciliar o fato de tantas vidas desgraçadas, com a bondade e justiça de Deus. Os outros sistemas não resolvem o problema e, deixando-o envolto em mistério, tendem infelizmente a levar quem queira um pouco indagar e raciocinar, a tristemente concluir com o absurdo da maldade ou, pelo menos, da insapiência do Criador. Ora, não podemos negar que, por mais que se queira fugir da lógica no terreno religioso, esta tenha grande importância, tanta em si mesma como prova, quanto como elemento persuasivo e tranquilizador que permite aceitar os fatos, especialmente os mais duros para nós, com mais clareza e convicção e portanto

Acervo Virtual Espírita

com maior sentido de obediência. E a teoria da reencarnação, não há que negar, corresponde à lógica perfeita, em que cada elemento é enquadrado na forma mais simples e persuasiva. Deus é lógico, opera logicamente, e o universo é uma construção lógica, um organismo racionalmente funcionando. Tudo o que se coaduna com esta qualidade fundamental do sistema tem, pois, probabilidade imensamente maior de ser verdadeiro, isto é, correspondente à realidade. A teoria do inferno eterno, considerada sem paixão, com a finalidade de não concluir a favor de uma religião ou de outra, mas apenas de conhecer a verdade, não se sustém diante da teoria reencarnacionista, ainda que possa ser explicada como um terrorismo psicológica, produto de tempos ferozes, necessário para gente feroz.. o inferno nasceu das trevas da longa noite medieval, bem explicável, dada a dureza dos tempos, como forma de psicose coletiva que invadira todas as manifestações da vida, e portanto também da religião.

Mas há outros fatos. A teoria da reencarnação está em harmonia com as leis da natureza que conhecemos, como a indestrutibilidade da substância, pela qual, se as mudanças se operam só na forma, a personalidade humana poderá mudar, mas não ser destruída. Essa teoria é a ampliação, no campo moral, da lei de conservação da energia, estabelecida pelos físicos. Enfim, só essa doutrina se coaduna com o que poderíamos chamar de hábitos fenomênicos do universo. Este costuma funcionar por ciclos e retornos, e nunca por bruscas inovações, muito menos por formação imediata de elementos novos, mas só por lenta transformação dos já existentes. Tudo só irá nascer de uma precedente forma diversa, em que ex-novo – do desconhecido já existia. Essa idéia da criação do nada e "ex-novo", seja para a alma como para qualquer outra individuação do ser, representa tão flagrante contradição com tudo o que normalmente acontece de fato e constituiria, na soberana ordem do universo, uma tão estridente desordem, que na lógica do sistema, nos apareceria como um absurdo. Se a estrutura do existir, em nosso universo, repete sempre o modelo central ou tipo, dado pela unidade interiormente cindida em dualismo, e portanto o ser não é concebível senão em função de seu contrário, o não-ser; se tudo volta e torna a voltar e nasce dessa sua volta; se tudo é cíclico, como poderia o existir, que é sempre bi-polar, mesmo no caso da pessoa humana, ser manco ou falho, só metade, sem a outra metade inversa e complementar, única que a pode tornar completa?

Quebra-se assim o equilíbrio e a própria continuidade fenomênica, que é um fato fundamental da nossa cotidiana experiência. Só o fenômeno da vida humana, só esse, iria de encontro à corrente seguida por todos demais fenômenos, e nos apareceria assim desconexo deles, como desligado do fenômeno semelhante da vida de todos os outros seres que, não se sabe a razão, sendo igualmente vida, seriam regidos por lei diversa. Não haveria neles um princípio espiritual. Mas sem a indestrutibilidade e eternidade deste, para todos, que centro conservaria as experiências da vida, onde acumularia o patrimônio dos instintos e qualidades adquiridas, como seria possível o aperfeiçoamento longo e lento que constitui a evolução? Como pode um inseto evoluir com uma vida de apenas poucos meses? Que pode ele aprender e registrar? E no entanto, vemo-lo nascer com uma sabedoria sua, que é suficiente para resolver todos os problemas da sua vida. Como pode um homem, numa vida com a máxima média de 80 anos, aprender toda a sabedoria, exaurir todas as experiências, adquirir méritos ou deméritos da tal envergadura e valor, para produzir conseqüências eternas? Mas o nosso universo é um organismo de impulsos e movimentos proporcionados. Uma causa tão

Acervo Virtual Espírita

minúscula não pode produzir efeitos tão gigantescos, um átimo de vida vivida, muitas vezes sem compreensão alguma, pode produzir conseqüências irreparáveis e definitivas. Em outros termos, não há unidade de medida que, ao mesmo tempo, possa servir par medir o finito e o infinito. Como se vê, se abolirmos a teoria da reencarnação, demoliremos todo o sistema construtivo da evolução, e tudo rui no absurdo, ao invés de formar um organismo lógico.

Como Einstein pôde só com processos de lógica matemática, atingir conclusões que depois a observação e a experiência confirmaram, assim podemos apenas pelos processos da lógica e do raciocínio, chegar a demonstrar uma verdade da teoria da reencarnação, à espera que a observação e a experiência confirmem nossas conclusões, mesmo se hoje não for isto possível faltando à ciência meios positivos para dominar e penetrar tais fenômenos. Entretanto, acontece um fato importante: a teoria da reencarnação sai do terreno empírico das religiões e da fé, para entrar no positivo da ciência. A demonstração racional é o primeiro passo, o controle experimental será o segundo. Por controle experimental, entendemos métodos de observação positiva, cientificamente exatos, submetidos a controle severo, apenas possíveis quando as ciências psicológicas e sobretudo das radiações estiverem mais desenvolvidas. Aqui podemos apenas dar o primeiro passo, mas este é suficiente para indicar em que direção deverá dar-se o segundo. O atual método fideístico é útil e necessário para as massas apenas pelos processos de lógica e raciocínio, merece pois o nosso máximo respeito. A fé não é suficiente, porém, para explicar e impor ao mundo essa teoria, o que só pode fazer com a demonstração e a experiência, isto é, com os meios da ciência positiva, aceita por todos.

A teoria da evolução, em que se baseia o sistema das duas Obras que estou escrevendo, teoria que o mundo admite, implica a conservação dos valores que o ser adquire, através da experiência da vida. Vive-se para aprender e só o aprender valoriza o viver. Ora, diz-nos a lógica que, sem reencarnação, a conservação dos maiores valores da vida é impossível, porque lhes falta o fio condutor da evolução. Então, sem reencarnação, perderia o sistema do universo todo o poder de recuperação, para corrigir sua imperfeição e voltar à perfeição, e a dor seria um tormento sem sentido, nem escopo útil. Ora, não é possível tão flagrante contradição, logo no centro de um sistema que sabemos ser lógico e estritamente utilitário. É absurdo que ele, em seu ponto mais vital, renegue seus princípios fundamentais. Herdar todo o passado, sem que nada se perca de tudo o que se viveu, sem que nada se desperdice desse trabalho fundamental ao qual foi confiada a reconstrução do eu, é essa uma necessidade absoluta e insuprimível, porque sem ela não desaba uma religião, uma filosofia, ou um grupo humano que lhes está conexo, mas desaba a lógica de todo o universo.

Estudamos o problema da hereditariedade no fim do volume “A Nova Civilização do Terceiro Milênio”. Vimos (cap. XXVII e XXVIII sobre a “Personalidade humana”) que há dois tipos de registro, o recente e o atávico, o novo e o velho, isto é, o que nos fazemos e o que fizeram nossos ancestrais. Vimos que tudo se transmite, sem que a evolução não poderia dar-se. Vimos que duas são as forças de hereditariedade que funcionam como canais de transmissão, ou seja, que ao lado da hereditariedade fisiológica (pais-filhos) há uma hereditariedade espiritual própria, individual. Dois são, portanto, os caminhos aptos a transmissão dos resultados das anteriores experiências: um caminho para as do corpo, transmitidas através da carne, e outro para as do espírito,

Acervo Virtual Espírita

transmitidas através da alma. “O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do espírito é espírito” (João, 3:6). Assim, o nosso ser que nasce, traz consigo não só uma memória biológica, que guia a reconstrução do organismo, repetindo sus história celular continuada através da hereditariedade fisiológica, mas também um destino, que é conseqüência do passado pessoal de cada um, por ele semeado antes livremente e que agora o acompanha em forma de determinismo fatal, transmitindo tudo isso através de uma paralela hereditariedade espiritual. Este último conceito está desenvolvido no cap. XXIV “Nosso destino livre”, do mesmo volume citado: “A Nova Civilização do Terceiro Milênio”.

Então, duas formas de continuidade: a biológica e a espiritual. A primeira para continuar a estrutura atávica, o tipo biológico já construído, ainda que a ele acrescentado contínuos aperfeiçoamentos. A segunda para continuar, não no plano biológico, mas no espiritual e moral, o desenvolvimento do próprio tipo de personalidade, de acordo com as premissas já colocadas, a este trazendo novos aperfeiçoamentos. Achamo-nos sempre, nos dois planos, diante do mesmo fenômeno, pelo qual é sempre o passado que preside ao desenvolvimento presente e futuro (Lei de causalidade). Deste modo, cada novo indivíduo nasce com seu destino biológico, conseqüência de seu passado biológico vivido na carne dos pais; e com seu destino espiritual, conseqüência de seu passado espiritual, pessoalmente vivido por sua alma. Dois destinos necessariamente sintonizados pela escolha (consciente ou inconsciente) feita pelo espírito ao reencarnar-se, dois destinos influenciando-se reciprocamente em seu desenvolvimento harmonizados, que se fundem, enquanto dura a vida na Terra, num só destino. Poder-se-ia chamá-lo um composto, um complexo físico-espiritual, de que depende o período de vida que o ser percorre em nosso mundo.

O primeiro germe destes conceitos está na “Grande Síntese” (“Instintos e Automatismos”) e, em muitos outros pontos dos volumes que se seguiram, foram controlados e desenvolvidos em harmonia com o sistema. Pode o leitor achá-los por si, quase a cada passo da Obra. Trata-se aqui apenas de restringir as fileiras convergentes para as soluções finais neste capítulo; trata-se de puxar as redes para concluir. Foram esses problemas tratados lá separadamente e diversamente enquadrados, em relação a outros pontos de referência e para alcançar outras conclusões. Mas os observamos agora, aqui, em síntese, para deles fazer a plataforma destas conclusões em favor da teoria da reencarnação. Era mister ter concluído esse longo caminho através de tantos meandros da fenomenologia universal, para ter agora pronta, em mãos, já alcançada, a solução de tantos problemas menores e mais particulares, sobre os quais, nesta fase de síntese, não é mais possível determo-nos. Só agora, nesta última fase, é possível pôr de acordo as soluções particulares, fazendo-as convergir para uma solução única, que, a uma voz, constituída de muitas vozes diversas e concordantes, de todos os lados nos repete: reencarnação. Para destruir esta teoria, mister seria demolir muitas conclusões já conseguidas, anular muitas soluções que nos satisfizeram e persuadiram. Trabalho longo, mas só assim podemos chegar às afirmações definitivas, bem como couraçados por observações, experiência, soluções e conclusões, apoiadas em sólidas bases que difícil será abalar, porque seria preciso destruir um sistema completo, que se demonstrou lógico e satisfatório, porque resolve sem deixar resíduos os fundamentais problemas do conhecimento. Aqui, a reencarnação não é apresentada como fenômeno isolado que se propõe e se resolve desligado e independente dos outros. Esta teoria aqui se apresenta,

Acervo Virtual Espírita

não avulsa, mas em conexão com toda fenomenologia universal; não como coisa per si, mas como pedra incrustada no edifício do universo, o qual sem ela ruiria; não como um corpo separado funcionando por si, mas como um órgão tão vital, que sem ele o grande organismo do todo não pode funcionar.

Mas focalizemos de novo, em particular, o problema da reencarnação. Só esta teoria nos deixa aberto o canal de transmissão dos resultados da experiência da vida. Totalmente insuficiente é a hereditariedade fisiológica para os filhos que nascem, sobretudo quando os pais são ainda jovens, e portanto possuem quantidade mínima de experiência a transmitir. Para que pudesse ser transmitida aos filhos, ao menos a maior parte dela, seria indispensável que os pais gerassem em avançada idade, quase no fim de suas vidas. Ao contrário, a reprodução é confiada aos jovens, mais aptos materialmente, e menos maduros espiritualmente. A hereditariedade fisiológica não pode, pois, ser o caminho para a transmissão das qualidades intelectuais e morais que são as mais importantes. Deve então haver outro caminho que não possibilita a perda de nenhuma experiência.

Outra objeção surge. Rebela-se nossa mente ao conceito que a personalidade do filho deva estar exclusivamente dependente da personalidade dos pais, sofrendo-lhes as conseqüências de alegria ou dor, submetidos a causas estranhas a seus próprios atos, e igualmente injustas por que não merecidas. Que um fato de tal monta, com cargo de responsabilidades e conseqüências como um destino de alegrias e dores, deva depender do capricho de dois seres que geram quando querem; que um fato tão vital e importante tenha que derivar da vontade às vezes de inconscientes; que o próprio Deus deva permanecer à disposição destes para realizar a criação de uma alma adequada, no momento por eles escolhido; tudo isto representa tal contradição e absurdo na ordem do universo, que se torna inconcebível, para quem dele tenha compreendido um pouco o perfeito funcionamento. Rebela-se a mente à idéia de poder alguém pagar por culpas não exclusivamente suas. Revolta-se totalmente o senso instintivo de justiça se tiver que admitir que o nascer em determinado ambiente, receber nele determinada educação, ter de assumir o tipo biológico e a carne, sadia ou enferma dos pais, com os instintos anexos, bons ou maus, o ter de herdar condições de vida em que se baseará o nosso destino, revolta-nos a alma ter que admitir que tudo isso seja devido ao acaso, e esteja na dependência da escolha sexual e do capricho dos pais, isto é, nas condições produzidas por outros e não estritamente nossas, pessoais. Não podemos acreditar nisto; o admiti-lo nos choca e ofende, porque de tudo isto pode resultar uma existência de alegria ou de dor, que nos pode tornar satisfeitos ou fazermos odiar a vida até ao desespero. Não se pode ficar agnóstico e indiferente diante da primeira fonte de nosso destino. E não podemos ficar persuadidos dos fatos gravíssimos que disto resultam, e portanto aceitá-los, se não virmos que dessa fonte tudo nasce com lógica e justiça. Não sendo assim, a consciência dará razão ao instinto de revolta, acrescentando às tristes condições de fato, o inferno na alma. Então, no caso dos filhos destinados apenas aos delitos, às doenças, à dor, eles teriam o direito de amaldiçoar quem lhes deu uma vida triste, não pedida. Então a união para gerar poderia antes aparecer como a associação de dois seres egoístas, que, por seu exclusivo prazer, podem impunemente cometer um delito em dano a um terceiro, o filho incapaz de defender-se. E a lógica dos fatos autorizaria esta maldição a dirigir-se até Deus, pois que ninguém saberia justificá-lo pelo fato de uma criação de almas tão diferentes e em tão diversas condições, quando a

Acervo Virtual Espírita

justiça exigiria que almas novas fossem criadas todas iguais e ao menos assim o fosse ao nascer.

No sistema reencarnacionista o eu é uma individuação eterna, personalidade em formação pela evolução, única responsável diante da Lei; personalidade que colhe em bem ou mal, sob a forma de destino, o que ela quis livremente semear. Só assim a ninguém se pode culpar, e em cada caso apenas aceitar e bater no peito, até alegando-se mesmo, porque corrigido o erro e aprendida a lição com a prova, tudo se restabelece, na ordem que foi violada e na alegria ansiada. Assim a mente compreende, e quem compreendeu pode aceitar melhor e saber sofrer, sem culpar a outros, mas apenas a si mesmo; pode, suportando melhor, adaptar-se à sua dura posição de dor, quando sabe a função corretiva desta. As idéias de punição e vingança excitam a revolta contra Deus, que então aparece egoísta e injusto. Na realidade, todos nós somos filhos apenas de nós mesmos, e nossa posição presente é conseqüência fatal de nosso passado livre. Os pais nos dão o corpo físico, da mesma natureza que os seus, mas não a alma. Só nosso corpo de carne é filho de sua carne; nosso espírito, porém, é filho apenas de suas próprias obras. É o nosso eu que escolhe em que ambiente nascer e, se o não sabe ainda fazer, é nisto guiado pela sábias forças da vida. É evidente a todos que as crianças têm uma personalidade sua própria desde pequenos. Esta, desde o início, é bem definida, de modo que a seguir, mesmo delineando-se melhor nos particulares, continua idêntica e irremovível em suas notas fundamentais. É assim que o gênio não se transmite, porque não é filho dos pais. É assim que entre irmãos, se há semelhanças exteriores, as personalidades são inconfundíveis, e com freqüência são diferentíssimas. E se há afinidade entre pais e filhos, esta é dada pelo corpo, resulta do ambiente comum, mas sobretudo da necessidade de que as almas sejam afins, para que uma possa avizinhar-se tanto da outra, que chegue a vestir-se com a mesma carne. Para revestir-se com uma carne da mesma natureza, é necessária uma sintonização espiritual. Assim se explica também, ainda que isto nem sempre se verifique, certa nota espiritual semelhante entre pais e filhos.

As observações em favor da tese reencarnacionista são muitas, porque com ela tudo se explica, sem ela se confunde tudo. Se só houvesse o canal da hereditariedade fisiológica, depois de passada a época da reprodução, que significado experimental teria a vida no sentido da evolução? Nenhum. Seria tempo perdido. Aprender-se-ia uma lição toda terrestre, em função da vida física, para usufruir um ócio eterno num mundo espiritual, sem corpo e sem a nossa matéria, em um ambiente em que não se compreende como poderiam ser utilizadas essas qualidades. Como pode uma experiência todo material servir de escola a fim de preparar-se para uma vida totalmente espiritual? Quando somos jovens temos força, mas não a experiência. Quando somos velhos, temos a experiência, mas a força e a vida desaparecem. É verdade que os jovens, vivendo, usam a força para transformá-la em experiência. Mas essa experiência não é usada na terra, porque sobrevêm a morte; não se transmite aos filhos porque nascidos há muito tempo; e, nos ambientes não terrestres, é de uso difícil. Para que serviria então este conhecimento terreno específico, se não se regressasse à terra, onde somente aí, pode ele ser usado? E com efeito vemos nascerem pessoas com qualidades inatas, atitudes instintivas de caráter nitidamente humano, que só podem explicar-se como resultado de um trabalho terreno precedente de construção. Não há outro modo de explicar-se isto, num universo em que nada se cria e nada se destrói.

Acervo Virtual Espírita

Mas com isto são explicados também outros fatos. Sem a reencarnação, a vida dos solteiros estaria perdida para a evolução. Se a continuação do processo evolutivo fosse confiada somente à hereditariedade fisiológica, a vontade de qualquer um em permanecer celibatário teria o poder de intervir no coração da Lei e paralisá-la em seu processo mais substancial. A teoria da criação da alma no nascimento é estritamente individualista e ignora o importantíssimo aspecto coletivo da vida, que considera cada um como uma célula de organismos étnicos muito mais vastos. Permaneceria ainda o mistério dos que morrem crianças. Com a teoria reencarnacionista, não representa isto, senão uma tentativa, sem êxito apenas na carne, mas que o espírito pode recomeçar sempre com melhores resultados, para prosseguir sua evolução, e talvez até de modo mais eficiente, após haver superado isto, que pode ter sido uma prova ou nova experiência. Mas, com a teoria da criação no nascimento e da vida única, que significado teria uma vida, sem tempo de fazer experiências, e com que direito pode ela pretender o mesmo paraíso que os outros devem conquistar duramente, com uma vida de renúncias e dores?

Se a evolução só atuasse pelo canal da hereditariedade fisiológica, então o gênio, o super-homem, que são valores biológicos maiores, deveriam ser os mais prolíficos. E ao contrário, quanto mais é evoluído o ser, menos tende a reproduzir-se. Quer então a vida perder seus maiores valores? Não. Na realidade esses valores se transmitem por outros canais, os da hereditariedade espiritual. E assim se explica como gênios e super-homens renasçam sem seguir os caminhos da hereditariedade fisiológica. Se não houvesse reencarnação, quanto mais fosse evoluído o indivíduo, mais facilmente se perderia como valor biológico, tendendo a desaparecer da raça humana. Contradições e absurdos, que a lógica da vida não pode conter. Ao contrário, quem dá tudo de si, colherá o que semeou e como o tenha semeado e, através de suas experiências, poder enriquecer a si e aos outros. Nosso planeta é o terreno que devemos cultivar, e conforme queiramos fazê-lo um deserto ou um jardim, aqui morreremos dilacerados ou repousaremos felizes, como resultado daquilo que quisemos fazer.

A consciência e o conhecimento instintivo com que nascemos, não é uma característica nossa, genérica, igual para todos, mas é um conjunto de qualidades específicas, diferentes de indivíduo para indivíduo, do qual formam o caráter particular e a personalidade. Essas qualidades, pelo fato de se apresentarem aptas e proporcionadas ao ambiente terrestre, onde deve justamente usá-las o homem, demonstram um conhecimento específico das condições deste ambiente. Daí deduziremos que devem ter sido aí formadas e não alhures, isto é, serem frutos de uma experiência terrestre. Certo, sem dúvida, que não é no céu que essas atitudes de índole prevalentemente material, quase todas em função e dependentes da vida física, se podem haver formado. O espírito que guia os primeiros atos da criança, demonstra saber retomar o caminho da vida material, dando provas de ter um conhecimento já adquirido e possuído. Aderente às suas condições físicas terrestres, conhecimento nada metafísico, que possa fazer pensar numa direta e imediata filiação do mundo altíssimo do Absoluto divino. Esta poderá revelar-se mais tarde, mas só em proporção ao grau de evolução atingido, isto é, do caminho já percorrido ou da maturidade elaborada através de longuíssima série de experiências. Poderá revelar-se mais tarde, mas só em proporção ao trecho de subida que o ser soube realizar, para Deus, com o esforço próprio pessoal evolutivo de redenção. Revelar-se-á, pois em graus diversos e para os involuídos, não se revelará em absoluto; revelar-se-á

Acervo Virtual Espírita

como resultado de uma conquista própria e laboriosa, em diferentes proporções de acordo com esta, e não como um dom gratuito de Deus, dom que, então, a justiça quereria que fosse igual e, mesmo que tarde, se manifestasse para todos igual.

É evidente que a alma que se encontra na Terra demonstra, por suas atitudes, que provém de uma experiência terrestre e não celeste. Os meninos, guiados por um instinto de luta, são turbulentos, audaciosos, levados a brincar com armas (conquista violenta). As meninas, levadas pelo instinto materno, são tranqüilas, afetuosas, inclinadas a brincar com bonecas (cuidado dos filhos). E estas são qualidades da personalidade, não do corpo físico. As almas são diferenciadas segundo tipos diversos, e demonstram conhecer e saber aplicar as fundamentais leis biológicas, isto é, a luta pela seleção do mais forte e a reprodução e defesa da vida. A alma aparece na Terra como uma entidade fundida com a realidade biológica, e não como um produto abstrato metafísico. Dizem que as almas não tem sexo, e isto é verdadeiro no sentido terreno, mas possuem as qualidades que depois, na Terra, formam o substrato próprio ao biótipo de um sexo ou do outro. Assim, no espírito macho dominará o instinto de domínio, a inteligência, a vontade; no espírito feminino a obediência, a intuição, o amor. As qualidades fundamentais que depois formarão o biótipo masculino ou feminino, estão antes de tudo na alma que, embora não tenha sexo, dele possui os elementos basilares. Vemos assim na Terra almas do tipo masculino encarnadas em corpos sexualmente masculinos, da mesma forma que em corpos sexualmente femininos: e ao contrário, almas do tipo feminino, encarnadas em corpos sexualmente femininos, como também em corpos sexualmente masculinos. E tudo isto, permanecendo na normalidade, sem que implique de modo algum inversão sexual; mostra-nos isto que a personalidade espiritual é independente da veste orgânica que vem assumir no corpo. Um espírito dotado de qualidades viris assim permanece, qualquer que seja o tipo de corpo que para si escolha, e assim para um espírito dotado de qualidades femininas, mesmo mantendo-se eles no âmbito da normalidade sexual, de acordo com o tipo masculino ou feminino de seu corpo. Tudo isto é explicável e compreensível, porque a evolução tende à unificação da unidade quebrada no dualismo universal, e neste caso à formação de um biótipo completo, em que se refundam as duas metades, macho e fêmea. Para atingir essa reunificação, ambos os biótipos espirituais, com as qualidades masculinas e femininas precisam atravessar todas as experiências, tanto do próprio tipo sexual como do oposto, pois só assim, somando-se e completando mutuamente suas complementações. Podem fundir-se e assim formar o biótipo completo, em que coexistem todas as qualidades do ser, e daí a cisão, devida à queda do sistema, pode resultar sanada.

Não se pode negar, e no-lo mostra a observação, que cada alma, encarnando-se na Terra, traz consigo como um feixe de impulsos seus, que depois obrigarão sua vida terrena a tomar esta ou aquela direção. Quantos acontecimentos em nossa vida tendem a realizar-se como por força própria, impondo-se, à nossa própria vontade; e quantos, por mais que façamos, jamais conseguiremos traduzí-los em realidade! Vemos pois que a alma encarnando-se, traz consigo um destino específico, seu particular, que será como o roteiro no qual tenderá a realizar sua vida. Sem dúvida, se o futuro é sempre livre, o passado nele marcou pontos fixos, de passagem obrigatória, dos quais se não pode fugir. E isto continua verdadeiro, ainda que o cinzento dominante na maior parte dos destinos, constituídos de pequenas coisas, o torne menos visível. Mostra tudo isso que, quando nasce o homem, já foram colocadas diante de sua vida premissas

A Obra Virtual Espírita

que depois é difícil abalar. Se isto é um fato de observação, o senso da justiça diz-nos que essas premissas devem ter sido postas por ele mesmo. Essas premissas, partindo de seu primeiro estado espiritual, depois dinâmico, chegam em forma imponderável ao estado de impulso ou força, e materializam-se nas condições concretas de ambiente, constituição física etc., que formarão o tipo de cenário em que a alma viverá sua vida, isto é, o terreno sobre o qual se desenrolará sua vida.

Em tais bases se eleva a obra de construção do edifício espiritual, representado pelo desenvolvimento de uma vida. A cada indivíduo está reservado um tipo particular de experiência, cuja explicação e justificação se contém toda nas supras citadas premissas à sua vida. São suas as premissas, suas são as atuais conseqüências. Cada vida é um elo de uma longa cadeia de vidas. Estas vidas, reciprocamente, se completam, se explicam e só se justificam, se vistas todas reunidas em conjunto. Isto porque a obra de construção do edifício espiritual, representado pelo desenvolvimento de uma vida, é só um momento da obra de construção de um mais vasto edifício espiritual, representado pelo regresso da alma a Deus. É assim que só em sentido evolucionista e reencarnacionista se pode compreender o significado da vida, de uma de nossas vidas, enquadrada assim no plano do "tornar-se" universal. Solto da cadeia, cada um dos elos muito pouco nos diz, permanece um caminho fracionado e manco, de que não podemos ver o desenvolvimento, a proveniência e a meta na eternidade. Mas fundido na cadeia, nossa breve vida assume insuspeitados significados profundos, expande-se até os mais longínquos horizontes, potencializa-se e se acresce de novos valores, porque essa vida é levada a contacto com suas mais longínquas origens e com suas maravilhosas conclusões, origens e conclusões até ao plano altíssimo do Absoluto e da Divindade.

Compreende-se, então, a íntima força espiritual que anima o fenômeno da evolução; compreende-se o progressivo revelar-se da divindade sepultada, pela queda, no profundo do ser, e lentamente acordada pelo choque das provas e da dor. Vemos então a substância do fenômeno evolutivo, dentro da forma que ele anima; vemos o princípio espiritual reger essa forma em cada plano do ser, desde a pedra até o super-homem; e compreendemos que nada pode existir, senão enquanto for animado por uma centelha proveniente de Deus. Mas se desça, porém, na escala da evolução, mais este princípio é aprisionado, encapsulado, escondido na materialidade. E quando mais se sobe nessa escala, mais se liberta esse princípio e se revela na espiritualidade. Nossas crianças têm o sentido do bem e do mal, compreendem no plano ético conceitos incompreensíveis aos selvagens que, amorais, vão direto à satisfação de suas necessidades e desejos, ignaros desse mundo mais alto. Vemos como, com o progresso da civilização, a alma humana vai sempre se enriquecendo de qualidades. De que nasce, pois, o progresso, e como pode explicar-se sua contínua ascensão com o tempo, se não como efeito das experiências da vida e do acumular-se de seus resultados úteis? Temos sob os olhos muitos fatos concomitantes: o desenvolver-se de muitas vidas no tempo, o progresso das civilizações, o desenvolvimento da consciência, o enriquecimento do espírito com tantas novas qualidades. Sem a reencarnação, permanecem desconexos esses fatos, sem significado e sem explicação. Com essa teoria ficam explicados, integram-se e convergem harmonicamente para a própria solução.

Só com essa concepção é possível admitir-se a salvação de todos, porque há, com abundância, tempo para realizar experiências de todo o gênero. Ao invés, agora com a teoria do inferno, parte dos seres já teria ido formar definitivamente o núcleo

Acervo Virtual Espírita

da revolta eterna, isto é, o tumor canceroso que para sempre manchará a obra da criação, tornando assim definitivamente vã e imperfeita a obra de Deus. Não podemos absolutamente admitir o absurdo representado por uma tal falência. Não. Só com a teoria da reencarnação poderemos explicar-nos tudo e tudo aceitar, porque corresponde à justiça, ou seja: as particulares condições de ambiente, de qualidades físicas e espirituais como que vimos no mundo, o modo particular com que para cada um de nós, a seguir se desenvolve a vida. É inútil negá-lo. Dissemos acima que há acontecimentos , em nossa existência, que querem acontecer, sejam alegres ou dolorosos, e acontecimentos que não querem verificar-se e, se acontecem, é só a seu modo, contra nossa vontade. Há um destino mais forte que nós. Quem o fez, quem o guia? Colocarmos Deus, caso por caso, ilogicamente, sem finalidade a nós conhecida, amarrando nosso livre arbítrio e assim tornando-nos irresponsáveis? Que nem sempre somos livres, é um fato. E como poderemos ser responsáveis e portanto dever pagar as conseqüências, se não somos livres? Não podemos admitir que seja Deus que nos amarre, mas somente que fomos nós, com o nosso passado; de forma que, se agora não somos livres, somos igualmente responsáveis, porque somos nós mesmos que quisemos reduzir-nos à escravidão, amarrando-nos às conseqüências de nossas ações. Nossas obras nos acompanham. Só assim, quando o destino nos golpeia, não poderemos culpar senão a nós mesmos; ao invés de amaldiçoar, só poderemos agradecer a Deus que nos corrige, pedindo-lhe que nos ajude a corrigir-nos. Só assim não pode a mente lançar a culpa em Deus, pois assim excluímos que Ele opere por arbitrariedade, mas ao contrário, como exige Sua perfeição, mediante apenas a lógica, a justiça e a bondade. As conseqüências morais da reencarnação nos falam de Sua verdade e bondade.

Um caso clássico, em que se aplicam os supracitados conceitos, é o de Judas. Como complemento necessário da descida, vida e missão de Cristo, era indispensável a Sua paixão, de que dependia a redenção da humanidade. Sua morte na Cruz fazia parte da lógica do seu sistema, baseado no Amor e no Sacrifício. Todos os acontecimentos que condicionaram essa paixão, inclusive a traição de Judas, deviam pois ter um caráter de fatalidade. É bem verdade que a traição podia ter sido cometida por outro, e podiam os sacerdotes achar outro meio para apoderar-se de Cristo. Mas isto não impedia que alguém tivesse que prender, condenar, matar Cristo sem o que não podia verificar-se a paixão. Em todo o caso, não se pode excluir, pois que houvesse um predestinado, incumbido de cumprir essa parte, necessária no drama sem a qual a missão não se teria podido realizar. Ora, se ele era predestinado e sua ação era fatal, ele não era livre; e se não era livre, como poderia ser responsável, e portanto considerado culpado?

Mas ainda há mais. As profecias já tudo haviam predito como deveria isto ocorrer, mesmo em suas modalidades. O Evangelho de São Mateus, explica. “Como pois se cumpririam as Escrituras, que dizem assim deve suceder? . . .” “Mas tudo isso aconteceu, a fim de que as Escrituras dos profetas se cumprissem”. E isto tudo a propósito do beijo de Judas e da prisão de Cristo. Pouco depois acrescenta: “Assim se cumpre o que foi anunciado pelo profeta, que disse “e apanharam trinta moedas de prata preço daquele que foi vendido. . .”. Por sua vez confirma-o São Marcos em seu Evangelho: “Certamente vai embora o Filho do Homem, como dele foi escrito mas ai do homem, pela qual é traído o Filho do Homem! Melhor lhe fora jamais ter nascido”, em primeiro lugar, não podemos deixar de observar aquele “jamais ter nascido”, que dá

Acervo Virtual Espírita

impressão de um ato escolhido e querido pelo próprio sujeito, que o teria podido evitar. Sem a reencarnação, Cristo com essas palavras só poderia ter expresso: seria melhor que Deus não tivesse criado este. Ora, é inconcebível que Deus tenha errado, pensar que teria podido fazer melhor agindo de outra forma, e que Cristo tenha salientado esse erro.

As profecias, pois, dizem tudo com precisão. Fica claro, dos textos citados, que qualquer que fosse o homem chamado para entregar o Cristo, já devia existir um predestinado para isso e já sobre a sua cabeça pesava "a priori" essa condenação. Ora, como pode ser considerado responsável, culpável e punível um ser que, sendo criado por Deus, não podia deixar de nascer, um ser cuja ação, de uma ou de outra forma, era indispensável à realização da paixão de Cristo, e cuja traição, já tendo sido profetizada, era um ato inevitável? O verdadeiro culpado, então, teria sido Deus que, mesmo sabendo tudo, e sem deixar-lhe a liberdade alguma, havia criado e feito nascer um predestinado a esse ato.

Sem a teoria da reencarnação o emaranhado das contradições permanece inexplicável. Limitamo-nos a explicar este caso, sem citar – o que já foi por outros feito cabalmente – muitos outros pontos em que só se pode compreender o Evangelho no sentido da reencarnação, à qual aí se alude claramente. O problema é este: como conciliar a atual falta de liberdade, fato evidente ao menos naquela vida de Judas, com sua culpabilidade? Como pode julgar-se passível de condenação e portanto de castigo, um ser que não pode escolher? E se a primeira qualidade do espírito é a liberdade, como esta terá sido tirada a Judas? E isto só para que desse fato surgisse sua perdição? Temos aqui um fato indiscutível, ou seja, um traidor inelutavelmente condenado antecipadamente, para ser amaldiçoado pelo mundo e condenado pelo céu. Se esse conceito de culpável por predestinação repugna a todo senso de justiça, é absurdo de outro lado o livre arbítrio num ser como Judas, ou de qualquer outro no mesmo caso, a quem fosse entregue em mãos o poder de, com sua escolha, desmentir as profecias e paralisar o desenvolvimento da paixão de Cristo. Havia, pois, um homem irremediavelmente lançado para a traição e depois para seu desesperado suicídio, sem escapatória para ele. Neste caso então, teria sido ele vítima maior porque inocente, sacrificada até seu último opróbrio, e perdição eterna, para triunfo final de Cristo.

Só com a teoria da reencarnação se resolve tudo. Sem dúvida, o ato de traição de Judas foi fatal, e Cristo sabia que podia com certeza com ele contar. Mas a liberdade se coagulou e fixou, ligando-se em forma de fatalidade, só no último momento, isto é, quando essa foi necessária. Derivava ela de todo o seu passado, fora longa e livremente preparada nas vidas precedentes. Nestas, Judas quis espontaneamente constituir-se traidor, isto é, quis escolher, entre as qualidades boas ou más, estas últimas; com repetidos pensamentos e ações, ele as absorvera e fixara em seu biótipo, de modo que não podia mais mudar-se, ao menos no momento. Quando viveu ao lado de Cristo, já se havia ele de tal forma irremediavelmente enredado nesse modo de pensar e viver, que lhe não restava mais possibilidade de escolha. Tudo era fatal, pois, mas só naquele momento. Fora livre, precedentemente, portanto permanecia intacta a responsabilidade e portanto a culpabilidade. Foi assim que Judas pôde tornar-se condenável. Cristo nada mais fez que escolher um homem já pronto para a sua função e admití-lo entre os apóstolos, para que, no momento propício, ele a realizasse. Mas, apesar de que no fim, lançado no caminho do mal, este não pudesse mais retirar-se, sua responsabilidade, que agora parecia desaparecer no determinismo, permanecia intacta, porquanto remontava a

Acervo Virtual Espírita

vida anteriores, em que ele mesmo criara em si essa personalidade e livremente se quisera amarrar a este destino. A culpa de Judas não foi tanto o beijo traidor, última conseqüência de um hábito de traições, quanto o ter querido adquirir esse hábito, que agora tinha no sangue e não se adquire num dia. Uma responsabilidade de tamanha gravidade, exigia uma culpabilidade proporcionada, profunda verdadeiramente merecida em plena consciência e liberdade. Por fim, ao lado de Cristo, já a obra de Judas foi automática. Quem sabe quantas traições já fizera e, com a última, pagou-as todas, como merecia.

É assim que a reencarnação nos explica como seja possível permanecer responsáveis e constrangidos a pagar. Isto porque, esta inexorabilidade é uma conseqüência inelutável do que nos mesmos preparamos no passado. As conseqüências, não mais podemos então fugir de modo permanecemos responsáveis, sem ser mais livres. O caso de Judas não é o único. O bem e o mal, no passado, amarra-nos a todos no presente. O destino de todos, na fase de efeito, é em certo pontos determinístico. Está assim resolvido o inexplicável o emaranhado das precedentes contradições. Eis como, só com a teoria da reencarnação, podem conciliar-se os dois extremos opostos: liberdade e responsabilidade de uma parte e fatalidade de outra. Assim tudo é simples e claro. Em cada caso, a evidência das soluções só pode confirmar-nos na verdade a teoria da reencarnação.

A TEORIA DA REENCARNAÇÃO

(2ª Parte)

Observemos, agora, a teoria da reencarnação sob outros aspectos. Uma da objeções apresentadas em contrário, baseia-se de que nós não lembramos das vidas passadas. A objeção é de um simplismo pueril, pois, se só tivesse existido aquilo de que nos recordássemos, muito pouco de nós restaria. Se tivéssemos que nos basear na recordação, não teria existido nossa maturação como feto, nosso nascimento, nem os primeiros anos de nossa vida. Da mesma forma, infinitas particularidades cotidianas, por nós vividas, não teriam acontecido, porque as não recordamos, nem teriam existidos nossos tataravós, que não conhecemos. Se só fosse verdadeiro o que está sob o controle direto de nossa consciência, não existiria a assimilação dos alimentos, a circulação do sangue, a atividade da natureza, curadora nas enfermidades e reparadora no sono. Que grande parte de nós mesmos nos escapa, se realiza sem que o saibamos! Acontece – mas as diretivas estão no inconsciente – que não é falta de consciência, mas só uma consciência diferente, interior, subterrânea, que trabalha sem nada dizer à consciência normal, de vigília; uma consciência profunda, que está em contacto com as leis da vida e com o pensamento diretivo dela. É essa outra consciência, muito mais vasta que a cerebral, de superfície, a que dirige a nossa existência cotidiana, à qual estão confiadas as maiores atividades e diretivas da vida. É ela que transmite ao normal consciente, sob a forma de julgamentos sintéticos, axiomáticos, de impulsos instintivos, as suas conclusões. Quando devem estas transformar-se em ações, o impulso deve transportar-se do centro espiritual da alma ao centro cerebral do corpo, e só então o eu se torna sabedor, na forma de consciência normal.

Acervo Virtual Espírita

A consciência profunda aparece como inconsciência para a cotidiana que pouco lhe nota a presença. Mas é daquela que emergem movimentos instintivos, raios de inspiração, intuições que a razão, depois procura analisar e compreender. Essa consciência profunda, muito mais vasta que o eu a nós conhecido, contém muitas coisas que escapam à nossa psiquê normal, feita para uso da vida no nosso mundo relativo. Essa psiquê normal é como um olho menor, com que a alma percebe as coisas com visão microscópica, é uma função cerebral a serviço do corpo. Mas tudo é um meio ou instrumento, para que o espírito possa vir em contacto com o ambiente terrestre, meio que abandonamos com a morte física, porque esse órgão cerebral não serve mais ao espírito, que lhe destilou os valores e absorveu o produto sintético.

Ora, esta menor consciência terrena, constituída por um funcionamento sensório periférico e por um funcionamento cerebral central, ligados por meio do sistema nervoso, só pode ser depositária dos resultados das experiências terrenas desta vida, isto é, das mais próximas e imediatas sínteses menores, tudo em função do desenvolvimento dos meios sensórios e cerebrais. Partindo do mundo virgem da realidade material exterior e do infinito pormenor do particular, esta é uma primeira destilação que forma a história da vida atual, a de que nos recordamos. E nessa vida é lógico que nada mais se possa recordar. Esta psiquê cotidiana é apta a conter sobretudo os produtos racionais da experiência. O espírito sabe muito mais, e por sua vez concentra em síntese maiores as menores sínteses cerebrais de cada vida, realizadas pela psiquê cotidiana, transporta e funde a memória particular de cada vida, na memória de uma vida maior. Ora, esse espírito, na maior parte dos indivíduos do biótipo humano, está ainda adormecido no inconsciente, e portanto incapaz de recordar, especialmente quando está fechado num corpo físico, cujas funções superiores se limitam às atividades sensório-nervoso-cerebrais, sem saber subir evolutivamente mais acima.

É assim que cada vida forma, durante sua existência, uma memória sua, separada das precedentes, dando dessa forma a cada vida a sensação de ser a única. Os resultados de todas são registradas no espírito, mas estando este ainda involuído, adormecido, adormecido no estado de inconsciência, a memória do passado permanece profundamente sepultada no inconsciente, que ainda não despertou e, se pode aparecer em relampejos nos estados hipnóticos ou mediúnicos, nas intuições ou na fase de desencarnação, perde-se essa memória de modo absoluto no período da vida no corpo, quando a vitalidade deste assume a predominância. Somente nos casos de seres muito evolvidos pode o espírito manter-se desperto mesmo no cárcere, debaixo do véu da vida física, com força de lançar até ao plano cerebral jorros de intuição que revelem, com uma memória diferente da normal, lembranças da vida anterior.

Temos, pois, duas memórias, a cerebral, que só abarca a vida atual, e a espiritual, que abarca todas as vidas. O cérebro é um instrumento de registro só de impressões sensórias terrenas, e não vai além de sua coordenação racional. O cérebro, pois, não pode conter outra memória além daquela de sua vida, antes da qual ele não existia e depois da qual se desagrega. Para a grande maioria, a memória espiritual está sepultada no inconsciente, e então não pode oferecer nenhuma recordação, pois não sabe funcionar nesta vida. Esta, desenrolando-se no plano físico, só pode possuir uma memória cerebral, que nada pode saber do que existia antes da formação do cérebro, que é o órgão em que se baseia. Por isso, não se podem recordar em geral as vidas precedentes, e então se diz que elas não existiriam. Trata-se de dois centros, um interior

Acervo Virtual Espírita

ao outro de natureza e com funções diversas. Um, o menos profundo, analítico-racional; o outro, mais profundo, é intuitivo-sintético. Representa o primeiro uma série de operações em curso, o segundo uma série de operações já executadas; o primeiro abarca a fase da aquisição experimental das qualidades, mediante o embate contra as resistências do ambiente externo terreno, o segundo abarca a fase de registro executado, e portanto da aquisição definitiva dessas qualidades, agora tornadas próprias da personalidade. As instintivas manifestações atuais do eu, ainda que a consciência central delas não guarde lembrança, são o resultado do passado em que foram preparadas e de que livremente foi lançada a semente.

É verdade que a memória cerebral não nos dá a recordação analítica das vidas precedentes. Mas não há esta forma apenas de memória. Permanece em nós uma lembrança sintética, no sentido de que não podemos explicar em nós as idéias inatas, instintos, qualidades, tendências, se não admitido que a semente que agora desabrocha, tenha sido por nós plantada em existências pretéritas, que cada marca tenha sido impressa naquela forma específica, porque do nada não nasce nada, mas tudo nasce de um precedente do mesmo tipo e natureza sua. Não podemos compreender nossa atual vida, senão como um desenvolvimento de estados precedentes, correspondentes e proporcionados. Se quisermos limitar-nos apenas à memória cerebral, não conhecemos a causa de muitas coisas que vemos em nós nascer do inconsciente, pois tudo o que somos e fazemos, mesmo no mundo analítico do domínio cerebral, só se explica pesquisando-lhe as origens no mundo interior do espírito. Eis pois que, como desenvolvimento e conseqüência, um passado emerge ainda que não em forma de memória direta, das profundidades de nosso ser; pode-se reconstruir-se um passado remontando às avessas o caminho que da causa desce ao efeito. Como do que fazemos hoje poderemos deduzir o que seremos amanhã, assim do que agora somos podemos reconstruir o que ontem fizemos. Mais ainda, na primeira parte da vida, até o uso da razão, isto é, até o controle cerebral nas diretivas da ação, age o homem por instinto, sem disso dar-se conta. Esse período também, que parece irresponsável, é responsável pelo fato de que constitui apenas a conseqüência automática dos impulsos, já queridos e postos em movimento na vida precedente; ao passo que na madureza, o controle racional intervém com o poder de corrigir esses impulsos, iniciando novas rotas, com conseqüências automáticas, ao menos da primeira parte, dita irresponsável, isto é, não controlada racionalmente, da vida futura.

O fato, pois, da falta de lembrança do passado, não prova nada contra a reencarnação. Uma memória de natureza cerebral não pode abarcar o que foi sentido e pensado com outro cérebro que fazia parte de outro corpo. É verdade que a matéria orgânica que constitui nosso organismo se renova toda quase completamente, mas esta vai sempre substituindo a velha, de que conserva as mesmas características. As células de um novo cérebro, numa nova vida, não são, em absoluto, o derivado orgânico das células cerebrais do corpo da existência precedente, e portanto não pode sobreviver a este nenhuma memória direta, mas só uma diferente memória espiritual, pela qual, ainda que nada recorde, tudo, como destilação de valores, em nós sobrevive e nada se perde.

Se observarmos todo o procedimento, de perto, só podemos admirar quanto seja providencial este desembaraço de uma barafunda de particularidades, inerentes ao mundo material, mas inúteis no mundo espiritual, a fim de que permaneça, para a personalidade, apenas o essencial, o que vale mais. Só assim, libertada do peso

Acervo Virtual Espírita

das escórias supérfluas, pode ela mais rápido continuar seu caminho. Uma lembrança analítica do passado exercitaria enorme pressão sobre o presente essa recordação só pode realizar-se à proporção que o espírito, evolvendo, se torna mais sensível, isto é, paralelamente à sua purificação, o que é muito providencial porque isto quer dizer: à medida que se vai tornando mais leve o fardo do passado carregado de erros. Dessa forma, cada um tem a sensação de começar nova vida. Sente-se por isso mais livre e leve, ao passo que se tudo soubesse, ficaria carregado de recordações, de dúvidas e problemas às vezes de rancores, que estorvariam seus movimentos. Não haveria a feliz ilusão da infância e da juventude, pois parece que na Terra só se pode ser feliz na inconsciência. Podem-se assim gozar aqueles períodos de repouso e, com mais esperança, enfrentar as fadigas de uma nova vida.

Como vemos, aqui nos movemos numa psicologia diferente da normal, levadas quase a pedir contas a Deus de Seu modo de agir. É justo que a razão procure compreender. Mas também devemos compreender que nosso pensamento não é absolutamente a medida das coisas que parecem não necessitarem de forma alguma de nossa compreensão, para funcionarem por si de modo maravilhoso. Há, portanto, quase diria, outro aspecto de conhecimento ou sabedoria, que não consiste em indagar para saber ou dominar, mas no abandonar-se a essa infinita sabedoria que tudo rege. Aonde não chega nossa mente, há o pensamento de Deus onipotente que por si resolve todos os problemas; há a corrente da vida que nos guia e arrasta. A maior parte dos seres humanos e todos animais vivem, sem nada saber. Apenas obedecem os impulsos da vida, que para eles tudo sabe. Funciona nosso corpo e se renova sem que nada saibamos, muitas vezes cura-se sozinho, e, colocada a primeira semente, tudo se desenvolve automaticamente. Que é que nossa ciência e nossa vontade podem diante de tais maravilhas? Não somos nós que vivemos autônomos e separados, mas é a vida que vive em nós. Por vezes atuam em nós tantas maravilhas suas, sem que disso nos apercebamos. Doutras vezes intrometemo-nos com intervenções terapêuticas no trabalho da natureza, só para prejudicar. Nossa vida é anterior ao nosso conhecimento e depende dele muito pouco. Antes que cada um de nós nascesse, já existia o esquema de nossa estrutura orgânica. Existimos antes de nos termos percebido disso. Não resta dúvida de que há uma imensa consciência cósmica, que sabe fazer tudo e faz por nós tudo o que não saberíamos fazer. E nós queremos impor-nos a tudo. Mas aquela consciência cósmica faz-nos saber que ela manda mais que todos. Que pode a razão diante do instinto e do sentimento? O irracional, que no fundo é apenas o supra-racional que tudo domina, ri-se dos cálculos do nosso racional, e lhe transmite suas ordens. Nunca somos nós, com nosso cérebro, que tomamos as maiores decisões de nossa vida. Se assim é, como poderemos admirar-nos porque o mistério de nossas vidas passadas foi todo confiado a essa sabedoria superior da vida, que já dirige, sem dar-nos conta, tantos de nossos fatos vitais?

Observemos, agora, a teoria da reencarnação em relação à ciência. Pode-se dizer que Freud, sem querer, haja dirigido seus primeiros passos para levar a pesquisa psicológica positiva ao terreno da reencarnação. Fixando e aplicando o conceito do subconsciente, Freud afirmou e demonstrou a existência de uma atividade espiritual que se não pôde exaurir na vida atual, mesmo se ele não ultrapassou o limiar desta. Chegado a esse ponto em seu caminhar às avessas, ele embrenha pela hereditariedade fisiológica, mas não nos dá disso as provas, nem podia no-las dar, de que a continuação

Acervo Virtual Espírita

desse caminho para trás não podia tomar outra direção, diferente da assinalada no cérebro, experiências e personalidades dos pais. De qualquer modo, Freud inaugurou um sistema que, levado apenas um pouco mais para trás, leva-nos à vida precedente. Ora, é um fato que, se com a psicanálise, com a pesquisa para explicação dos traumas psíquicos e depois pelo desmantelo das posições psicológicas erradas, andamos para trás até a meninice e o nascimento, podem existir traumas e posições tão profundamente congênitas que para conhecê-las e corrigí-las, precisaria remontar até suas raízes, que são tão profundas, que só podem ser achadas na vida anterior ao nascimento. Trata-se de casos que, nem mesmo a vida dos pais ou avós nos mostra conter as causas, e que se apresentam como fato pessoal do sujeito, cujas origens não podem, pois, achar-se senão em sua vida individual antes do nascimento, desde que não sejam achadas na atual.

Há sinais característicos da personalidade, qualidades específicas inatas, feridas nervosa ou morais, se que a vida presente do sujeito, como a de seus pais ou avós não nos dão explicação. Em tais casos, uma verdadeira psicanálise, para ser completa, deveria remontar mais atrás nessa corrente de vida até aos tempos anteriores ao nascimento do sujeito. Mas que caminho escolher? O da hereditariedade psicológica ou da hereditariedade espiritual? A ciência ignora a segunda, mas temos motivos para crer que a personalidade humana seja filha mais do segundo que do primeiro tipo de hereditariedade. A personalidade resiste, em suas notas fundamentais que permanecem constantes, a toda contínuas mudanças do corpo físico, sujeito a um metabolismo incessante. Uma entidade que, fundamentalmente, fica idêntica a si mesma, não pode derivar de um organismo físico (dos pais) que não conhece essa estabilidade. O corpo se transforma sempre, o tipo do indivíduo permanece; se este se transforma, suas mudanças são muito menores. O espírito permanece muito mais estável e independente enquanto atravessa a viagem da vida. Ora, Freud dirigiu suas pesquisas no terreno mesmo da personalidade, cujas atitudes não podem explicar-se cabalmente senão remontando a seu passado, segundo a teoria da reencarnação.

Poder-se-ia dizer que os pais dão a matéria prima, a carne, o corpo, com algumas de suas características, e que, nesta base material, se inocule a personalidade do filho, como um motorista em seu veículo. Então, à matéria prima, recebida dos pais, o novo eu dá sua marca própria, o dirigente adapta a si o seu veículo. A matéria prima, já elaborada pelos pais para eles mesmos, vem assim elaborada por outro eu para si mesmo. Poderá então ocorrer também que um habilíssimo dirigente (personalidade evoluída) se ache na contingência de ter que guiar um veículo primitivo, com órgãos defeituosos, que impedira a manifestação dos talentos do sujeito. E também que um motorista sem valor algum se encontre a guiar um belo automóvel, que ele, em sua ignorância, estragará totalmente. Ainda que a carne seja do mesmo biótipo familiar, ela se encontrará desposada com diversos tipos de personalidade, no caso de cada um dos filhos,, mas isto sempre com uma base de afinidade, sem a qual, fusão nenhuma pode formar-se. Se o corpo é mais forte que o espírito, vencerá a carne, filha por herança fisiológica, dos pais, e a personalidade que a veste, será por ela rebocada: isto é, a máquina prevalecerá sobre o dirigente e o indivíduo irá à deriva, à mercê das leis animais. Mas se o espírito é mais forte, este dominará e plasmará à sua imagem a carne, filha dos pais, imprimindo-lhe as características próprias.

Acervo Virtual Espírita

Vimos na “A Grande Síntese”, o progresso da formação dos instintos e novas qualidades, com o método dos automatismos, ou repetição habitudinária. A psicanálise no-lo confirma, ao percorrer o caminho inverso. Evidentemente o espírito não é um edifício imóvel, uma entidade qualitativamente constante. A psicanálise remontando para trás o caminho da vida, procura individuar os erros cometidos na fase que uma vida pode abranger, erros de desenvolvimento da personalidade, para individuá-los e depois corrigi-los, apresentando-os ao espírito em posição emborcada, para endireitamento das formas psíquicas contorcidas, que assim se formaram. Em outros termos, diz Freud: “aqui erramos o caminho. Voltemos atrás e refaçamo-lo com um sentido justo”. Trata-se de refazer um procedimento errado, tornando a fazê-lo de novo, substituindo a antiga, com outra repetição habitudinária, com sacudidelas equivalentes e reequilibradoras em sentido contrário, recomeçando em outra direção a formação de alguns caracteres da personalidade. Tudo isso é lógico e certo. Mas, na prática, é bem difícil refazer uma vida revivendo-a de novo, corrigir erros devidos a lentas adaptações, alterar qualidades de formação tão longa, que se estende até as vidas precedentes. Freud não se deu conta de que, em alguns casos, se trata de intervir no determinismo de um destino que remonta a semeaduras remotas, das quais não podemos impedir hoje a frutificação. Não se deu conta de que é inelutável a Lei, segundo a qual tudo se paga. Não há psicanálise que possa evitar o aparecimento dos efeitos, quando foram estabelecidas as causas.

Se o princípio é justo, na verdade é muito difícil descer e operar no subconsciente e demolir posições que se estabilizaram como qualidades adquiridas. Vemos as religiões terem em vão lutado durante milênios para modificar os instintos animais do homem, sem tê-lo conseguido. Tanto maior será essa dificuldade no caso individual, quanto mais profundamente essas qualidades se imprimiram e se fixaram no espírito do sujeito; - e tanto mais elas aí se fixaram, quanto mais foram repetidas, isto é, confirmadas pela prática da vida, que as aceitou e a elas se adaptou. E no entanto este é o mesmo processo corretivo que usa a Lei, mandando-nos as provas opostas ao erro cometido. O método de endireitamento pelo uso dos contrários é um velho processo biológico que a vida sempre usou para ensinar-nos a não mais errar e a rearmonizar-nos na ordem da Lei. Se, por tudo isso, fica confirmado e justificado o princípio da psicanálise, ela continua, tal como é concebida hoje, impotente diante dos processos psicológicos profundos, que não são exauridos numa só vida, diante das psicoses cujas primeiras raízes se firmam nas vidas precedentes, e que o ambiente da vida atual não basta para explicar. Por vezes, o trauma psíquico não apresenta traços nos pais e se manifesta tão cedo e instintivo no sujeito, sem causas exteriores que o possam justificar, que só pode ser explicado remontando a estados de existência antecedentes ao nascimento, porque só neles pode tudo isso ter-se formado. Concluindo, a psicanálise não será completa e solucionadora senão quando souber estender sua pesquisa até o terreno pré-natal, segundo os princípios da teoria da reencarnação.

Vistas assim as relações entre a psicanálise e a reencarnação, enfrentemos outro aspecto da questão.

Observemos a estrutura das células germinais. O óvulo humano não chega ao tamanho de um ponto. Dentro de uma camada de gelatina aquosa há um núcleo central mais espesso e mais escuro. Dentro dele acham-se 24 cromossomos, filamentos estriados horizontalmente com estrias claras e escuras. Estes cromossomos contém cerca de 3.000 genes. Na cabeça ovóide do espermatozóide, que tem uma cauda como

Acervo Virtual Espírita

os girinos, há igualmente um núcleo com cromossomos e genes. Essa cabeça é cerca de 40 vezes menor que o óvulo.

Cada filamento dos cromossomos é como um fio de pérolas, é uma serie longitudinal de genes. São assim duas filas: uma de derivação materna e uma paterna. Um cromossomo é visível ao microscópio. Os genes são ainda menores, de dimensões que escapam à nossa imaginação. Temos, então, uma multidão de genes dispostos aos pares, ao longo de filamentos longitudinais. Esses genes do óvulo se combinam com os do espermatozóide quando esses dois elementos se encontram e se fundem, e é essa combinação que determina os caracteres hereditários do nascituro.

O número de genes já é representado por cifra astronômica. Imagine-se qual não será o de suas possíveis combinações! Pense-se que, para cada óvulo existem de 200 a 500 milhões de espermatozóides, que partem juntos à procura do mesmo. Mas, após poucas horas, permanecem vivos apenas alguns milhares, até que um consiga atingir o óvulo e perfurar-lhe o invólucro. Então o espermatozóide perde a cauda, e a cabeça penetra no óvulo, alterando-lhe a estrutura, com ele fundindo-se e iniciando o crescimento por divisão celular.

Ora, cada gene representa um caráter a reproduzir. Dada a disposição em pares dos genes, um materno e um paterno, achamo-nos aqui, como dizíamos, diante da possibilidade de inumerável quantidade de combinações. Pois, se é grande o número de genes, maior ainda é o número de seus possíveis encontros. A cada nascimento, realiza-se uma combinação, diante de um inconcebível número que não chega a realizar-se. Aqui, na reprodução dos caracteres da personalidade, achamo-nos diante de um sistema de probabilidades, que nos recorda o que dirige o mundo da moderna física estatística e quantística. Isto, porque as leis do ser tendem a unificar-se no mesmo princípio, tanto mais, quanto mais descermos em profundidade, isto é, em direção ao centro. Neste caso, encontramos o mesmo sistema probabilístico quando descemos na profundidade do mundo biológico, como do físico-atômico. Diante da reprodução dos caracteres da personalidade, achamos que o fenômeno escapa a uma regulação determinística, para obedecer só as leis estatísticas ou de probabilidade, em que as livres irregularidades de cada caso, por compensação nos grandes números, desaparecem numa regularidade coletiva. Assim lei se realiza deterministicamente, mesmo deixando livre o indivíduo de mover-se como quiser em seu caso isolado. Isto é possível, porque inumeráveis irregularidades livres individuais compensadas (caso isolado), podem na massa, resultar numa obrigatória regularidade coletiva (lei da espécie).

No caso das combinações dos genes, significa isso possibilidade de inumeráveis encontros livres individuais, mesmo permanecendo determinística a lei geral das distribuições dos biótipos por equilíbrios étnicos, distribuição dos sexos, e qualidades dominantes, de massa. Isto significa, para cada tipo de individualidade espiritual, a possibilidade de achar, à sua disposição, um número enorme de combinações, e de poder escolher, qualquer que seja seu gênero, a combinação a ele semelhante, com a qual possa estabelecer aquela sintonização por afinidade, que é necessária para que o espírito possa, num dado tipo de estrutura orgânica, formar sua veste corpórea. Se a lei biológica é determinística em suas grandes linhas, é no entanto tão vasta, que engloba, deixando-os ao mesmo tempo livres, os movimentos das unidades componentes. Quanto à teoria da reencarnação, tudo isso quer dizer que não é uma alma de tipo genérico, como a que deveria ser criada ao nascimento, sem um passado seu de formação, mas, ao contrário, é

Acervo Virtual Espírita

só uma alma do tipo especifico, resultante do caminho que ela percorreu, a que pode sentir necessidade de achar, entre inumeráveis combinações aquela que seja de seu tipo, ou seja, o germe do material orgânico afim, com o qual possa estabelecer a sintonia indispensável para fundir-se com ele. Isso tudo careceria de sentido, e de nada disso se teria necessidade, no caso de espíritos que se não definiram em suas qualidades, por uma própria experiência terrestre precedente, os quais, só por isso, podem procurar e achar, nas combinações físicas dos genes, a posição afim de sintonização, em relação ao próprio biótipo.

Uma alma que naquele momento nascesse de Deus, descendo diretamente dos céus do absoluto, completamente ignara das condições do ambiente terrestre, não teria razão de escolher nas combinações dos genes – porque jamais poderia achar, por mais variadas que fossem – aquela que pudesse sintonizar-se com uma natureza sua sem precedentes terrestres. Para uma alma assim, há impossibilidade de achar qualquer afinidade no material orgânico humano, para poder fazer com ele uma veste corpórea. Se, ao contrário vemos que a personalidade espiritual demonstra, desde os primeiros momentos de vida, conhecer o ambiente terrestre, e estar proporcionada a ele, em seus instintos e estrutura; e, dado que as combinações dos genes não podem, por sua natureza sintonizar-se e fundir-se senão com um princípio espiritual afim a eles; se vemos que a vastíssima amplitude de escolha permite a sintonização e fusão com qualquer tipo de alma, que se defina nesse ambiente terreno, só nos resta, se quisermos explicar tudo isso, admitir que essa alma já conheça a Terra, que aqui tenha sido formada com sua características, que têm um sabor bem terreno e nada celestial, de imperfeição do involuído e não da perfeição divina, como ocorrer se a alma tivesse saído naquele momento do seio de Deus. Pois neste caso não se poderiam explicar aquelas imperfeições de involuído, nem uma vida de provações para aperfeiçoar-se. Só nos resta admitir que essa alma aqui volte para desenvolver-se, num terreno adaptado à semente. E dizer isso, é dizer: reencarnação.

Mas há ainda outro fato. A possibilidade de um tão grande número de combinações entre genes, poder permitir que qualquer tipo de vivente venha à luz dos mesmos pais, isto é, que um tipo bom possa nascer de maus e ao contrario. E assim se explica como isto às vezes aconteça. Mas se nem sempre acontece assim, antes, os filhos tendem em geral ao assemelhar-se aos pais, isto não pode ser devido às infinitas combinações possíveis dos genes, mas a algum outro fator importante. Isso só pode ser a lei de afinidade, que é que preside à escolha, feita pelo biótipo que se vem encarnar numa determinada família e ambiente. Se as combinações dos genes não podem absolutamente assegurar, por seu número extraordinário, a semelhança entre pais e filhos, e se essa semelhança tão freqüentemente existe, não podemos dar-nos explicação desse fato senão recorrendo à lei de afinidade, base da sintonia necessária à fusão espírito-corpo. Dizer isto, é dizer: reencarnação. É então o princípio de afinidade que resulta o que as combinações dos genes não são suficientes para regular. Eles então representam apenas o veículo dos caracteres preexistentes da personalidade, que é o que escolhe aqueles determinados genes, como seu meio de expressão, e não é escolhida por eles, que são apenas um meio e não a causa determinante.

Um corolário pode deduzir-se dessas verificações, ou seja, que é relativa a eugenética que propõe apenas a reprodução dos biótipos escolhidos como sãos. Cada biótipo contém todas as qualidades dos genes, oferecendo assim a possibilidade de se

Acervo Virtual Espírita

prestarem como veículos de qualquer tipo de caracteres e dar a vida a qualquer gênero de personalidade. Assim, os bons podem também os defeituosos e ao contrario. Nossa eugenética só conhece o caminho da hereditariedade fisiológica. Mas as coisa acontecem de outro modo. A enorme riqueza dos genes tem a função de oferecer a escolha mais ampla com qualquer tipo possível de combinação. Quem faz a escolha, de acordo com o próprio tipo – coisa que a eugenética ignora – é o princípio espiritual; ele que regula todo o fenômeno, proporcionando tudo às da própria natureza, que já se definiu bem no ambiente terrestre e que a este volta para continuar o trabalho aqui iniciado. E aqui também, se a eugenética observou que a saúde dos filhos depende da dos pais, isto não é proveniente dos genes senão como efeito, ao passo que o que regula tudo é a lei de afinidade, pela qual gente doente atrai como filhos espíritos doentes, e a sã espíritos sãos, que procuram e devem construir-se corpos sãos, como sede proporcionada a eles. Por isso os tarados não deveriam gerar. Mas infelizmente eles, como os involuídos, acham no nosso mundo o ambiente inferior que lhe é mais adequado. A vida regula tudo, com leis segundo as quais a geração é dirigida por princípios de caráter espiritual e moral. Mas, tudo isso, dada a sua orientação, a ciência ainda não pode compreender.

A nossa tese, de que a escolha dos genes seja feita pelo princípio espiritual, por afinidade, e que eles não são a causa, mas apenas um veiculo dos caracteres da personalidade, é sufragada também por outra afirmações. Há, com efeito, alguns fatos biológicos que podem fazer duvidar da validade do asserto, de que as diversas individualidades sejam devidas somente a diferenças nas combinações dos genes. A própria união das duas células germinais pode produzir dois indivíduos perfeitamente diferenciados. Este é o caso dos gêmeos monocoriais. Examinados objetivamente, suas características originárias são tão semelhantes que podem considerar-se quase idênticas. E no entanto, elas formam depois duas pessoas e individualidades bem distintas, no corpo, nas sensações como na consciência. A morte de um não é a do outro, a dor de um não é a do outro. Trata-se, para cada um dos dois gêmeos, de um eu separado. Mesmo se os caracteres morfológicos tendem à semelhança, as duas personalidades podem ser diferentíssimas.

A isto a biologia não sabe responder. O que é certo é que, no caso dos gêmeos monocoriais, não é a natureza da combinação dos genes a causa determinante. E então, como acontece que uma individualidade particular está unida a uma particular combinação genética? Isto só pode explicar pela afinidade, base da sintonização necessária à fusão espírito-corpo, como acima foi dito. O que nos leva a concluir que só podemos compreender o fenômeno, admitindo que a marca individual deriva antes de tudo do princípio espiritual, que é quem estabelece a personalidade, esta concepção desloca o centro de gravidade da questão, do terreno material ao espiritual. Apenas este ponto de vista é aceitável, porque apenas ele resolve tudo. Então resulta ser a individualidade humana uma entidade que se forma e existe independentemente dos genes e de suas combinações. Independentemente, significa que, se determinado nó, particular da trama, não se realiza, aquela individualidade citada vai identificar-se com outro nó. Então, a relação entre os genes e o eu seria análoga à que existe entre o eu e o ambiente, isto é, a combinação genética ajudaria o eu a determinar os próprios caracteres, mas não seria o determinante exclusiva da personalidade do indivíduo.

Permanecendo no âmbito positivo apenas das considerações biológicas, o problema não é solúvel e permanece um enigma, ao passo que tudo se torna claro se aí

Acervo Virtual Espírita

introduzirmos o elemento espiritual. Pode-se, então, como conclusão sustentar o que se segue: a preexistência de um dado numero de individualidades espirituais já constituídas com todas as suas características pessoais, prontas a combinar-se com um par de genes. Estas estão ansiosas para fazê-lo e procuram os meios de combinar-se (veja capitulo seguinte). Esses meios são a afinidade, pela sintonização de vibrações. Sendo esta uma qualidade que se encontra na vida física como na espiritual, pode ela funcionar como denominador comum e ponte de união entre os dois elementos que pertencem a dois planos evolutivos diversos. Nestas bases, pode realizar-se a fusão, mediante a qual o eu espiritual torna a direção do desenvolvimento orgânico, adaptando a si mesmo a matéria prima recebida dos pais. Esta formaria o ambiente que a nova personalidade adapta a si mesma e à qual se adapta, trabalho que é tornado possível pela originaria aproximação, por meio da afinidade e da sintonia, e assim se explica porque essas duas condições são necessárias para a fusão.

Então, verifique-se ou não uma particular combinação de genes, é mera circunstancia que, se faltar não paralisa o fenômeno, pois que não tem valor determinante para a existência da individualidade, que é sua verdadeira causa, mas tem apenas a função de fornecer-lhe uma base em que possa fixar-se, para formar para si, com o corpo, um instrumento de ação e realização no plano físico do ambiente terrestre. Se agora multiplicarmos o enorme numero de combinações possíveis de genes num acasalamento, com o ilimitado numero de seres humanos e acasalamentos possíveis na Terra, veremos que cada individualidade espiritual se achará sempre diante de uma tão vasta escolha de elementos, que, para qualquer biótipo humano, será possível estabelecer por afinidade a sintonia e, portanto, fundir-se.

Este é o imenso trabalho escondido e silencioso que continuamente se realiza inadvertido, e que preside a formação do feto. Tudo, é escolhido segundo as leis de atração. A escolha sexual, que tende à fusão conjugal, precede estoutra escolha por parte do espírito, do ambiente apto à formação de seu corpo. Assim, os egoísmos separatistas estão necessariamente ligados por atrações e reorganizações continuas, que reúnem e fundem juntos os elementos separados, mantendo-os todos ligados juntos na unidade da vida. Por isso, as diretivas do nascimento não são confiadas aos pais, simples instrumento instintivo e mecânico, que nada sabe. Quem dirige o fenômeno é o elemento espiritual, ele, diretamente, se for bastante evoluído e portanto consciente a tal ponto que o possa realizar; ou de outro lado é a sabedoria das leis da vida, quando o indivíduo ainda não tem capacidade de escolha nem autonomia de julgamento. Neste caso, ele é preso automaticamente à correntezas e por elas guiadas à posição que lhe compete, porque melhor a ele se adapta. É sempre, portanto, o elemento espiritual que domina o fenômeno físico, e não ao contrario. Verifica-se assim, a combinação genética, pela qual a personalidade espiritual se une ao corpo, seu instrumento de trabalho e expressão, provisoriamente para realizar o processo inverso da separação do mesmo, quando houver terminado o ciclo e o trabalho que deve. Eis, então, que também o mundo positivo da biologia não pode ser compreendido se não à luz da teoria reencarnacionista.

Certamente não podemos pretender que a ciência positiva da biologia, dada sua orientação, possa sustentar hoje essa doutrina. Logo que subirmos às alturas filosóficas das ultimas razões, a ciência costuma calar. Mas, admitindo que, ao contrario, nos queremos ter a explicação dos fenômenos; admitindo que a biologia não nos fornece nem uma doutrina positiva a respeito da relação das individualidades com as

Acervo Virtual Espírita

combinações dos genes, nada explicando-nos sobre isso; admitindo, enfim, que existe a teoria da reencarnação, já sufragada por tantas provas que a tornam certa e que, neste caso, ela explica tudo, é bem lógico que nós a aceitemos, porque ela é uma solução e a melhor, e sem ela só nos resta renunciar a compreender, numa triste posição de agnosticismo e ignorância. Não se pode ter outra atitude, quando é a própria ciência positiva que nos guia até a porta da teoria reencarnacionista.

Os problemas não podem ser esgotados e resolvidos só do ponto de vista positivo cientifico. Esta técnica, agora examinada, da encarnação do espírito num corpo, no seu tipo especifico e adaptado de corpo, corresponde além disso a uma necessidade lógica e filosófica, segundo o plano de criação, exposto no nosso volume: "Deus e Universo". Demonstramos aí, que nosso universo físico é o resultado da queda do espírito, da qual nasceu a matéria e a forma. A encarnação repete essa queda cada vez que uma alma retorna ao corpo; e cada vida representa uma etapa da subida, ao longo do caminho da evolução, e uma porção de fadiga e de dor com que é ele percorrido, assim, realizando progressivamente a própria redenção. E assim, o homem recairá tantas vezes no corpo e em seus castigos, repetindo o motivo da primeira revolta do ser rebelado, que fez ruir o universo na forma física; e assim, permanecerá o homem tanto tempo submetido ao ciclo vida-morte, até que evolvendo e reespiritualizando-se, tenha queimado, ardendo na chama de sua dor, a forma material que o aprisiona, e tenha voltado à sua primitiva posição de puro espírito. Só as o ritmo vida-morte, iniciado com a primeira queda, poderá ser lentamente absorvido e esgotar-se, até o regresso a Deus, lá onde se extingue a reencarnação.

O que nos revela a observação objetiva, isto é, material e sensória da ciência, é uma pequena parte, uma ilha que emerge de um continente submerso. A ciência positiva move-se no campo dos efeitos, mas escapam-lhe as causa, que estão alhures. Ela não sabe o que é a vida porque não conhece o essencial, que para cada coisa, para todas as formas do ser, é o espírito. A ciência para no corpo, mas como pode compreendê-lo se não conhece o espírito que o anima? Esse corpo, em princípio, é uma célula. Ele cresce. Quem o faz crescer, e por que o faz só até certo ponto? Do primeiro núcleo, desenvolve-se, por continua subdivisão e multiplicação de células, um aglomerado em continuo aumento, sem que apareça o motor genético dele. Parece um caos amorfo. Mas eis que, em certo momento, começa-se a delinear uma diferenciação na estruturas das células produzidas, uma disciplina que dirige esta maravilhosa multiplicação. Cada célula obedece a diretivas precisas, e pararão em grupos em certas zonas, para começar a construir certos órgãos ou tecidos: o cérebro, o olho, o coração, os ossos, etc. deste maravilhoso e inteligente trabalho nasce o milagre do organismo único, em que, por fim, se coordenam os resultados de todos os trabalhos parciais, em plena eficiência de funcionamento orgânico. Em lugar da primeira desordem, é então entoada uma como orquestração sinfônica, em que cada instrumento executa, em harmonia com todos os outros, a sua parte segundo a lógica de um plano geral que rege tudo.

Ora, um trabalho tão sábio, não pode ser produto do acaso, tanto mais que ele se reproduz exata e regularmente para cada ser que vem nascer na Terra. Quem os dirige, pois? Não é suficiente a ação dos hormônios para explicar tudo isso. Mais do que a causa última das especializações, representam eles antes as alavancas de comando, que fazem disparar um mecanismo já preexistente. Eles não bastam para dar-nos a formação dos órgãos, mas apenas podem acionar alguns mecanismos que levam a

Acervo Virtual Espírita

esse resultado. Há, portanto, independente deles uma forca diretriz inteligente que, segundo um seu plano ou esquema preestabelecido, produz isso tudo. A morfogênese, ou seja, a origem das formas, mediante a qual a vida assume seus modelos predeterminados, depende pois de esquemas preexistentes no mundo espiritual, sem o que essa morfogênese não se explica.

O problema, agora, é o de saber como acontece tudo isso. Damos uma resposta conseguida por via intuitiva e que a ciência poderá considerar como uma hipótese. Quando e como entra a alma no feto? Qual a técnica fisiológica da reencarnação?

Partamos das duas células germinais, o espermatozóide e o óvulo. São dois seres unicelulares, cada um com suas características individuais especificas. Enquanto o óvulo não sabe mover-se por si, o espermatozóide se move com uma rapidez relativamente fantástica, de dois centímetros e meio cada oito minutos. Ele pode continuar a nadar assim, por dois dias, realizando um trabalho que não tem paralelo em outros indivíduos monocelulares. Demonstra bem que sabe que o óvulo é seu objetivo, porque executa os movimentos próprios para realizar sua viagem nada fácil, a fim de atingi-lo. Das varias centenas de milhões de espermatozóides que iniciam essa viagem, só alguns milhares se avizinham da meta, e só um, ou poucos mais, a alcançam.

Não se pode negar que existe neste pequeno ser uma vontade precisa e uma inteligência que dirige sua ação. Demonstra ele, no trabalho em que está todo empenhado, que sabe superar não poucas dificuldades que lhe armam ciladas, pondo obstáculos ao seu êxito. Os espermatozóides que vencem as varias centenas de milhões de irmãos, deve tê-las superadas todas. Aqui também está em vigor a lei da seleção do mais forte, como nos animais e no homem, demonstrando-nos que essa é uma lei geral. Quando enfim o espermatozóide alcança o óvulo, perfura a barreira externa dele para penetrá-lo. Para consegui-lo melhor, trouxe consigo pequena quantidade de uma substancia que tem a propriedade de dissolver esse invólucro protetor.

Como pode esse ser monocelular ter tal providencia, demonstrando saber tantas coisas? E esta é uma inteligência especifica e especializada, própria dele e preexistente a ação. Vemos aqui a execução de uma serie de atos coordenados, tendentes a alcançar um escopo preciso. Além disso, não pode negar-se que esse ser esteja vivo; e vida quer dizer vontade e ação dirigida por uma inteligência. Há, pois, neste ser um centro inteligente, seu próprio, que constitui “a vida” dele. Temos, pois, que admitir nele uma como pequena alma, ainda que elementar, mas da natureza imaterial de que é feita a vida.

Eis-nos agora no ponto crucial: como ocorre a encarnação, isto é, como o princípio superior espiritual do eu humano se funde na primeira célula e nas que dela derivam, para depois formar um corpo humano?

Creio que para responder, mister se torna recorrer à lei das unidades coletivas, que alhures mostramos constituir o meio para formação unificadora das unidades menores, na construção das unidades orgânicas maiores. Ocorre isto também na sociedade humana, nos sistemas planetários e estelares, assim, como nos atômicos, moleculares, etc. Então o eu humano que quer reencarnar-se, avizinha-se gradualmente, não como espaço, mas por afinidade vibratória, isto é, aos poucos se vai sintonizando como princípio espiritual, com o princípio espiritual que rege, organizando o material molecular atômico que as constitui, estas primeiras células do feto em formação, logo elas

Acervo Virtual Espírita

começam a construí-lo. Estas representam o terreno que o eu humano utiliza para a sua manifestação futura. as duas primeiras células germinais, a resultante da sua fusão e as outras que dela derivam depois, são como que os tijolos do edifício que aquele eu vai construir para si, ou como os soldados do seu exército. Ele como o engenheiro construtor, põe em ordem o material da edificação para fazer a sua construção ou, como um general, disciplina seus soldados para deles fazer um todo orgânico. A comparação poderia repetir-se com o caso de um diretor de um negocio, que enquadra os seus trabalhadores, etc., isto é, em todos os casos em que um chefe assume a direção, coordenando os elementos de que dispõe, para fins superiores à vida e ao trabalho deles como indivíduos.

Há, portanto, vários princípios espirituais que se não destroem mutuamente, mas se coordenam por afinidade (vibração). Na união das duas células germinais e na primeira multiplicação celular, o eu superior não trabalha ainda nem como engenheiro, nem como general ou diretor. O trabalho de organizador de células ainda não é requerido, o edifício ainda é simples e basta o impulso de cada célula e sua pequena inteligência para dirigi-lo. Mas nesse ínterim o espírito humano está cada vez mais avizinhando-se, entendendo essa vizinhança como sintonização vibratório, através do comprimento de onda da freqüência e do tipo de individuação cinética. Quanto mais se complica o trabalho construtivo, mais ele necessita da ajuda de um diretor, por parte do eu superior. No câncer, a multiplicação das células é anárquica, porque não existe essa direção.

Eis então que esse eu superior, tendo em mira fins mais complexos, que não são alcançáveis pelas limitadas inteligências de cada célula que quando ficam abandonadas a si mesmas, como no câncer, se arruinam), começará a guia-las, a coordenar seu agrupamento à proporção que elas se produzem, ou organizá-las em tecidos diferenciados destinados a funções especificas. Acontece então que, enquanto o feto cresce e se define em suas varias partes, se é a inteligência celular que provê à multiplicação do material, e se é o incônscio materno que a dirige e que preside o funcionamento elementar mecânico como um prolongamento próprio, quem dirige a diferenciação em vários tipos de tecidos e a guia à formação dos vários órgãos, preparando seu funcionamento, independente do da mãe, é unicamente a inteligência do eu humano que se apresta para a nova reencarnação. Assim, a determinação do sexo, é feita pelo espírito, conforme ele, dadas as suas qualidades, ache mais adequado para si viver num corpo masculino ou num feminino.

É assim, que este se fabrica, sob sua própria direção, como um seu casulo; corpo do qual o espírito vai tomando posse gradativamente, numa espécie de temporária colaboração com a mãe; corpo em que crescerá definitivamente, tomando posse independente e destacando-se da colaboração materna, quando o feto nascer, completamente construído, à luz. Então o corpo pertencerá todo e exclusivamente ao novo eu que se encarnou e, como corpo foi formado à imagem e semelhança daquele eu que o plasmou, assim, também continuará a desenvolver-se sob sua contínua influencia diretriz, para tornar-se cada vez mais sua própria forma, isto é, sua mais exata manifestação exterior no plano da matéria.

Nesta sua forma física, pois, nosso eu se encontra sem recordar. Tudo se passou na zona dos automatismos conquistados pela repetição muito longa e abandonados ao subconsciente. Acima destes, a grande lei estabelece os ritmos maiores. Segundo esses ritmos, o eu vem depois, no fim da vida, executar o processo inverso, e

Acervo Virtual Espírita

quando o organismo que se construiu se estraga, o espírito desprende-se dele, desencarnando. Logo que este falta, e cessa sua ação diretriz aquele organismo abandonado a si mesmo, se desagrega. Achamo-nos assim, donos de um corpo temporariamente, e no fim despojados dele. Ele é tomado como empréstimo à terra, à qual devemos restituí-lo no fim, constituído de um material comum, que é de todos, e que nós mesmos amanha poderemos tomar de novo por empréstimo, para uma nova reencarnação. Só o espírito é individualmente nosso. A ciência não nos dá nenhuma explicação desse jogo. Só a teoria da reencarnação faz dele um processo lógico, dando-lhe um significado profundo e uma meta final.

Podemos todos verificar que a personalidade é algo de muito mais vasto que as funções racionais e cerebrais, contendo qualidades e elementos que as superam de muito. Dizer que o pensamento é uma secreção do cérebro, é como dizer que a matéria seja a fonte da vida, a máquina elétrica a causa da eletricidade, que o violino crie a musica e o relógio construa o tempo. No fundo de cada questão de fisiologia há, ao invés, algo de impalpável que recua a medida que avançamos. Não pode ela reduzir-se aos fenômenos positivos da física e da química. Há um elemento que não é matéria e que se chama vida, há o pensamento que não pode limitar-se a um efeito mecânico. A teoria materialista da biologia não é aceitável, portanto. Não podem ser entendidos os órgãos do corpo senão como instrumentos e condições, organizados por um princípio superior para sua manifestação. No ser humano há um centro e há órgãos periféricos. Estes fazem o trabalho de análise e de transmissão centrípeta. Aquele faz o trabalho de síntese e de emissão centrifuga. Assim, o eu faz contato com o mundo externo, chega a conhecê-lo e reage sobre ele. Esse eu não é apenas a central de recepção, repartição, controle psíquico e julgamento das mensagens recebidas, mas é também a central diretriz das reações correspondentes a cada estímulo e transmitidas aos órgãos do corpo. Também aqui aparece o dualismo, isto é, mecanismo equilibrado no binômio ação-reação, ou seja, circuito constituído por dois semi-circuitos inversos e complementares: percepção e ação. A central do eu é transmissora e receptora. Sem os sentidos, não poderia o espírito ler as mensagens que através deles lhe manda o mundo externo. Se o espírito não fosse transmissor, não poderia enviar para o exterior, através dos órgãos de seu corpo, as suas reações. À alma desencarnada, faltam os meios para perceber nosso mundo como o percebemos nós, para fazer-se perceber por ele e para agir sobre ele.

Tudo isto é tão simples e evidente que a técnica humana reproduziu vários desses instrumentos e deles se serve. Mas não sabe reproduzí-los ainda todos. Reproduzindo ainda outros, poderá fazer descobertas técnicas. E vice-versa, reproduzindo artificialmente os que já sabemos imitar, será possível suprir à falta dos órgãos físicos e assim, curar doentes em que esses órgãos se estragaram. Enfim, quando se conhecer toda a técnica da estrutura dos meios sensórios e seu funcionamento até a central espiritual e os meios de conexão com esta, será possível chegar a fornecer os meios de percepção e expressão em nosso mundo sensório às almas desencarnadas. Será então derrubado o muro que nos divide com o além.

Por essa estrada poderá chegar à descoberta científica da alma, de uma alma que demonstra saber viver mesmo sem corpo, além de saber viver na forma que todos conhecemos, em sua vida unida ao corpo. Ver-se-á, então, que a alma não é uma abstração filosófica, teológica metafísica, mas é uma realidade objetiva com a qual a medicina, à proporção que se aprofunda, terá que fatalmente que encontrar-se e que

Acervo Virtual Espírita

contar com ela. Só sendo assim, compreendida, poderá a alma reentrar no âmbito dominado pelos métodos da ciência médica. A observação anatômica dos corpos mortos não é suficiente. Trata-se aqui do fenômeno da vida, de que a anatomia é apenas a casca e a conseqüência. É preciso remontar os caminhos sensóriais até o centro consciência. Sobrepujadas a anatomia e a histologia, o segredo está na cinética atômica dos corpos químicos que compõem as últimas e mais apuradas células, do sistema, as nervosas, ou seja, nos equilíbrios que se renovam sempre daquela química instável; e subindo mais ainda, nas emanações dinâmicas, lançadas no espaço por aquela cinética atômica. Entramos no terreno extra-sensório do telepsiquismo. É preciso alcançar essas radiações-pensamento que estão conexas com aquela cinética atômica Nesta devem fixar-se movimentos rítmicos ligados às leis cíclicas, em que deve basear a memória, o registro das impressões, a formação dos automatismos e a aquisição das qualidades instintivas ou inatas. Deve aqui o médico aliar-se ao rádio-técnico para individualizar essas radiações pelas características da onda (ultra-curta) e examinar seu modo de comportar-se. Do estudo analítico desse feixe de ondas, reconstruir analítica e cientificamente a síntese psíquica do eu que, mais acima ainda, escapa no imponderável. Poder-se-á, então, acompanhar o fenômeno com o método da intuição nas dimensões superiores, que estão fora do domínio da ciência positiva. Para os primeiros passos, situa-se o problema nas profundidades da química orgânica, da cinética atômica, de que deriva uma diferente orientação das vibrações das correntes noúricas: ou seja, problema de movimento nas trajetórias internas dos átomos componentes. Essas trajetórias são linhas de força das quais se desenvolvem as emanações noúricas e nas quais se inserem as recepções noúricas, imprimindo-lhes modificações que formarão os novos caracteres adquiridos pela personalidade.

Na “Grande Síntese” foi sustentada a tese das origens elétricas da vida, pela qual a matéria evolvendo através das formas dinâmicas, da fase da energia β (beta), ascende, com a vida à fase α (alfa), o espírito. Esta é a atual ascese evolutiva que, como vimos no volume “Deus e Universo”, implica e pressupõe a inversa descida involutiva da queda e desmoronamento do sistema, do estado de espírito ao estado da energia, e neste caso da eletricidade, que continuará na forma de sistema nervoso a dirigir os organismos dessa vida; assim, no processo inverso da queda – que o fenômeno da reencarnação repete em cada caso individual – o cérebro constitui o órgão de inserção do espírito no mundo da matéria, o que quer dizer que o espírito, ao fazer-se um corpo, se insere primeiramente no organismo elétrico deste. Com efeito, pelo cérebro começa a construção orgânica do feto. A primeira manifestação física do espírito no útero materno começa, pois, na forma dinâmica que, por ser a mais evoluída, lhe é mais afim. Ela, depois, recolhe em torno de si os materiais orgânicos fornecidos pela célula paterna e pelo útero materno. Há, assim, uma lógica construtiva, dada pela própria estrutura do sistema do universo, na operação que o espírito realiza, de revestir-se de uma casca sempre mais densa; isto até que, no nascimento do feto, a forma física da matéria está completa e pode começar a funcionar, como acima vimos, por meio dos sentidos, recebendo e transmitindo. Não há outros meios, e o espírito não pode receber nem transmitir senão o que lhe permitem as possibilidades da máquina física em que ele se consubstanciou. No fim da vida verifica-se o processo inverso, da libertação da casca por parte do espírito, que leva consigo, registrados em seu sistema de forças como trajetórias dinâmicas, os resultados da sua experiência na vida, transformados, dessa forma, em

Acervo Virtual Espírita

qualidades suas pessoais.Assim, nascer é morrer, e morrer significa nascer. E eis outra prova da reencarnação: porque não pode morrer, nascendo, senão quem estava vivo; e porque, se morrer significa nascer, quem nasce dessa morte deverá de novo morrer, reencarnando-se novamente. Tudo é rítmico e equilibrado no universo. O motivo da queda se repete em cada reencarnação, porque tudo é regido por um esquema de tipo único que se repete em todas as alturas e em todas as dimensões. Tudo se repete. Assim, a ontogênese repete a filogênese. Como no homem, que está no cimo da escala da evolução terrestre, se repete a história da vida do planeta, assim, nas vicissitudes de sua vida repete-se o motivo fundamental de sua queda. Ela é como um regresso à matéria, como uma contradição evolutiva do sistema, a que se contrapõe o progresso realizado na vida e que, na morte se fixa na alma, como um novo passo seu para o alto. Assim, caminha a vida: 1.º) a sua contração à descida do espírito na matéria, numa sua forma dura, em que ele permanece prisioneiro das provações e das dores; 2.º) a expansão da vida na libertação do espírito da matéria, enriquecido pelas provações superadas e pela nova experiência adquirida. Assim, a morte não é igual para todos, e pode parecer para o involuído um fim doloroso, e ao evoluído uma alegre libertação. A proporção, pois, que o ser evolve, liberta-se ele da morte, isto é, da conseqüência da queda, transformando em alegria o sistema emborcado em dor.A teoria do pensamento produzido pelo cérebro baseava-se na localização das varias funções, de acordo com os lobos cerebrais. Mas, se podemos encontrar localizações cerebrais para funções animais, não há circunvoluções nem centro para todas funções superiores do espírito, como a inspiração artística, a intuição cientifica e filosófica, as aspirações místicas e religiosas, a concepção dos ideais e das idéias abstratas. Ao contrario, está provado que, em muitíssimos casos, a destruição de partes das zonas cerebrais não lesou em absoluto as faculdades intelectuais. Se existe uma possibilidade de localização, refere-se ela às funções inferiores mais elementares, mas se torna cada vez mais problemática quando se passa às funções espirituais superiores. O trabalho criativo, original, não se faz com o cérebro, mas só com o espírito. Com o primeiro só podemos obter resultados de ordem analitico-racional, ou uma erudita repetição de coisas velhas. O cérebro é um órgão de menor potência que o espírito, por este usado para os trabalhos menores.Mas há mais. Lemos no volume "*O problema da alma e da ciência de hoje", de Picone Chiodo, 1945:* "Está demonstrado que, em circunstancias excepcionais, pode a inteligência conservar-se íntegra apesar da destruição do cérebro. Desse modo cai inexoravelmente a hipótese gratuita explicativa, formulada pelos fisiólogos, segundo a qual os lobos cerebrais que permanecem, suprem os destruídos. Sucede que esses casos, sendo literalmente inexplicáveis por qualquer hipótese fisiológica, arrastam ao báratro ingente das teorias erradas também aquela que afirma que o pensamento é função do cérebro. Ao contrario, o órgão cerebral é permeado e dirigido em suas funções por algo qualitativamente diferente, e só assim pode explicar-se como consiga conservar-se a inteligência, apesar da destruição parcial ou total do cérebro".O espírito extravasa por todos os lados os limites se seu meio, que ele utiliza e dirige. O cérebro é empregado nos usos da vida, no contigente do ambiente animal. O espírito sabe as coisas profundas e distantes, domina um campo muito mais vasto, de dimensões superiores às do espaço e do tempo. Conhece a telepatia e a profecia. As funções cerebrais são de ordem inferior às espirituais. O funcionamento cerebral não cobre absolutamente a totalidade do consciente. Pensar com o cérebro, isto é, racionalmente, significa pensar de forma muito

Acervo Virtual Espírita

mais limitada, do que pensar com o espírito, ou seja, intuitivamente. E quando se acreditou, por terem sido ofendidos os meios nervosos e cerebrais, que tivesse sido lesado o espírito, porque se viam alteradas as funções espirituais, não se compreendeu que tinham sido ofendidos e estragados apenas os intermediários de sua expressão em nosso mundo. Não é, então, o espírito que fica alterado, mas só suas vias de comunicação e manifestação, só a mecânica de sua inserção em nosso mundo material. Assim, os materialistas, vendo o órgão do espírito e não o espírito, e vendo na morte a destruição desse órgão cerebral, crêem que, com isso, termine também o espírito. Mas a realidade é que este não se desorganiza absolutamente, pelo simples motivo que seu órgão se perca. Se o espírito tem necessidade dele para manifestar-se, pode entretanto existir sem esse meio de expressão, isto é, morre apenas para nossos sentidos. Sabemos bem como é restrita a gama de vibrações que estes podem perceber. Eles não são, de certo, a medida de todas as coisas. Então, o espírito pode muito bem existir em formas não perceptíveis para nossos sentidos físicos, e continuar bem vivo, ainda quando a nós possa parecer morto. E que coisa poderá fazer então esse espírito, que se elaborou com a vida no ambiente terrestre, se não continuar depois a sua elaboração aqui regressando?Como vimos, as provas em favor da tese reencarnacionista chega-nos convergentes e decisivas, dos campos mais disparatados. No capítulo seguinte a examinaremos ainda sob outros pontos de vista.

VIII

O LIVRO TIBETANO DOS MORTOS

(Técnica da Reencarnação)

Consideremos, agora, a teoria da reencarnação sob um ponto de vista que coincide com os precedentes, não obstante sua completa diversidade, e nos dá uma confirmação não só dos particulares, mas sobretudo da verdade de todo o sistema. E essa confirmação chega-nos bem de longe, tanto no tempo como no espaço. Trata-se de uma antiga tradição do Tibete, o “Livro Tibetano dos Mortos” (Bardo Thödol), traduzido para o inglês pelo lama Kasi Dawa Samdup, que, desse modo, transmitiu ao mundo ocidental parte do ensinamento dos grandes mestres da sabedoria budista do Tibete, especialmente no que diz respeito às experiências “post mortem”, no período da existência como desencarnados, e ao fenômeno da reencarnação . relembra-nos ele o “Livro Egípcio dos Mortos” e representa um dos elos da grande corrente de homens, religiões e povos, unidos através do tempo e do espaço pela mesma fé na reencarnação. Bastaria o fato inegável de sua difusão no mundo, para constituir uma prova da verdade dessa teoria.

É interessante o “Livro Tibetano dos Mortos”, porque nos mostra de forma cientifica, poderíamos dizer, o mecanismo da transmigração, de vez que aí encontram aplicação alguns fatos comprovados pela ciência ocidental. Escolhemos esse livro, entre tantos de sua espécie, porque é o único que trata racionalmente do período de existência entre a morte e o renascimento, baseando-se em dados que têm correspondência no terreno fisiológico e psicológico que a experiência humana pode controlar. E isto está conforme aos ensinos de Buda: “que não se aceite como verdadeira nenhuma doutrina,

Acervo Virtual Espírita

antes de tê-la experimentado e reconhecido como verdadeira, promanasse ela mesmo das Escrituras". Assim, a teoria da reencarnação é-nos apresentada nesse livro como uma lei natural, que se harmoniza com todas as outras leis do ser, e o fenômeno como correspondente à grande lei que constitui o próprio princípio da criação, isto é, a potencialidade criadora do pensamento. Co efeito, nós nos construimos a nós mesmos, com os nossos pensamentos, da mesma forma que Deus, com a simples atividade de Seu pensamento, criou o universo. P pensamento é a fonte primeira de tudo. Resulta daí o Karma, pelo qual, o que livremente se semeou, será totalmente colhido mais tarde.

Estabelecido o princípio do poder determinante do pensamento, o resto se desenvolve logicamente. A existência depois da morte é apenas uma continuação da vida, já não mais em condições físicas, mas em condições psicológicas, como conseqüência do fenômeno psicológico que se iniciou na vida terrena. Este lado, que na terra constitui apenas uma parte da vida em função das atividades físicas, passa então a prevalecer e domina todo o campo do ser. Dá-se, assim, uma inversão: a vida não procede mais do exterior para o interior, como percepção por meio dos sentidos, mas procede do interior para o exterior, como projeção das impressões colhidas, armazenadas e assimiladas, pela repetição, em forma de automatismos. Tudo isso se desenvolve canalizado pela lei de causa e efeito com correspondências especificas e proporcionadas do efeito para a causa.

A existência depois da morte é, pois, uma continuação no plano psíquico da vida precedente no plano físico, até o momento em que se retoma um corpo, para continuar o caminho da evolução. A natureza dessa existência de desencarnados é a conseqüência exata, em alegria e dor, e em qualidades de representações mentais da existência material precedente, que por sua vez é a conseqüência de todas as anteriores. E no mundo dos desencarnados a representação mental é tudo. Falando psicologicamente, poderíamos chamar a isso um estado de sonho prolongado, cheio de visões vivíssimas, decorrentes diretamente do conteúdo mental do indivíduo que as percebe.

Não esqueçamos que o ser decaiu no relativo, e vive na grande Mayâ, ou ilusão, isto é, no irreal, quer esteja encarnado ou desencarnado, dado que o real só pode alcançar-se no fim do caminho evolutivo, quando forem reencontrados a perfeição e o absoluto. Nossas percepções, que chamamos luz, som, calor, tato, olfato, etc., são sensações exclusivas da única parte de nosso ser que possui capacidade sensitiva, isto é, o espírito. Objetivamente, de per si, eles não existem, mas unicamente em função dessa capacidade sensitiva apta a percebê-las. Tirai esta e existirão apenas vibrações com determinada freqüência e comprimento de onda. Os sentidos são simplesmente meios de transmissão dessas vibrações, que, recebidas, selecionadas e coordenadas nos centros nervosos, são aí percebidas, lidas e registradas, pela central única, que é o espírito, e nele somente é que se tornam luz, som, calor, etc., como as chamamos. Esse estado de ilusão é proporcional ao grau de involução do espírito, que corresponde ao grau de materialidade de sua existência, ou seja, inconsciência, ignorância, profunda imersão no irreal. Quanto mais for involuído o espírito, tanto mais adormecido está ele. Mas pode ser desfeita a grande Mayâ ou com o evolver, desmaterializando a própria forma de vida, aprendendo a cada vez mais perceber de maneira extra-sensória. Nesse caso, também a vida de além-túmulo se torna mais clara; surge e cada dia mais se firma uma capacidade

Acervo Virtual Espírita

de orientação e de escolha, na grande corrente dos renascimentos, o espírito sempre mais se aproxima da visão real e se torna cada vez mais senhor do seu destino.

No fundo do ser há esse núcleo central, o ego, centelha divina, que a queda não pôde destruir e permanece como um conjunto de potencialidades latentes, comprimidas, adormecidas mas ansiosas para se tornarem ativas, para expandir-se, despertando. Nesse ego, apesar de tudo, Deus permaneceu como centelha animadora. D'Ele, aí à espera de infinitos desenvolvimentos, nasce o impulso íntimo e instintivo da evolução, que forma, desse modo, o movimento ascensional de todos os seres do universo. Nesse fenômeno da evolução enxerta-se, como necessidade absoluta, o fenômeno da reencarnação, sem o qual não seria possível a reconstrução do eu. Desse modo, a vida única, pulsando do seu lado material para o seu lado espiritual – dois aspectos inversos e complementares, sem os quais seria incompleto o fenômeno - vai vivendo momentos diferentes, em que prossegue o desenvolvimento das mesmas forças em evolução. No fim de cada ciclo, a alma deposita nos braços do ciclo seguinte os resultados alcançados, e crava no caminho da evolução o marco de seu percurso. Tudo funciona obedecendo a uma lei de harmonia. Assim como no estado embrional humano, o feto passa por todas as formas de estrutura orgânica, desde a ameba até o homem, da mesma forma, no estado posterior à morte deve a alma retomar, tanto mais conscientemente quanto mais for evoluída, todas as experiências vividas em suas existências passadas, para a elas acrescentar os resultados da última. Na terra a ciência vê apenas um lado da existência, a metade somente do fenômeno da vida. Nosso mundo físico e biológico deve ser completado com o mundo espiritual, que lhe forma o substrato e do qual fornece a explicação, e se isso não for feito, nada se compreenderá.

Se em torno de nós olhamos, vemos que tudo é vivo, que tudo é constituído pela vida, é regido por esse princípio espiritual que impulsiona tudo a caminhar no sentido evolutivo. Evolução que se revela na forma, apenas num segundo tempo e como conseqüência, antes de tudo, está no espírito. Quer isso dizer que tudo que existe, do mineral ao gênio, evolve, alcançando um grau cada vez maior de iluminação. E isto quer dizer despertar da consciência, começando pela capacidade de sentir e reagir, que representa o primeiro e mais rudimentar acordar da alma. Este é o caminho do ego ou centelha divina, alma de toda individuação existente, para remontar às origens.

Tudo isso, entretanto, não acontece ao acaso, ou desordenadamente. Todo ser está aderente à sua forma que é sua expressão, de acordo com o grau que atingiu. Nos planos mais elevados cada indivíduo está ligado ao seu tipo biológico, nele está encerrado e não lhe são permitidas improvisações de qualquer espécie. Todavia as portas não estão fechadas. A Lei impõe apenas um princípio regulador, que garante a estabilidade da forma e dos tipos, pois sem isso a vida se tornaria um caos. Pode-se sair do recinto fechado que o ser formou para si, e que manifesta o caminho percorrido. A estabilidade lhe garante que esse resultado, conquistado por ele, é seu e, se lhe permite sair, só o faz em continuação , ao longo da linha causa-efeito, lentamente, pelo caminho da transformação evolutiva, de acordo com o conhecido método do registro das experiências e da sua assimilação e transformação em qualidades, por meio dos automatismos.

É assim que o biótipo humano, como alma, é espiritualmente o produto hereditário dos reinos sub-humanos. O biótipo que constitui o elo biológico de junção

Acervo Virtual Espírita

entre uma forma orgânica inferior e a superior – tão procurado pela escola darwiniana e por seus sucessores para demonstrar a teoria da evolução em bases puramente materialistas – é representado antes de tudo por um tipo, que é definido por particularidades psíquicas própria, ou seja, de desenvolvimento espiritual. A essência da evolução é dessa natureza, sendo a transformação orgânica sua última conseqüência. É o espírito que forma suas próprias qualidades, que ele depois exterioriza nos órgãos físicos de seu corpo. A continuidade da evolução existe, e deve existir, primeiramente, no lado desenvolvimento do eu, ainda que isso não apareça externamente, porque suas formas que aparecem com interrupções, o exprimem apenas de modo descontínuo. É preciso compreender o que Darwin e seus seguidores materialistas não compreenderam e não podiam compreender, isto é, que a evolução é guiada por um fluxo vital e que sua substancia é espiritual . a chave do fenômeno da evolução está precisamente nos antípodas da fé materialista, sobre a qual eles se basearam. No centro do fenômeno da evolução está a expansão progressiva do princípio divino aninhado nas profundezas do eu e capaz de desenvolvimentos infinitos. Darwin e seus seguidores não podiam compreender tudo isso. No centro da evolução, existe esse princípio espiritual, capaz de aprender através do choque da luta pela vida, pois, se assim não fora, esse grande esforço não teria sentido nem finalidade. O ambiente martela desapiedadamente a bigorna, a fim de despertar uma alma capaz de atingir desse modo a iluminação. O alvo da evolução é algo que Darwin e sua escola não podiam perceber, ou seja, desenvolvimento espiritual que é o despertar da consciência até encontrar Deus.

Nada se pode efetivamente compreender do fenômeno da evolução, se não se percebe a semente psíquica que é a causa dessa forma. E essa semente que forma ao seu redor o seu próprio corpo, com os materiais do ambiente. Por isso, só é capaz de produzir um organismo correspondente à sua própria natureza. É assim que o princípio psíquico involuidíssimo do mineral (tão involuído que muitos o negam) não poderá produzir seres mais evolvidos que os cristais, capazes somente de orientar suas moléculas em formas geométricas. E assim, gradativamente subindo até o homem, nenhum indivíduo pode formar para si uma veste corpórea que seja mais que ele mesmo. E chegamos assim a reencarnação, que não diz respeito somente ao homem, mas, nesse amplíssimo sentido, o todo ser vivente. Assim, pois, cada ser humano não poderá nascer se não num corpo adequado ao desenvolvimento psíquico do espírito animador. Não poderá nascer no corpo de um animal ou ao contrario. Imitir o princípio espiritual de um ser humano na forma física, de um animal, de um inseto, seria como querer que o oceano entrasse num rio. Todavia há uma possibilidade teórica de que isso se venha a dar, quando, por involução um oceano se evaporasse até tornar-se um rio. Verifica-se, nesse caso, o processo inverso da evolução, isto é, em lugar de desenvolvimento de consciência, a sua redução e adormecimento. Então as qualidades mais elevadas anteriormente adquiridas, atrofiam-se por falta de exercício, como acontece para o órgão corpóreo que não seja mais utilizado.

Nesse caso toda reencarnação origina não um desenvolvimento, mas uma perda de consciência, de sensibilidade, de inteligência, isto é, uma descida sempre maior para a inconsciência. Em outros termos, o ser é expulso, cada vez mais, do divino consciente universal que tudo rege, em lugar de ser sempre mais acolhido nele para conhecer e colaborar como obreiro de Deus, como acontece a quem evolve.

Acervo Virtual Espírita

Tais transformações, em geral, tem lugar somente nos limites de regressos relativos e temporários, seguidos, antes ou depois, por recuperações salutares. Elas tornam-se possíveis pelo fato que existem evidentes semelhanças entre biótipos mais ou menos evoluídos, dado que os planos inferiores contêm os primeiros princípios, os mais elementares, dos planos superiores. É assim que, nós mesmos, atribuímos a animais qualidades humanas, como a fidelidade ao cão, a imundície ao porco, a operosidade à formiga ou à abelha, à traição a cobra venenosa, o assassínio ao tigre, a astúcia à raposa, o instinto do furto e da imitação ao macaco, a miséria vil ao verme, a leviandade e a graça à borboleta, a força ao boi, a coragem ao leão, etc. todos reconhecem nos animais sentimentos humanos de amor , ódio, vingança, inveja, ciúme, inteligência, estupidez, etc. Evoluindo, esses rudimentos de consciência desenvolver-se-ão no homem, mas se este involve, poderia reduzir-se, da riqueza de seus sentimentos, àqueles rudimentos. Desse modo, involvendo, o assassino poderia chegar a reencarnar-se num animal feroz, o sensual, e guloso no suíno, etc. Mas isto é demasiado difícil, dado que haveria necessidade de períodos extremamente longos de retrocessos, insistindo num mal que constitui dor também para o sujeito que o pratica, dor que ele mesmo instintivamente, procura libertar-se. Períodos longuíssimos de milhares de encarnações são precisos para que se possam verificar essas transformações biológicas, seja em sentido involutivo como no evolutivo, neste segundo caso para desenvolver a consciência subumana latente, na consciência desenvolvida do homem.

As operações da natureza são dirigidas por leis de proporção e harmonia e, por trás da biologia das formas orgânicas, há uma outra biologia de que tudo depende e sem a qual aquelas operações não são compreensíveis. Nenhuma forma aparece por acaso, mas é o resultado de longos períodos de amadurecimento de fenômenos espirituais. O gênio e o santo representam o produto destilado de quem sabe de quantos milheiros de encarnações. Por certo a evolução é uma força que impele para frente; é a lei fundamental da vida, mas, agora temos observado, não se pode excluir a possibilidade teórica do processo inverso, isto é, da involução, porque o homem não é um autômato amarrado a evolução. Antes, a liberdade, é a lei fundamental e inviolável do seu ser. É esta sua liberdade que nos impõe a admissão da possibilidade de que o homem dela faça o uso que melhor entender, também, pois, para retroceder. Se o homem não pudesse também involver, não seria mais livre. Na prática, entretanto, haverá corretivos que tornarão apenas teórica essa possibilidade de auto-destruição por involução. Mas nunca poderemos admitir que a lei seja um sistema escravizante que reduza o ser a um autômato e, portanto, irresponsável.

Permanece, pois, livre e pode sempre retroceder. Esse princípio de liberdade não pode permitir a exclusão de uma vontade contínua e tenaz de regresso. Que acontecerá, então? É lógico que, se no sistema, permanecesse definitivamente um simples átomo de mal, o plano de Deus resultaria falido. Não é, pois, concebível que seja deixada à liberdade da criatura a possibilidade de vencer definitivamente contra Deus, arruinando Sua obra. Impõe-se, por isso, a destruição final do mal e, pois, do ser que o personifica. Isto porque junto da lei da liberdade, há aquela que exige, quando o mal queira impor-se definitivamente, sem nunca converter-se no bem que é a lei do sistema, que seja eliminado por aniquilamento.

Já desenvolvemos esse tema no volume “Deus e Universo”, nos caps. VII e X. Aqui resumimos e precisamos alguns particulares.

Acervo Virtual Espírita

Como, pois, se combinam estas duas exigências opostas: a que garante a liberdade do ser e a que exige a destruição final do mal para salvaguardar a incolumidade do sistema? Quais são os corretivos que tornarão somente teórica esta possibilidade de destruição do rebelde? Como pode dar-se tudo isto sem violação do princípio da liberdade?

Todo o ser, embora decaído, permanece sempre uma criatura de Deus, em cujo fundo sempre está acesa a Sua divina centelha animadora, cuja natureza é positiva, não negativa, consistente no existir e não no destruir. Por isso não pode, por sua própria natureza, deixar de agir e rebelar-se contra seu próprio aniquilamento, dado que o princípio fundamental que o rege é o do "eu sou", a afirmação primeira pela qual Deus "é". A revolta, a inversão ao negativo pelos caminhos do mal, nunca poderá anular este princípio fundamental do egocentrismo. Eis, pois, inserido no âmago do ser um freio automático à própria liberdade, que a limita a uma possibilidade teórica, porque, quando se trata de ir contra o próprio interesse egoístico, ainda que seja possível a liberdade de fazê-lo, ninguém o quererá fazer. Eis o impulso que corrige a direção errada que a liberdade pode tomar pelas vias do mal; eis o que torna em simples possibilidade que, na prática, desse modo, venha a ser irrealizável; eis o que, em todo o caso, salva o ser rebelde da anulação final, qualquer seja a sua livre vontade.

Há, também, um outro freio ou limitação à liberdade do ser, para estancar o progresso nas vias do mal e impedir-lhe a loucura do suicídio por aniquilação. A liberdade do ser não é tão grande que lhe permita alcançar o ponto em que, sobrevivendo exclusivamente como mal, o sistema tornar-se-ia poluído e, em que, para eliminar a poluição do sistema o ser viria a auto-eliminar-se. A liberdade é um qualidade de Deus e do ser não decaído, qualidade do espírito que, através da involução, se inverte cada vez mais no determinismo da matéria. Disto decorre que, quanto mais se insistir na vontade do mal, tanto mais involui-se e perde-se a liberdade e, com isto, a capacidade de efetivar o mal. Então a vontade mal dirigida paralisa-se e desse modo, automaticamente, o ser encontra-se impedido de prosseguir, tanto mais, quanto se adiantara no caminho do mal e, portanto, se seu próprio aniquilamento. A liberdade é uma qualidade fundamental e inalienável do ser, que a recebeu íntegra como divina qualidade a que tinha direito como filho de Deus. Mas, com a sua revolta e conseqüente queda, esta qualidade toldou-se na derrocada, o que vem significar a sua tendência a deslocar-se para sua inversão ao negativo, isto é, para o determinismo. Com a evolução, o ser, elevando-se novamente, reconquista sempre mais a sua liberdade originária. Mas, eis que, quem involve, cada vez mais o perde e com isto perde a possibilidade de praticar o mal e, portanto, de progredir para seu aniquilamento. Com a involução verifica-se uma espécie de congelamento daquela liberdade no determinismo, que se torna sempre mais rígido quanto mais se descer para os planos inferiores. Então uma outra vontade, a da Lei, substitui-se à sua, porque determinismo quer dizer vontade da Lei. Assim é que o ser é retomado pela Lei, como um destroço incapaz de se dirigir e entregue à corrente, agora dominante em sentido evolutivo, porque agora, a Lei é a evolução, por reação completa, compensa e reequilibra o processo involutivo precedente. O ser, desse modo, é reconduzido à tona, contra sua própria vontade de mal e auto-destruição.

Estes corretivos da liberdade do ser, agindo cada vez mais energicamente, quanto mais esse a utiliza em seu próprio dano e em sentido destrutivo, querendo evolver-se no erro e no mal, tais corretivos acabam por endireitar o caminho do

Acervo Virtual Espírita

ser na direção evolutiva, isto é, na de construção e salvação. É assim que a Lei, mesmo respeitando a liberdade fundamental do ser, resulta construída tão sabiamente que contém em si os meios automáticos adequados a frear essa liberdade, quanto dela se faça mau uso.

Assim é que essa Lei chega a impedir aquela auto-destruição, que de outro modo seria necessária pelo fato de que o mal não pode, absolutamente, vencer em forma definitiva, seja mesmo infinitesimal, mas somente pode permanecer transitoriamente e servindo aos fins do bem. Permanecem, desse modo, satisfeitas as duas exigências opostas: esta da absoluta eliminação do mal, como a outra do princípio de liberdade, que não é negado. Assim é que podemos concluir que a possibilidade de aniquilamento do rebelde, contra a Lei, permanece apenas como possibilidade teórica.

Após esta digressão explicativa, útil para uma melhor compreensão do argumento de que estamos tratando, voltemos a examinar o Livro Tibetano dos Mortos. Confirma-nos ele uma idéia aceita pelo Ocidente, ou seja, que o subconsciente mantém em reserva, em estado de latência, a memória de todo passado biológico do indivíduo e da espécie. Aqui porém, à memória biológica ancestral, que reproduz no plano orgânico as qualidades adquiridas pela raça em suas longas experiências, acrescenta-se uma memória pessoal, que reproduz no plano psíquico as qualidades adquiridas pelo indivíduo, nas experiências de sua múltiplas vidas. O nosso passado foi duro e bestial e, no subconsciente, como nos ensina a psicanálise, estão inscrito tanto o terror da luta como os instintos mais primitivos e ferozes. Nosso passado recente é a tenebrosa Idade Média, de somente agora estamos emergindo. Consiste o progresso em nos libertarmos desse amargo lastro psicológico, que ainda persiste em nós; em libertar-nos todos daquelas terrificantes formas de pensamento que oprimiram a humanidade durante séculos, como a perseguição ao próximo em nome da virtude e as vinganças de Deus com as torturas do inferno; em libertar-nos todos das formas de pensamento de agressividade e ferocidade em que a humanidade viveu até hoje, construindo uma ética falseada por ilusões psicológicas, constituídas, por vezes, de desabafos sádicos ou aceitações masoquistas, que nada têm que ver com a verdadeira moral.

A parte psicológica, correspondente a esta memória pessoal, tem função preponderante naquele Livro Tibetano dos Mortos, em relação à vida depois da morte. A vida do desencarnado, diz este livro, é totalmente produzida pelo conteúdo mental do próprio indivíduo que a percebe. Assim um muçulmano verá o paraíso de Maomé, um indiano verá seu nirvana, o cristão o seu céu de anjos e santos, o materialista, depois da morte, terá somente visões negativas, vazias, tal como imaginava quando vivo. Essas visões mudam de acordo com a erupção das formas-pensamento fixadas no indivíduo que agora as percebe. Isto até que sua força cármica condutora se não haja exaurido por si mesma. Trata-se de formas-pensamento ou criações mentais que, no estado de desencarnado, sem corpo material, adquirem, num ambiente imponderável, a consistência do real, qual nos aparece em nosso mundo sensório, em vida. Essas formas-pensamento são constituídas de matéria sutil, que representa a primeira fase na criação da matéria, a que diretamente deriva do pensamento, que sobre ela tem poder genético e modelador. Assim, essas formas-pensamento derivam diretamente do pensamento, isto é, dos pensamentos que cultivamos ou que nos dominaram em vida, ou seja, de nossa atitude espiritual dominante e habitual, de que derivaram também as atividades mais repetidas, geradoras por isso daqueles automatismos com que se fixam as tendências e

Acervo Virtual Espírita

instintos futuros. Assim, afirma o livro citado, no estado de desencarnados vivemos no ambiente que nós mesmos formamos com os nossos pensamentos durante a vida. Esgotado o impulso que nós mesmos lhe imprimimos, termina a representação ou projeção e o estado de desencarnado. O espírito sente então atraído a dirigir-se para o mundo dos vivos, para nele recomeçar suas experiências.

Essa é a doutrina do Livro Tibetano dos Mortos. Quer ele avisar-nos que, no estado de desencarnado, essas visões não são realidade, mas apenas reflexos das próprias formas-pensamento. Os pensamentos são como germens concretos, sementes que podem ser plantadas no terreno de nossa consciência. Se encontram terreno favorável, isto é, afim, de modo a poder sintonizar com ele, lançam raízes, sejam eles bons ou maus, crescem e formam a personalidade, ou natureza espiritual de um homem, da qual, mais tarde, dependerá seu destino e também sua forma física, especialmente a da face. Nessas sementes, imprimem-se os pensamentos dominantes na vida de um homem. Quando olhamos a face de um semelhante nosso, através das formas materiais, vislumbramos sua alma. Esta é que nos interessa acima de tudo, porque ela é que é tudo. Caso eliminada seja, nós nos distanciamos com repugnância do cadáver, que é somente o despojo morto, sem qualquer valor ulterior. Essa alma que procuramos no rosto alheio é um corpo sutil, uma espécie de organismo dinâmico de determinadas vibrações de natureza especifica, cujo conjunto define aquele feixe de formas-pensamento e tendências, que se chama personalidade. Essas formas-pensamento são inseparáveis da alma, representam sua própria natureza, de modo que seguirão o indivíduo em qualquer lugar em que ele se encontre. São forcas ativas, cujo movimento fatal não pode ser detido, e que tem que desenvolver-se deterministicamente até o fim, de acordo com a lei cármica de causa e efeito.

No estado de desencarnado, o homem encontra-se no mundo dos efeitos, cujas causa foram semeadas na vida por meio de pensamentos dominantes e de suas obras. Por isso, paraíso e inferno são estados mentais de alegria ou de dor, criados por nós mesmos, existentes para cada um na forma por ele próprio gerada, e inexistentes fora de sua mente. São estados ou condições completamente espirituais daquela alma que, tendo perdido os meios sensórios para sentir, permanece sempre o centro de toda a capacidade sensitiva, especialmente agora que está livre do corpo. A crença difundida em nosso mundo, em estado de alegria ou sofrimento depois da morte e isto dependendo da boa o má conduta precedente do indivíduo, crença que reconhecemos em tantos povos, nos mais diversos lugares e, pode-se dizê-lo, em todos os tempos, demonstra que nos encontramos em face de um fenômeno que não pode ser produto de um só pensador ou de determinada filosofia ou religião, mas que é parte da realidade biológica universal, verdadeira para todos, em todos os tempos. Há conceitos instintivos, comuns a toda a humanidade, como os conceitos de bem e de mal, que se revelam inerentes à própria natureza humana e que fazem parte de uma ética biológica universal, do que também os animais superiores mais inteligentes, e que de mais perto convivem com o homem, chegam por vezes a participar. Foi assim que pôde nascer, nos lugares e tempos mais remotos, a mesma idéia de inferno e paraíso, ainda que repleta das mais diversas imagens mentais, sugeridas pelo próprio ambiente terrestre particular. Mas o fato de que, em tão diferentes representações, da hindu à maometana, à cristã etc., reencontramos um fundo idêntico e comum nos assegura que não nos achamos em face de produto particular de uma religião, mas como já o dissemos, diante de um produto biológico

Acervo Virtual Espírita

universal, que se baseia em fenômenos positivos da vida, independentes de qualquer religião, tanto que todas as religiões, por mais diversas, o repetem, igualmente. Dos egípcios aos cristãos há um julgamento posterior à morte, com as respectivas conseqüências. Tudo isso não é, somente problema religioso. Quando o homem houver aprofundado as ciências biológicas e psicológicas, chegando a compreender a biologia também como fenômeno espiritual, então poderá reconhecer cientificamente a verdade objetivas desses estados espirituais, depois da morte que se chama inferno e paraíso. Existência objetiva mas só como estado mental, exclusivamente pessoal, em íntima relação com a existência terrena precedente e com seu tipo de pensamentos e atividades dominantes.

Depois da morte, o que o indivíduo pensou e fez torna-se objetivo. Tudo o que nele viveu, volta a ele na forma de reflexos cármicos. As formas-pensamento visualizadas em sua consciência, que ele deixou enraizar-se, crescer e expandir-se, vivem agora diante dele, tomando forma concreta naquele ambiente mais sutil, em que isso se torna possível. De fato a tendência de todo pensamento é de atingir a sua manifestação. E isto, repetindo o motivo fundamental da criação, do primeiro ato genético operado por Deus, do qual desceu a construção do universo físico. Aquele é o primeiro grande modelo; esta é a repetição. E o universo funciona Através de modelos únicos e de sua repetição em todas as dimensões e graus de evolução. Assim, a vida encontrado um caminho, tende a passar por ele infinitas vezes, até que encontre uma estrada melhor. Quando a ciência psicológica estiver mais evoluída, esses fenômenos mentais tornar-se-ão claramente compreensíveis, e compreender-se-á como nossos impulsos mentais, em vida, possam, depois, personificar-se em formas, no estado depois da morte.

Neste ponto ingressamos na parte que mais interessa à teoria da reencarnação. Chega o momento em que o impulso das forças, postas em movimento na vida, se esgota, cessando seus efeitos de alegria ou de dor, segundo sua natureza boa ou má. Desperta então o ser, alcançando a compreensão de seu novo estado, isto é, do fato de ter morrido e de se encontrar sem corpo físico. Então, diz o Livro Tibetano dos Mortos, o ser ingressa no estado transitório da procura do renascimento, fenômeno do qual aquele livro oferece as diretrizes, ensinando as modalidades do processo para reencarnar-se bem. Alcançando a certeza de encontrar-se sem corpo, por ter este morrido, nasce então na alma, o desejo de formar novo corpo para si. Procura então o lugar onde reencarnar, para recomeçar nova vida.

Por que acontece isto? Porque a vida é contínua e não pode parar. Há entre uma vida e outra, um elo de conexão causal, pelo qual, as causas devem extinguir-se em seus efeitos, e o que foi iniciado num ciclo tem que cumprir-se no seguinte. O impulso irrefreável da vida não pode parar, e forçosamente tem que seguir adiante nessa linha, que lhe foi determinada pela Lei. A vida não pode parar, e deve continuar seu caminho ao longo da trilha cármica. Mas, por que é que o espírito deve tender a reencarnar-se, isto é, a descer na matéria nela construindo para si uma forma física? Há um conceito profundo na base dessa necessidade, que não é apenas a tendência que todo pensamento tem, como já vimos, de atingir sua manifestação, como repetição do motivo fundamental da criação. Já explicamos, no volume “Deus e Universo”, como o universo físico, que nos circunda, é, não a verdadeira criação de Deus, porque sua criação foi espiritual, mas uma queda, uma descida dela na matéria, como conseqüência de uma revolta da criatura contra o Criador.

Acervo Virtual Espírita

Há, pois, também este outro motivo fundamental, como base da gênese do universo físico, o motivo da queda na forma material. Ora, pelo mesmo princípio acima exposto, de que o universo funciona por modelos únicos, e por sua repetição, aquele motivo fundamental, uma vez firmado, tende a repetir-se ao infinito. Por isso, uma vez gravados em si mesma os resultados da vida física, repassando numa visão depois da morte todo o caminho percorrido e estabelecendo desse modo até que ponto da escala evolutiva haja chegado, pelo trabalho da vida, a alma só pode continuar seu caminho, se levar, de novo, aqueles resultados, ao cadinho das lutas da vida física, a fim de novamente elaborá-los, levando-os mais adiante. É por isso que a evolução não pode dar-se de forma ascendente contínua e retilínea, mas unicamente de acordo com o primeiro modelo da queda, isto é, por um caminho interrompido por contínuos retornos ou descidas na matéria, a fim de nela completar um novo trecho de subida, conseqüência das etapas precedentes. O motivo original da queda faz com que o ser não se possa adiantar senão através do retrocesso de um passo, a cada dois passos à frente. Com efeito, é esse o andamento da trajetória típica dos motos fenomênicos, exposta no começo da "Grande Síntese", trajetória da qual, só assim, podemos explicar essa forma de desenvolvimento. Com a queda, o ser estabeleceu essa lei, e é ela que o impele a retroceder a cada impulso, ao longo do caminho do espírito, que é caminho de libertação e felicidade, recaindo numa nova vida na estrada da matéria, que é o caminho da escravidão e da dor.

Por isso o espírito está jungido à roda cármica de suas sucessivas reencarnações, necessárias para completar a evolução e reconquistar o paraíso perdido. Depois de havermos compreendido por que a evolução teve que tomar esse ritmo de impulsos interrompidos por continuadas quedas, procuremos agora compreender quais sejam os princípios que presidem ao fenômeno de escolha do renascimento. Como tudo em nossa vida é um jogo de atrações e repulsões, assim ocorre neste caso, que relembra a escolha sexual. Dizer que o que liga uma vida à outra é o anel da conexão causal, significa mais precisamente, que as escolhas das formas do renascimento é guiada por uma predileção cármica instintiva, que constitui automaticamente o impulso determinante. Cada ser humano possui afinidades com determinados biótipos e ambientes terrestres, acha-se em sintonia com os mesmos e por eles sente atração e afeição, o que para ele constitui uma chamada irresistível. Com aqueles determinados biótipos e naqueles determinados ambientes, esse ser humano reencontra seus velhos hábitos da vida precedente, sua expansão, suas satisfações, sua ligações de ódio e de amor. Se não for um ser superior, ele permanece apegado a todas essas coisas da terra, e esse apego prende, é poderosa força que, mesmo sem que ele o perceba, o atrai, como acontece com a atração sexual. Há semelhança, entre esta e a predileção cármica do renascimento. Os dois fenômenos são tão conexos um ao outro, que parecem um único fenômeno, do qual representam apenas dois momentos sucessivos. Para a grande maioria ignara, tudo isto acontece por instinto, por obediência mecânica às leis de atração e repulsão. Para os seres mais evolvidos a escolha é livre, consciente, executada em virtude de realizações complexas, em função da organização do universo e do progresso da humanidade, como atividade voluntária para a execução de determinadas obras e de destinos especiais. Mas isto, para nós, constitui exceção.

Do mesmo modo que todos chegam à escolha sexual por instinto, sem saber o porquê de certas preferencias, ainda que razões profundas existam, assim também quase todos chegam a escolha da reencarnação por instinto, sem saber o

Acervo Virtual Espírita

motivo, embora existam razões especificas para isso. Não é por acaso que um espírito nasce aqui ou ali; a sabedoria da Lei guia tudo harmonicamente e, por meio dos instintos, sabe conduzir o indivíduo para onde deve ir, aonde a sua ignorância não lhe permitiria chegar. Há equilíbrios de forças que determinam o tempo, a raça, os país, a família, a mulher e, com isto, o ambiente em que o indivíduo deve nascer. Antes de mais nada, tudo isso obedece à natureza do biótipo espiritual, que deve encontrar o terreno apropriado para nele colher os materiais a fim de construir uma forma adequada no plano físico. As atrações e repulsões são forças que constituem liames invisíveis, que mantém coesos os mais distantes elementos constitutivos do universo. Tudo se movimenta ao longo desses fios, que formam uma rede que intimamente une tudo a tudo. Há trilhos invisíveis, de natureza dinâmica e psíquica, que guiam o caminho das almas para determinados pontos, de preferência a outros. O que as impele a seguir esse trilho é, como na vida, o instinto, o desejo. Essas ansiedades representam o imã que atrai os seres para certos ambientes. Nascem de um estado de afinidade, de co-vibração, dando lugar a atos inconscientes, instintivos. Mais as maiores atividades da vida, sabêmo-lo, não são confiadas à sabedoria humana, demasiado fraca e pequena, para que se lhe possa confiar algo de importância. Mais do que à consciência do indivíduo, são elas confiadas à sabedoria das leis da vida, a uma maior consciência universal que, sabendo tudo, tudo dirige.

E, assim, está automaticamente pronto o impulso que conduzirá cada alma inconsciente para o ambiente em que se vai reencontrar a si mesma, e portanto também, lá mesmo, as conseqüências de suas ações no passado. Está assegurada, dessa forma, a continuidade e sussessão lógica das experiências na evolução,, tudo harmonicamente, sem interrupções. Assegurada fica, assim, no mecanismo da transmigração, a conexão causal cármica. É desse modo que as almas inconscientes do grande fenômeno que estão vivendo, vão sendo arrastadas, tudo ignorando – da mesma forma que os elementos componentes do átomo – ao longo das trajetórias da vida, impelidas por essas forças, ora aquém ora além do limite que separa os dois mundos da vida e da morte, atraídas pelo desejo, obedecendo as leis que não conhecem. Em fileiras, empurradas pelo divino impulso da vida, perseguidas pela dor para apressar o passo da evolução, de ilusão em ilusão, vão indo, errando cegamente e construindo destinos e provas, tudo para aprender. Em fileiras imensas, em massas de humanidades, em falanges cósmicas, de mundo para mundo, vão sofrendo, lutando, aprendendo. Turbilhão tão grande quanto a luz da poeira cósmica estelar, até as mais longínquas galáxias, este universo espiritual – em equilíbrio com o universo físico – universo imponderável que a ciência ainda não conhece. E tudo, num harmônico sentido evolutivo, ascende para Deus.

O conceito central, que guia o Livro Tibetano dos Mortos, é o de alcançar a iluminação, única condição que pode permitir o ser escapar à corrente das mortes e dos renascimentos. Em termos ocidentais, a iluminação é a consciência, e tudo isso quer dizer que, a referida corrente não pode ser quebrada, senão alcançando o termo da evolução, isto é, com a subida até Deus, no fim do ciclo. Evidentemente, não estão desenvolvidos naquele volume os conceitos que aqui especificamos, para tornar compreensível seu difícil texto. Mas nele estão presentes, embora escondidas e latentes, fazendo parte de sua filosofia. Ingressamos, agora, aqui, no tema especifico do texto tibetano que, acima de tudo, se refere à arte de escolher uma nova reencarnação.

Não podemos aceitar a concepção negativa dessa filosofia tibetana, que afirma estar a causa de todos os males no desejo e na sede de sensações, e que diz

Acervo Virtual Espírita

estar a salvação na supressão de tudo isso, pois é isso que nos amarra às rodas das reencarnações; no entanto, interessa-nos esse livro. Porque esclarece diversas particularidades do fenômeno da reencarnação, que estamos estudando, e confirma algumas das asserções feitas em outros volumes da presente Obra. O nosso conceito da significação da reencarnação é diferente. A salvação não consiste em saber escapar-lhe, nem na conseqüente evasão da vida, mas consiste em saber utilizar tudo isso para evolver, porque a salvação reside apenas em saber remontar o caminho da descida. Concepção ocidental positiva e dinâmica, não perdida no vazio das abstrações para escapar ao irreal, mas apaixonada e criadora também em nosso mundo, que deve ser corrigido e melhorado, e não renegado aprioristicamente, sem remédio. Assim, o mundo moderno pode, com a concepção cristã do amor, completar a concepção budista, menos completa, a da supressão do desejo. Para nós a reencarnação não é apenas uma condenação, mas sobretudo é um meio de redenção, através das provas da vida. A dor não é um castigo, mas um meio de salvação, como no-lo ensinou o Cristo com sua paixão. A finalidade última da vida não é alcançar um nirvana, cuja realidade consista no aniquilamento de todos os recursos do eu, cuja alegria provenha de um repouso contemplativo e de uma felicidade negativa, representada unicamente pela exclusão da dor. Não! Não queremos, nós do mundo cristão, apenas a paz obtida com a renúncia, retraindo-nos da vida num supremo vácuo da alma destacada de tudo; queremos, isto sim, a felicidade conseguida com um trabalho produtivo de bem, seja na terra como no céu, afirmando-nos na vida, na suprema plenitude da alma que se enriqueceu com tudo ao reencontrar Deus. O fenômeno doloroso da morte e do renascimento não é vencido se desaparecermos pela fuga do caminho da evolução, mas se caminharmos para a frente, pois sabemos que o desenvolvimento da consciência, pouco a pouco e automaticamente sutiliza, até anulá-las com a espiritualização, essas formas de vida despedaçadas próprias do plano da matéria.

Falando dos métodos que são aconselháveis ao espírito, para evitar o castigo das reencarnações, o Livro Tibetano dos Mortos, a fim de ensinar-nos a arte profunda por meio da qual escaparemos à volta do espírito ao gérmen vital humano, explica verdades que confirmam asserções nossas, sobre esse assunto, neste mesmo volume. Possuindo o espírito a visão da união dos seres humanos, enxerta-se neste terreno no momento em que o espermatozóide se une à célula do óvulo materno. Há, pois, ao lado da fecundação fisiológica, outra fecundação espiritual que naquela se enxerta, sem o que a primeira não poderia tomar diretrizes autônomas no seio materno. A união entre dois seres possui, pois, não só uma significação biológica, como também um conteúdo espiritual. Então, não há apenas a felicidade criadora dos dois cônjuges, mas um terceiro ser também, o nascituro, atraído por idêntica paixão de amor, sensibilíssimo como espírito, alcança em sintonia a mesma felicidade criadora, pelo que precipita de seu estado de consciência, como que perdendo os sentidos, a um estado de inconsciência. Isto porque então se completou o motivo da queda, e a prisão na carne, embora mínima e embrional já se fechou em redor dele, e para viver só lhe restará o caminho de desenvolvê-la, utilizando-a para a sua manifestação. O espírito, então, penetrou na forma, e esta será sua moradia, de que não poderá sair senão quando completar sua vida. Desde então até a morte, espírito e corpo permanecerão fundidos num composto único. A formação do feto é confiada ao divino consciente da vida, enquanto o inconsciente humano despertará paulatinamente, fundido em sua nova forma, numa consciência que

Acervo Virtual Espírita

será função daquela. A consciência irá despertando cada vez mais até a idade madura do corpo, quando o eu tiver conseguido tomar posse totalmente e, por seu intermédio, tiver aprendido a manifestar-se em todas suas potencialidades.

Esta perda de consciência, no ato da descida na forma material, é um eco do primeiro motivo da queda, que volta e se repete a cada reencarnação. Recomeça depois a subida, desde a profunda prisão do feto, no seio do corpo, que é meio de expressão; subida lenta para o alto, em que volta a ecoar, retorna e repete o motivo contrario ao precedente, ou na retomada ascensional. A vida de cada indivíduo, resume assim em pequena escala o fenômeno maior do universo, o da queda dos espíritos puros rebeldes na forma material (primeiro semi-ciclo, chamado involução) e o da retomada ascensional para o estado espiritual originário (segundo semi-ciclo, denominado evolução). Desse modo, com o desenvolvimento de cada vida, vamos reencontrando lentamente e com esforço, a consciência de nós mesmos, assim como a massa dos espíritos decaídos vai, com a evolução, lentamente e com esforço, a consciência de si mesma e o conhecimento perdido.

O Livro Tibetano dos Mortos não explica tudo isso com clareza, com estes termos e referencias próprios da nossa psicologia ocidental, mas se exprime com estranha linguagem simbólica, que, sem o sentido da intuição que nos forneça a chave em muitos pontos permaneceria obscuro. Continuando em seu ponto de vista, de que a salvação esteja em evitar a reencarnação, aconselha ao espírito diversos modos para fechar, como diz o livro, as portas das matrizes, isto é, para impedir a si mesmo a queda no gérmen embrional do feto. Aconselha, assim, uma espécie de castidade ao espírito, com a qual deveria evitar a conjunção carnal com a primeira semente do corpo. Pode tudo isso ter profunda significação, dando-nos a compreensão do fenômeno da castidade voluntária. Certo é que a união normal entre homem e mulher corresponde às leis da natureza. Mas sabemos, também, que esta natureza é a lei de um mundo que é resultado da queda, é a disciplina do estado de involução. Se o rebelar-se a esta lei da natureza, desviando de suas normas, constitui erro, todavia é possível sobrepor-se a elas, mas isto tão só quando seguem, em seu lugar, as normas de uma lei superior àquelas leis da natureza, lei indicada pela evolução e situada num plano mais elevado. A união normal é a regra sadia para os seres que precisam de todas as provas e dores inerentes à vida, necessária para evolver. O caminho da ascensão deve passar por esta rota, e portanto é bom que a grande maioria por ela se lance, ainda que esta seja a estrada da dor. Além disso existe, sem dúvida, a ilusão da alegria, convidando-os a realização de um ato de que se retrairiam se pudessem calcular suas dolorosas conseqüências.

Quem compreendeu a lógica do sistema não pode estranhar que tudo em nosso mundo, inclusive o prazer do amor tenha que resultar numa ilusão. É natural que, num mundo originado nas ruínas da queda, tudo, no fim, se demonstre como traição. Mas é exatamente evoluindo que podemos sair de tudo isso. Então é possível, subindo, ingressar num mundo sempre menos ilusório, uma vez que a ilusão é herança da queda. Mas, quanto mais nos elevamos, tanto menos estamos jungidos a formas de vida na matéria, e menor é a necessidade da carne, produto da conjunção sexual que é parte daquele mundo inferior e ilusório. E eis que agora, desponta uma lei diversa, a da castidade, lei da natureza também esta, mas da natureza de um plano mais elevado. Explica-se, então, como os santos, seres mais evoluídos, fogem da gênese sexual. Eles já emergem do plano oceânico das grandes massas humanas, para o âmago de outra lei

Acervo Virtual Espírita

de natureza, que não é mais aquela que exige permaneçamos amarrados ao jogo das reencarnações com a união material. Seu amor espiritualizado proporciona outras soluções menos ilusórias, cujo conteúdo mais puro consegue resultados mais espirituais. Quanto mais nos distanciamos do estado involuído, isto é, da matéria e da forma carnal, tanto mais nos distanciamos de suas dores e ilusões.

Em vista de tudo isso, compreende-se porque o Livro Tibetano dos Mortos aconselha ao espírito que resista a volúpia de sua conjunção carnal com o primeiro gérmen do corpo. Ou seja, aconselha esta nova espécie de castidade de desencarnados, concebível como paralela à que os santos costumam manter na carne, e que é considerada uma virtude entre os encarnados. Aquele livro, porém, aconselha essa castidade a todos, sem discriminação, ao passo que só é possível e só se adapta ao biótipo evoluído. Verifica-se, de fato, que não é possível, por exclusiva vontade própria, evadir-se à lei do próprio plano, mas, ao contrario, só é possível sair dele através de amadurecimentos lentíssimos. Os cônjuges na terra, como o espírito, no além, obedecem todos a uma lei de atração fatal, que os impele irresistivelmente a seguir o caminho traçado pelos princípios reguladores de seu plano de vida, ou seja: amor material, encarnação, vida, provas e dores, evolução. O livro, de resto prevê esta inelutabilidade, e no fim limita-se a fornecer conselhos sobre a escolha da matriz, ou seja, de ambiente melhor para reencarnar.

Mas aqui acresce outra circunstância. Há outra fatalidade que prende o ser, o seu Carma. O ser é irresistivelmente dominado pelas forças cármicas. Estas o impelem a tomar um corpo, porque foi no terreno físico que ele semeou (com pensamentos e atos), e nesse terreno deve ele agora colher. Essas forças o impelem a encarnar-se em determinado gérmen, porque esse é o ambiente que lhe é afim, o ambiente de suas afinidades sintonizações e atrações. A capacidade de escolha está em proporção ao desenvolvimento de consciência, qualidade que o biótipo humano comum está longe de ter adquirido. Também neste campo, têmo-lo observado, o ser obedece a impulsos instintivos, é manobrado por princípios diretivos, diante dos quais sua mente é cega. As leis da vida comandam o ser ignorante e o canalizam pelos trilhos obrigatórios, conforme suas qualidades. Nossas obras nos seguem, nosso passado sempre ressurge em nós e em torno de nós. É da Lei que esses impulsos causais não podem aquietar-se até sua exaustão no terreno dos efeitos: desencadeamento de forças, boas ou más, de alegria ou de dor, encerradas no campo de forças da esfera do eu. Aquele livro chama, com expressão imaginosa, de fúrias cármicas tormentosas ou tempestades cármicas., o desencadeamento das formas maléficas. Constituindo o nascimento na terra, em geral, um impulso para a expiação, pois que a terra é lugar de provas e de dor, onde se nasce para aprender e pagar, são as forças trevosas que predominam geralmente. É por isso que as fúrias cármicas perseguem o espírito, para força-lo a ingressar numa matriz, ainda que o espírito veja que esta é da piores, que não promete senão dores. Essas forças cármicas personificam-se em formas-pensamento, quais demônios ferozes, subversão dos elementos, tempestades terrificantes, perseguições e torturas. Amedrontado, o espírito procurará um refúgio, mas a ventania terrível do Carma, irresistível, tudo arrastando, força pelas costas com golpes insistentes. O espírito, sobrepujado por visões espantosas, que para ele são realidade, procura esconder-se e joga-se no primeiro gérmen que encontra, o pior, o mais merecido, aquele que as inteligentes e justas forcas da vida lhe puseram ao alcance. Assim é que aquele espírito toma um corpo miserável de

Acervo Virtual Espírita

baixeza e sofrimento. Aquele ser nasce neste mundo, mas ele nasceu no inferno que traz consigo.

Também nasceu aí porque, infelizmente, aí estão suas atrações. Para aí o impeliram não só as horríveis fúrias cármicas, mas também seus pensamentos e obras do passado, afins com aquele ambiente, seus hábitos a ele semelhantes, seus desejos que nele quer satisfazer, seus apegos, suas recordações.

Para aí o trouxeram não só as forças que continuam a avançar na direção da trajetória já iniciada, não só essa espécie de constrição dinâmica, mas também uma instintiva atração para o ambiente que se lhe assemelha, onde reencontra a si mesmo e pode continuar a realizar-se, reforçando em seu tipo biológico, afirmando sempre mais o seu eu, tal qual é. Há, pois, não apenas o ataque pelas costas, mas atração pela frente. Tudo isso torna a descida naquele pobre gérmen um fato irresistível. Nasce, desse modo, um delinqüente, um assassino, nasce no seu inferno interior, expandindo-se em torno de si o inferno na terra. Essa alma andará, caminhando no tempo, irá semeando o mal e acreditando, com isso, que fere os outros, mas no entanto fere cada vez mais a si mesmo. E cada vez mais sofrerá nesse caminho contrário à senda da lei, que é a evolução. Desenvolvemos alhures o tema do fim do mal, que se torna fatal pelo fato de que, sendo o mal negativo por sua própria natureza, quanto mais vive, mais se aniquila, isto é, pela simples existência de seu modo de ser, automaticamente tende à auto-destruição. O mal não pode ser eterno e não pode vencer.

Mas, nem todos os Carmas são assim. Há os inumeráveis medíocres, que não fizeram nem grande bem nem grande mal, formando destinos cinzentos e insignificantes, gente sentada à beira da grande estrada da evolução, à espera – pois a eternidade, sem dúvida é bastante longa – brincando com puerilidades, passivos, satisfeitos com a inércia: são os adormecidos. Os impulsos cármicos não os perseguem ferozes e terrificantes, mas os impelem igualmente, e eles vão, como as gotas de chuva, como as folhas ao vento, como a água dos rios que corre para o mar. Vão e pousam naquele gérmen que seu Carma e suas atrações querem; tudo por instinto, mecânica e automaticamente, sem o saber. Estas almas caem, assim, na terra, no seu purgatório, purgatório que trazem consigo, dado pela sua própria natureza, adaptando-se, vegetando, perdendo tempo na preguiça ou dormindo.

Há, enfim, os espíritos superiores. Estes, raramente descem à terra, que não é seu mundo. Quem não deve pagar ou não tem que aprender, não pode descer à terra senão para cumprir uma missão de bem para os outros. Então, ele é um mestre que vem para ensinar, e sofre só por amor a humanidade. Com plena consciência, ele escolhe o tempo, o lugar, a matriz em que nascerá na terra. Sua encarnação é um ato de sacrifício, sua descida na prisão da carne, apropriada a almas pouco evoluídas como as humanas, é sua paixão mais dolorosa. Por ser ele tão adiantado no caminho da evolução, já está desligado da roda morte e do renascimento. O plano de vida humana já foi por ele vivido, há muito tempo, e constitui passado remoto. Fruto de inumeráveis existências de vida pura e reta, sua mente é iluminada por clara visão da Lei, da qual se torna obreiro ao serviço de Deus.

Eis como se desenvolve toda a mecânica da reencarnação. O Livro Tibetano dos Mortos conclui com uma observação assinalável. O melhor sistema para escolher a melhor matriz, é o de tornar-se livres de toda atração ou repulsão, de todo o desejo de tomar ou de evitar. Esse conceito baseia-se numa verdade mais profunda, pelo

Acervo Virtual Espírita

que pode afirmar-se que o que nos faz errar mais, é o querermos ser astuciosos demais; à força; o que nos induz em maior erro, é o querermos escolher de conformidade com o nosso prazer; o que nos deixa alcançar menos é o querermos obter demais, à força; o que nos limita a menor êxito, é a imposição de nossa vontade errada. O que possui uma coisa qualquer, pode perdê-la e sofrer; mas que nada possui, nada poderá perder. Quem se agarra a alguma coisa, para não cair, pode cair se largar a presa; mas que a nada se agarra, nada pode largar, e não pode cair. Tudo isso quer significar que o segredo para a escolha de uma reencarnação, que nos faça, mais tarde, sofrer o menos possível, é o desapego de tudo, é o não se deixar atrair pelos velhos instintos, que nos reconduzem aos antigos ambientes, é o saber desamarrar-se de tudo a que a eles nos prende, para poder entrar em ambientes melhores, ainda que estes não correspondam os nossos gostos do momento. Tudo isso, porque os hábitos mentais adquiridos na vida precedente tendem a perpetuar-se por inércia, propendendo sempre a reconduzir-nos para as mesmas condições de vida. Em outros termos, no momento decisivo da escolha do gérmen, procurar usar o melhor critério de que podemos dispor, buscando colocar-nos em condições de poder, depois, subir melhor. O segredo está em não se deixar atrair cegamente por uma matriz, escravos do desejo, mas em saber escolhê-la com inteligência, para obter uma encarnação e uma vida, não de simples satisfação, mas de progresso. Quem não procurar escolher iluminadamente, permanecerá prisioneiro de seus apegos e vítima do desejo, no jogo das ilusões próprias dos planos inferiores. Aprender a escolher, significa por-se no caminho de nossa consciência da Lei, não mais suportá-la cegamente, como ocorre com os involuídos, que tudo ignoram, mas para saber, ao longo dos canais da Lei, dirigir-se inteligentemente para a meta radiosa do bem, do conhecimento e da felicidade.

Assim termina o *Barbo Thödol ou Livro Tibetano dos Mortos*. Dele tratamos porque, como já o dissemos, ele confirma muitos conceitos aqui afirmados, antes de tomarmos conhecimento desse livro. No presente volume nós demonstramos que nas mais diversa ramificações particulares dos princípios gerais do sistema. Mas o adentramo-nos na complexidade dos pormenores, confirmou-nos a verdade destes princípios únicos e simples, que tudo regem. Para confirmação deles, quisemos escutar também esta voz que nos chega do longínquo passado e do remotíssimo Tibete.

Com isto, encerramos o estudo do tema da reencarnação, desenvolvido nestes três últimos capítulos. Observamos a teoria sobre diversos pontos de vista: da lógica, da ciência, da ética, da psicologia, da biologia, etc., até delinear a técnica do funcionamento do fenômeno. Cremos, com isto, haver oferecido elementos suficientes para poder considerar a teoria da reencarnação definitivamente provada, e realmente correspondente à realidade dos fatos. Para chegar a esta conclusão, percorremos as estradas mais diversas. Mas o ponto de chegada foi sempre o mesmo: reencarnação.

Procuramos, com isto, acima de tudo, alcançar o seguinte resultado: conduzir definitivamente a teoria da reencarnação, do mundo incerto da fé religiosa e do terreno onde sempre se discute sem resolver, para o plano positivo da lógica e da ciência, cujos resultados as religiões não poderão deixar de aceitar. Outro resultado alcançado, não desprezível, cremos tenha sido o de haver provado, com a reencarnação, que o bem e o mal que fizemos, volta, mais tarde, para nós, inelutavelmente, como destino nosso, de que não se pode fugir. Ter demonstrado que os pensamentos e as ações que se dirigem contra os outros, se inscrevem em nós mesmos, e que tudo isso nós o fazemos a nós

Acervo Virtual Espírita

mesmos, havê-lo provado como verdade positiva, independente de toda religião, como moral biológica universal; não se pode deixar de reconhecer que tudo isso possua importância, seja do ponto de vista individual, como do social. Para o homem racional de hoje não é mais lícito recusar o que está demonstrado racionalmente. Nada disso podíamos tê-lo dito antes, mas somente o podemos neste momento, em que estamos mais adiantados na nossa Obra, na hora da madureza dos tempos.

F I M.

Acervo Virtual Espírita